A Liahona 35/7 JULHO 1982

Número especial com os discursos da Conferência Geral de abril de 1982



A Liahona Julho de 1982 PBMA0507PO SÃO PAULO — BRASIL

GM
M205.5
L694PO
v.35
1982



A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EXECUTIVO DO "INTERNATIONAL MAGAZINE":
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Associado;
Bonnie Saunders, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.

EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Gelson Pizzirani, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 400,00**; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: **Cr$ 20,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereços.

A LIAHONA — 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Editora MM Ltda. - Rua Bueno de Andrade, 481 - Fone 279-5195. Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Relatório da 152.ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Sermões e procedimentos dos dias 3 e 4 de abril de 1982, no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah.

A presença do Presidente Spencer W. Kimball em sessões escolhidas da 152.ª Conferência Geral Anual da Igreja alegrou líderes e membros nas sessões de 3 e 4 de abril de 1982.

Falando do púlpito do Tabernáculo pela primeira vez desde abril de 1981, disse o Presidente Kimball: "Esperei por este dia, confiei e acreditei nele."

O Presidente Kimball esteve presente na sessão de abertura no sábado, 3 de abril, para a qual preparou uma mensagem que foi lida por seu secretário particular, D. Arthur Haycock.

Em suas primeiras observações na sessão matutina de sábado, o Presidente Hinckley, conselheiro na Primeira Presidência, disse o seguinte: "O Presidente Kimball está-se recuperando de uma cirurgia realizada setembro passado, e por vários meses tem-se reunido seguidamente com seus conselheiros, tem comparecido e falado nas reuniões semanais no templo, com o Conselho da Primeira Presidência e o Quorum dos Doze. O fato de estar conosco hoje é um testemunho da bondade do Senhor, do poder da fé e oração, e da resistência e força desse grande homem a quem expressamos nosso amor e votos de pronto restabelecimento."

Uma característica notável desta conferência foi o número de discursos mencionando a especulação financeira e a honestidade nas transações comerciais. Honestidade, prudência e integridade são temas constantes em qualquer conferência, mas nesta mereceram ênfase toda especial.

Devido à inflação, recessão e clima financeiro incerto no mundo inteiro, muita gente passou a especular. Mesmo membros da Igreja são encontrados participando de empreendimentos que prometem lucros espetaculares. Certos termos e exemplos podem parecer estranhos a membros fora dos Estados Unidos, mas os princípios envolvidos são de aplicação universal. Conforme as autoridades gerais vêm declarando há anos, temos de ser honestos nos negócios, evitar dívidas e manipular nossos recursos com o máximo cuidado. Devemos ainda evitar a busca do destaque social e a fome de riqueza capazes de nos tentar a participar de empreendimentos financeiros insensatos, em grande ou pequena escala.

As sessões da conferência foram dirigidas pelo Presidente Romney, segundo conselheiro na Primeira Presidência, e pelo Presidente Hinckley. O Presidente Tanner, primeiro conselheiro, também esteve presente e falou na última sessão. A conferência teve seis sessões: sessão do Bem-Estar, sessão matutina, sessão vespertina e sessão do sacerdócio, todas no sábado, 3 de abril; e sessão matutina e sessão vespertina no domingo, 4 de abril.

Todas as autoridades gerais estiveram presentes à conferência.

Os dois dias de sessões de conferência foram precedidos por um dia de reuniões de liderança para os representantes regionais, sexta-feira, 2 de abril, e uma reunião conjunta de representantes regionais e presidentes de estaca na mesma noite. Cerca de mil seiscentos e cinqüenta desses líderes de toda a Igreja compareceram a essas sessões, além de outros líderes convidados para as sessões de instrução.

Os editores

Índice por Assunto

Os assuntos a seguir foram abordados nos discursos que começam na página indicada

Adversidade e Alegria 152
Amor 75, 111
Arrependimento 17
Autoconfiança 134, 138
Brecha na rocha 107
Caráter 38
Casamento 33
Conselho Profético 100
Crescimento 149
Dissimulação Espiritual 41
Divórcio 33
Dízimo 68
Ensino 41
Estudo 38
Falsidade 9
Família 85
Famílias Eternas 90
Fé 95
Honestidade, 12, 22
Igreja Mundial 155
Integridade 80
Jesus Cristo 7, 100, 118, 158
Liderança 68
Mães que Trabalham 129
Maternidade 129
Mentira 12
Milagres 73
Mulheres 158
Obediência 22, 77
Obra Missionária 48
Oração 85
Ordenanças do Templo 104, 114
Perdão 45
Perseverança 30, 75
Plano de Bem-Estar 144
Programa de Empregos 134
Progresso Individual 122
Propósito da Igreja 4
Publicações da Igreja 68
Reativação 58
Ressurreição 7
Retidão 38
Sacerdócio 53, 73
Sacerdócio Aarônico 58
Sociedade de Socorro 155
Testemunho 100
Trabalho 124, 138, 144
Verdadeira Grandeza 30

Oradores desta conferência Por ordem alfabética

Ashton, Marvin J. 12
Bangerter, W. Grant 114
Benson, Ezra Taft 100
Brown, Victor L. 58
Busche, F. Enzio 111
Cannon, Elaine 152
Cook, Gene R. 41
Clarke, J. Richard 124
Durham, G. Homer 107
Faust, James E. 80
Fyans, J. Thomas 134
Groberg, John H. 85
Haight, David B. 118
Hinckley, Gordon B, 68, 75, 99
Hunter, Howard H. 30
Kimball, Spencer W. 4
Maxwell, Neal A. 63
McConkie, Bruce, R. 53
Monson, Thomas S. 95
Packer, Boyd K. 138
Perry, L. Tom 90
Petersen, Mark E. 22, 158
Pinnock, Hugh W. 17
Poelman, Ronald E. 45
Richards, LeGrand, 48
Romney, Marion G. 7, 73, 144
Simpson, Robert L. 33
Smith, Barbara B. 129, 155
Tanner, N. Eldon 122
Tuttle, A. Theodore 104
Wirthlin, Joseph B. 38
Young, Dwan J. 149

Índice

1 **Relatório da 152.ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**

Sessão Matutina de Sábado

4 **Lembrai-vos da Missão da Igreja**, Presidente Spencer W. Kimball

7 **A Ressurreição de Jesus**, Presidente Marion G. Romney

12 **Isso Não É Mau"**, Élder Marvin J. Ashton

17 **O Novo Início**, Élder Hugh W. Pinnock

22 **"Cremos em Ser Honestos"**, Élder Mark E. Petersen

Sessão Vespertina de Sábado

27 **Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja**

28 **Relatório Estatístico de 1981**

30 **A Verdadeira Grandeza**, Élder Howard W. Hunter

33 **Um Casamento Duradouro**, Élder Robert L. Simpson

38 **Ponderar Fortalece Nossa Vida Espiritual**, Élder Joseph B. Wirthlin

41 **Orientação Espiritual para os Mestres da Retidão**, Élder Gene R. Cook

45 **O Amor de Deus Supera Nossas Transgressões**, Élder Ronald E. Poelman

48 **O Que Nos Ensina o Evangelho**, Élder LeGrand Richards

Sessão do Sacerdócio

53 **A Doutrina do Sacerdócio**, Élder Bruce R. McConkie

58 **Ativação do Sacerdócio**, Bispo Victor L. Brown

63 **"O Irmão Ofendido"**, Élder Neal A. Maxwell

68 **Dízimo: Oportunidade de Provar Nossa Fidelidade**, Presidente Gordon B. Hinckley

73 **O Sacerdócio**, Presidente Marion G. Romney

Sessão Matutina de Domingo

75 **Cinco Milhões de Membros — Um Marco e Não o Ápice**, Presidente Gordon B. Hinckley

80 **Integridade, a Mãe de Muitas Virtudes**, Élder James E. Faust

85 **O Poder da Oração Familiar**, Élder John H. Groberg

90 **Subamos à Casa do Senhor**, Élder L. Tom Perry

95 **Singrar, em Segurança, os Mares da Vida**, Élder Thomas S. Monson

Sessão Vespertina de Domingo

99 **Apoio dos Oficiais da Igreja**

100 **Valentes no Testemunho de Jesus**, Presisidente Ezra Taft Benson

104 **As Primeiras e Últimas Palavras**, Élder Theodore Tuttle

107 **História Futura da Igreja**, Élder G. Homer Durham

111 **Amor é Poder Capaz de Curar a Família**, Élder F. Enzio Busche

114 **Para Que Servem os Templos**, Élder W. Grant Bangerter

118 **Jesus É o Nosso Salvador**, Élder David B. Haight

122 **Aperfeiçoemo-nos**, Presidente N. Eldon Tanner

124 **O Senhor Está ao Leme**, Presidente Spencer W. Kimball

Sessão de Bem-Estar

124 **O Valor do Trabalho**, Bispo J. Richard Clarke

129 **"Levantam-se Seus Filhos e Chamam-na Bem-aventurada"**, Barbara B. Smith

134 **Problemas Empregatícios na Década de 1980**, Élder J. Thomas Fyans

138 **O Evangelho, Fundamento de Nossa Carreira**, Élder Boyd K. Packer

144 **Trabalho e Bem-Estar: Uma Perspectiva Histórica**, Presidente Marion G. Romney

Reunião Geral das Mulheres

149 **Convite ao Crescimento**, Dwan J. Young

152 **A Busca da Felicidade**, Elaine Cannon

155 **Corações Que se Assemelham**, Barbara B. Smith

158 **Mesmo Como Eu Sou**, Mark E. Petersen

Participação adicional: Na sessão de bem-estar, as orações foram proferidas pelo Élder Franklin D. Richards e Élder Charles Didier; na sessão matutina de sábado, pelo Élder William R. Bradford; na sessão vespertina de sábado, pelo Élder Theodore M. Burton e Élder Jacob de Jager; na sessão do sacerdócio, pelo Élder Hartman Rector Jr. e Élder James M. Paramore; na sessão matutina de domingo, pelo Élder Loren C. Dunn e Élder F. Burton Howard; e na sessão vespertina pelo Élder Adney Y. Komatsu e Élder Rex D. Pinegar.

Fotos deste número: As fotografias foram tiradas pelos Serviços Fotográficos de Comunicações Públicas: Eldon K. Linschoten, fotógrafo-chefe; Jed A. Clark; Jon T. Lockwood e Michael M. McConkie.

Sessão Matutina de Sábado, 3 de abril de 1982

Lembrai-vos da Missão da Igreja



Presidente Spencer W. Kimball
(Lido por seu secretário particular, D. Arthur Haycock)

Tenhamos em mente estes sagrados princípios — proclamar o evangelho, aperfeiçoar os santos e redimir os mortos.

Meus amados irmãos e irmãs, ao início desta conferência, quero agradecer publicamente ao Senhor por ter mais uma vez preservado minha vida — conforme já o fez tantas vezes. Estendo meu amor e gratidão a todos vós pelas muitas preces que ofertastes em meu favor.

Sou imensamente grato por contar com conselheiros tão leais, dedicados e capazes na Primeira Presidência — o Presidente Tanner, Presidente Romney e o Presidente Hinckley. Sou igualmente grato pelo Presidente Benson, os membros do Conselho dos Doze e demais Autoridades Gerais. Esses irmãos fiéis e maravilhosos cuidam de que a obra do Senhor prossiga. É a sua obra e ele se encontra à sua testa.

Ainda que minhas forças não me permitam fazer tudo o que desejaria no momento, sou abençoado e continuarei fazendo minha parte o melhor que puder. Desejaria ter mais força, mas, enquanto me restar alguma, continuarei prestando meu testemunho da veracidade desta grande obra dos últimos dias e a orar, invocando as bênçãos e orientação do Senhor sobre todos nós!

Sou muito grato por estar aqui convosco nesta conferência geral. Meus sentimentos são de gratidão ao Pai Celeste por dar-me uma parte a desempenhar em seu reino, enquanto este avança para seu destino eterno.

Faz exatamente um ano que compareci a minha última conferência aqui no Tabernáculo. Como sabeis, por ocasião da conferência de outubro de 1981, eu estava hospitalizado. Em abril passado, afirmei que a missão da Igreja é tripla:

Primeiro, proclamar o eterno evangelho do Senhor Jesus Cristo a todas as nações, tribos, línguas e povos;

Segundo, aperfeiçoar os santos, preparando-os para receber as ordenanças do evangelho e instruindo e disciplinando-os para ganharem a exaltação;

Terceiro, redimir os mortos, realizando as ordenanças vicárias do evangelho pelos que viveram nesta terra. (*A Liahona*, agosto de 1981, p. 6.)

São três partes de uma só obra — assistir nosso Pai Celeste e seu Filho, Jesus Cristo, em sua grande e gloriosa missão de "proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem". (Moisés 1:39.) Hoje, eu confirmo essa declaração.

Tenhamos em mente estes sagra-

dos princípios e tornemo-los uma parte integrante de nossa vida — isto é, *proclamar o evangelho, aperfeiçoar os santos e redimir os mortos.*

Somos gratos pelo crescimento da Igreja em todo o mundo, ao alcançarmos a marca de cinco milhões de membros. Como tenho dito antes, se fizermos a nossa parte, haverá mais progresso, não só em número como na retidão de nosso povo.

Com o recente anúncio da construção de mais quatro novos templos — um em Boise, Idaho; outro em Denver, Colorado; outro em Taipei, Taiwan; e o quarto em Guaiaquil, Equador — continua o mais intenso período de construção de templos na história da Igreja. Quando terminados, esses quatro templos elevarão para quarenta e um o número de templos operando no mundo.

A edificação desses templos tem de ser acompanhada por uma crescente ênfase na pesquisa genealógica por parte de todos os membros da Igreja, além de implicar o princípio de freqüência regular aos templos pelos santos. Não existe nada que edifique melhor nossa espiritualidade e compreensão dos princípios do sacerdócio, que a ida regular a um templo.

Agora, meus irmãos e irmãs, ao lerdes a respeito de problemas em tantas partes do mundo, lembrai-vos de que o Senhor sabia que seria assim e que, a despeito disso, ele previu o crescimento de sua Igreja e de seu povo. Tende bom ânimo, pois o Senhor está guiando a igreja. Há quase quarenta anos como autoridade geral, venho observando-o guiar sua igreja e me maravilho de como ele consegue realizar seus propósitos, usando-nos em nossa fraqueza; mas ele o consegue!

Amai-vos uns aos outros, irmãos e irmãs! Tende amor em vosso lar e coração! Sede pacificadores, ainda que obrigados a viver num mundo repleto de guerras e rumores de guerras! (Vide D&C 45:26.) Segui os conselhos que receberdes nesta conferência geral. E eu farei o melhor que puder para segui-los também. Confiai no Senhor e seus propósitos, ainda que nem sempre consigamos entendê-los claramente, na hora.

Irmãos e irmãs, sede bons membros missionários. Segui os ensinamentos das Autoridades Gerais. Estudai as escrituras. Cultivai vossas hortas. Limpai, pintai e consertai vossas casas e quintais. Vivei dentro de vossos rendimentos. Sede bons vizinhos. Sede bons cidadãos do país em que viverdes. Santificai o dia do Senhor. (Vide Êxodo 20:8.) Realizai regularmente a noite familiar às segundas-feiras. Estes são meus conselhos para vós hoje, como tantas vezes no passado.

Irmãos e irmãs, orai em favor dos que criticam a Igreja; amai vossos inimigos. (Vide Mateus 5:44.) Usai de sabedoria e bom senso em tudo quanto fizerdes e disserdes, a fim de não dar motivos de falarem mal da Igreja ou de seu povo. Esta obra que Satanás tenta em vão destruir, Deus a colocou na terra para a edificação da humanidade!

Quando esta conferência terminar, voltemos para nossas casas, ramos, alas e estacas com renovada determinação de agirmos melhor e sermos melhores. O Senhor vela por vós. Ele vos amparará em vossas tribula-

ções e desafios pessoais se vos mantiverdes achegados a ele. Disto posso testificar-vos como alguém que já enfrentou alguns desafios pessoalmente.

O Senhor não nos prometeu isenção de adversidades e aflições, mas deu-nos um meio de comunicação — a prece — pelo qual podemos humilhar-nos e buscar sua ajuda e divina orientação. Eu disse certa vez que "aqueles que se esforçam por atingir as profundezas da vida onde, em quietude, se ouve a voz de Deus, possuem a força estabilizadora que os conduz firmes e serenos pelo furacão de dificuldades". (*A Liahona*, junho de 1974, p. 47.)

Agora, já vivi mais da metade dos cento e cinqüenta e dois anos que a Igreja restaurada se encontra na terra, nesta dispensação. Tenho testemunhado seu maravilhoso progresso até, atualmente, já estar estabelecida nos quatro cantos da terra. (Vide D&C 124:128.) Conforme dizia o Profeta Joseph Smith:

"Nossos missionários estão partindo para diversas nações, e na Alemanha, Palestina, Nova Zelândia, Austrália, Índias Orientais e outros lugares, foi levantado o Estandarte da Verdade; nenhuma ímpia mão pode impedir o progresso da obra; a despeito da fúria das perseguições, ajuntamento de populachos, reuniã de tropas, a despeito de calúnias, a verdade de Deus avançará sem te mor, com nobreza e independência até haver penetrado cada continente visitado todo clima, varrido todos os países e soado em cada ouvido, até que os propósitos de Deus estejam cumpridos e o Grande Jeová tenha dado a obra por terminada". (*History of The Church* 4:540.)

Portanto, prossigamos confiantes na obra do Senhor, enquanto aguardamos os prometidos anos gloriosos que se avizinham. Tudo o que Deus prometeu será cumprido através de nossa fidelidade.

Mais uma vez, expresso meu amor ao Senhor, a minha esposa e família, aos meus irmãos e a todos vós. Conheço vosso amor e espero que sintais o meu também. Deixo-vos minhas bênçãos. Deus, nosso Pai Celeste, vive. Jesus é o Cristo, o Unigênito do Pai na carne. Ele vive. Ele é nosso Irmão Maior, nosso Salvador e Redentor. Este é meu solene testemunho para vós, meus queridos irmãos e irmãs, o qual, compartilho convosco em amor, gratidão e humildade, em nome de Jesus Cristo. Amém.

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de A Liahona e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa Postal 26023 - 01000

São Paulo S.P.

A Ressurreição de Jesus



Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"Contemplar a Expiação... induz-me à mais intensa gratidão e apreço de que minh'alma é capaz."

Meus caros irmãos e irmãs, sou grato nesta temporada de Páscoa pela oportunidade de prestar testemunho da ressurreição de Jesus e de expor, pelo menos em parte, o alicerce no qual este fato se apóia.

Ele "já ressuscitou, não está aqui". (Marcos 16:6.) Estas palavras, eloqüentes em sua simplicidade, anunciaram o mais importante acontecimento da história registrada, a ressurreição do Senhor Jesus — evento tão extraordinário, que até mesmo os apóstolos, que conviveram intimamente com Jesus em seu ministério terreno e sabiam do que estava por acontecer, acharam difícil apreender seu pleno significado. Os primeiros relatos que ouviram pareceram-lhes "desvarios" (Lucas 24:11), pois milhões de homens haviam vivido e morrido antes daquele dia, sem que nenhum deles se houvesse levantado da sepultura até a manhã da primeira Páscoa.

Quando falamos da ressurreição de Jesus, queremos dizer que o espírito pré-mortal que animara seu corpo mortal desde o nascimento na manjedoura até morrer na cruz, regressara a esse corpo; e os dois, seu corpo espiritual e seu corpo físico, ligados inseparavelmente, ressurgiram do sepulcro como alma imortal.

Cremos e assim testificamos, que Jesus não só venceu a morte por si mesmo e realizou sua própria ressurreição gloriosa, mas que, com isso, operou uma ressurreição universal. Era este o fim e propósito da missão para a qual fora designado e ordenado no grande conselho dos céus, ao ser escolhido para ser nosso Salvador e Redentor.

Com respeito ao ministério terreno, seu papel de Redentor requeria quatro coisas:

Primeiro, que seu espírito pré-mortal se revestisse de um corpo mortal, o que se deu quando anjos do céu anunciaram aos humildes pastores: "Não temais... pois na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor." (Lucas 2:10-11.)

Segundo, que sofresse as dores de todos os homens, o que fez principalmente no Getsemâni, cena de sua suprema agonia. Ele próprio descreveu esse sofrimento como tão intenso, que "me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar.

"Todavia, glória ao Pai, eu tomei da taça e terminei as prepara-

ções que fizera para os filhos dos homens." (D&C 19:18-19.)

Terceiro, que desse sua vida. Sua morte na cruz, depois de rejeitado, traído e ter sofrido espantosas indignidades, não parece ser motivo de disputa, mesmo entre os descrentes. Mas que deu a vida voluntariamente com o expresso propósito de retomá-la na Ressurreição não é aceito tão universalmente. No entanto, é o fato. Ele foi, na verdade, maldosamente assassinado por homens iníquos; contudo, podia tê-los impedido a qualquer momento. "Dou a minha vida para tornar a tomá-la", afirmou. "Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la." (João 10:17-18.)

Ele possuía esse poder inerente, por haver nascido da virgem Maria (uma mortal), sendo o Filho de Deus (um ser imortal, celestializado).

Havendo, assim, assumido a mortalidade, tendo sofrido no Getsemâni pelos pecados de todos os homens e tendo entregue a vida na cruz, restava-lhe tão-somente quebrar as cadeias da morte — o quarto e último requisito — para completar sua missão terrena de Redentor. Ele ensinou repetidamente que sua vida mortal seguia para a consumação, prenunciada em suas palavras sobre dar e retomar a vida. A Maria ele disse: "Eu sou a ressurreição e a vida" (João 11:25); e aos judeus: "Derribai este templo e em três dias o levantarei." (João 2:19.)

A ressurreição era tão estranha à experiência humana, que até seus fiéis seguidores tinham dificuldade em compreendê-la. A doutrina, entretanto, fora ouvida mesmo por seus crucificadores. Perturbados por ela, foram a Pilatos, dizendo: "Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias, ressuscitarei." Assim, com o consentimento de Pilatos, colocaram sentinelas, para que "não se dê o caso de que os seus discípulos vão de noite e o furtem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos." (Mateus 27:63-64.) Aconteceu que esses vigias contratados se tornaram as testemunhas da abertura do sepulcro por um anjo (vide Mateus 28:2-4), última preliminar para o aparecimento do Senhor ressurreto.

A evidência da ressurreição do Senhor é convincente. No domingo seguinte à crucificação na sexta-feira, o Senhor mostrou-se por cinco vezes.

A primeira a vê-lo foi Maria Madalena. Logo que Pedro e João verificaram que o corpo não mais estava no sepulcro, foram embora. Maria, porém, demorou-se ali, chorando. Dando as costas ao sepulcro vazio, ela "viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus.

"Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste e eu o levarei.

"Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni... Mestre."

Então, contendo-a bondosamente, ele continuou: "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus." (João 20:14-17.)

Um pouco mais tarde, ao nascer o sol, Maria, mãe de Tiago, Salomé e outras mulheres dirigiram-se ao

sepulcro, a fim de preparar o corpo para o sepultamento definitivo. (Vide Marcos 16:1.) Encontraram a tumba aberta e vazia; consternadas, deram com dois homens em vestes reluzentes que lhes disseram: "Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou." (Lucas 24:5-6.) Quando iam contar aos outros discípulos, encontraram o próprio Jesus, que falou: "Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram seus pés e o adoraram." (Mateus 28:9.)

Mais tarde, no mesmo dia, Jesus aproximou-se, incógnito, de Cleofas e um companheiro deste. Quando indagou do que estavam falando, eles repetiram-lhe o relato das mulheres e, diante de seu aparente ceticismo, ele disse: "Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!" E abriu-lhes o entendimento para as escrituras que dele falavam. Demorando-se em Emaús, "tomou o pão, o abençoou e partiu-o e lhos deu. Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes." (Vide Lucas 24:13-31.)

À noite, enquanto os discípulos ouviam os relatos do aparecimento de Jesus a Simão e Cleofas, "Jesus se apresentou no meio deles"; a fim de acalmá-los e mostrar que não era um espírito, mostrou-lhes suas mãos e pés e o lado ferido, dizendo: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho...

"E, não o crendo eles ainda por causa da alegria, e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer?

"Então eles lhe apresentaram parte de um peixe assado, e um favo de mel.

"O que ele tomou, e comeu diante deles." (Vide Lucas 24:36-43.)

Assim, pois, naquele momentoso dia, seus antigos companheiros contemplaram seu glorioso corpo ressuscitado. Não apenas o contemplaram, como lhe ouviram a voz e apalparam as feridas de suas mãos, pés e lado. Na presença deles, ele comeu. Assim, souberam com certeza que ele retomara o corpo que eles próprios haviam depositado no túmulo. Sua dor transformou-se em júbilo ao saberem que ele vivia, alma imortal.

Durante quarenta dias, ele continuou ministrando a seus discípulos na Terra Santa. Apareceu novamente aos discípulos em Jerusalém, quando Tomé estava presente (vide João 20:26-29); e na praia do Mar de Tiberíades, onde os orientou na pesca, convidou-os para comer com ele, deu-lhes comida preparada por ele próprio num braseiro e os instruiu no ministério. (Vide João 21:1-14.) Na Galiléia, no alto de um monte, comissionou os onze a pregarem o evangelho a todas as nações. (Vide Mateus 28:16-18.) E finalmente, depois de abençoá-los em Betânia, eles o viram sendo "elevado ao céu". (Vide Lucas 24:50-53.)

Terminada sua missão na Palestina, fez uma visita aos nefitas na América, para que estes também soubessem de sua ressurreição. O Pai apresentou-o a eles como "meu Filho bem amado, no qual me alegro." Ao vê-lo descendo do céu, eles o descreveram como "um homem vestido com uma túnica branca" que se apresentou como "Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada

pelos profetas". Eles o viram, ouviram, e a um convite seu, "a multidão se adiantou, tocou com as mãos o seu lado e apalpou as marcas que os cravos haviam deixado em suas mãos e pés"; assim convencidos, eles testificaram que ele era o Redentor ressurreto. (Vide 3 Néfi 11:7-15.)

Exatamente como se revelou, após a ressurreição, aos seus seguidores na Terra Santa e aos nefitas na América, revelou-se também em nossos dias. Na verdade, esta dispensação teve início com a gloriosa visão mediante a qual o Profeta Joseph Smith foi visitado pelo Pai e pelo Filho. Ele ouviu a voz deles, pois conversou com eles. Jesus ressurreto foi-lhe apresentado pelo próprio Pai. Pôde contemplar seus corpos gloriosos, que posteriormente descreveu assim: "O Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também." (D&C 130:22.)

Uns doze anos mais tarde, o Salvador voltou a revelar-se a Joseph Smith, que na ocasião estava acompanhado de Sidney Rigdon. Ambos testificaram "que ele vive! Pois," disseram, "vimo-lo mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai." (D&C 76:22-23.)

O Profeta, desta vez em companhia de Oliver Cowdery, viu-o mais uma vez no Templo de Kirtland. "O véu foi retirado de nossas mentes, e abertos os olhos de nosso entendimento.

"Vimos diante de nós o Senhor, de pé, no parapeito do púlpito; e sob os seus pés um calçamento de ouro puro, da cor de âmbar.

"Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mai
do que o sol; e a sua voz era com
o som de muitas águas, mesmo a vo
de Jeová, que dizia:

"Sou o primeiro e o último; so
o que vive; sou o que foi morto
sou o vosso advogado junto ao Pai.
(D&C 110:1-4.)

Unicamente Jesus poderia reali
zar a necessária expiação infinita
porque, sendo a única pessoa sem
pecado na terra, podia oferecer uma
vida impoluta e porque, sendo o Fi
lho de Deus, tinha poder sobre
vida e a morte. Ninguém poderia
tirar sua vida, se não estivesse dis
posto a entregá-la. "Ninguém ma ti
ra de mim", disse ele, "mas eu de
mim mesmo a dou; tenho poder pa
ra dar e poder para tornar a tomá
la." (João 10:18.) Foi, portanto
com atos de infinito amor e mise
ricórdia que pagou vicariamente
dívida da violação da lei e satisfez
os reclamos da justiça.

Somos devedores de Jesus não só
por haver satisfeito os reclamos da
lei da justiça, mas também por efe
tivar a lei da misericórdia pela qual
os homens podem ser redimidos da
morte espiritual. Pois, embora não
sendo responsáveis pela morte físi
ca, são-no pela morte espiritual que
os exclui da presença de Deus.

Todo homem que habita a terra
está sujeito às influências da justi
ça e também às influências do ma
ligno. Entretanto, é dotado do divi
no dom do livre arbítrio moral; mas
nenhuma pessoa que já viveu na ter
ra até a idade da responsabilidade,
exceto Jesus, foi capaz de não ce
der às influências do maligno em to
das as coisas. Todos pecam. Por is
so, toda pessoa é impura na medida
em que pecou; e, por causa dessa
impureza, é banida da presença do

Senhor, enquanto estiver sujeita aos efeitos de seus próprios erros.

Como sofremos essa morte espiritual em virtude de nossas próprias transgressões, não podemos reclamar livramento delas em nome da justiça. Tampouco homem algum tem poder para realizar uma reparação tão completa, a ponto de livrá-lo totalmente dos efeitos de seus próprios erros. Para o homem livrar-se das conseqüências de suas próprias transgressões e retornar à presença de Deus, ele precisa valer-se de uma mediação capaz de libertá-lo dos efeitos do pecado. Foi para esse propósito que a expiação de Jesus Cristo foi concebida e realizada.

Foi o supremo ato de caridade neste mundo, feito por Jesus em virtude de seu grande amor a nós. Por meio dele, não só satisfez os reclamos da justiça, que nos teria deixado eternamente maculados pelos efeitos de nossas próprias transgressões, mas efetivou a lei da misericórdia, pela qual todo homem pode ser limpo de seus próprios pecados.

Não importa em que cremos ou como vivemos, nós iremos ressuscitar, pois, através da expiação de Cristo, toda alma tem garantida, incondicionalmente, a redenção da morte. O mesmo não se dá, todavia, com respeito ao perdão e redenção dos efeitos de nossas próprias transgressões. As únicas pessoas assim perdoadas e redimidas são as que aceitam e cumprem os termos prescritos pelo Redentor, colocando-se, com isso, ao alcance de seu sangue expiatório, com relação a seus próprios pecados.

Ele estabeleceu os termos do evangelho, e o evangelho de Jesus Cristo, que é a lei da misericórdia, cujo primeiro requisito é aceitar Jesus pelo que de fato é, nosso Redentor literal. Esta é a "fé no Senhor Jesus Cristo". (4.ª Regra de Fé.) Segue-se o abandono de nossos pecados e possível reparação. Isto é arrependimento.

Sem o cumprimento desses requisitos e demais princípios e ordenanças do evangelho, a pessoa fica fora do alcance do plano de misericórdia, sujeitando-se à lei da justiça, a qual exigirá que ela sofra pelos próprios pecados exatamente como Jesus sofreu. (Vide D&C 19:16-18.) Pois, "aqueles que não exercem fé para o arrependimento ficam expostos a todas as disposições das exigências da justiça; portanto, apenas sobre os que têm fé para se arrepender tem efeito o grande e eterno plano de redenção." (Alma 34:16.)

Contemplar a Expiação — que me assegura a ressurreição e me dá oportunidade de conseguir a remissão de meus pecados através da fé, do arrependimento e fidelidade até o fim, — induz-me à mais intensa gratidão e apreço de que minh'alma é capaz, e abre meu coração à mensagem: "Que assombroso é, Oh! ele me amou, E assim me resgatou." ("Assombro Me Causa", *Hinos*, n.º 62.)

São estes os pensamentos que me ocorrem na época da Páscoa, celebrada como aniversário da ressurreição de Jesus Cristo, a qual foi calmamente anunciada pelo anjo: "Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito." (Mateus 28:6.)

Disto presto solene testemunho, no sagrado nome de Jesus Cristo, nosso Redentor. Amém.

"Isso Não é Mau"



Élder Marvin J. Ashton
Do Quorum dos Doze Apóstolos

"Em tudo que falamos e fazemos, deveríamos indagar a nós mesmos: 'Está certo? É verdade? e não: 'É oportuno, satisfatório, conveniente ou vantajoso?'"

É raro os alunos recordarem por vinte e quatro horas muita coisa ensinada por seus professores. Ainda assim, passados cinqüenta anos, alguns ex-alunos lembram com gratidão as palavras que certa professora fazia sua classe repetir todos os dias no começo das aulas. Toda manhã, essa senhora despretensiosa, simples e sábia incutia o sentido da honestidade em nossa mente, fazendo-nos recitar: "Mentira é *qualquer* comunicação enganosa."

Comparando esta definição com a encontrada num dicionário, que diz: "Mentira é uma declaração falsa feita com intenção de enganar", passo a apreciar ainda mais a primeira. Na verdade, é perfeitamente possível mentir sem palavras. Às vezes, o silêncio ou sinal de cabeça pode enganar. Recomendar um investimento questionável, fazer um lançamento falso no livro-razão, elogiar sem sinceridade ou deixar de revelar todos os fatos pertinentes são algumas outras maneiras de mentir.

Fazendo-nos passar diariamente por esse ritual, essa maravilhosa mestra, que nunca se casou, mas exerceu tamanha influência materna sobre muitos de nós, ensinava-nos com poucas palavras a importância de dizer a verdade sob quaisquer circunstâncias. Muitas vezes, dizia simplesmente: "Não mintam. Não divulguem mentiras. Não participem delas."

Quão grave é mentir? As escrituras nos fornecem uma pista, dizendo que Satanás é o pai da mentira. Seu método de ensinar esse mau costume é ilustrado na seção dez de Doutrina & Convênios: "Sim, ele (Satanás) diz: Enganai... pois eis que isso não é mau. E assim... lhes diz que não é pecado mentir... E assim... os faz cair em suas próprias armadilhas." (D&C 10:25-26.)

Não podemos, todavia, esconder-nos atrás do pai da mentira, dizendo: "Satanás me fez mentir." Tudo o que nos diz é: "Isso não é mau," e depois nos larga a nossa própria sorte.

Mentir é pecado, uma tragédia para sua vítima. Ficar enredado nas armadilhas da desonestidade ou deturpação não acontece de um momento para o outro. Uma mentirinha ou pequena desonestidade conduz à seguinte, até que a pessoa se vê presa na teia da falsidade. Conforme dizia o escritor inglês Samuel Johnson: "As cadeias do hábito são geralmente leves demais para serem sentidas, até se tornarem fortes demais para serem rompidas." (The International Dictionary of

Thoughts, comp. John P. Bradley, Leo F. Daniels, Thomas C. Jones, Chicago: J. G. Ferguson Publishing Co., 1969, p. 348.) Aqueles que caem vítimas dessa armadilha muitas vezes passam a vida inteira carregando um fardo pesadíssimo por não querer reconhecer seu problema e procurar emendar-se. Muitos não querem pagar o preço para libertar-se das cadeias da mentira. Algumas pessoas podem compreender o valor da honestidade, mas são incapazes de um primeiro passo rumo à honestidade.

Quem sabe, analisando algumas das razões que fazem as pessoas mentir, possamos evitar ou vencer essa armadilha viciosa .

Às vezes, enganamos e mentimos para evitar um embaraço pessoal. Recentemente, soube de uma moça que foi despedida do emprego por desonestidade. Na entrevista para outra colocação, ela contou ao futuro chefe que o ex-patrão precisara do seu lugar para uma parente. Provavelmente contou o mesmo aos amigos e familiares, a fim de evitar embaraço.

Problemas financeiros são explicados com inverdades. Ou nunca ouviram alguém dizer: "Não pude fazer o serviço por estar muito ocupado", quando, na verdade, foi por esquecimento? Outros usam a desonestidade em caso de atrasos, para tirar vantagem, impressionar, adular ou destruir.

Certas pessoas mentem, consciente ou inconscientemente, para destruir outros. Ciúmes ou complexos de inferioridade podem levar-nos a falar mal dos hábitos ou caráter alheio. Já observaram uma pessoa excessivamente ambiciosa recorrer a lisonjas insinceras em proveito próprio?

A mentira é freqüentemente desculpa para a falta de coragem. Outras vezes, não passa de desculpa para um desempenho insatisfatório. Geralmente, uma mentira ou engano tem de ser coberto por outro. A mentira não resiste só. Cada uma delas precisa do apoio de mais e mais mentiras .

Certas pessoas gostariam de convencer-nos de que não existe certo e errado — que tudo é relativo. Jamais devemos cair no erro de pensar que as decisões e conduta corretas se encontram num caminho confortável entre o certo e o errado.

No mundo de hoje, em que o engano é tão amplamente praticado na publicidade, promoção e comercialização, seria boa uma prece assim: "Ajuda-me, ó Senhor, a manter-me livre da mentira pessoal, concede-me também a sabedoria para evitar os que gostariam de prejudicar-me através de meios duvidosos."

Como nos tornamos vítimas da desonestidade? Existem muitas maneiras, das quais examinaremos apenas algumas.

Um potente pronunciamento de Isaías lança luz sobre uma das razões: "E estes cães são gulosos, não se podem fartar; e eles são pastores que nada compreendem; todos eles se tornam para o seu caminho, cada um para a sua ganância, cada um por sua parte." (Isaías 56:11.) A ganância é capaz de tornar as pessoas desonestas. Aos tais refere-se Doutrina & Convênios 68:31-32: "Seus olhos estão cheios de avidez. Estas coisas não deveriam existir, e devem ser abolidas de seu meio."

Um bom conselho para os que querem evitar propostas enganosas encontra-se em Doutrina & Convênios 9:13: "Sê fiel, e não cedas a nenhuma tentação."

Recentemente, um amigo confidenciou-me que perdera uma fortuna num empreendimento duvidoso por não conseguir refrear sua ganância. Querendo mais e mais — vivendo acima de suas posses — muitos se tornam suscetíveis a propostas desonestas. É preciso evitar qualquer plano que ofereça lucros exorbitantes ou o "negócio-do-ano."

Para ganhar a confiança ou promover vendas desonestas, recorrem muitas vezes a nomes de pessoas importantes e bem relacionadas, ou fazem referência indevida a determinados grupos comunitários ou religiosos.

Evitai os que querem decisões imediatas ou pagamento na hora. Todo investimento bom e honesto resiste à ponderação e investigação. Precisamos reunir todos os fatos disponíveis e considerá-los objetivamente, para depois tomar uma decisão que seja do melhor interesse de todos. Em casos de situações duvidosas, a integridade pessoal deve ser um elemento importante em qualquer decisão. Quando ações corretas não são claramente evidentes, a honestidade pessoal nos permitirá discernir e revelar pontos ou fatos possivelmente imperceptíveis a outros. A pessoa íntegra ajudará os outros a serem honestos. A pessoa íntegra fará perguntas e dará respostas absolutamente corretas. A integridade nos permite pautar um curso de ação correto muito antes de surgir a hora de agir.

A pessoa sábia não se deixará prejudicar pelos inescrupulosos por causa do falso orgulho. Freqüentemente pessoas são enganadas porque o falso orgulho as impede de fazer perguntas e buscar informações adicionais. Por medo de sentir-se embaraçada ou ser julgada ignorante, a pessoa muitas vezes faz que sim com a cabeça, quando, na verdade, não entendeu absolutamente nada do que falou o vendedor falastrão. "O que isso quer dizer?", "Quais são os riscos?", "Qual é a cilada?", "E os antecedentes da firma?", "Que referências o senhor pode dar?", são perguntas bastante proveitosas. Quando o vendedor joga a esmo com termos simples, porém vagos, como "limite", "cobertura", "isenção", "anuidade", "isento de impostos", "transferível" etc., é melhor o comprador se precaver.

Caso não se possa chegar a uma decisão sensata com os próprios conhecimentos, convém pedir conselhos a pessoas entendidas e de confiança. Ofertas que não podem esperar ou resistir a uma investigação não prestam. Abraão Lincoln disse certa vez: "Fique com quem está certo. Fique com ele enquanto estiver certo e deixe-o quando andar errado." (The Home Book of Quotations, sel. e arranj. por Burton Stevenson, Nova York: Dodd, Mead & Co., 1935, p. 1726.)

Estamos vivendo num dia e época em que se advoga e se promove vigorosamente a "mentira de conveniência", o "negócio da China" e a "oportunidade para bons amigos". Propagandistas inescrupulosos de negócios duvidosos continuam a fazer vítimas entre os simplórios.

Feliz ou infelizmente, os negócios sempre andam bem para quem tem algo lucrativo a oferecer. Em época de recessão ou crise, somos incentivados a especular para aumentar nossos recursos insuficientes. Nos tempos de prosperidade, procuram convencer-nos a fazer dívidas, especular e procurar melhorar de vida sacando sobre o futuro promissor. Quantas vezes ouvimos: "Se a situação econômica não tivesse piorado, eu teria ficado rico"? A história deveria ter-nos ensinado que os investimentos normais ou conservadores já implicam suficiente risco e incerteza para nos alertar contra os lucros exorbitantes oferecidos por aqueles que nos querem envolver em negócios arriscados.

Geralmente, aqueles em piores condições para fazer dívidas a fim de arranjar dinheiro para negócios especulativos, são os mais prejudicados no ajuste de contas. Bem que se diz que contrair dívidas é cair num laço sem saída.

Samuel Johnson afirmou também: "Não se acostume a considerar a dívida como mera inconveniência; você acabará descobrindo que é calamidade." (The International Dictionary of Thoughts, p. 196.) Recomendamos a todos que evitem contrair dívidas para fins especulativos. "O amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males." (I Tim. 6:10.) Saber administrar bem nosso dinheiro deve ser a meta constante de todos os que querem manter-se livres de problemas financeiros.

O Presidente N. Eldon Tanner sugere com sabedoria: "A escolha de servir a Deus dignamente feita não impede necessariamente que se possua uma casa ou dinheiro suficiente ou rendas, ou as coisas materiais que trazem alegria e felicidade, mas requer, sim, que não nos afastemos de Deus e dos ensinamentos de Jesus enquanto procuramos satisfazer as necessidades temporais." (*A Liahona*, outubro de 1971, p. 15.)

Todo santo dos últimos dias deveria ter por meta tornar-se uma pessoa da qual se pode dizer: "Sua palavra vale ouro." Em tudo o que falamos e fazemos, deveríamos indagar a nós mesmos: "Está certo? É verdade?" e não: "É oportuno, satisfatório, conveniente ou vantajoso?" Simplesmente: "Está certo?" O homem sábio indagará: "O que é correto?"; o ganancioso: "Qual é o lucro?"

Certas empresas de investimentos, pressionadas por compromissos pendentes e reveses financeiros, negaceiam e empregam duvidosas táticas de adiamento, enquanto lutam pela sobrevivência. Diante da ameaça de insucesso, alguns passam a transigir com respeito à honestidade. A pessoa íntegra continuará correta e firme no sucesso como no desastre.

A honestidade é fundamental. É verdade que a mentira é cúmplice de toda sorte de vícios. Ou, como disse alguém: "O pecado tem muitas ferramentas, mas a mentira é o cabo que serve em todas elas." (O. W. Holmes, *The Home Book of Quotations* p. 1111.) Fraude, falsidade, trapaça são formas de mentira e, jovens, trapacear não se refere apenas à época de provas.

Mentir prejudica o próximo. Mentir sutilmente nos permite destruir o próprio eu, quando somos apanhados na armadilha e arruinamos nossa imagem e credibilidade. Não men-

tir nem enganar melhora nosso conceito próprio e nos dá paz mental.

Não faz muito tempo, um amigo meu que há tempos sofre e continua sofrendo as dores de alguém preso em sua própria teia de mentiras, disse: "Venho levando uma vida de mentiras há tanto tempo e tenho contado tantas, que já não sei mais quando estou falando a verdade." Ao ouvi-lo, senti-me primeiro tomado de compaixão; mas depois, ocorreu-me que aquilo podia ser apenas outra mentira. A mentira tornou a vida desse amigo repleta de problemas. Ninguém jamais conseguirá convencer uma vítima de suas próprias mentiras de que "isso não é mau".

Quem mente é escravo da mentira. Quem diz uma mentira, é obrigado a viver com suas conseqüências. É preciso ensinar aos diáconos e abelhinhas o grande mal da falsidade. Os mestres e meninas moças devem aprender a importância da verdade. Aos sacerdotes e lauréis, devem-se ensinar as conseqüências da desonestidade. Para terem sucesso e felicidade, os missionários precisam viver segundo princípios corretos. As crianças da Primária podem aprender que mentir não é bom. No lar, as crianças devem aprender a honestidade pelo exemplo. Pobre da pessoa ou família que aprende que honestidade é uma norma e não um princípio de vida.

Vivemos num mundo regido por leis. Podemos evitar as leis civis, mas as leis dos céus exercem sobre nós um efeito irrevogável hoje, amanhã e sempre.

"Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (João 8:32.) Nenhum mentiroso será jamais tota mente livre. Só quem carrega ou carregou esse pesado fardo conseg compreender essa declaração. Dev mos ter sempre em mente que o e rado não é certo apenas porque mu tos o fazem. Uma coisa errada nã é certa só porque ninguém sabe.

Que nosso Pai Celeste nos aju a ter coragem para reconhecer e r pudiar uma vida de mentiras ou perpetuação delas. Honestidade mais que uma norma. É uma boa m neira de viver com nossos semelha tes, e particularmente conosco me mos.

Não importa se somos como a bo mestra mencionada no começo minhas palavras, ou então um amig vizinho ou membro da família, viv mos e ensinemos sempre a hones dade. Na sala escolar e na sala vida, a virtude da honestidade dev ria ser ressaltada por todos os q concordam que "a glória de Deus inteligência, ou, em outras palavra luz e verdade". (D&C 93:36.) luz e verdade ajudar-nos-ão a renu ciar ao mal e a vencê-lo. "Isso nã é mau" é afirmativa de nosso inim go mortal. Ele gostaria de levar-nos autodestruição.

Se mentir é qualquer declaraçã falsa feita com intenção de engana faríamos bem em buscar constant mente a ajuda do Senhor para e tender e encontrar a verdade. A pe soa íntegra jamais promoverá, al mentará, abraçará nem compartilh rá de uma mentira. A pessoa sáb não permitirá que ganância, medo o desejo de riqueza imediata a fa cair nas armadilhas dos desonestos inescrupulosos que se aproveita dos simplórios.

Lembremo-nos sempre de não buscar "riquezas, mas sabedoria; e eis que os mistérios de Deus te serão desvendados e então serás enriquecido. Eis que é rico aquele que tem a vida eterna". (D&C 11:7.)

Conceda-nos Deus a todos o poder e força para sermos um povo íntegro, e o discernimento e sabedoria para evitar cair nas armadilhas dos desonestos, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.



O Novo Início



Élder Hugh W. Pinnock
Do Primeiro Quorum dos Setenta

"Falo àqueles que padecem aflições, mágoas e culpas — e àqueles que ainda atravessarão esses períodos de angústia e dificuldade."

Ultimamente tenho observado com grande preocupação o número de situações onde há frustração, mágoa e desespero. Falo hoje àqueles que sofrem tormentos e padecem aflições, mágoas e culpas. O que digo se aplica também àqueles que ainda atravessarão esses períodos de angústia e dificuldade.

Quando éramos pequenos, muitos de nós repetíamos um verso que assim iniciava:

Gostaria de que houvesse algum
[lugar maravilhoso
Chamado de Terra do Novo Início
Onde todos os nossos enganos e
[preocupações
Todas as nossas mágoas, egoístas
[e mesquinhas
Fossem encostados como um
[casaco velho
E jamais vestidos novamente . . .

(Tradução livre, Louise Fletcher, "The Land of Beginning Again", em *The Best Loved Poems of the Ame-*

rican People, sel. Hazel Felleman, Garden City, New York: Garden City Publishing Co., 1936, p. 101.)

A "Terra do Novo Início" não existe geograficamente, mas há uma posição espiritual específica da qual podemos reiniciar pondo de lado nossas angústias, culpas e pesares. Viajemos até lá nesta manhã.

Certo dia Jeremias, o profeta da antigüidade, estava em sua casa e ouviu a voz do Senhor dizendo:

"Levanta-te, e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras.

"E desci à casa do oleiro, e eis que ele estava fazendo a sua obra sobre as rodas.

"Como o vaso, que ele fazia de barro, se quebrou na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos seus olhos fazer.

"Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

"Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? . . . eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel." (Jeremias 18:2-6.)

O Senhor explicou a Jeremias que quando cometemos erros, assim como cometera a antiga Israel, podemos tomar do que quebramos e iniciar novamente. O oleiro não desistiu ou jogou fora o barro somente por ter cometido uma falta. Não nos devemos sentir desanimados ou rejeitar a nós mesmos, mas superar nossos problemas: tomar o que temos em mãos e mais uma vez começar.

Alguns de vós que me estais ouvindo hoje tendes pecado de maneira significativa, embaraçosa e destrutiva. Todavia, se seguirdes as simples admoestações dadas pelo Mestre podereis falar com vosso bispo quando necessário e transformar-vos em uma pessoa renovada.

Recentemente, vós aplicastes dinheiro em investimentos que provaram ser desvantajosos e não lucrativos. Agora é a oportunidade para começardes novamente. Não permitais que um engano vos prejudique duplamente, como quando persistis em recordar erros e injustiças do passado e serdes destruídos pela vossa própria ira.

Alguns de vós tendes afligido a outras pessoas, e trazido sofrimentos, preocupações e mágoas a elas. Agora é o tempo de voltardes a sua presença e expressar pesar pelo que fizestes, implorar seu perdão e quando possível, restaurar o que foi perdido. Quando? Agora! É desígnio do Senhor que saldemos nossos compromissos. Em Doutrina e Convênios ele disse: "E novamente, na verdade vos digo, com respeito às vossas dívidas — eis que é da minha vontade que as *pagueis* todas." (D&C 104:78, itálicos acrescentados.)

No auge do poder, o Império Grego expandiu-se do oeste do Mediterrâneo ao leste que é conhecido hoje como Índia. Os gregos conquistaram, através de poderosa força militar, um número incontável de cidades-estado e nações.

Honraram seus valentes soldados mas também consagraram o lugar em que venceram as pelejas. Marcaram um local isolado no campo de batalha onde uma pequena vitória culminou com o triunfo inevitável. Naquele ponto empilharam pedras e armas capturadas, em posição vertical. Chamaram-no de tro-

féu. Na linguagem dos gregos antigos, a palavra *troféu* significa "uma volta".

Agora é o tempo para um troféu em vossa vida? Nas lutas que travais, podeis levantar um monumento para mostrar que voltastes, e que de agora em diante vossa vida será diferente?

Lembrai-vos, nem todos os problemas são subjugados como ocorreu a Golias ante Davi. Nem todas as batalhas têm um fim tão dramático como a que teve lugar em Cumorah. Nem todos os milagres são tão imediatos como quando Joseph Smith abençoou os doentes às margens do Rio Missouri. Mas problemas vão-se embora, batalhas são vencidas e milagres acontecem na vida de todos nós. Deuteronômio 7:22 o Senhor descreveu seu plano de ação para purificar Israel, da seguinte maneira: "E o Senhor teu Deus lançará fora estas gentes pouco a pouco de diante de ti." A vitória freqüentemente vem de pouco a pouco.

Permiti-me sugerir os passos necessários para dar a nossa vida um novo rumo. A vida de cada um de nós deve alcançar seu apogeu. O passo divino é arrepender-se. Arrependimento significa encontrar um caminho melhor e segui-lo.

Primeiro, eliminemos de nosso pensamento e vocabulário a frase "se pelo menos eu tivesse feito algo diferente".

Se pelo menos Sansão soubesse os resultados de sua união a Dalila, jamais teria feito uma primeira visita a ela. (Ver Juízes 16.)

Se Sidney Rigdon pudesse antever o patético curso de sua vida após a excomunhão, ter-se-ia humilhado e permanecido com a Igreja.

Se o homem rico pudesse ver a vida após a morte teria começado a orar mais cedo, mas somente no inferno se transformou num homem fervoroso. (Ver Lucas 16:19-25.)

Se pelo menos não tivésseis ido àquele encontro e estado a sós com aquele rapaz ou aquela moça, ou feito aquela viagem, realizado aquele investimento, encontrado determinada pessoa, vossa vida agora seria diferente.

Todos nós gastamos um tempo precioso dizendo, "Como seria *se* eu não tivesse feito isso ou aquilo?" Irmãos e irmãs, "Como seria" não é uma pergunta apropriada se realmente desejamos começar de novo. Reconheçamos com honestidade onde estamos e onde queremos estar, não nos concentremos no "se" de ontem.

Segundo, não deixeis mais uma vez para amanhã o que hoje podeis fazer. "Não presumas do dia de amanhã, porque não sabes o que produzirá o dia." (Provérbios 27:1.) *Hoje* é o dia para cada um de nós erigir monumentos em nossos campos de batalha e marcar o local onde começaremos novamente. Uma das razões pelas quais temos conferências é aprender a ser pessoas melhores.

Terceiro, decidi viver o evangelho de Jesus Cristo em sua totalidade. "Pois vivereis de toda palavra que sai da boca de Deus." (D&C 84:44.) Muitas pessoas vivem o evangelho da forma que pensam ser a mais apropriada, de acor-

do com seu próprio pensamento. Isto é enganar-se a si mesmo.

Há somente um evangelho verdadeiro. Podemos alterá-lo ou modificá-lo segundo nossas próprias noções. Mas se aderirmos aos puros ensinamentos de Jesus Cristo, eliminaremos muitas das racionalizações que levam a problemas. O cardápio apresenta apenas um antepasto. Selecionar e escolher quais preceitos de Deus viveremos é egoísmo satânico. Integridade é a base de nosso modo de vida.

Quarto, encarai a realidade. Há ocasiões em que desejaríamos fugir de nossos problemas, abandonando-os. O Rei Davi o fez. Tinha sido um homem bom, mas acabou mergulhando em grandes dificuldades. Pareciam ser em maior número do que ele simplesmente poderia suportar. Certo dia, suplicou: "Ah quem me dera asas como de pomba! voaria, e estaria em descanso. Salmos 55:6.) As emoções provocadas por sua culpa o dominaram. Ele desejava abandonar tudo. Algumas pessoas tentam voar fisicamente, enquanto outras também emocionalmente. Isto, porém, não resolve os problemas. O único meio seguro de livrar-se deles é através de algo chamado "responsabilidade pessoal".

Lembremo-nos do que disse o Salvador: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei." (Mateus 11:28.) Convidou-nos a aprender com ele e tomar sobre nós o seu jugo. (Ver Mateus 11:29.)

Quinto, encaremos positivamente nossos desafios! Tomemos a iniciativa! Um poeta escreveu:

Jamais desisti! Se a adversidad
[vos oprimi
A Providência sabiamente
[mesclará o bem e o ma
[em vossa vid
E o melhor conselho, em meio à
[vossas maiores aflições
É o lema fiel e firme, de
["Jamais Desisti!"

Tradução livre, Martin F. Tupper "Never Give Up" em *Poems of Inspiration,* sel. Joseph Morris e St Clair Adams, New York: Halcyon House, pp. II-77.)

Recordamos com clareza estas palavras do Mestre: "Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mateus 6:33.) Apenas alguns versículos adiante, o Salvador nos diz, "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á." (Mateus 7:7.)

Sexto, não inicieis parcialmente. Sede completos! Ou de outro modo estareis colocando remendo velho em tecido novo. O tecido antigo não aderirá. Como Jesus disse: "Ninguém deita remendo de pano novo em vestido velho, porque... faz-se maior a rotura." (Mateus 9:16.) Não remendeis. Iniciai uma vida completamente nova. O jovem rico não estava disposto a dar tudo o que possuía para seguir a Jesus e por isso "retirou-se triste" (Mateus 19:22.), nunca mais se tendo sabido dele.

Sétimo, sede francos e sinceros em vosso relacionamento com outros. Muitas das dificuldades da vida se devem a indecisões. Aprendamos a dizer a verdade não importa o quanto seja desagradável fazê-lo. Pensai

na extrema aflição de Pedro que, após ter ensinado um falso conceito, viu aproximar-se o Mestre, que disse: "Para trás de mim... que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens." (Mateus 16:23.) A partir daquele momento, Pedro transformou-se em um discípulo melhor. Os francos e honestos serão justificados. O tempo é seu amigo. Confiança é sua recompensa.

Último, e talvez o mais difícil, perdoai. Paulo disse: "E a quem perdoardes alguma coisa, também eu." (II Coríntios 2:10.) Certamente parte do processo do Novo Início aconselha "Amai a vos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem; Bendizei os que vos maldizem e orai pelos que vos caluniam." (Lucas 6:27-28.) Paulo frisou esta admoestação ao dizer, "Vede que ninguém dê a outrem mal por mal, mas segui sempre o bem, tanto uns para com os outros, como para com todos." (1 Tessalonicenses 5:15.) Não há lugar para represália na vida dos que encontraram a "Terra do Novo Início".



Pensai no jovem José, e quanto foi ele traído por seus irmãos invejosos: venderam-no como escravo! Ele tinha muitos motivos para procurar vingança. Mas quando as circunstâncias novamente os uniram no Egito, José disse, "Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem... para conservar em vida um povo grande." (Gênesis 50:20.)

Sim, muitas mágoas e tristezas eventualmente se transformam em bênçãos, e essas experiências nos preparam espiritualmente. Mesmo quando não compreendemos por que suportamos certas tribulações, podemos ainda voltar a Deus e rededicar nossa vida a sua custódia. Pois "Aquele que pratica as obras de justiça receberá sua recompensa, sim, paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro." (D&C 59:23.)

Possamos nós, quando necessário, Iniciar Novamente. Testifico que o evangelho de Jesus Cristo foi restaurado, que devemos viver seus princípios e preceitos; assim fazendo, seremos exaltados. Digo isso humildemente no sagrado nome de Jesus Cristo, nosso Mestre. Amém.



"Cremos em Ser Honestos"



Élder Mark E. Petersen
Do Quorum dos Doze Apóstolos

"Seja mentindo, enganando, roubando, trapaceando; seja em casa, nos negócios, esportes ou sala de aula, a desonestidade é totalmente estranha aos ensinos de Jesus."

As Regras de Fé, que nos foram dadas pelo Profeta Joseph Smith, são fundamentais a nossa religião.

A primeira é o alicerce de toda nossa fé: "Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo."

Nós, santos dos últimos dias, cremos em Deus de todo o coração e alma. Sabemos que ele vive. Nossos profetas o viram. Sabemos que somos filhos seus, geração espiritual literal dele. Ele é nossa única fonte de vida. Nós somos seus filhos.

Sem Deus não haveria evangelho, salvação, ressurreição, nem luz ou inteligência, nem mesmo vida. Sem Deus, não existiriam galáxias no céus, nem sol, lua, estrelas, a terra e nada do que ela produz. Em outras palavras, se Deus não existisse não existiria nenhuma outra coisa.

O mesmo se aplica ao Senhor Jesus Cristo. Nesta igreja aceitamos o Salvador de todo nosso coração e alma. Ele é o divino Filho de Deus. Este é nosso solene testemunho ao mundo inteiro. Prestamo-lo sem temor e com toda ênfase ao nosso alcance. Nosso testemunho é *verdadeiro*, pois baseia-se na revelação.

O Senhor Jesus Cristo é o Redentor de toda a humanidade. Porém, é mais ainda — ele é o Criador, pois *há* um Criador divino que sabemos ser Jesus Cristo de Nazaré. Ele veio ao mundo como o Infante de Belém embora sendo o mesmo Ser poderoso mencionado por Isaías: "Emanuel, que traduzido é: Deus conosco." (Mateus 1:23.)

Jesus Cristo, o Jeová dos céus, criou o firmamento e todas as galáxias que nele existem. Fez nosso universo com o sol e seu sistema planetário. Fez a terra e tudo o que nela há, tanto as coisas animadas como as inanimadas.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

Ele veio à terra há cerca de dois mil anos, trouxe-nos o evangelho e sua igreja, e depois foi crucificado por toda a humanidade.

A vida eterna vem através dele e de ninguém mais. Se obedecermos ao seu evangelho, haveremos de viver com ele para sempre. Se o rejeitarmos ou negligenciarmos, ainda assim viveremos, mas não com ele. Será uma vida em esferas inferio-

res, e em algumas das quais haverá choro e ranger de dentes. (Vide D&C 19:5.)

Cristo é tudo e sem ele nada somos.

Cremos também no Espírito Santo, terceiro membro da Deidade. Ao entrarmos para a Igreja, somos abençoados com o dom do Espírito Santo, que nos guiará durante a vida inteira, desde que atendamos a seus sussurros.

Sou mesmo muito grato pelas maravilhosas palavras que acabamos de ouvir do Irmão Ashton a respeito de honestidade. Esta é fundamental para nossa religião. Sou igualmente grato por termos nas Regras de Fé a declaração de crermos na honestidade, verdade, bondade e virtude. Essa regra, como deveis recordar, diz em parte: "Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens." (13.ª Regra de Fé.)

E assim chegamos ao ponto em que se encontram fé e obras. Aqui nos perguntamos: Nossos atos confirmam nossa fé ou contradizem o que professamos? Realmente fazemos o bem a todos os homens como afirma a regra de fé?

Honestidade, verdade, virtude e bondade são características do genuíno cristianismo. Se nos carecem, dificilmente poderemos dizer que seguimos a Cristo.

Não foi Tiago quem disse: "Mostra-me a tua fé *sem as tuas obras* e eu te mostrarei a minha fé *pelas minhas obras*"? E não disse também com tal clareza, que ninguém pode entendê-lo mal: "A fé, se não tiver obras, é *morta* em si mesma"? (Vide Tiago 2:14-18; grifo nosso.)

Concordamos com ele e acrescentamos que profissão de piedade sem obras piedosas é pura hipocrisia e é morta — exatamente "como o corpo sem espírito está morto." (Tiago 2:26.)

Em sua roupagem sedutora, o pecado sempre aparece atraente, a princípio. Foi o que aconteceu com Caim, que achou poder pecar e sair lucrando. Hoje, muitos se iludem pensando da mesma forma. Porém, a lei da retribuição é a mesma daquela época. O salário do pecado é miséria e morte, em não havendo arrependimento. (Vide Romanos 6:23.)

Quem, diante desses fatos, ousa tornar-se inimigo de Deus?

Entretanto, na *mesma medida* em que mentimos e enganamos, defraudamos ou seduzimos outros, levando-os a pecar, tornamo-nos seus inimigos.

Como Cristo é o paradigma da retidão em todas as coisas, qual é nossa posição diante dele, se negarmos seus ensinamentos através de nossos atos iníquos? Podemos considerar-nos diferentes daqueles que, em seu tempo, lhe voltaram as costas e o rejeitaram?

Eles estavam tristemente enganados, quando foram para a tragédia, totalmente cegos para os fatos — cegos mesmo em plena luz dos céus que ele lhes oferecia.

Lembrai-vos do engano que levou Corior a negar a Cristo. Depois de tudo terminado e haver sido derrotado e emudecido, ele confessou:

"(Eu) sabia que existia um Deus. Mas eis que o diabo me enganou... e me disse:... Deus não existe;...

e ensinou-me o que eu deveria dizer. E eu ensinei as suas palavras... porque eram agradáveis à mente carnal..." (Alma 30:52-53.) Atentai para a última frase — "eram agradáveis à mente carnal." Todo pecado é agradável à mente carnal, e a desonestidade não faz exceção!

E se o bom samaritano houvesse sido um hipócrita, apenas fingindo ajudar o viajante ferido? E se tivesse levado o ferido à estalagem unicamente para maltratá-lo ainda mais? E se tivesse pago o estalajadeiro com dinheiro falso, ou fugido sem pagar a conta? (Vide Lucas 10:25-37.)

E se estivesse procurando servir a dois senhores? (Vide Mateus 6:24.) E se sua demonstração de piedade e misericórdia não passasse de encenação?

O que pensaríeis dele? Acaso o Salvador o teria citado como exemplo? Ou teria condenado o samaritano como fez com os outros hipócritas?

O que achais das pessoas de hoje que envergam o manto da hipocrisia e enganam e ludibriam para tirar vantagem do próximo, às vezes roubando-lhe tudo o que possui?

O que achais dos que não têm palavra e não se importam em trapacear na primeira oportunidade que encontram?

Será que compreendemos a seriedade do pecado da desonestidade? Ela é indigna de um cristão e anticristã — é anti-mórmon — é anti-Cristo!

Seja mentindo, enganando, roubando, trapaceando; seja em casa, nos negócios, esportes ou sala de aula, a desonestidade é totalmente estranha aos ensinos de Jesus.

Se não reconhecemos isso, somos realmente cegos.

Caim estava cego quando matou Abel.

Corior estava cego quando combateu Alma.

Os crucificadores de Cristo estavam cegos, quando invocaram sobre si mesmos e sua descendência insuspeita e infeliz o sangue dele. (Vide Mateus 27:25.)

Os traidores dentro de suas fileiras que contribuíram para o martírio do Profeta Joseph Smith estavam cegos, muito cegos.

Permitiremos que o egoísmo e a ganância nos tornem cegos também? Será que nos tornaremos nossos próprios piores inimigos, caindo na desonestidade e tudo o que ela envolve?

Os mandamentos citam muitas coisas que não devemos fazer. É igualmente positivo, porém, ordenando ações construtivas e ensinando-nos que devemos fazer um esforço sincero para nos tornarmos iguais a Cristo.

De que vale o cristianismo, se não nos melhorar? Ele não é mero brinquedo psicológico para exercício mental num debate.

O evangelho é uma maneira de viver.

Seu propósito é ajudar-nos a nos tornarmos como Cristo é. Ele perguntou: "Que classe de homens devereis ser"? E ele próprio respondeu: "Devereis ser como eu sou." (3 Néfi 27:27.)

Ele não nos mandou buscar a perfeição, assim como nosso Pai nos céus é perfeito? (Vide Mateus

5:48.) Ele fala a sério. Estas são as suas leis. Não são meros conceitos teóricos. São mandamentos e ele nos terá pessoalmente responsáveis pela obediência ou desobediência deles.

Se recebermos esses mandamentos com coração duvidoso, obedecendo a eles negligentemente, só podemos esperar condenação. (Vide D&C 58:29.)

Precisamos encarar nossa religião de maneira positiva e torná-la literalmente uma maneira de viver, um plano de ação diário. Temos de nos reformar dia a dia segundo os preceitos evangélicos, pois este é o tempo de nossa provação e é agora que devemos preparar-nos para o encontro com Deus. (Vide Alma 34:32.)

Isto é muito repetido no Livro de Mórmon, porém muitos de nós o lemos sem realmente refletir sobre o que significa. Irmãos e irmãs, hoje é o dia de nossa provação, exatamente como foi para eles em seus dias; e hoje é quando devemos preparar-nos para o encontro com Deus. Quem sabe se estará vivo amanhã ou depois? Quando teremos de encarar o Deus onipotente? Será que pensamos poder chegar a sua presença desagradando-o? E o que nos torna desagradáveis a ele? Nossa própria obstinação em não seguir seu plano. Nossa recusa em dar-lhe prioridade em nossa vida. Porque preferimos as trevas à luz.

Por que, supomos nós, ele nos manda buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça? (Vide Mateus 6:33.) Ele o diria se não fosse a sério? A meia obediência será rejeitada exatamente como a rejeição total, talvez até mais prontamente, porque semi-rejeição e semi-aceitação são uma impostura, a admissão de falta de caráter e falta de amor a Deus. É na verdade uma tentativa de viver nos dois campos.

Não devemos supor ser capazes de servir a dois senhores. (Vide Mateus 6:24.) Se tentarmos, poderemos ter certeza de uma coisa — que nosso mestre *não* será o Cristo, pois ele não nos aceitará nesses termos.

Como o Pai Celeste descreve seu Filho amado? Lembrai-vos de suas maravilhosas palavras? Ele declarou que Jesus é "cheio de graça e verdade." (João 1:14.)

Cristo é Deus da verdade, é Deus do amor, mas também Deus da graça.

O que entendemos por graça de Deus?

Jesus é gracioso — isto é, bondoso, misericordioso, compassivo. É devido a sua graça, compaixão e amor a nós, sua misericórdia, bondade e desejo de que nos igualemos a ele que nos proporcionou seu glorioso evangelho.

Rejeitar sua verdade é rejeitar sua graça, misericórdia, bondade e compaixão. É dizer que não queremos nenhuma delas. E de uma coisa podemos estar certos: se for esta nossa atitude, com toda certeza não teremos nenhuma delas.

Obediência é a chave. O que Samuel disse a Saul, quando este tentou servir a dois mestres? "Obedecer é melhor que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros." (I Samuel 15:22.)

Tentando servir a dois mestres, seremos melhores que Saul? Se tentamos enganar os irmãos professando piedade, ocultando-lhes nossos pecados, seremos melhores que Ananias e sua mulher Safira, que caí-

ram mortos aos pés de Pedro, o apóstolo, por mentir-lhe? (Vide Atos 5:1-10.)

Temos o mandamento de nos tornarmos como Cristo é, de desenvolver graça e verdade em nossa vida. Se quisermos ser iguais a ele, o Deus da graça e verdade, temos de começar agora mesmo a edificar graça e verdade em nossa vida.

Como não reconhecer agora que não podemos servir a dois mestres? Se o tentarmos, o Senhor nos rejeitará. Ele jamais colaborará com Lúcifer. Portanto, não procuremos colocá-lo em tal situação. Quando Alma batizou os conversos nas águas de Mórmon, esses humildes santos foram cheios da graça de Deus, do amor de Deus, de misericórdia, afeto fraternal, caridade. E seus sacerdotes trabalhavam com tamanha retidão, que eles, também, foram repletos da graça celestial. (Vide Mosiah 18:16-26.)

Falando aos primeiros élderes da Igreja, o Senhor ensinou-lhes que deviam crescer em graça, bem como em conhecimento antes de saírem a pregar. (Vide D&C 50:40.)

O Senhor disse ao Profeta Joseph Smith que todos os que guardam os mandamentos serão abençoados com a graça dos céus — o amor de Cristo, caridade, compaixão, misericórdia, bondade, honestidade.

Estes são os atributos do Salvador que devemos buscar para nós. Ele nos promete que, obedecendo-lhe, receberemos graça por graça. (Vide D&C 93:20.)

Então, por que não obedecer? Por que não planejar fazê-lo? Por que não buscar o reino de Deus e sua justiça primeiro e sempre? Jamais deveremos permitir que nossa religião perca importância em nossa vida.

Somos o povo do convênio do Senhor. No batismo, concordamos em servi-lo até o fim e recebemos o dom do Espírito Santo para nos ajudar nesse sentido. Se agora incorremos em desonestidade e outros pecados, o que estamos fazendo a esse espírito da verdade? Nós o afastamos com nossos pecados.

Se nós, que temos o dom do Espírito Santo, mentimos ou trapaceamos ou cometemos outros tipos de desonestidade, zombamos da verdade e nos contaminamos com mentiras, onde está nossa lealdade para com Deus?

O que faremos com os convênios feitos, prometendo servi-lo — ao Deus da verdade — somente em verdade?

O que havemos de fazer com o sacramento da Ceia do Senhor, por meio do qual prometemos ao Altíssimo, em nome do sacrifício de Cristo, que sempre nos lembraremos dele e guardaremos seus mandamentos? (Vide D&C 20:77.) Havemos de repudiá-lo devido a nossos pecados — ou curvar nossa cabeça em humildade e dizer: "Não seja como eu quero, mas como tu queres?" (Mateus 26:39.)

Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse graça, misericórdia, honestidade, bondade e a caridade de Cristo, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. (Vide I Cor. 13:1.)

Obedecer humildemente é a única coisa capaz de nos salvar. Isto eu testifico no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Sessão Vespertina de Sábado, 3 de abril de 1982

Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja

Apresentado por **Wilford G. Edling**
Encarregado do Comitê de Auditoria da Igreja

Examinamos o relatório financeiro anual da Igreja, datado de 31 de dezembro de 1981, e as transações referentes ao exercício findo. Os balanços e relatórios financeiros analisados pelo comitê referiam-se aos fundos gerais da Igreja e de outras organizações por ela controladas, cuja contabilidade é mantida pelo Departamento Financeiro e de Registros da Igreja. Examinamos também os procedimentos empregados no orçamento, contabilização e auditoria, a forma e controle de despesas. Concluímos que as despesas dos fundos gerais da Igreja foram autorizadas pela Primeira Presidência, de acordo com os procedimentos orçamentários. O orçamento é autorizado pelo Conselho de Disposição de Dízimos, composto da Primeira Presidência, o Conselho dos Doze e o Bispado Presidente. O Comitê de Gastos, em reuniões semanais, administra as despesas de acordo com os orçamentos.

O Departamento Financeiro e de Registros e demais departamentos empregam tecnologia moderna e equipamentos atualizados de contabilidade para fazer face ao rápido crescimento da Igreja e às modificações dos métodos de processamento eletrônico de dados. O comitê e os representantes legais da Igreja em conjunto prestam constante atenção às questões fiscais referentes à taxação da Igreja pelo governo federal, dos estados e pelos governos estrangeiros.

O Departamento de Auditoria, que independente dos demais departamentos, cuida das auditorias financeiras, operacionais e dos sistemas de computação empregados pela Igreja. Esses serviços são executados em ritmo contínuo e abrangem todos os departamentos da Igreja, além de outras organizações por ela controladas (cuja contabilidade está centralizada no Departamento Financeiro e de Registros) e operações mundiais, incluindo missões, centros financeiros e atividades departamentais realizadas em países estrangeiros. A extensão e o âmbito do Departamento de Auditoria para salvaguardar os recursos da Igreja aumentam de acordo com o crescimento e ampliação das atividades da Igreja. A auditoria dos fundos locais de alas e estacas fica a cargo de auditores de estaca. Negócios incorporados, controlados pela Igreja ou de sua propriedade, cuja contabilidade não esteja centralizada no Departamento Financeiro e de Registros, são verificados por empresas de auditoria ou fiscais do governo.

Baseados em nosso exame do relatório financeiro anual e outros dados contábeis, e estudo dos métodos de contabilização e auditoria pelos quais são controladas as operações financeiras, a par das constantes reuniões com o pessoal do Departamento Financeiro e de Registros, de Auditoria e Legal, somos de opinião que os fundos da Igreja recebidos e gastos durante o ano de 1981 foram devidamente contabilizados, de conformidade com os procedimentos aqui expostos.

Submetemos respeitosamente este relatório.

COMITÊ DE AUDITORIA
DA IGREJA
Wilford G. Edling
David M. Kennedy
Warren E. Pugh
Merril J. Bateman
Ted E. Davis

Relatório Estatístico de 1981

Apresentado por **Francis M. Gibbons**
Secretário da Primeira Presidência

Para informação dos membros da Igreja, a Primeira Presidência emitiu o relatório estatístico a seguir, referente ao crescimento e posição da Igreja em 31 de dezembro de 1981. (O número de membros é estimativo, baseado nos relatórios de 1981 disponíveis até a data da conferência.)

Unidades da Igreja

Número de estacas de Sião	1.321
Número de distritos	342
Número de missões	188
Número de alas	8.392
Número de ramos nas estacas	2.719
Número de ramos nas missões	2.102

(Estes dados estatísticos demonstram um aumento de 103 estacas e 622 alas e ramos no ano de 1981.)

Número de países com alas e ramos organizados	86

Membros da Igreja

Total de membros no final de 1981	4.936.000

(É estimado que o número de membros da Igreja ultrapassa a 5 milhões.)

Crescimento da Igreja em 1981

Crianças abençoadas	111.000
Crianças registradas batizadas	69.000
Conversos batizados	224.000

Estatística Social

Taxa de nascimento por mil	28,1
Número de pessoas casadas por mil	12,2
Número de mortes por mil	3,9

Sacerdócio

Diáconos	213.000
Mestres	159.000
Sacerdotes	311.000
Élderes	419.000
Setentas	32.000
Sumo sacerdotes	170.000

Missionários

Missionários de Tempo Integral	29.700

Genealogia

Nomes liberados para endowments no templo em 1981	4.346.000

Templos

Número de endowments realizados em 1981:	
Pelos vivos	49.800
Pelos mortos	4.101.000
Templos em funcionamento	19
Em adição aos que foram anunciados esta semana, número de templos projetados e em construção	21
Templos fechados durante o ano	1

(Houve em 1981 um acréscimo de 139.000 no número de endowments realizados ao que se verificou em 1980, mesmo não tendo funcionado o Templo de Manti parte do ano.)

Sistema Educacional da Igreja

Total de matrículas durante o ano letivo de 1980-81:	
Seminários e Institutos, inclusive programas especiais	326.200
Escolas, Faculdades e programa de educação contínua	72.500

Serviços de Bem-Estar

Pessoas assistidas pelos Serviços Sociais SUD	62.800
Pessoas empregadas ..	27.200
Homens/Dias de trabalho doados aos Serviços de Bem-Estar ..	533.800
Mercadorias distribuídas pelos armazéns (em libras/peso)	31.342.000

Membros Eminentes Falecidos Durante o Ano

Élder S. Dilworth Young, membro emérito do Primeiro Quorum dos Setenta e ex-Presidente Senior do Primeiro Quorum dos Setenta; Élder Del Alvin Talley, ex-Representante Regional; Freda Joan Jensen Lee, viúva do Presidente Harold B. Lee; Belle Smith Spafford, Presidente Geral da Sociedade de Socorro de 1945 a 1974 e ex-presidente do Conselho Nacional de Mulheres; Lucile Reading, editora gerente da revista *Friend* e ex-conselheira da Presidência Geral da Primária; Dr. Henry Eyring, cientista e autor mundialmente renomado; Dr. Harvey Fletcher, conhecido internacionalmente como perito e inventor no campo das comunicações; A. Hamer Reiser, ex-conselheiro da Presidência Geral da Escola Dominical; Louise J. Lake, professora de deficientes, e recebedora do Troféu Anual do Presidente para Deficientes Americanos; e George S. Eccles, banqueiro, preeminente e líder cívico.

A Verdadeira Grandeza



Élder Howard W. Hunter
Do Quorum dos Doze Apóstolos

"A espécie de grandeza que nosso Pai nos céus deseja que busquemos está ao alcance de todos os que se encontram na Igreja."

Alguns de nós ficamos descontentes com a vida porque querendo atingir certo grau de grandeza nesta vida, supomos que malogramos num ponto fundamental. Preocupamo-nos com as pessoas que trabalharam arduamente e viveram em retidão, mas acham — por não terem alcançado no mundo ou na Igreja o mesmo que os outros — que são um insucesso.

Talvez devamos considerar o que faz a grandeza de uma pessoa.

Vivemos num mundo que parece cultuar sua própria espécie de grandeza. É verdade que os heróis mundanos são logo esquecidos pelo público, mas nunca há falta de campeões e grandes realizadores. Ouvimos falar quase que diariamente de atletas que quebraram recordes, cientistas que inventaram novos e maravilhosos dispositivos, máquinas e processos, e de médicos salvando vidas com novos métodos. Somos constantemente expostos ao desempenho excepcional de músicos e artistas, bem como às obras de talentosos pintores, arquitetos e construtores. Revistas, painéis e outros meios de publicidade nos bombardeiam constantemente com a imagem de pessoas de dentes perfeitos, feições impecáveis, trajando roupas modernas e fazendo tudo o que fazem as pessoas de sucesso.

Estando expostos continuamente aos padrões de sucesso e grandeza do mundo, é perfeitamente compreensível que às vezes façamos comparações entre o que somos e o que os outros são ou parecem ser, e também entre o que temos e o que têm os outros. Embora fazer comparações possa ser benéfico e nos motivar a progredir e melhorar nossa vida, freqüentemente permitimos que comparações injustas e impróprias destruam nossa felicidade, julgando-nos deficientes ou mal sucedidos. Por causa disso, às vezes somos induzidos ao erro de ficar remoendo nossos insucessos, enquanto ignoramos aspectos de nossa vida que possivelmente contenham elementos da verdadeira grandeza.

Num breve editorial escrito pelo Presidente Joseph F. Smith, em 1905, ele faz este profundo pronunciamento sobre o caráter da genuína grandeza:

"As coisas que chamamos de extraordinárias, marcantes ou incomuns podem fazer história, mas não fazem a verdadeira vida.

"Afinal, fazer bem feitas as coisas que Deus ordenou a toda a humanidade que fizesse, é a verdadeira grandeza. Ser um pai ou mãe bem sucedido é muito mais importante do que ser um general ou estadista famoso." (*Juvenile Instructor*, 15 de dezembro de 1905, p. 752.)

Esta declaração levanta a pergunta — que coisas Deus ordenou fossem feitas por toda a humanidade? Sem dúvida, incluem as coisas a serem feitas para ser um bom pai ou mãe; contudo, generalizando, são igualmente as milhares de coisinhas, serviços e sacrifícios que constituem o dar ou perder a própria vida por amor ao Senhor e ao próximo. Incluem obter conhecimento de nosso Pai Celeste e seu evangelho. Incluem trazer outros para a fé e integração em seu reino. Essas coisas não costumam receber a atenção ou louvor do mundo.

Estendendo a declaração do Presidente Smith mais especificamente, poderíamos dizer: Ter êxito como presidente da Primária ou líder dos escoteiros, ou professora de Viver Espiritual, ou vizinho atencioso, ou bom amigo é boa parte do que constitui a verdadeira grandeza. Fazer o melhor possível em face das lutas comuns da vida e possivelmente diante de malogros, e continuar suportando e perseverando, apesar das dificuldades correntes — quando tais lutas e tarefas contribuem para o progresso e felicidade alheia e a salvação eterna do próprio eu — isto é a autêntica grandeza.

Certamente não precisamos ir longe para ver os heróis despercebidos e esquecidos do cotidiano. Refiro-me aos que vós e eu conhecemos que, calada e consistentemente, fazem tudo o que lhes cabe fazer. Refiro-me aos que estão sempre presentes e sempre prontos. Refiro-me ao valor extraordinário da mãe que — hora após hora, dia após dia — fica cuidando do filho doente, ou da pessoa inválida que luta e sofre sem reclamar. Incluo os que sempre se oferecem para doar sangue ou trabalhar com os escoteiros. Penso nas mulheres que não têm filhos próprios, mas, mesmo assim, são "mães" para as crianças do mundo. Falo daqueles que estão sempre prontos para amar e amparar.

Falo igualmente dos professores, enfermeiras, agricultores e outros que fazem as boas obras do mundo, que ensinam, alimentam e vestem, e ainda fazem a obra do Senhor — os que amam e edificam seus semelhantes. Refiro-me às pessoas honestas, bondosas e trabalhadoras em sua faina cotidiana, mas que também são servos do Mestre e pastores de suas ovelhas.

Não quero diminuir os grandes feitos do mundo que nos têm dado tantas oportunidades e fornecem cultura, ordem e animação a nossa vida. Estou apenas sugerindo que nos concentremos mais claramente nas coisas mais valiosas da vida. Lembrai-vos do que o Senhor disse: "*O maior entre vós será o vosso servo.*" (Mateus 23:11, grifo nosso.)

Ouvi as palavras do Presidente Joseph F. Smith ao prosseguir em seus comentários para ajudar-nos a colocar na devida perspectiva as realizações e feitos que garantem o sucesso e reconhecimento do mundo. Notai que se referem às realizações mundanas — isto é, aquelas capazes de granjear a fama e riqueza do mundo — como "secundárias". Diz ele:

"É verdade que grandezas secundárias podem ser acrescidas ao que intitulamos de trivialidade; mas, quando tais grandezas secundárias não são somadas à grandeza fundamental, transformam-se em honras vazias, afastam-se do bem comum e universal da vida, ainda que encontrem lugar nas... páginas da his-

tória." (*Juvenile Instructor*, p. 752.)

Com esta definição da verdadeira grandeza, como proceder para alcançá-la? O Senhor disse: "*De pequenas coisas provêm as grandes.*" (D&C 64:33; grifo nosso.) Todos nós temos visto pessoas conseguindo riqueza ou sucesso instantâneo, quase que do dia para a noite. Contudo, embora acreditando que alguns podem conseguir esse tipo de sucesso sem muita luta, não existe grandeza instantânea. E isto porque o alcance da verdadeira grandeza é um processo demorado, com eventuais retrocessos. O resultado final nem sempre é claramente visível, mas parece-me que sempre requer passos regulares, consistentes, pequenos e, às vezes, mesmo comuns e mundanos, durante muito tempo.

A grandeza autêntica jamais resulta de um acontecimento casual, ou empenho ou realização únicos. Ela requer o desenvolvimento do caráter; requer um sem número de decisões corretas nas opções diárias entre o bem e o mal, às quais se referia o Élder Boyd K. Packer, quando disse: "No decorrer dos anos, essas pequenas opções, somadas, mostram claramente o que valemos." (*A Liahona*, março de 1981, p. 29.) Essas opções mostram também claramente quem somos.

Ao avaliar nossa vida, é importante que olhemos não só nossas realizações mas também as condições em que foram conseguidas. Todos somos indivíduos únicos e diferentes cada um com pontos diversos de partida na vida; cada um com uma mescla única de talentos e habilidades; cada um com seu próprio quinhão de desafios e restrições para enfrentar. Por isso, o julgamento do nosso eu e nosso desempenho deve incluir não apenas o tamanh importância ou número de nossa realizações, mas também as cond ções existentes e o efeito de nosso esforços sobre os outros.

É este último aspecto da noss auto-avaliação — o efeito de noss vida sobre vidas alheias — que n ajudará a compreender por que ce tos trabalhos comuns da vida deve ser tão valorizados. Freqüentement são as tarefas comuns que exercer um efeito muito mais positivo sob a vida de outros do que as coisa que o mundo costuma relaciona como grandeza.

Parece-me que a espécie de gra deza que nosso Pai nos céus dese que busquemos está ao alcance d todos os que se encontram dentr da Igreja. Contamos com um núm ro infinito de oportunidades de f zer as muitas coisas simples e p quenas que acabarão por nos torna grandes. A vós que devotais a vid ao serviço e sacrifício pelos outr e pelo Senhor, o melhor conselh é simplesmente continuar agind assim.

A vós que fazeis os trabalhos c muns do mundo, mas duvidais d valor de vossos feitos; a vós qu trabalhais arduamente na Igrej promovendo a obra do Senhor d muitas maneiras despercebidas, p rém importantes; a vós que sois sal da terra e força do mundo e e pinha dorsal de cada nação — qu remos simplesmente externar noss admiração. Se perseverardes até fim e fordes valentes no testemunh de Jesus, alcançareis a verdadeir grandeza e vivereis na presença d nosso Pai Celeste.

Como disse o Presidente Josep F. Smith: "Não procuremos subst tuir uma vida verdadeira pela art

ficial." (*Juvenile Instructor*, p. 753.) Lembremo-nos de "que, de pequenas coisas provêm as grandes." (D&C 64:33.) Lembremo-nos de que fazer as coisas consideradas importantes, indispensáveis e necessárias, ainda que o mundo as veja como comuns e insignificantes, acabará por nos levar à verdadeira grandeza.

Que jamais desanimemos executando as tarefas diárias que Deus ordenou a todos os homens, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.



Um Casamento Duradouro



Élder Robert L. Simpson
Do Primeiro Quorum dos Setenta

"O tempo e a experiência provam que a chave para o sucesso no casamento é a abnegação."

Meus pensamentos hoje se voltam para a preocupação, comum a todos nós, com a crescente crise no mundo atual, uma espécie de câncer voraz que continua corroendo a unidade familiar, ordenada por Deus.

O divórcio, com todos os seus efeitos diabólicos, ameaça o próprio alicerce da sociedade. Observou o Presidente Joseph F. Smith: "O casamento é o preservador da raça humana. Sem ele, os propósitos de Deus seriam frustrados; a virtude seria destruída para dar lugar ao vício e à corrupção, e a terra se tornaria inútil e vazia." (*Doutrina do Evangelho*, cap. XVI, p. 247.) Todo profeta desta dispensação disse virtualmente o mesmo com suas próprias palavras.

Segundo os dados fornecidos pelo Centro Estatístico Nacional de Saúde (dos Estados Unidos), perto de dois milhões de divórcios estão sendo

concedidos este ano em nosso país. É um número recorde e três vezes maior que o registrado há somente vinte anos. Na maioria das nações do mundo, essa tendência parece ser a mesma. Hoje em dia, mais de um terço dos casamentos termina em divórcio. Famílias pertencentes à Igreja, infelizmente, estão seguindo esse padrão do mundo em grau alarmante, o que não deveria acontecer.

Herbert A. Glieberman, reconhecida autoridade em assuntos referentes a divórcio e relações domésticas, foi recentemente citado no *U. S. News & World Report:* "O maior aumento do índice de divórcios tem sido entre pessoas casadas há dez anos ou mais. Hoje não é raro que pessoas casadas há vinte e cinco ou trinta anos peçam e consigam o divórcio." A seguir, ele identifica a principal causa:

"Em primeiro lugar," afirma, "está a incapacidade (dos casais) de conversarem abertamente, desvendando seus mais íntimos pensamentos e sentimentos, e tratarem-se mutuamente como bons amigos... Eles conversam quase sempre sobre coisas superficiais, querendo impressionar-se reciprocamente."

E depois continua: "Acho que gente demais fala para o outro, em lugar de com o outro." E conclui: "A falta de comunicação leva ao alcoolismo, infidelidade ou abuso físico ou mental...

"Em muitos casos, há falta de tolerância, incapacidade de suportar incômodos ou reconhecer que ambos não são perfeitos." ("Why So Many Marriages Fail", *U. S. New & World Report*, 20 de julho de 1981, pp. 53-54.)

De fato, existe um único caminh que assegura a boa comunicação f miliar, e este é o caminho do Senho Ele recomenda o sistema de cons lhos.

A Igreja é composta de conselho Sem dúvida, um dos mais importa tes de todos os conselhos da Igre deve ser o conselho familiar, presid do pelo casal. Neste conselho, pais devem ocupar posição igua exatamente como compartilham e iguais condições de todas as bênçã do sacerdócio que dizem respeito a círculo familiar. O objetivo etern do Senhor é que o casal se torne um

A seguir, o Senhor, nos ensina "arrazoar juntos" (D&C 50:10) - não discutir, arengar, destratar, ma sim arrazoar juntos sem elevar a vo Que belo exemplo para os filhos Como pode uma família andar ma se cada decisão importante é metic losamente considerada de acord com os ensinos do evangelho? E d pois, tendo arrazoado juntos e toma da a decisão, pode-se seguir avant confiantemente e em concordânci com a lei divina.

O Salvador ensinou-nos a anda a segunda milha (vide Mateus 5:41 que quer dizer abnegação. Apena seguindo essa recomendação, prati camente todo casal poderia ter um bom relacionamento conjugal. Mas quando se rema com empenho espe cial só num lado do barco, este s desequilibra, e no casamento aconte ce o mesmo. É preciso haver abne gação de ambas as partes.

Todo casal, seja no primeiro o vigésimo ano de casamento, deveri dar-se conta do valor de uma con versinha no fim do dia — momento perfeito para avaliar o que passou

fazer planos para o amanhã. E acima de tudo, é uma hora em que se pode reconfirmar o afeto e apreço mútuos. O fim do dia é igualmente o momento perfeito para se dizer: "Querido, sinto muito o que aconteceu hoje. Desculpe-me, por favor."

Como bem sabeis, todos somos ainda imperfeitos, e essas divergências pendentes, acumulando-se dia a dia, acabam levando a um possível rompimento das relações maritais — tudo por falta de comunicação, muitas vezes somada a um tolo orgulho.

A Igreja sempre condenou firmemente qualquer forma de despotismo. Todo homem que decide administrar seu chamado como líder eclesiástico no lar com métodos despóticos está em discordância com os ensinos do evangelho, e não gozará das recompensas espirituais decorrentes do arrazoar juntos. A conversa do fim do dia deixará de ser uma comunicação nos dois sentidos, acabando por provocar rebelião.

Os déspotas estão sempre prontos a recorrer a ultimatos; e caso ainda não tenham descoberto, com a juventude de hoje um ultimato é quase sempre malogro garantido. É como agitar uma bandeira vermelha; como declarar guerra aos entes queridos.

O Senhor nos adverte: "Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

"Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo." (D&C 121:41-42.)

Gosto muito do conselho dado pelo Presidente Joseph F. Smith aos pais: "É somente quando o homem se separa do espírito correto, quando se desvia do dever, que negligenciará ou desonrará qualquer ser confiado ao seu cuidado. O homem tem a obrigação de honrar a esposa e os filhos." (*Doutrina do Evangelho*, cap. XVI, p. 259.)

Existe outra grave causa de divórcios que não devemos esquecer: A má administração dos recursos financeiros da família. Pagar o dízimo e ofertas enquanto se ignora o conselho do Pai Celestial a respeito da boa administração das finanças da família, provavelmente fará com que as janelas do céu custem a se abrir. As bênçãos prometidas certamente não virão tão depressa.

Todo profeta desta dispensação ensinou em termos claros e inequívocos que os santos devem evitar fazer dívidas (ouvimo-lo novamente esta manhã do Presidente Kimball), que não devem participar de negociatas duvidosas, o que foi ressaltado hoje. Somos aconselhados a ser frugais, economizar, ganhar o dinheiro de maneira tradicional com o suor do rosto. Somos admoestados a ensinar aos filhos a ética do trabalho; incentivados a cada instante a dar um bom exemplo de industriosidade e frugalidade, e também a ser generosos e consistentes em nossas ofertas para os pobres e necessitados.

Nesta época de recessão econômica, é imperativo que a família viva de acordo com essas injunções divinas. Todo casal precisa arrazoar junto a respeito do orçamento familiar, regularmente. Se a família precisa restringir seus gastos, é bem melhor tomar as medidas necessárias agora,

do que acumular dívidas e enfrentar uma crise financeira mais tarde — crise que muitas vezes acaba num tribunal de divórcio.

Há poucas coisas mais destrutivas para o casamento do que uma declaração como esta: "Querido, hoje me inscrevi num curso de condicionamento físico. Custa vinte mil cruzeiros." Um curso assim pode ser excelente, mas não como surpresa em caso de orçamento já "esticado". Poderia e deveria ter sido assunto para a conversinha de fim de dia. Conforme nos disse o Elder Neal A. Maxwell recentemente: "Se quer que seu companheiro participe de um pouso forçado, deve também preencher o plano de vôo."

Agora, rapidamente, quero mencionar três pontos fundamentais para um casamento sólido:

Primeiro, *fé,* o primeiro princípio do evangelho. Deve ser igualmente o primeiro princípio de todo casamento — não apenas fé em Deus e em seu amado Filho; não apenas no profeta vivo; mas, permiti-me sugerir uma fé sincera e crescente no cônjuge e também nos filhos.

Segundo, *obediência,* freqüentemente considerada a primeira lei dos céus. Sem obediência às leis de Deus, não poderia haver bênçãos. Obediência aos convênios com o Senhor é um dos requisitos para que reine paz e amor no círculo familiar.

Terceiro, *lealdade.* Lealdade para com o companheiro conjugal nas horas boas e más formará um atributo de caráter tão forte, que, assim como a noite segue o dia, haverá lealdade para com a Igreja e os princípios verdadeiros.

Um dos Dez Mandamentos é a le da castidade, e esta exige lealdad no casamento. Irmãos e irmãs, pro tegei esse sagrado princípio como s vossa própria vida dele dependesse porque a verdade evangélica confir ma que a vida eterna, sem dúvida dependerá de vossa fidelidade no ca samento.

As escrituras confirmam a verda de eterna que "o casamento é orde nado por Deus". (D&C 49:15.) E depois isto: "Nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão no Senhor." (I Cor. 11:11.)

Segundo um profeta desta dispensação, "Deus não somente recomenda, mas ordena o casamento. Enquanto o homem ainda era imortal, antes que o pecado tivesse entrado no mundo, nosso Pai Celestial em pessoa realizou o primeiro casamento. Uniu os primeiros pais no laço do sagrado matrimônio, e ordenou-lhes que fossem fecundos, e se multiplicassem e enchessem a terra. O Senhor nunca mudou, aboliu ou anulou esse mandamento; ele continuou imutável através de todas as gerações da humanidade." (Smith, *Doutrina do Evangelho,* cap. XVI, p. 249.)

Marcos confirma: "Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem." (Marcos 10:9.)

Pois bem, irmãos, todo divórcio na Igreja afeta negativamente a obra do reino. Precisa haver um maior esforço por parte de todo cônjuge ameaçado de divórcio. Precisa haver mais aconselhamento, não só do casal entre si como com os líderes do sacerdócio. Precisa haver mais compreensão universal acerca da natureza eterna do convênio do casamento.

O tempo e a experiência provam que a chave para o sucesso no casamento é a abnegação, pois esta inclina os cônjuges a dialogarem.

A abnegação induz-nos a andarmos a segunda milha.

A abnegação prepara o caminho para a segurança financeira da família.

A abnegação impede o divórcio.

E não concordais comigo que provavelmente as perguntas mais importantes que a pessoa divorciada terá de responder no mundo vindouro, serão:

1. "Você fez todo o possível para salvar seu casamento?"

2. "As verdades do evangelho foram aplicadas ao máximo?"

3. "Você buscou, escutou e seguiu o conselho do sacerdócio?"

Que o Senhor nos abençoe para considerarmos todo casamento como ordenado por Deus; pois, como disse o Presidente Joseph F. Smith, ele é a esperança do gênero humano.

Estes pensamentos eu deixo convosco em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.



Ponderar Fortalece Nossa Vida Espiritual



Élder Joseph B. Wirthlin
Do Primeiro Quorum dos Setenta

"Plantar profundamente boas sementes em vosso coração requer ponderação prolongada, intensa e ininterrupta. É um processo de regeneração profundo e contínuo que refina a alma."

Em uma revelação dada ao Presidente Joseph F. Smith, recentemente acrescida a Doutrina e Convênios como seção 138, há uma importante mensagem para todos nós.

"No dia 3 de outubro", escreve o Presidente Smith, "de 1918, sentei-me em meu escritório ponderando sobre as escrituras.

"E meditando no grande sacrifício expiatório que foi feito pelo Filho de Deus, pela redenção da humanidade...

"Enquanto ponderava essas coisas que estão escritas, os olhos do meu entendimento foram abertos, e o Espírito do Senhor pousou sobre mim." (Versículos 1-2, 11.)

É sobre ponderação e o que pod ser ganho através dela que hoje go taria de falar-lhes.

Ponderar, que significa pesar men talmente, deliberar, meditar, pode conseguir a abertura dos olhos espi rituais do entendimento. Além dis so, o Espírito do Senhor repous sobre o homem que pondera, com descreveu Presidente Smith. Jesu aconselhou os nefitas:

"Por conseguinte, ide para vossa casas meditai sobre estas coisas po mim faladas e pedi ao Pai, em me nome, que vos faça entendê-las." (3 Néfi 17:3.)

As escrituras constantemente no relembram que devemos dar às coi sas de Deus mais do que simples superficial atenção. Devemos pon derá-las, considerar quem somo realmente e em que nos podemo tornar.

Certa ocasião um jovem constru tor acabara de abrir um negócio pró prio. Um amigo de seu pai, que era bastante rico, disse-lhe: "Para dar lhe uma ajuda especial neste seu iní cio, deixarei que construa uma casa para mim. Aqui estão as plantas Não economize em nada. Quero que sejam usados os melhores ma teriais e contratados os melhores operários. O dinheiro não é impor tante. Basta mandar-me as contas

O jovem construtor ficou obceca do pelo desejo de enriquecer através dessa generosa oferta. Em vez de contratar os melhores trabalhadores e comprar os materiais mais resis tentes, burlou seu benfeitor de todas as maneiras que pôde. Finalmente, o último prego de segunda mão foi colocado na parede frágil, e o cons trutor enviou ao amigo de seu pai as chaves e as despesas totalizando

mais de dezesseis milhões de cruzeiros. O cavalheiro, por sua vez, preencheu o cheque e o devolveu com as chaves ao construtor. "A casa que acabou de construir, meu jovem", disse-lhe com um sorriso amigável, "é meu presente para você. Desejo que viva muito feliz dentro dela!"

Nesta história o jovem construtor não mediu as consequências de seus atos e pensamentos desonestos. Se o tivesse feito, talvez compreendesse claramente o que Jesus descreveu há muito tempo atrás:

"Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha;

"E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

"E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, comparálo-ei ao homem insensato, que edificou sua casa sobre a areia.

"E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda." (Mateus 7:24-27.)

Se tivesse ponderado suas ações, este imprudente construtor teria aprendido que consentir em fazer a coisa certa e depois retroceder é pura ruína.

A história deste jovem insensato tem aplicação na vida de todos nós. Devemos ponderar as conseqüências de nossos erros. Generosamente nosso Pai Celestial deu vida a todos os homens sobre a terra, e isso inclui liberdade de ação. Através dessa liberdade vem a responsabilidade de agir e escolher corretamente, e de ter alegria e felicidade. Devemos medir nossos atos e seus resultados. Isto é em si mesmo uma habilidade e deve ser ganha. Não é possível fazer um percurso irresponsável quando se deseja alcançar a felicidade, assim como não existe alegria verdadeira que não envolva abnegação e autodisciplina.

Todos sabemos que o pecado existe em abundância no mundo hoje. Muitas pessoas são viciadas em entorpecentes, que causam problemas mentais, emocionais e físicos; problemas estes de longa duração e extensão. Cônjuges são infiéis, causando a destruição de lares e famílias. Satanás está trabalhando arduamente e conseguindo um sucesso maior do que talvez em qualquer época anterior da história.

É através de sua mente e seu modo de pensar que muitos aderem ao pecado. É ali que ele tem seu início. A experiência ensina que quando desejo e imaginação estão em conflito, vence normalmente a segunda. O que imaginamos pode derrotar nossa razão e fazer-nos escravos em nossa mente do que saboreamos, vemos, ouvimos, cheiramos e sentimos. O corpo é realmente o servo da mente. Jesus disse:

"Mas o que sai da boca, procede do coração, e isso contamina o homem.

"Porque do coração procedem os maus pensamentos." (Mateus 15:18-19.)

James Allen, em seu mui aclamado ensaio *Como o Homem Pensa*, reforça o que tão maravilhosamente Jesus disse. Allen escreveu:

"O homem determina seu próprio destino; no arsenal dos pensamentos ele faz as armas que o destroem e as ferramentas com as quais constrói para si mansões celestiais de felicidade, poder e paz. Através de escolha e aplicação corretas ascende à Perfeição Divina; através do abuso e aplicação errônea, cai ao nível da besta. Entre estes dois extremos estão todos os graus do caráter e o homem é seu obreiro e senhor...

"Tudo o que alcança e tudo o que falha em alcançar é resultado (direto) de seus próprios pensamentos." (New York: Thomas Y. Crowell Co., n.d., pp. 8-9, 34.)

O processo insidioso que leva uma pessoa da virtude ao pecado é sutil e muitas vezes não deliberado. É um processo de ponderar pensamentos errôneos, de plantar no coração sementes do mal. A palavra *semente* é uma ilustração de como ele tem início, e é muito bem descrita por Alma, o grande profeta de O Livro de Mórmon:

"Comparemos, pois, a palavra a uma semente. Se derdes lugar em vossos corações para que uma semente seja plantada, eis que, se for uma semente verdadeira ou boa, e não a rechaçardes por vossa incredulidade, resistindo ao Espírito do Senhor, ela começará a germinar em vosso peito; e quando lhe sentirdes os efeitos começareis a dizer a vós mesmos: Deve realmente ser uma boa semente, ou uma boa palavra, porque começa a dilatar a minha alma e a iluminar o meu entendimento; sim, começa a ser-me deliciosa." (Alma 32:28.)

Plantar profundamente boas sementes em vosso coração requer ponderação prolongada, intensa e ininterrupta. É um processo de regeneração profundo e contínuo que refina a alma.

Cerca de cem anos atrás a Universidade de Stanford, na Califórnia, teve como presidente o ilustre David Stan Jordan.* Estes pensamentos pelo Presidente Jordan, de seu livro *O Poder de Permanecer Limpo*, irão, creio eu, sumarizar minhas convicções neste assunto crítico.

"Vulgaridade (hoje conhecida como pornografia) mostra que há uma interrupção no incentivo do bom gosto e caráter... A vulgaridade debilita a mente e traz consigo todas as outras fraquezas... É vulgar gostar de música profana, ler livros que nos não beneficiarão de nenhuma forma, ler jornais sensacionalistas (ou assistir a programas do mesmo nível) ... divertir-se com romances desprezíveis, teatros obscenos, deleitar-se em brincadeiras impróprias, tolerar grosseria e permissividade em qualquer de suas inúmeras formas...

... a base da intemperança é o esforço de assegurar através das drogas o sentimento de felicidade quando ela realmente não existe. Os homens destroem seu sistema nervoso pelo tilintar de prazeres que sentem como se suas estruturas fossem rompidas." (New York: H. M. Caldwell Co., 1900, pp. 24-25, 27.)

Os pais devem considerar as noites familiares e a responsabilidade de ensinar o evangelho aos seus. Todos os membros da Igreja devem ponderar as instruções recebidas nas reuniões sacramentais, do sacerdócio, da Sociedade de Socorro e os

conselhos dos mestres familiares. Portadores do sacerdócio devem ponderar a responsabilidade de honrar o poder de Deus e ser exemplos de retidão. Líderes de quorum devem refletir sobre seu dever de servir, ensinar e fortificar os membros do quorum e conduzir com amor e bondade. Os jovens devem ponderar os problemas que enfrentam e estar preparados para falar sobre eles com os pais, líderes e seu Pai Celestial. Assim, estes os ajudarão a permanecer limpos e puros.

O Rei Benjamim, um grande profeta de O Livro de Mórmon, no empenho de ser o melhor segundo os padrões de Deus, indica o caminho:

"Mas isso posso dizer-vos, que se não tomardes cuidado convosco mesmos, com vossos pensamentos, palavras e obras, e não observardes os mandamentos de Deus, nem continuardes na fé do que ouvistes, concernente à vinda de nosso Senhor, até o fim de vossa vida, perecereis. E agora, ó homem, lembra-te, para que não pereças." (Mosíah 4:30.)

Jesus aconselhou: "Porque onde estiver vosso tesouro, aí estará também vosso coração." (Mateus 6:21.)

O Presidente Spencer W. Kimball é um modelo, um grande exemplo para nós de um profeta, vidente e revelador que pondera, ora e recebe revelações para o reino.

Que em nossa busca de corações puros, consideremos ações e pensamentos retos, e possamos ser fiéis e diligentes.

Presto sincero e profundo testemunho do poderoso poder transformador destes nobres ideais em nome de Jesus Cristo. Amém.

Orientação Espiritual para os Mestres da Retidão



Élder Gene R. Cook
Do Primeiro Quorum dos Setenta

"Oito normas que auxiliam uma pessoa a livrar-se das mentiras de Satanás e discernir a verdade,"

Em uma área solitária de uma estrada deserta, no verão passado, vimos o que parecia ser uma forte tempestade. Meus filhos apostariam todas suas economias que era mesmo. Em poucos minutos, porém, lá estávamos naquele lugar distante e não vimos sequer uma gota de água. Que ilusão!

Quantas coisas nesta vida nos parecem ser de um jeito e subitamente são o reverso! (Ver Alma 62:41.) É desse modo que age Satanás. Ele cria ilusões com o intento de desviar, enfraquecer e afastar o poder e atenção dos santos dos últimos dias da verdade pura de Deus.

Seu sucesso é particularmente maior quando cria ilusões espirituais que causam uma imitação da espiritualidade, instabilidade espiritual, auto-ilusão — males espirituais plantados pouco a pouco para endurecer o coração dos homens e assim conduzi-los ao pecado, distan-

tes de Deus. (1 Néfi 12:17; 3 Néfi 6:15.)

Que eu possa hoje lhes falar de algumas das astutas ilusões de Satanás que prejudicam a espiritualidade. Ele, com suas mentiras, leva o homem a encher-se de orgulho e dizer: "Sou dono de mim mesmo. Sei que o Senhor vive, mas ele espera que eu trate disso sozinho e não o aborrecerei com detalhes." Por não estar familiarizado com as escrituras, o homem pode desconhecer que Satanás ensina ao mundo a não existência de Deus. Mas aos santos, diz simplesmente: "Há um Deus, mas ele está envolvido em vossa vida *de modo geral*. Não poderia ajudar-vos *especificamente* hoje." Ou ensina ao mundo que não deve orar, e aos santos, diz somente: "Não oreis agora. Não vos estais sentindo bem para fazê-lo neste momento." (Ver 2 Néfi 32:8-9.) Os resultados são idênticos.

Satanás, em outra mentira de vã imaginação, ensina que o homem é espiritual e humilde. A humanidade começa a acreditar em suas palavras e a agir como se realmente o fosse. Começa a se afastar da verdade na qual realmente crê e por causa das ilusões criadas, pensa que ainda está no caminho reto e estreito. (Ver 1 Néfi 8:20.) Desenvolve uma atitude de auto-retidão mas seu coração está endurecido, perdeu a "sensibilidade" (1 Néfi 17:45) e está orgulhoso. O mestre da mentira ensina aos homens a honrarem ao Senhor com os lábios enquanto seu coração está longe dele. (Ver Joseph Smith 2:19.)

A outros ele simula verdades e iguala espiritualidade com conhecimento, com pouca ou nenhuma ênfase na aplicação dessas verdades em sua vida. O homem prossegue seu caminho imaginando ter aprendido, vangloriando-se de seu próprio entendimento (ver Provérbios 3:5, 2 Néfi 9:28), buscando a honra e reconhecimento dos homens, e pensando que é suficiente ensinar e não praticar. Seu conhecimento, então, torna-se uma ilusão, uma pedra de tropeço (ver 2 Néfi 26:20) para ter o Espírito do Senhor.

A alguns o Senhor dá grandes bênçãos materiais. Astuciosamente, porém, Satanás cria mentiras e muda o uso dessas bênçãos. Incita os homens a colocarem seu coração nas coisas deste mundo. (Ver D&C 121:35.) O homem começa a não mais estimar seus irmãos como a si mesmo, mas cria divisões, desigualdades e contendas entre o povo. Sim, ele é o mestre da mentira desde o início; ele é o "autor de todo pecado . . . leva avante suas tenebrosas obras . . . à medida que consegue apoderar-se do coração dos filhos dos homens." (Helamã 6:30.)

Neste mundo de ilusões, Satanás propaga egoísmo, incredulidade, temor, dúvida, ganância, instabilidade espiritual e uma preocupação egoísta no coração dos homens. É o mestre construtor dos desvios espirituais para desperdiçar tempo, desviar a atenção do que é bom, e enfraquecer a receptividade espiritual. Deseja enganar especialmente os santos dos últimos dias, pois são os que sabem a verdade sobre ele, são os que podem influenciar a seu próximo no ensino e vivência do evangelho no lar, nas salas de aula, no púlpito, e no mundo. Nestes dias de crescente decepção — e muito mais há de vir — o homem precisa estar

cônscio das armadilhas espirituais de Satanás e ter certeza de seu próprio julgamento.

Gostaria de sugerir oito normas através das quais podeis medir vosso próprio entendimento do evangelho assim como as doutrinas ensinadas por outros, a fim de ajudar a vos livrar das mentiras e discernir a verdade. Tais normas podem ser chamadas de "Orientação espiritual para os mestres da retidão."

1. O mestre não somente ensinará a verdade, mas o Espírito do Senhor confirmará o que disser e também a ele próprio. (Ver D&C 50:17-22.) Ambos devem ser motivo de confirmação espiritual a qualquer momento. Não ensinará sem autoridade nem falará por si mesmo, sabendo que até os escolhidos podem ser enganados. (Ver Mateus 24:24.)

2. Apoiará as Autoridades Gerais e seus líderes locais, reconhecendo que são guias da verdade. Desejará seguir seu exemplo e obedecer a seus ensinamentos em todos os assuntos espirituais e temporais, pois sabe que o Senhor lhe dá o dom do discernimento. (Ver D&C 46:27.) Não censurará, criticará nem falará maldosamente dos líderes escolhidos do Senhor, pois reconhece nisso uma prévia advertência de apostasia.

3. Ensinará através das escrituras sagradas e o que disser será confirmado pelo Espírito Santo. (Ver D&C 52:9.) Não ensinará "como doutrina os mandamentos dos homens" (Joseph Smith 2:19). Não mesclará história e opiniões mundanas com as escrituras nem desperdiçará momentos de instrução religiosa pregando coisas sobre as quais podemos somente especular; ou ainda filosofias do mundo, mostrando desse modo as opiniões de Satanás. Não ensinará "doutrinas" ainda não reveladas pelo profeta do Senhor. (Ver D&C 28:2-3.) Ele sabe que as escrituras conduzem o homem à fé em Deus e ao arrependimento, que transformam o coração. (Ver Helamã 15:7, Alma 37:8.)

4. Ensinará com simplicidade os princípios do evangelho, conforme as necessidades reais do povo, como fé, arrependimento e oração, e às quais todos os homens podem obedecer. (Ver D&C 19:31; Alma 26:22.) Deverá alcançar o simples objetivo e não tentará fazer nada além disso, usando de exageros, ensinamentos superficiais, acrescentando palavras às escrituras ou pregando extremos de qualquer princípio como orações excessivamente prolongadas, doutrinas falsas sobre o Salvador ou sobre Adão, extremos de dieta, política ou investimentos. Lembrar-se-á de que Satanás opera nos extremos. Conhece a exatidão da doutrina do Senhor mas também a temperança em "todas as coisas". (Ver D&C 12:8.)

5. Falará à luz do dia. (Moroni 7:15, 18-19.) Não pregará doutrinas secretas de grupos elitizados que sabem mais do que a maioria ou de ordenações secretas. (Ver Jacó 4:13; D&C 42:11.) O que quer que seja, fará às vistas do povo. Sabe que doutrinas e ordenações são submetidas ao voto e conhecimento dos santos.

6. Igualar-se-á àqueles que ensina, não estimará mais a si mesmo do que aos seus irmãos. (Ver Jacó 2:17.) Buscará excelência ante o

Senhor, porém não sobrepujará seus companheiros na obra. (Ver D&C 58:40-41.) Sabe que "ninguém é aceitável perante Deus sem que seja humilde e brando de coração." (Morôni 7:44.)

7. Ansiará por glorificar o Senhor. Recusará assumir qualquer glória pessoal. Jamais se beneficiará com astúcia eclesiástica — isto é, pregar e estabelecer-se como a luz do mundo para lucrar ou ter o louvor dos homens. (Ver 2 Néfi 26:29; Mosíah 18:26.) Será um pregador da retidão, combaterá vigorosamente o pecado, terá os olhos voltados para Deus (Ver D&C 4:5), não para os benefícios, louvor ou popularidade individual entre os homens. Reconhece que aspirações mundanas são um caminho fácil para a apostasia.

8. Estará pessoalmente em constante arrependimento. (Ver Morôni 8:26.) Será um exemplo de humildade, caridade, pureza e dependência do Senhor. Não somente ensinará a doutrina, mas também a viverá. (Ver D&C 41:5; 52:15-16.) Mostrará claramente a quem representa.

Resumindo, como podeis esquivar-vos de ensinar e viver semi-verdades, como tem acontecido com tantos? Acaso não será mantendo vossa própria espiritualidade? O que é a espiritualidade verdadeira? Será conhecimento, intelecto, sabedoria acadêmica? Talvez mais do que qualquer coisa seja uma condição contínua de purificação do coração. É ter os olhos voltados somente para Deus. (Ver D&C 4:5.) É um coração quebrantado e um espírito contrito. (Ver 3 Néfi 9:20; D&C 136:32-33.) É um desejo "de todo o coração" (D&C 18:27).

Tendo oportunidade de estar com as Autoridades Gerais há muitos anos, vejo neles uma característica importante, assim como em outros líderes espirituais; é seu desejo de tomar sobre si o nome do Senhor "de todo o coração", um desejo de servir ao Senhor acima de todas as coisas, a qualquer custo. (Ver D&C 18:27-28, 38.)

Não nos deve surpreender que os requisitos do Senhor para servi-lo nos chamados da Igreja sejam as condições do coração (ver D&C 4; 12:8; 41:11), e não apenas o que o Senhor disse, "Eu, o Senhor, julgarei a todos os homens segundo suas obras, segundo os desejos de seus corações." (D&C 137:9.)

Irmãos e irmãs, nenhum santo dos últimos dias se perderá se seguir o conselho inspirado do Senhor e de seus servos. Testifico que se um homem mantiver sua própria espiritualidade, ao:

- orar constantemente
- estudar e ponderar continuamente as escrituras e
- obedecer a seus líderes seguindo a luz e verdade que conhece agora — não será enganado.

Que o Senhor nos abençoe a todos para não sermos iludidos pelas mentiras do pecado. Que possamos permanecer em sintonia com o espírito, entregando nosso coração ao Senhor, cada vez mais firmes na fé (Helamã 3:35) é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Amor de Deus Supera Nossas Transgressões



Elder Ronald E. Poelman
Do Primeiro Quorum dos Setenta

"Todavia, precisamos da influência fortalecedora de nosso Pai para ajudar-nos a sobrepujar fraquezas, arrepender-nos e nos reconciliarmos com ele."

O pescador galileu Simão Pedro ao reconhecer pela primeira vez o poder divino de Jesus, exclamou: "Ausenta-te de mim, que sou um homem pecador." (Lucas 5:8.)

Todos nós, em determinada época, podemos sentir-nos como Pedro, conscientes de nossas falhas e intimidados pelo pensamento da aproximação do Senhor. A transgressão nos faz sentir estranhos ao Pai Celestial; achamos ser indignos de seu amor e tememos sua desaprovação.

Todavia, mesmo tendo transgredido suas leis ou desobedecido aos seus mandamentos, precisamos da influência fortalecedora de nosso Pai para ajudar-nos a sobrepujar fraquezas, arrepender-nos e nos reconciliarmos com ele. Um pecado do qual não nos tenhamos arrependido tende a se tornar habitual e é freqüentemente acompanhado de um profundo sentimento de culpa que torna o arrependimento cada vez mais difícil. Este sentimento de distanciamento do Senhor torna-se, em si mesmo, uma barreira para o arrependimento e reconciliação com ele.

Ao saber que ofendemos nosso Pai Celestial, receamos pedir seu auxílio, achando que o não merecemos. Paradoxalmente, quando mais necessitamos da influência do Senhor, menos somos dignos dela. Contudo, ele nos diz em tais circunstâncias, como disse Jesus ao temeroso Pedro, "não temas". (Lucas 5:10.)

Minha mensagem hoje será melhor ilustrada através das experiências de um jovem casal a quem chamarei John e Gayle.

John era um jovem zeloso, amável e carinhoso, cujas ações se mostravam francas e abertas. Procurava sinceramente obedecer aos mandamentos do Senhor e encontrar satisfação nas alegrias da vida familiar. Gayle, sua esposa, era jovem, atraente e alegre porém mais inclinada aos interesses e atividades do mundo. A sociedade em que viviam era, de maneira geral, de riqueza e abundância em bens materiais. As pessoas pareciam muito preocupadas com seus ganhos temporais, status social, diversões e auto-satisfação. Os líderes religiosos estavam preocupados com a evidente separação da vida familiar e os padrões morais.

Nos primeiros anos de casamento, John e Gayle foram abençoados com filhos, primeiro um menino e depois

uma menina, mas Gayle mostrava-se desinteressada de suas responsabilidades no lar. Almejava fascinação e deslumbramento em sua vida e freqüentemente estava fora de casa, em festas e reuniões nem sempre acompanhada do marido. Em sua vaidade, encorajou e correspondeu às atenções de outros homens, até que eventualmente foi infiel às promessas solenes de seu casamento.

Enquanto isso, John incentivou-a a apreciar as alegrias da vida familiar e experimentar as recompensas da observância às leis de Deus. Foi paciente e amável, mas em vão. Pouco após o nascimento do terceiro bebê, um menino, Gayle abandonou o marido e filhos, unindo-se aos amigos mundanos em uma vida de autoindulgência e imoralidade. Assim rejeitado, John sentiu-se humilhado e triste.

Muito rápido, porém, o encantamento e deslumbre que atraíram Gayle perderam seu encanto. Seus assim chamados amigos cansaram-se dela e a abandonaram. À medida que descia cada degrau, sua vida se tornava mais e mais infeliz. Às vezes reconhecia seus erros e o que havia perdido, mas não via como voltar à vida anterior com sua família. Possivelmente John não mais a amasse. Sentia-se totalmente indigna de seu amor e sem direito a seu lar e família.

Um dia John a reconheceu, enquanto andavam na rua. Ele teria motivo de evitá-la, mas não o fez. Ao observar o efeito das recentes experiências de sua vida, que eram evidentes, foi acometido de compaixão — um desejo de aproximar-se dela, de alcançá-la. Sabendo de suas dívidas, liquidou-as e levou a esposa de volta para casa.

Em pouco tempo percebeu, primeiramente com tristeza, que ainda a amava. A par de seu amor por ela e da disposição que tinha Gayle de modificar-se e iniciar novamente, crescia em seu coração um sentimento de perdão misericordioso, um desejo de ajudá-la a esquecer o passado e aceitá-la de novo inteiramente como esposa.

Através desta experiência pessoal nasceu em John uma outra consciência, profunda; uma percepção da natureza do amor de Deus por nós, seus filhos. Mesmo que negligenciemos seu conselho, desobedeçamos a seus mandamentos e o rejeitemos, quando reconhecemos nossos erros e desejamos arrepender-nos, ele quer que o busquemos e assim nos aceitará.

John preparou-se por sua experiência pessoal, para uma missão divina. Mesmo contando esta história com outras palavras, esta foi a circunstância real, talvez alegórica, que envolveu Oséias, profeta do Velho Testamento, e Gomer, sua esposa.

Descrevendo Deus à antiga Israel como um pai amoroso e misericordioso, Oséias exemplificou mais do que os profetas do Velho Testamento, o espírito e mensagem do Novo Testamento, do Livro de Mórmon, e das revelações modernas.

Nestes últimos dias o Senhor disse:

"Pois Eu, o Senhor, não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância;

"Entretanto, aquele que se arrepende e faz a vontade do Senhor, será perdoado." (D&C 1:31-32.)

Ao desobedecer às leis e transgredir os mandamentos de Deus, nós o ofendemos e nos distanciamos dele, não merecendo seu auxílio, inspiração e poder. Mas o amor de Deus por nós supera nossas transgressões.

Quando desprezamos suas leis, a justiça requer que seja feita uma compensação — requisito que somos incapazes de cumprir. Além de seu amor divino por nós, todavia, nosso Pai providenciou um plano e um Salvador, Jesus Cristo, cujo sacrifício satisfaz as exigências da justiça e torna possíveis o arrependimento, o perdão e a reconciliação com nosso Pai. Porque na verdade "Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16)

Podemos aceitar esse grande dom através da fé em Jesus Cristo e do arrependimento, seguido do convênio feito com ele no batismo da água e do Espírito. (Ver João 3:5.) Então, ao receber o sacramento a cada semana, renovamos os convênios de "recordá-lo sempre e guardar os mandamentos que ele... deu". A promessa que acompanha este convênio é "que possam ter sempre consigo o seu Espírito". (D&C 20:77.)

A antiga mensagem de Oséias é repetida e elaborada nas escrituras. Por intermédio de Isaías, outro profeta do Velho Testamento, o Senhor disse a seu povo:

"Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos: cessai de fazer mal:

"Aprendei a fazer bem...

"Vinde então, e argüi-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve: ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã." (Isaías 1:16-18.)

Falando a Alma, o profeta nefita, o Senhor ainda disse: "Digo-te, portanto: Vai, e ao que transgrida contra mim julgarás de acordo com os pecados que houver cometido; e se confessar seus pecados diante de ti e de mim, e se arrepender com sinceridade de coração, a ele perdoarás, e eu também o perdoarei.

"Sim, e tantas vezes quantas o meu povo se arrepender, eu o perdoarei de seus pecados contra mim." (Mosíah 26:29-30.)

Freqüentemente tornamos o arrependimento mais difícil uns aos outros, ao falhar em nos perdoarmos mutuamente. Somos admoestados, porém, na revelação moderna, a "perdoar uns aos outros; pois aquele que não perdoa a seu irmão suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior.

"Eu, o Senhor, perdoo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens." (D&C 64:9-10.)

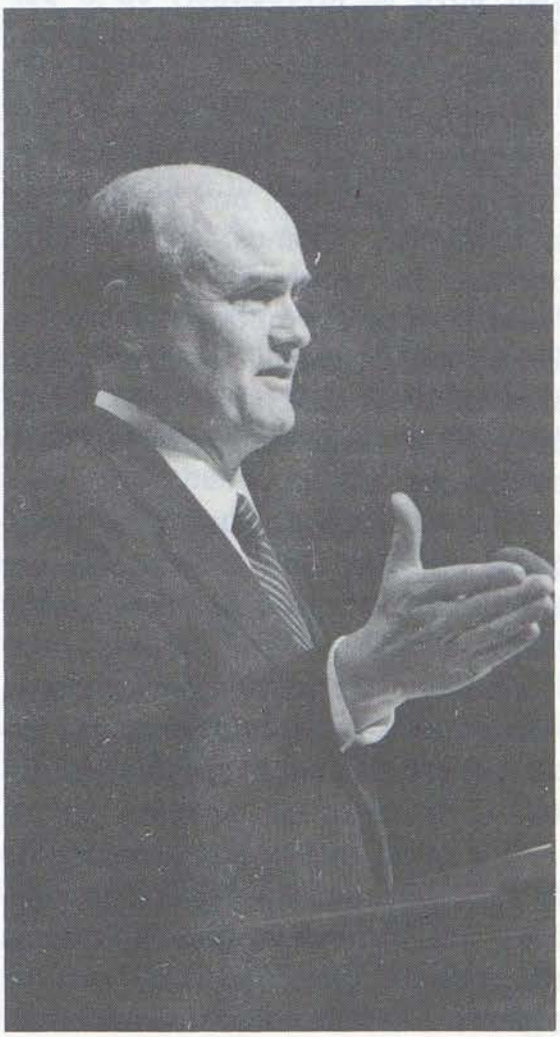
Também da revelação moderna vem um dos mais confortantes e esperançosos pronunciamentos já ditos:

"Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e Eu, o Senhor, deles não mais me lembro." (D&C 58:42.)

Deus é nosso Pai; ele nos ama; seu amor é infinito e irrestrito. É grande seu pesar quando desobedecemos a seus mandamentos e viola-

mos suas leis. Ele não pode perdoar simplesmente todas as nossas transgressões, mas nos ama e quer que voltemos a sua presença.

Não conheço maior persuasão ao arrependimento e reconciliação com nosso Pai Celestial do que estar cônscio de seu amor pessoal e individual por nós. É minha oração que essa consciência possa crescer em cada um de nós, à qual vos acrescento testemunho pessoal que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus, o Salvador de toda a humanidade, e nosso Redentor, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém.



O Que nos Ensina o Evangelho



Élder LeGrand Richards
Do Quorum dos Doze Apóstolos

"A Igreja me ensina que sou um filho de Deus, o Pai Eterno e, portanto, tenho dentro de mim, em estado embrionário, à espera de desenvolvimento, todos os atributos de meu Pai."

Tenho orgulho de ser membro desta grande Igreja — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nome realmente apropriado para a verdadeira Igreja de Cristo ostentar na dispensação da plenitude dos tempos. Eu amo a Igreja por causa do que me ensina.

Anos atrás, durante a guerra, o Élder John A. Widtsoe foi para a Grã-Bretanha presidir a Missão Européia. Quando o funcionário do serviço de imigração viu por seus papéis quem ele era, disse: "Nada feito. Temos deixado seus missionários entrar, mas não queremos nenhum de seus líderes aqui — sente-se." O Élder Widtsoe obedeceu.

Pouco depois, o funcionário o chamou e disse: "Vou deixá-lo entrar

em meu país." E perguntou: "O que vai ensinar aos meus conterrâneos?" O Irmão Widtsoe respondeu: "Vou ensinar-lhes de onde vieram, por que estão aqui e daqui aonde vão."

Erguendo os olhos, o funcionário quis saber: "Mas é isso que sua igreja ensina?"

— É sim.

— Pois a minha não.

A meu ver, esse conhecimento vale mais que todas as riquezas do mundo. Se não soubermos de onde viemos, por que estamos aqui, aonde vamos, nem como chegar lá, somos igual a um navio sem leme, sem vela, sem piloto. Possivelmente conseguiríamos manter-nos flutuando, mas nunca chegaríamos a um porto.

Minha religião me ensina que sou um filho de Deus, o Pai Eterno e, portanto, tenho dentro de mim, em estado embrionário, à espera de desenvolvimento, todos os atributos de meu Pai, exatamente como meus filhos são parecidos comigo e eu com meu pai terreno.

O Senhor encontrava-se no meio dos espíritos antes deste mundo ser criado. E disse que entre eles havia muitos grandes e nobres — e estes não poderiam ser grandes e nobres sem nada terem feito para assim se tornarem antes de nascerem neste mundo. Ele disse aos que estavam com ele: "Desceremos, pois há espaço lá... e faremos uma terra onde estes possam morar;

"E prová-los-emos com isto, para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar."

A seguir, acrescentou: "E aos que guardarem seu primeiro estado lhes será acrescido; e os que não guardarem o primeiro estado não terão glória no mesmo reino com aqueles que guardarem seu primeiro estado; e os que guardarem seu segundo estado, terão aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre." (Abr. 3:24-26.)

Sou grato ao Senhor por minha igreja ensinar-me que guardei meu primeiro estado no mundo espiritual, pois do contrário teria sido lançado fora com Satanás e um terço das hostes celestes. E ouviu-se o brado: "Ai dos que habitam na terra... porque o diabo desceu entre vós," e "anda em derredor... buscando a quem possa tragar." (Apoc. 12:12; I Pedro 5:8.) E assim, o fato de haver guardado meu primeiro estado, deu-me direito de gozar de todas as belezas e alegrias deste mundo, já mencionadas na reunião de hoje. E deu-me direito a este corpo — e talvez nem mesmo consiga apreciar como deveria o que isto significa, lendo as escrituras.

A seguir, lemos como Jesus expulsou os demônios do homem possesso. Indagando seu nome, ele respondeu: "Legião" pois legiões haviam-se apossado do homem. E esses demônios estavam tão ávidos de ter um corpo, que pediram permissão para entrar no corpo de porcos que ali pastavam. E Jesus o permitiu; e os porcos precipitaram-se no mar, morrendo afogados. (Vide Marcos 5:1-17.) Imaginai a ânsia desses espíritos de conseguirem um corpo. E por termos guardado nosso primeiro estado, estamos agora no segundo.

Aprecio imensamente a passagem bíblica em que Enoque, o profeta que foi transladado aos céus com seu povo, obteve ainda em vida a certeza de haver agradado ao Senhor. (Vide Hebreus 11:5.) Creio que, guardando seus mandamentos — fazendo todas as coisas que o

Senhor Deus nos mandou (vide Deut. 12:32; Mat. 28:20) — nós também podemos obter a certeza, vinda pelo Santo Espírito, de que nossas obras são aceitáveis ao Senhor e somos do seu agrado.

Sou-lhe grato pelas muitas maravilhosas verdades, várias das quais foram aqui proclamadas hoje. O princípio do casamento eterno — simplesmente não consigo imaginar-me vivendo eternamente no mundo vindouro, sem a companhia de minha querida esposa e filhos. Como sou grato a Deus por eles e pelo conhecimento de que o casamento e a unidade familiar se destinam a durar para sempre, conforme o Senhor proclama tão claramente nas santas escrituras.

Penso em meus filhos, um por um (e tenho mais de cem descendentes), e vejo o que estão realizando e a nobreza de sua vida, mal podendo compreender que sou o pai deles. Isto me aproxima muito mais de tornar-me um deus do que outra coisa qualquer que possa fazer nesta vida. Desde minha juventude e como adulto, venho tentando viver de tal forma diante desses filhos e descendentes, que, se andarem em minhas pegadas, estarão honrando seu segundo estado e preparando-se para terem aumento de glória sobre suas cabeças para todo o sempre.

Além destes, há tantos outros princípios maravilhosos do evangelho. Da primeira vez que fui missionário, nunca encontrei alguém que acreditasse num Deus pessoal. É uma alegria imensa reconhecer que Cristo deu sua vida por nós, assumindo os pecados do mundo, conforme diz Paulo: "Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (I Cor. 15:22) e saber que o Pai dele é tão real quanto o meu, e que ambos se revelaram como personagens gloriosos nesta dispensação, após séculos de trevas, ao Profeta Joseph Smith. Segundo o Livro de Mórmon o Senhor o fez esperar milhares de anos para vir nesta época, a fim de proporcionar aos homens o conhecimento da verdade. São grandes verdades e muitas mais há para ensinar.

Ao escrever o livro *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro* como instrumento missionário, escolhi esta declaração de Isaías: "Pois que este povo se aproxima de mim, e com sua boca, e com seus lábios me honra, mas seu coração se afasta para longe de mim e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens." Depois continua: "Eis que (por isso, eu, o Senhor) continuarei a fazer uma obra maravilhosa no meio deste povo; uma obra maravilhosa e um assombro, porque a sabedoria dos seus sábios perecerá, e o entendimento dos seus prudentes se esconderá." (Isaías 29:13-14.) A mensagem da Igreja é esta obra maravilhosa e um assombro antevista por Isaías, para quando os homens ensinassem preceitos humanos como doutrina.

Sendo um missionário, gostaria de contar-vos uma ou duas experiências, enquanto meu tempo permitir, a fim de esclarecer o que Isaías quis dizer, ao afirmar que o Senhor seria adorado por preceitos humanos.

Ao terminar minha primeira missão em Amsterdã, na Holanda, faz mais de setenta e cinco anos, fui convidado por um membro da Igreja a conversar com uma vizinha sua. Chegando lá com meu companheiro,

encontramos a tal vizinha, mas em companhia de seu ministro. Como tivemos uma pequena divergência de opinião a respeito do sacerdócio, ele me desafiou para um debate em sua igreja na noite do sábado seguinte.

Chegando lá, encontramos a igreja repleta. Estavam presentes a congregação dele e todos os nossos membros. Como nossa gente descobriu, não sei; eu não lhes contara nada!

Levantando-se, o ministro falou:

— Como o Sr. Richards é convidado em nossa igreja, vamos dar-lhe o privilégio de abrir o debate; cada um terá vinte minutos para falar. Está bem para o senhor?

— Perfeitamente, respondi.

Mal sabia ele que eu daria praticamente qualquer coisa por esse privilégio que me oferecia graciosamente! Não sei se o Senhor teve a ver alguma coisa com o fato, mas acho que sim!

Levantando-me, falei:

— A última vez que conversei com meu amigo, divergimos a respeito do sacerdócio. Hoje vim preparado para discutir o assunto, mas não me proponho a começar por esse ponto. (Era um dos argumentos fortes em minha missão.) Quem constrói uma casa não começa pelo telhado, antes de ter levantado os alicerces.

Como concordaram comigo, prossegui: — Proponho-me a lançar o alicerce do evangelho de Jesus Cristo, — e escolhi o capítulo seis de Hebreus, onde Paulo diz:

"Deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus,

"E da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno." (Hebreus 6:1-2.)

Passei depressa pela fé e arrependimento — achando que criam neles. Demorei-me no batismo por imersão para remissão dos pecados, até todos concordarem comigo.

Chegou então a vez da imposição das mãos para o dom do Espírito Santo, no que não acreditavam. Jamais encontrei uma igreja, exceto a nossa, que acreditasse nisso; eles pensam que o Espírito Santo vem como a brisa que afaga nossa cabeça. Citei a passagem que diz que, quando os apóstolos ouviram que o povo de Samaria havia aceito a palavra de Deus pela pregação de Filipe, mandaram Pedro e João. E lá chegando, eles oraram pelo povo, impuseram-lhes as mãos e eles receberam o Espírito Santo. E quando Simão, o adivinho, viu que os apóstolos conferiam o Espírito Santo pela imposição das mãos, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: "Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo.

"Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro." (Atos 8:19-20.)

A seguir, citei mais algumas referências acerca da imposição das mãos para o dom do Espírito Santo, e sentei-me.

O ministro falou durante vinte minutos e nem uma vez sequer mencionou uma palavra do que eu dissera. Começou falando do massacre de Mountain Meadows e da "Bíblia Mórmon", declarando que Joseph Smith admitira que continha muitos

erros; a seguir, disse mui corajosamente:

— Agora, se o Sr. Richards quiser esclarecer estes pontos, estou certo de que será muito apreciado pelos presentes.

Coloquei-me de pé no mesmo instante. (Mais tarde, meu companheiro comentou: "Como conseguiu pensar tão depressa?" — "Sobre o que você esteve orando a semana inteira?" respondi.) — E falei:

— Nos dias do Salvador, seus inimigos procuraram lográ-lo com astúcia e muita habilidade. Suponho que nenhum dos presentes gostaria de que recorrêssemos à velha tática. Pelo que entendo por debate, é a apresentação de argumentos em resposta aos apresentados primeiro. Este senhor deu resposta a algum dos meus argumentos?

Todos concordaram que não. Prossegui:

— Muito bem, meu amigo, eu lhe concedo mais vinte minutos.

Ele não podia rebater-me, e eu sabia disso. Finalmente, a esposa dele levantou-se na platéia e disse:

— A proposta do Sr. Richards é justa. Você deveria responder-lhe.

Mas ele não podia, e eu falei ao meu companheiro: "Levanta e passa-me o capote e o chapéu."

Eu lhe disse: "Dou-lhe mais uma oportunidade. Estou disposto a ficar aqui até as dez horas de amanhã de manhã, quando devo estar em minha igreja, desde que este debate prossiga nos termos propostos pelo senhor. Caso contrário, vou sair com meu companheiro e pedir a nossos membros que saiam também, deixando a seu cargo esclarecer para sua gente o que foi dito aqui esta noite.

Depois disso, encontrei-o na rua diversas vezes, mas ele abaixava a cabeça para não ter de falar comigo!

Era isto que Isaías quis dizer quando afirmou que ensinavam preceitos humanos como doutrina.

Vou contar-vos mais outra. Enquanto era presidente de missão em Quitman, Georgia, proferi um sermão a respeito da duração eterna do convênio do casamento e da unidade familiar. Apresentei um cartaz com as crenças de diversas igrejas sobre alguns pontos importantes constando de pronunciamentos oficiais de seus líderes. E nenhuma delas cria que a unidade familiar ou o convênio do casamento perduras se além da morte. Ao término da reunião, encontrava-me junto à porta, quando se aproximou um senhor que se apresentou como ministro batista, e eu perguntei-lhe:

— Acaso fiz alguma afirmação errada hoje?

Ele respondeu: "Não, Sr. Richards; é exatamente como o senhor falou. Nem todos acreditamos em tudo o que nossas igrejas ensinam."

— O senhor também não acredita. Por que não ensina a verdade a sua gente? Do senhor eles a aceitarão; ainda não estão preparados para aceitá-las dos élderes mórmons.

Ele disse: "Voltarei a vê-lo."

Foi tudo o que consegui dele naquela noite!

Quando voltei lá, uns quatro meses mais tarde, tendo sabido de minha presença pelos jornais, ele estava novamente ali do lado de fora da pequena capela. Ao cumprimentá-lo, eu disse:

"Gostaria de saber o que achou do meu último sermão."

— "Sr. Richards, venho pensando nele desde aí, e acredito em cada palavra que disse, apenas gostaria de ter ouvido o resto." (Jamais conseguimos dizer tudo o que queremos; por isso, pedi ao Irmão Benson que batesse em minha perna, quando meu tempo tivesse acabado!)

Quero contar-vos mais uma experiência, se houver tempo. Lá em Utrecht, Holanda, havia um seminário para formação de clérigos, e os moços que estavam estudando para o ministério costumavam ficar do lado de fora da capela ouvindo nossas reuniões. E quando a reunião terminava, eles entravam para discutir conosco.

Consegui convencer um deles de que o batismo para remissão dos pecados deveria ser por imersão, seguido da imposição das mãos para o dom do Espírito Santo. Ele nunca havia sido ensinado a respeito e não acreditava nisso. Disse-me:

— "Sr. Richards, acha que o Senhor nos responsabilizará se ensinarmos coisas que sabemos não estarem de pleno acordo com as santas escrituras?"

Respondi: "Meu amigo, prefiro deixar o Apóstolo Paulo responder a esta pergunta. Ele disse: 'Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.' (Gal. 1:8.) E não houve mais nenhum argumento.

Penso que meu tempo acabou. Deus vos abençoe a todos. Eu amo o Senhor. Amo sua igreja. Amo os santos. Amo a todos. Deus vos abençoe, eu oro, e deixo-vos minha bênção em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Sessão do Sacerdócio
3 de abril de 1982

A Doutrina do Sacerdócio



Élder Bruce R. McConkie
Do Quorum dos Doze Apóstolos

"A doutrina do sacerdócio se conhece unicamente por revelação pessoal — linha sobre linha, preceito sobre preceito, pelo poder do Espírito Santo."

Meus irmãos do sacerdócio: A todos vós, portadores do Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque, lanço este desafio: Vinde, aprendei a doutrina do sacerdócio; vinde, vivei como convém a um servo do Senhor.

Essa doutrina, a doutrina do sacerdócio — desconhecida do mundo e pouco conhecida até mesmo na Igreja — não se aprende apenas das escrituras; não é explicada nos sermões e ensinamentos dos profetas e apóstolos, a não ser em pequena medida.

A doutrina do sacerdócio se conhece unicamente por revelação pessoal — linha sobre linha, preceito sobre preceito, pelo poder do Espíri-

to Santo àqueles que amam e servem a Deus com todo seu coração, poder mente e força. (Vide D&C 98:12.)

A todos nós foi revelada a promessa de que, se nossa alma estiver cheia "de caridade para com todos os homens e para com a família da fé" e permitirmos que "a virtude adorne os (nossos) pensamentos incessantemente; então (nossa) confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre a (nossa) alma". (D&C 121:45.)

Tenho pensado e ponderado e orado a respeito da melhor maneira de proclamar a doutrina do sacerdócio.

Tenho pensado, ó se eu pudesse falar com voz de sete trovões ou proclamar a palavra com dez mil trombetas, então os homens ouviriam a mensagem.

Recordo, porém, como Alma desejou poder falar com a trombeta de Deus, com uma voz que fizesse estremecer a terra, ao proclamar arrependimento a todos os povos. (Vide Alma 29:1.) E sei que o Senhor não trabalha dessa maneira. Sua palavra vai avante pela boca de seus servos enquanto ministram e labutam em sua fraqueza. A palavra então penetra nos corações receptivos através da voz mansa e delicada do Espírito. (Vide D&C 85:6.)

De que outra maneira senão pelo poder do Espírito pode alguém entender as verdades espirituais? Como se consegue descrever um Deus infinito com termos finitos?

Poderá nossa voz, fraco e distante eco terreno, retransmitir a glória, e o poder da Voz Eterna que fala nos céus? Pode o homem em sua fraqueza e fragilidade visualizar Deus em seu poder e potência?

Conhecendo nossas limitações, não obstante arrazoemos juntos para assim, quem sabe, conseguir ao menos um vislumbre desse poder que criou os mundos. Talvez consigamos ver como e de que maneira nós, mortais, podemos usar esse mesmo poder em benefício de nossos semelhantes e para nos salvar.

Qual, então, é a doutrina do sacerdócio? Que doutrina é essa, elaborada nas cortes celestes, capaz de destilar como orvalho dos céus sobre os homens fiéis? (Vide D&C 121:45.)

O sacerdócio é um poder inigualado na terra ou nos céus. É o próprio poder de Deus, o poder pelo qual foram feitos os mundos, o poder que regula, sustém e preserva todas as coisas. É o poder da fé, a fé pela qual o Pai cria e governa. Deus é Deus por ser a personificação de toda fé, todo poder e todo sacerdócio. A vida que vive é denominada vida eterna.

E na mesma medida em que nos igualamos a ele, obtemos sua fé, adquirimos seu poder e exercemos seu sacerdócio. E quando nos tivermos tornado iguais a ele no pleno e verdadeiro sentido da palavra, também teremos vida eterna.

Fé e sacerdócio andam de mãos dadas. Fé é poder e poder é sacerdócio. Depois de conseguir fé, recebemos o sacerdócio. Então, através do sacerdócio, crescemos na fé até, tendo todo o poder, nos tornarmos iguais ao nosso Senhor.

Nosso tempo aqui na mortalidade deve ser um tempo de experiência e provação. Enquanto aqui nos encon-

tramos temos o privilégio de aperfeiçoar nossa fé e crescer no poder do sacerdócio.

Recebemos o sacerdócio primeiramente na existência pré-mortal e depois como mortais. Adão tinha as chaves e usou o sacerdócio ao participar da criação da terra. Depois de batizado, recebeu de novo o sacerdócio e agora é o sumo sacerdote presidente de toda a terra.

Todos nós que temos chamados para ministrar no santo sacerdócio, fomos preordenados ministros de Cristo e para virmos à terra no tempo e dias designados a nós, e para cumprir nossa missão.

O santo sacerdócio fez muito mais para aperfeiçoar os homens nos dias de Enoque do que em qualquer outra época. Conhecido então como a ordem de Enoque (vide D&C 76:57), foi o poder pelo qual ele e seu povo foram transladados. E isto aconteceu porque tinham fé e exerciam o poder do sacerdócio.

Foi com Enoque que o Senhor fez o convênio eterno de que todos os que recebessem o sacerdócio teriam poder, pela fé, para governar e controlar todas as coisas na terra, para vencer os exércitos de nações e apresentar-se em glória e exaltação perante o Senhor.

Melquisedeque foi outro homem de fé semelhante cujo "povo cultivou a retidão, e obteve o céu, e buscou (emular) a cidade de Enoque". (Trad. Joseph Smith — Gên. 14:34) A partir daí o sacerdócio passou a ser chamado segundo seu nome.

Na Igreja existem dois sacerdócios: o Aarônico ou Levítico, e o de Melquisedeque. O Aarônico é um sacerdócio preparatório, um sacerdócio de instrução, um sacerdócio menor, um sistema divino que prepara o homem para receber o Sacerdócio de Melquisedeque.

O Sacerdócio de Melquisedeque é a mais alta e santa ordem já concedida ao homem na terra. É o poder e autoridade para fazer tudo que for necessário para salvar e exaltar os filhos dos homens. É o mesmo sacerdócio portado pelo próprio Senhor Jesus Cristo e por cuja virtude pôde alcançar vida eterna no reino de seu Pai.

Ambos os sacerdócios são concedidos por convênio. (Vide D&C 84: 33-41.) Ambos ultrapassam qualquer poder terreno; ambos preparam o homem para a salvação.

Os que recebem o Sacerdócio Aarônico prometem e fazem convênio de magnificar seus chamados, servir no ministério do Mestre, abandonar o mundo e viver como convém aos santos.

Em troca, o Senhor promete e faz convênio de expandir a condição e estado de todos os que guardam o convênio aarônico. Promete ainda conceder-lhes o Sacerdócio de Melquisedeque, do qual emana a vida eterna.

Quem recebe o Sacerdócio de Melquisedeque promete e faz convênio, diante de deuses e anjos, de magnificar seus chamados, viver "de toda a palavra que sai da boca de Deus" (D&C 84:44), de casar-se para o tempo e toda a eternidade pela ordem patriarcal, viver e servir como o Senhor Jesus Cristo fez em sua vida e ministério.

Em contrapartida, o Senhor promete e faz convênio de dar-lhe tudo o que seu Pai possui, a saber, a vida

eterna que é exaltação e divindade na esfera eterna, único lugar em que a família continua unida infinitamente.

Em contrapartida, o Senhor o admite em sua eterna ordem patriarcal, a ordem prevalecente no supremo céu do mundo celestial, uma ordem que assegura a seus membros o progresso eterno ou, em outras palavras, ter filhos espirituais na ressurreição. (Vide D&C 131:1-4.)

Estas são as mais gloriosas promessas feitas ao homem. Não existe nem pode existir nada tão maravilhoso e grandioso. E por isso o Senhor emprega a linguagem mais poderosa e enfática conhecida do homem para mostrar sua importância e imutabilidade. Isto é, o Senhor jura por seu próprio nome, porque não existe nada maior pelo que jurar, que todo aquele que guardar o convênio feito em conexão com o Sacerdócio de Melquisedeque, há de herdar, receber e possuir todas as coisas em seu reino eterno, e ser co-herdeiro com o Senhor que é o Unigênito.

Deus jurou que Cristo seria exaltado e volta a jurar, toda vez que alguém recebe o Sacerdócio de Melquisedeque, que teremos exaltação semelhante se formos verdadeiros e fiéis em todas as coisas.

Falando do Senhor Jesus como Messias, disse Davi: "Jurou o Senhor, e não se arrependerá: tu és um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque." (Salmos 110:4.)

E Paulo, tendo citado essa palavra messiânica, o juramento eterno jurado pelo próprio Deus, disse que Cristo fora "chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque". (Heb. 5:10.)

E a respeito de Melquisedeque, a quem Abraão pagava dízimo, diz ele: "Porque este Melquisedeque foi ordenado sacerdote segundo a ordem do Filho de Deus, cuja ordem era sem pai, sem mãe, sem descendência, não tendo princípio de dias nem fim de vida." (Trad. Joseph Smith, Heb. 7:3.)

Antigamente, o Sacerdócio Aarônico restringia-se aos levitas. Era um privilégio tribal e conferido somente aos descendentes masculinos dignos de Levi. O Sacerdócio de Melquisedeque, porém, podia ser conferido a qualquer homem, independente de linhagem, que merecesse recebê-lo. E assim, Paulo prossegue: "E todo aquele ordenado a esse sacerdócio (maior), sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre." (Trad. Joseph Smith, Heb. 7:3.)

Cristo é o protótipo; ele é o Filho, o herdeiro do Pai. Nós, como co-herdeiros, herdamos igualmente com ele porque também permanecemos sacerdotes para sempre.

Assim fazemos convênio com Deus; e Deus faz-nos um juramento para mostrar a importância e valor eterno desse convênio.

Essa questão de fazer juramento era muito mais significativa nos tempos antigos do que muitos de nós imaginamos. Por exemplo: Néfi e seus irmãos precisavam obter as placas de Labão. Sua vida estava em perigo. Ainda assim, Néfi jurou: "Assim como vive o Senhor e vivemos nós, não voltaremos a nosso pai no deserto até termos cumprido o que o Senhor nos ordenou." (1 Néfi 3:15.)

Dessa maneira, Néfi tornou Deus

seu parceiro. Se falhassem em conseguir as placas, significaria que Deus havia falhado. E como Deus não falha, Néfi assumia a tarefa de conseguir as placas ou dar sua vida na empreitada.

Um dos mais solenes juramentos feitos ao homem encontra-se nas palavras do Senhor referentes a Joseph Smith e ao Livro de Mórmon: "Ele (Joseph Smith) traduziu aquela parte do livro que eu lhe ordenei e, assim como vive o vosso Senhor e vosso Deus, a tradução é verdadeira." (D&C 17:6.)

Este é o testemunho de Deus a respeito do Livro de Mórmon, no qual a Deidade garante sua autenticidade mediante sua própria divindade. Segue-se que o livro é verdadeiro, ou então Deus cessa de ser Deus. Não existe nem pode existir linguagem mais poderosa ou formal conhecida pelos homens ou deuses.

E o mesmo se dá com o Sacerdócio de Melquisedeque. Assim como vive o Senhor é uma ordem santa, e todos os portadores do sacerdócio de qualquer nação, tribo, língua, povo, raça, e cor que guardarem o convênio, permanecerão sacerdotes para sempre, governando e reinando eternamente com o grande Sumo Sacerdote em nossa religião, o Senhor Jesus Cristo.

Qual então é a doutrina do sacerdócio? E como devemos viver como os servos do Senhor?

A doutrina é que Deus, nosso Pai, é um ser glorificado, aperfeiçoado e exaltado que tem todo poder e todo domínio, que conhece todas as coisas e é infinito em seus atributos, e vive na unidade familiar.

É que nosso Pai Eterno desfruta dessa suprema condição de glória e perfeição e poder porque sua fé é perfeita e seu sacerdócio ilimitado.

É que o sacerdócio é o próprio nome do poder de Deus e que, se nos queremos tornar como ele é, precisamos receber e exercer seu sacerdócio ou poder como ele o exerce.

É que ele nos investiu com poder divino aqui na terra, o qual é segundo a ordem de seu Filho e que, sendo o poder de Deus, é necessariamente sem princípio de dias ou fim de anos.

É que podemos entrar na ordem do sacerdócio chamado o novo e eterno convênio do casamento (vide D&C 131:2), denominado também ordem patriarcal, que nos permite criar nossa própria unidade familiar eterna, a exemplo da família de Deus nosso Pai Celestial.

É que, pela fé, temos poder de governar e dominar todas as coisas, tanto temporais como espirituais; operar milagres e aperfeiçoar vidas; ficar na presença de Deus e ser iguais a ele por termos alcançado o grau de fé que ele tem, sua perfeição e seu poder ou, em outras palavras, a plenitude do seu sacerdócio.

Esta pois, é a doutrina do sacerdócio. Não existe nem pode existir nada maior. Este é o poder que somos capazes de alcançar pela fé e retidão.

Realmente, no sacerdócio existe poder — poder para fazer todas as coisas!

Se o próprio mundo foi criado pelo poder do sacerdócio, certamente o mesmo poder consegue remover montanhas e dominar os elementos.

Se uma terça parte das hostes celestes foi lançada à terra pelo poder do sacerdócio, certamente o mesmo

poder pode vencer os exércitos das nações ou impedir a ação de bombas atômicas.

Se todos os homens serão levantados da mortalidade para a imortalidade pelo poder do sacerdócio, certamente o mesmo poder consegue curar os enfermos e moribundos, e ressuscitar os mortos.

Certamente existe poder no sacerdócio — um poder que procuramos adquirir para usar, um poder que oramos piedosamente permaneça conosco e nossa posteridade para sempre.

Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.



Ativação do Sacerdócio



Bispo Victor L. Brown
Bispo Presidente

"Para ter êxito como mestre dos jovens, é preciso amá-los de verdade, independentemente de serem ou não ativos."

Eu enfrento minha designação de hoje à noite com uma prece no coração. O tema que me foi designado — "O que os líderes e membros do Sacerdócio Aarônico podem fazer para reativar os membros inativos" — é de suma importância e para o qual não há, necessariamente, respostas prontas, imediatas. Minhas palavras, portanto, destinam-se primordialmente aos bispos e seus assessores.

Estou convicto de que todos os aqui presentes sabem o que é o Sacerdócio Aarônico. Não obstante, gostaria de refrescar nossa memória. O nome *Sacerdócio Aarônico* vem de Aarão, irmão de Moisés. Sendo este pesado de língua, Aarão tornou-se seu porta-voz. Os dois eram muito ligados e juntos passaram por muitas provações. O Senhor decidiu dar o nome de Aarão ao sacerdócio menor.

Penso que o mais importante acontecimento no exercício desse sacerdócio foi quando João Batista batizou o Salvador no Rio Jordão. Segue-se em importância o acontecimento de 15 de maio de 1829, quando o mesmo João Batista, já agora como mensageiro celeste, impôs as mãos sobre a cabeça de Joseph Smith e Oliver Cowdery, dizendo:

"A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves da ministração dos anjos, do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados; e isto nunca mais será tirado da terra, até que os filhos de Levi ofereçam outra vez, em retidão, um sacrifício ao Senhor." (D&C 13.)

Se ao menos conseguíssemos entender o pleno significado da posse das chaves da ministração dos anjos, do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para a remissão dos pecados, acredito que todo jovem que passou pelas águas do batismo desejaria de todo o coração receber o Sacerdócio Aarônico e faria todo o possível para tornar-se digno dele. Estou certo de que alguns jovens pensam assim, mas nem todos.

Todo bispo deveria saber exatamente quantos rapazes de sua ala não foram ordenados, quantos não ocupam o ofício do sacerdócio que deveriam ocupar de acordo com sua idade, e quantos não comparecem a nenhuma reunião. Cada um desses rapazes é tão filho de Deus quanto os rapazes ativos.

Na qualidade de líderes, qual é vossa atitude com respeito às porcentagens de ativos e inativos? Provavelmente já ouvistes a história do pai que tinha quatro filhas. Certo dia, ao saírem com os namorados, ele as avisou que deveriam estar em casa à meia-noite. A primeira chegou às 11h45; a segunda, às 11h50; e a terceira, exatamente à meia-noite. Então ele trancou a porta, apagou as luzes e foi dormir. Quando a esposa lhe lembrou que ainda faltava uma filha, ele respondeu com grande satisfação: "Setenta e cinco por cento estão em casa — não é uma boa porcentagem?"

É tão fácil querer bem aos que são ativos e dóceis, e às vezes tão difícil amar os inativos e rebeldes. Para ajudar-nos a ter sucesso como líderes da juventude, o Senhor deu-nos uma lição que faríamos bem em aprender. Trata-se da história do filho pródigo em Lucas 15:11-32.

Como recordais, aquele pai dividiu suas posses entre seus dois filhos, sendo que o mais moço "ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou sua fazenda, vivendo dissolutamente". Acontecendo um período de escassez, acabou cuidando dos porcos de um homem rico e alimentando-se com a comida deles.

"E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!...

"E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.

"E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.

"Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa o melhor vestido e

vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés.

"Quando seu irmão mais velho que continuara leal e fiel soube da alegria do pai com a volta do irmão volúvel, ficou zangado e queixou-se de que para ele ninguém fazia uma festa. O pai replicou:" Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas.

"Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; e tinha-se perdido e achou-se."

O ponto que eu gostaria de ressaltar nesta escritura é a importância do amor. Para se ter êxito como mestre dos jovens, é preciso amá-los de verdade, independente de serem ou não ativos. Sem um afeto sincero, é difícil a gente qualificar-se como líder dos rapazes.

Não estou sugerindo que todos ou a maioria dos inativos em suas responsabilidades eclesiásticas sejam semelhantes ao filho pródigo. Não obstante, considero de extrema importância que aqueles que não honram o sacerdócio compreendam que estão seguindo um caminho que, se nele continuarem, acabará por impedi-los de receber o maior dos dons de Deus — o dom da vida eterna e exaltação.

Gostaria de sugerir, agora, como os líderes poderão exercer uma influência positiva na vida desses jovens, ajudando-os a se tornarem obedientes às leis do evangelho e com isso qualificar-se para as bênçãos eternas.

Primeiro, é importante que eles conheçam seus líderes. O bispo é o presidente do Sacerdócio Aarônico na ala e também o presidente do quorum dos sacerdotes. Como presidente do Sacerdócio Aarônico, é o principal responsável por todo rapaz entre os doze e dezoito anos, seja ele ordenado ou não. É lógico que não pode fazer sozinho tudo o que é necessário. Precisa de ajuda. Todavia, é ele quem determina o espírito com que se fará o trabalho.

O bispo sábio reconhece que o pai do rapaz é seu mais importante colaborador. Isto às vezes representa um problema, principalmente quando o pai é inativo ou não é membro da Igreja, ou quando não há pai na família. Na maioria dos casos, entretanto, o pai ainda exerce a maior influência no próprio filho. Pesquisas indicam que a grande maioria dos rapazes inativos tem pai inativo.

Para que o pai exerça influência positiva sobre o filho, o bispo precisa exercer, por intermédio da presidência do quorum de élderes e dos mestres familiares, influência positiva sobre o pai, tornando-o ativo, ou, pelo menos, que incentive o filho a ser ativo.

Paralelamente, existe outro líder capaz de ter profunda influência sobre o rapaz: o presidente do seu quorum, em colaboração com seus conselheiros. Muitas vezes deixamos de reconhecer a influência dos companheiros de idade. Logicamente, para o presidente do quorum ter influência, ele precisa entender sua responsabilidade por todo membro do seu quorum. Se for chamado de maneira casual e seu cargo não for reconhecido pelos líderes adultos, provavelmente terá uma atitude igualmente casual e muito pouco sucesso. Se o bispo delega a responsabilidade do chamado a outra pessoa,

a importância deste ficará diminuída aos olhos do rapaz. O chamado deve provir do presidente do Sacerdócio Aarônico.

Os conselheiros do bispo têm responsabilidades vitalmente importantes, mas não possuem as chaves de presidência como o bispo. Eles participam do processo de escolha; ao bispo, porém, cabe a decisão final. O presidente de quorum deve saber com que seriedade o bispado orou em busca de orientação e que foi escolhido por inspiração do Senhor.

Quando um garoto de doze ou treze anos é chamado como presidente do quorum e depois abandonado por seus líderes adultos, provavelmente encontrará dificuldades e não terá sucesso. É criticamente importante que seu consultor e outros líderes o ensinem a ser um bom presidente. Para isso, o consultor, a quem cabe o papel mais importante, não deve assumir a responsabilidade, mas sim instruí-lo, fazendo-o crescer no cargo que ocupa. Certo presidente do quorum dos diáconos deve ter sido muito bem instruído por seu consultor conforme mostra esta experiência:

Um membro do comitê do Sacerdócio Aarônico da estaca compareceu às reuniões de determinado quorum durante várias semanas seguidas. Numa manhã de domingo, ele reparou num rapaz que ainda não havia visto. Para sua consternação, esse garoto inativo foi chamado a proferir uma das orações. Toda gente sabe que não se convida alguém inativo na primeira vez que aparece numa reunião de sacerdócio, para não embaraçá-lo.

Terminada a reunião, esse sumo conselheiro perguntou ao consultor por que o presidente do quorum teria agido tão imprudentemente. O consultor respondeu:

— Por que não lho pergunta pessoalmente?

Ao ser interrogado, o presidente do quorum respondeu:

— Simplesmente porque passei três dias da última semana ensinando-o a orar.

Às vezes, a garotada tem uma maneira toda especial de lidar com seus companheiros de idade. Contudo, eles precisam ser ensinados como se lidera.

Ainda que todos nós estejamos empenhados em diminuir a função dos programas e aumentar a importância do indivíduo, não temos obtido grande progresso. Às vezes, elaboramos um programa esperando que todos os rapazes se adaptem a ele. Se algum não se adapta, é lamentável mas nada podemos fazer. Gostaria de que cada rapaz fosse encarado como um indivíduo com interesses, desejos, problemas e talentos diferentes.

Aceitando esta proposição, o membro do bispado responsável pelo quorum, junto com a presidência e o consultor do mesmo, verificará com muito tato e diplomacia por que o mundo se tornou mais interessante para o jovem do que ser ativo no sacerdócio. Isto se consegue atentando cuidadosamente para as necessidades de cada rapaz. Então os líderes poderão procurar meios de despertar seu interesse pelo sacerdócio. Duvido muito do sucesso da reativação de membros do quorum por meio de abordagem direta. A abordagem deve ser adaptada ao indivíduo para ter sucesso.

Toda atividade do quorum deve ter um propósito determinado e de cunho espiritual. Como exemplo, gostaria de contar o caso de um rapaz coreano, pertencente a uma família muito abastada. Certo dia, um dos amigos de seu pai telefonou e no decorrer da conversa perguntou-lhe se acaso estava com problemas financeiros, oferecendo-se para ajudá-lo, se necessário.

O pai respondeu que não havia nada de anormal. Então o amigo insistiu:

— Tem certeza?

— Por quê? O que há de errado?

O amigo contou que vira o filho vendendo jornais na rua. O pai não quis acreditar, achando que o amigo estivesse enganado, pois dava uma boa mesada ao rapaz. O amigo respondeu que não havia engano, pois chegara a conversar com ele.

Naquela noite, depois do jantar, o pai perguntou-lhe se de fato estivera vendendo jornal na rua. A resposta foi afirmativa. O pai quis saber:

— Filho, por que está fazendo isso?

Então o filho contou que tinha um colega de escola muito pobre e que seria obrigado a abandonar os estudos se não conseguisse alguma ajuda financeira. Assim se verificou que esse jovem do Sacerdócio Aarônico vinha usando sua mesada para comprar jornais que ele e alguns colegas revendiam para ajudar o amigo.

Pouco tempo antes, o rapaz pedira à mãe que aumentasse seu lanche. Ela assim o fez, achando que como estava crescendo tinha mais fome. Mas ele contou ao pai que vinha dividindo o lanche com o tal colega, pois do contrário ele passaria fome.

O pai, obviamente comovido com a atitude do filho, indagou por que agia assim. O garoto replicou que fazia algumas semanas haviam estudado a parábola do bom samaritano, e que queria sentir na realidade como é ser um bom samaritano. (Ver "De Proveito para Outros", *A Liahona*, fevereiro de 1980.)

Quando um rapaz participa de uma experiência espiritual assim, sua vida se modifica. O sacerdócio passa a ter para ele um significado que não tinha antes, e é mais provável que permaneça um portador ativo do sacerdócio. Tal interiorização dos ensinos do Salvador no coração de qualquer rapaz torna-se um escudo contra os males do mundo.

Não conheço nenhuma fórmula mágica que fará um rapaz inativo tornar-se ativo. Isso exige interesse, cuidado, amor, liderança consistente da parte dos adultos e do presidente do quorum, com a colaboração de seus membros. Tudo que fizerem precisa ser atraente, significativo e resultar numa experiência satisfatória. *Brincadeiras e jogos não salvam nenhum rapaz.* Podem fazer com que goste do grupo, mas se ele não obtiver um testemunho da veracidade do evangelho que o leve a praticá-lo, não teremos sucesso como líderes.

Possamos todos ter a sensibilidade de desvendar o coração de cada rapaz e depois a necessária sabedoria para atraí-lo, tomá-lo pela mão e acompanhá-lo no caminho que conduz à exaltação e vida eterna, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

"O Irmão Ofendido"



Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Além de nossa própria família, nenhum grupo de homens necessita mais de nós que essas almas inativas."

Nosso Pastor, Jesus Cristo, aconselha-nos repetidamente a respeito das coisas capazes de levar algumas pessoas de seu rebanho a se tornarem inativas, indiferentes, ofendidas ou apostatar. Os cuidados e prazeres do mundo, a tentação, perseguição, tribulação — todos cobram seu tributo; e também ser injustiçado, ignorado e observar hipocrisia em outros. (Vide Mateus 13:21, 24:10; Lucas 8:13-14.)

Irmãos, além de nossa própria família, nenhum grupo de homens necessita mais de nós que essas almas inativas. Ao contrário dos que nunca ouviram falar do evangelho, esses homens já tiveram certo conhecimento e portanto são relativamente responsáveis — daí a urgência!

O trabalho de reativação muitas vezes envolve estudo em grupo e atividades sociais; contudo, é feito essencialmente de pessoa a pessoa, silenciosa e dignamente. É feito menos com técnicas rotineiras, e mais "pelo Espírito". É antes interesse genuíno que métodos, mais solidariedade que redação de novos manuais.

Não existem truques mágicos e campanhas improvisadas geralmente não dão resultado pois "o irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte". (Prov. 18:19.) Além disso, embora precisemos estar em posição mais elevada para poder erguer alguém, não pode haver nenhuma condescendência ou indício de que nosso interesse é mais estatístico que espiritual. Tampouco se deve largar à própria sorte pessoas erguidas com tanto esforço. Afinal, quantas vezes se espera que encontremos o eleito?

O *primeiro* passo é reconhecer, se possível, a causa da inatividade. Isto muitas vezes nos sugere a maneira de abordar a pessoa. Contudo, jamais subestimeis o poder do desafio particular, simples, amoroso, porém direto. Ainda que não seja aceito, tal amor nunca é desperdiçado.

Segundo, reconhecer que esse trabalho leva tempo e não deve interromper nossa rotina habitual. A parábola do bom samaritano nos ensina isso. (Vide Lucas 10:29-37.) Certas feridas espirituais requerem mais que um simples cuidado imediatista.

O *terceiro* passo a ser supervisionado pelo comitê executivo do sacerdócio e pelo conselho de correlação da ala, é combinar cuidadosamente uma pessoa ativa com outra inativa. Amor organizado é melhor que preocupação generalizada. Entretanto, essa obra de redenção não deve ser tão institucionalizada a pon-

to de amigos e vizinhos se julgarem desobrigados de qualquer responsabilidade. É preciso haver um esforço inspirado, pois nessa obra o *melhor* método talvez seja o *único* que dará resultado! Talvez seja necessário jejuar e orar para saber o momento certo de abordar determinado irmão.

Quarto, dar a essas pessoas uma nova oportunidade de servir por serem realmente necessárias. Moisés aprendeu esse princípio quando contratou Hobabe como guia. (Vide Núm. 10:29-32.) Lembrai-vos de que enquanto a condição de membro inativo clama por amor incondicional, essas pessoas geralmente anseiam por uma modesta oportunidade de externar seu próprio amor e talentos. Por exemplo, a presidência do quorum de élderes deveria organizar diversos comitês, cada um deles presidido por um élder ativo, que deve prestar contas regularmente à presidência do quorum, assessorado por dois ou três irmãos igualmente ativos. Cada comitê recebe nomes de irmãos inativos que possivelmente aceitem o convite de servir nesse comitê, seja de esportes ou bem-estar. Tais irmãos inativos provavelmente estariam menos inclinados a corresponder ao convite genérico de freqüentar a Igreja do que servir num comitê específico que leva em conta seus interesses. Certo irmão inativo começou servindo como recepcionista e agora é bispo.

Significativamente, os membros da Igreja não se tornaram inativos durante as jornadas pelas planícies, quando o senso de pertencer e de ser necessário foi tão marcante.

Quinto, prover a instrução necessária. Ativação requer conversão. Crer requer que se entenda os ensinos do evangelho. O ensino no quorum e na classe Essências do Evangelho deve ser da melhor qualidade. Os alunos precisam sentir o Espírito durante o ensino. Essas pessoas necessitam do pão da vida, não apenas de migalhas caídas da mesa. Afinal, o pai do filho pródigo preparou-lhe um banquete quando de seu regresso — não esquentou simplesmente algumas sobras!

Os seminários de preparação para o templo devem ser suficientemente informais para permitir um real aprendizado. Convém designar casais compatíveis para freqüentarem o seminário com os casais inativos. Esses casais inativos devem ser carinhosamente incentivados a estabelecer algumas metas pessoais como preparação para poderem ir ao templo.

Pesquisas mostram que trinta por cento dos convidados a freqüentar seminários aceitam o convite! Dos restantes, a experiência comprova que oito entre dez, quando devidamente abordados, permitirão que líderes do sacerdócio os ensinem no próprio lar. Irmãos, diante dessa realidade, o que tememos?

Tais estatísticas animadoras mostram a importância de não se ficar apenas torcendo as mãos desesperado, mas de fazer alguma coisa! Francamente, irmãos, o motivo dos poucos resultados obtidos é que pouco está sendo feito. Perguntaram a um exímio entalhador como se aprende a entalhar, ao que respondeu rudemente: "Começando a tirar lascas." Irmãos, comecemos a tirar algumas lascas!

O *sexto* passo é lembrar-se da mão do Senhor nessa obra. Ela pode pro-

ver as condições em que essas almas estejam "preparadas para ouvir a palavra". (Alma 32:6.) Seu Espírito é capaz de incitar os pródigos, fazendo alguns deles cair em si. Quando isso acontece, entretanto, apressemo-nos a recebê-los de braços abertos "quando ainda (estão) longe". (Lucas 15:20.)

Sétimo, prevenir é sempre melhor que remediar. Às vezes, ironicamente, a prevenção exige não mais que uns poucos minutos de conversa amigável ou demonstração de empatia. Receber o sacerdócio e um cargo logo após o batismo não só ajuda a firmar o recém-converso mas alivia o fardo de outros servidores da Igreja muito atarefados e cujas mãos pendem e joelhos tremem. (Vide D&C 81:5.)

Como pastores auxiliares do Senhor, cuidemos igualmente de não causar problemas com atividades em excesso ou demasiadas contribuições em dinheiro. O Senhor quer dedicação, não prostração! Até mesmo o Livro de Mórmon, de tão vital importância, foi traduzido somente conforme o permitiam forças e meios. (Vide D&C 10:4.)

Bem, irmãos, deixemos um pouco de lado os pormenores e falemos das realidades e responsabilidades gerais pelos irmãos inativos e ativos, sem distinção — numa Igreja perfeita cheia de indivíduos imperfeitos. Parte da hombridade que acompanha o sacerdócio requer que levemos em conta certas coisas.

Reconheçamos que o caminho estreito e apertado, embora claramente traçado, é uma senda, não uma estrada expressa nem escada rolante. Na verdade, em certos momentos, a única maneira de se prosseguir no caminho estreito e apertado é de joelhos! E cabe-nos ajudar uns aos outros nesse caminho, não nos ofendermos.

Seja qual for a ofensa que nos afasta do caminho, depois de feita, a menos que se seja humilde, principia a busca — não de reconciliação ou diálogo, mas de justificação. Irmãos, fica tão difícil carregar nossa cruz e mais ressentimentos.

O ofendido se esquece de pronto de que a Igreja se destina ao "aperfeiçoamento dos santos" (Efésios 4:12); não é uma bem instalada clínica de repouso para pessoas já perfeitas.

Igualmente, alguns se esquecem de que no reino somos como que um laboratório um do outro; o Senhor permite que pratiquemos com nosso próximo, apesar de cometermos erros. E todos nós sabemos como é ser tratado por um estudante de medicina em lugar de um médico capacitado. Todos nós, ainda que involuntariamente, já infligimos sofrimento a alguma pessoa.

Muitas vezes, também, deixamos de levar em consideração os diferentes estilos de liderança experimentados no reino. Paulo mostrava-se extremamente sensível à necessidade de não melindrar membros fracos comendo carne (vide I Cor. 8:13), enquanto que a dieta de gafanhotos e mel de João Batista certamente não teve popularidade — pelo menos entre a elite de Jerusalém.

Temos por responsabilidade pessoal e constante evitar "olhar para além do marco". (Jacó 4:14.) Eu devo concentrar-me é em minha responsabilidade! O que merece mais ênfase — o fato de que Pedro conseguiu andar sobre a água por al-

guns instantes ou que o não conseguiu por muito tempo? Será que outro mortal já fez o mesmo, ainda que por um instante?

Na verdade, pessoas imperfeitas são chamadas pelo Senhor para ajudá-lo em sua obra. O Senhor declarou a alguns companheiros de Joseph Smith que ele sabia que haviam observado as pequenas imperfeições do Profeta. Não obstante, a seguir o Senhor testificou que as revelações dadas através do Profeta eram autênticas. (Vide D&C 67:5,9.)

Portanto, não é de surpreender que notemos as fraquezas alheias; não devemos, porém, alardeá-las. Sejamos gratos pelos pequenos progressos nossos e dos outros, em lugar de nos regozijarmos com defeitos. E quando cometemos erros, tornemo-los instrutivos, não destrutivos.

Aprecio imensamente estas generosas palavras de um profeta muito capaz, apesar de muito humilde — Morôni:

"Não me condeneis em virtude de minha imperfeição, nem a meu pai por causa da sua, nem tampouco condeneis aos que escreveram antes dele; antes, *dai graças a Deus por vos ter manifestado nossas imperfeições, para que possais aprender a ser mais sábios do que nós fomos.*" (Mórmon 9:31; grifo nosso.)

Com essa atitude, fica muito mais difícil nos sentirmos ofendidos.

Além do mais, entre reformar outros membros da Igreja ou nós próprios, haverá realmente alguma dúvida quanto a por onde devemos começar? A chave é ficar de olhos bem abertos para nossas próprias falhas e semicerrados para as fraquezas alheias — e não ao contrário! As imperfeições alheias não nos isentam da necessidade de procurar superar as nossas.

As pessoas que passam o tempo procurando "pés de barro" nos outros, não só deixam de obter os céus em que Deus se move com majestade e poder, mas também a majestade de Deus na modelagem e aperfeiçoamento da alma.

Assim, fazendo concessões mútuas no reino, vamos esbarrando nos outros e sendo esbarrados. Ofensas acontecerão. (Vide Mateus 18:7.) Uma vez que nos deixamos controlar pelo orgulho, nenhum motivo parecerá trivial demais para ressentir-se. Devido a um problema a respeito de leite, Thomas B. Marsh (presidente do Quorum dos Doze de 1935 a 1939, N. do T.) ficou zangado com o Profeta Joseph Smith.

Lorenzo Snow, contemporâneo de Marsh, declarou que embora também houvesse percebido algumas pequenas imperfeições do Profeta, era grato que o Senhor pudesse usá-lo para uma obra tão importante. Assim, poderia haver alguma esperança para ele, Lorenzo Snow. De fato, havia esperança para o Presidente Snow, que considerava os outros caridosamente, como que pelas "janelas dos céus".

Os profetas necessitam de instrução como todos nós. Contudo, parece-me que isto é algo que o Senhor é perfeitamente capaz de fazer sozinho, sem necessitar de muitos ajudantes. O Senhor nos proporciona discretas mas necessárias informações de como nos estamos saindo, como fez com Pedro por meio do estridente canto do galo, (vide Lucas 22:54-62) ou, com Moisés, que não sabia delegar, por intermé-

dio do seu sábio, conscienciosо e observador sogro — sem nenhum alarde por parte de Jetro! (Vide Êxodo 18:13-16.)

Felizmente para todos nós, o evangelho redime. Ele se concentra não na falta de Pedro na casa do sumo sacerdote, mas em seu testemunho firme e destemido de Jesus, diante de Anás e Caifás. (Vide Atos 4:5-12.)

Ademais, a humildade deveria alertar-nos de que não temos todos os dados para julgar os outros. Embora Pedro e Paulo tivessem uma diferença de opinião a respeito de determinada, porém passageira, norma da Igreja no meridiano dos tempos, as escrituras nada falam sobre seu relacionamento na rica fraternidade apostólica. Além disso, no verdadeiro discipulado, ninguém lamenta mais um erro do que o faltoso sincero. Quem estará mais consciente das imperfeições em seus escritos do que os que escrevem a palavra de Deus?

"E aqueles que receberem estes anais, não os condenando por causa das imperfeições que contêm, a esses será dado conhecer coisas maiores do que estas." (Mórmon 8:12.)

E quem conhece, melhor que o Senhor, quanto custa ministrar suas verdades eternas por meio de mortais? "Eis que eu sou Deus, e o disse; estes mandamentos vêm de mim e foram dados aos meus servos em sua fraqueza, conforme a sua linguagem para que alcançassem compreensão." (D&C 1:24.)

Além e acima das coisas que nos ofendem habitualmente, existem circunstâncias especiais e que convém anotar, capazes de derrubar até mesmo os mais fortes, temporariamente. Antes de sua detenção, Jesus disse aos Doze que logo o Pastor seria ferido e as ovelhas dispersadas. Pedro negou que se escandalizaria "e da mesma maneira dizem todos também". (Vide Marcos 14:26-31.)

Antes de julgardes esses discípulos, levai em conta sua angustiosa situação. As coisas pareciam realmente trágicas para o rebanho. Estavam compreensivelmente assustados com as ameaças do "sistema" judaico. O perigo era real, por isso Jesus os incentivou a deixá-lo. Depois o Salvador deixou-se prender, julgar e até mesmo crucificar! Os discípulos sentiram dolorosamente a perda e humilhação do acontecido que — embora avisados — ainda assim não esperavam. No entanto, logo, como fora preordenado, esses fiéis auxiliares do Salvador cerraram fileiras para levar avante a gloriosa obra.

Em Nauvoo não aconteceu coisa semelhante?

Pois bem, irmãos, o adversário e seus asseclas continuarão procurando desacreditar os "pastores auxiliares" de hoje, na tentativa de dispersar parte das ovelhas.

Quando as condições e os ensinamentos passaram a ficar mais difíceis, Jesus perguntou aos Doze: "Quereis vós também retirar-vos?" Tanto a pergunta como a resposta são as mesmas de hoje: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras de vida eterna.

"E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo." (João 6:67-69.)

Concluindo, faço um apelo aos ofendidos e inativos: "Não permitais que o passado se aposse do futuro! Livrai-vos de vosso investimento no

orgulho; ele jamais paga dividendos."

Lembrai-vos, igualmente, de que não é o rebanho, o corpo da Igreja e seus líderes, que se desvia da retidão, mas pessoas. (Vide Mateus 18:12-14.)

Da mesma forma, concito a todos nós que voltemos a considerar este conselho de Jesus: "Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão." (Mateus 18:15.) Vencer um debate não se compara a "ganhar" um irmão!

Esforcemo-nos todos em evitar ofender e deixar-nos ofender.

Sejamos amorosos, bondosos e clementes — ajudando nossos amigos a ficarem arraigados e fundados em amor, conforme dizem Pedro e Paulo! (Vide Efésios 3:17; I Pedro 5:10.) "O fim se aproxima, os tempos expiram!" (*Hinos*, n.º 139.)

Ponderai estas palavras ditas pelo magnânimo e misericordioso Profeta Joseph Smith ao arrependido W. W. Phelps:

Vem, querido irmão, a luta terminou,
Amigos a princípio,
finalmente amigos de novo.
(Citado em *History of the Church*, 4:164.)

Este é meu conselho. Esta é minha prece, em nome daquele que disse: "Bem-aventurado aquele que em mim não se escandaliza." (Lucas 7:23.) A capacidade de redenção e o amor de Jesus por nós levaram-no a ficar à porta, e sabemos que lá nos espera de braços abertos. Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Dízimo: Oportunidade de Provar Nossa Fidelidade



Presidente Gordon B. Hinckley
Conselheiro na Primeira Presidência

"O Senhor abrirá as janelas dos céus de acordo com nossas necessidades, não de acordo com nossa cobiça."

É um grande hino ("A Vida É Luta Sem Quartel") e sinto não termos cantado a última estrofe —

— Trabalhai e vigiai, lutai e orai,
Com toda força e zelo;
Levai avante toda obra de valor;
Empenhai-vos com afinco.

(*Hinos*, n.º 153; tradução livre e direta do original inglês. N. T.)

Empenhai-vos com afinco na promoção do reino de Deus. Gostaria de falar a respeito de alguns aspectos desse empenho.

Lembro-me de quando vinha às conferências gerais quando menino, exatamente como vocês, rapazes, fizeram hoje. Mais de uma vez ouvi o Presidente Heber J. Grant, com a voz vibrando de convicção, prestar testemunho da sagrada lei do dízimo e das maravilhosas promessas aos que são honestos no pagamento do dízimo e ofertas. O que ouvi causou-me profunda impressão.

Eu sabia que quem fazia tais promessas era o Senhor, o Deus dos céus. Sabia que tinha condições de cumprir sua promessa e hoje sei que ele o faz.

Serei eternamente grato a meus pais que, tão longe remonta minha memória, nos ensinaram a pagar nosso dízimo. Naqueles dias, o bispo da ala a que pertencíamos não tinha um escritório na capela. A gente ia à casa dele para o acerto de dízimo. Ainda sinto temor ao entrar naquela casa como um garotinho para o acerto de dízimo com o Bispo John C. Duncan. A quantia era de apenas vinte e cinco centavos de dólar, pois a mesada costumava ser pequena naqueles tempos magros, mas o dízimo era pago com honestidade segundo nossos cálculos infantis, seguindo uma quadrinha que costumávamos recitar na Escola Dominical.

Jamais consideramos sacrifício pagar o dízimo. Era uma obrigação e achávamos que mesmo como crianças pequenas estávamos cumprindo o dever para com o Senhor, e que ajudávamos sua igreja na grande obra que lhe fora designada.

Não o fazíamos esperando bênçãos materiais, embora possamos testificar que fomos abençoados nesse sentido. O Senhor abriu as janelas do céu e derramou bênçãos em maravilhosa abundância. (Ver Mal. 3:10.) Estou convencido de que ele abençoará todos os que obedecerem a esse mandamento.

Por favor, não me entendais mal. Não estou dizendo que se pagardes o dízimo concretizareis vosso sonho de uma bela casa, um carro de luxo e casa de praia no Havaí. *O Senhor abrirá as janelas do céu de acordo com nossas necessidades, não de acordo com nossa cobiça.* Se pagamos o dízimo para ficar ricos, estamos agindo por motivo errado. O propósito fundamental do dízimo é fornecer à Igreja os meios necessários para levar avante sua obra. A bênção ao pagador é uma conseqüência secundária e nem sempre necessariamente em forma de benefício financeiro ou material. Depois de falar que as janelas do céu se abrirão, diz Malaquias:

"... repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo não vos será estéril...

"E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos." (Mal. 3:11-12.)

Existem muitas maneiras de o Senhor nos abençoar com as riquezas do mundo. Temos o grande dom de saúde. O Senhor prometeu que repreenderá o devorador por nossa causa. Malaquias fala dos frutos de nossas terras. E essa repreensão do devorador não pode aplicar-se a vários de nossos interesses e esforços?

Existe a grande bênção da sabedoria, do conhecimento, até mesmo tesouros ocultos de conhecimento. É-nos prometido que nossa terra será deleitosa e, se obedecermos a essa lei, posso interpretar o termo *terra* como povo, que os obedientes à lei serão um povo deleitoso. Que maravilha ser um povo deleitoso a quem os outros consideram bem-aventurado!

Nos últimos tempos ouvimos dizer que algumas pessoas não podem pagar o dízimo devido a dificuldades econômicas. Lembro-me de uma experiência tida quando era presidente de estaca. Um irmão, conhecido meu, procurou-me para que eu assinasse sua recomendação para o templo. Entrevistei-o da forma costumeira, perguntando, entre outras coisas, se estava pagando honestamente o dízimo. Respondeu candidamente que não, por estar endividado. Fui induzido a explicar-lhe que jamais conseguiria saldar suas dívidas sem antes pagar o dízimo.

Ele continuou vivendo assim por um ou dois anos, e depois tomou uma decisão. Falou-me a respeito, passado algum tempo: "O que o irmão me disse é verdade. Eu achava que não podia pagar o dízimo por causa das dívidas. Descobri que, por mais que me empenhasse, não conseguia reduzir meu débito. Finalmente, minha mulher e eu conversamos seriamente a respeito, e resolvemos pôr a promessa do Senhor à prova. E assim fizemos. E de uma maneira que não consigo explicar, o Senhor tem-nos abençoado. O dinheiro que lhe damos não nos faz falta e pela primeira vez em muitos anos estou conseguindo reduzir nossas dívidas. Aprendemos a orçamentar nossos gastos, verificando para onde ia nosso dinheiro. Como agora temos um objetivo maior, conseguimos restringir certos desejos e apetites. E entendemos que agora podemos ir à casa do Senhor com consciência tranqüila, como pessoas merecedoras dessa maravilhosa bênção."

De todo meu coração, irmãos, rogo aos santos dos últimos dias que sejam honestos com o Senhor no pagamento de dízimo e ofertas... Rogo aos rapazes que estão conosco hoje, que estabeleçam esse hábito enquanto são jovens e resolvam ater-se a ele em todos os dias da vida. Rogo aos oficiais da Igreja que apelem ao povo em favor do incremento de sua fidelidade no pagamento dos dízimos e ofertas para seu próprio benefício.

A Igreja arca com uma imensa responsabilidade. O dízimo é sua fonte de renda para levar avante as atividades designadas. A necessidade é sempre maior que a disponibilidade. Deus nos ajude a sermos fiéis na observância desse grande princípio que provém dele com sua maravilhosa promessa.

Enquanto falamos de assuntos financeiros, gostaria de mencionar mais uma coisa. Nos últimos tempos recebi duas cartas com a queixa de que a elegibilidade para servir em cargos de responsabilidade na Igreja depende do sucesso financeiro, que para poder servir como bispo ou presidente de estaca é preciso demonstrar capacidade para acumular e administrar riqueza, e que homens de condições modestas e profissão humilde jamais se qualificam.

Se é esta a impressão, sinto muito, mas é uma impressão falsa. Por experiência pessoal de quase um quarto de século na organização e reorganização de estacas, posso dizer que o valor financeiro de um homem é a última de todas as considerações na escolha de um presidente. Um dos mais queridos e capazes presidentes que conheço, e em cuja modesta casa me hospedei, é um carpinteiro que ganha a vida com o trabalho de suas mãos. Ele presidia uma estaca na qual viviam muitos homens abastados que consideravam seu líder com amor e respeito.

No mês passado, estive com outro presidente de estaca que é igualmente carpinteiro. Ele também é muito querido e respeitado como líder espiritual de seu povo.

O presidente da estaca, logicamente, precisa ser a âncora espiritual. Precisa ser capaz de gerir os negócios complexos da estaca, e para isso deve ter capacidade administrativa ou pelo menos condições de aprendê-la. Ocasionalmente ele é obrigado a ser juiz de seu povo e, como tal, ser homem de sabedoria e discernimento. Riqueza e sucesso financeiro não são critérios para servir na Igreja. Penso falar em nome de todos os irmãos quando digo que a escolha de alguém para presidir uma estaca de Sião exige muita oração buscando conhecer a vontade do Senhor, e somente quando essa vontade é reconhecida se chega a uma decisão.

Conosco acontece o mesmo que com Samuel quando foi enviado a encontrar um sucessor para Saul. Ao ser-lhe apresentado o primeiro dos filhos de Jessé, um homem muito simpático, Samuel ficou favoravelmente impressionado.

O Senhor, porém, disse a Samuel: "Não atentes para sua aparência, nem para a altura da sua estatura (ou, eu poderia parafrasear, para sua situação financeira), porque o tenho rejeitado, porque o Senhor não vê como o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração." (I Sam. 16:7.)

Estou convencido de que o mesmo se dá quando os presidentes de estaca indicam homens para servir como bispos, e com outros na escolha dos diversos oficiais da Igreja. Se a pessoa escolhida for abastada e adquiriu seus bens de maneira honesta, muito bem. Talvez assim disponha de mais tempo e recursos para a obra, e esta possivelmente seja beneficiada por sua boa capacidade administrativa. Mas não terá sido a razão de sua escolha. O merecimento pessoal é a chave da qualificação para qualquer ofício no reino de Deus.

"Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade para pregar o evangelho e administrar suas ordenanças." (5.ª Regra de Fé.)

Sempre deve ser assim na obra do Senhor.

Agora gostaria de mencionar outro assunto. Quanto mais vivo, mais cresce minha gratidão por meus pais terem providenciado boa literatura em nosso lar. Nós tínhamos em casa uma biblioteca de mais de mil volumes. Naqueles dias, é lógico, não tínhamos televisão nem rádio durante a maior parte do tempo. Não quero dar a impressão de que

como crianças líamos muito nos livros de nosso pai. Mas estes forneciam um bom ambiente. Nós víamos papai e mamãe sempre lendo, e eles liam para nós. Eles nos proporcionaram algo difícil de escrever — uma certa familiaridade com bons livros. Nós nos sentíamos à vontade entre eles — não eram estranhos para nós, mas como que amigos, sempre dispostos a dar ao menor esforço de nossa parte.

Além dos livros, dispúnhamos das revistas da Igreja. Nossos pais os liam e deles liam para nós. Tínhamos em casa também o *Deseret News* (diário editado na Cidade de Lago Salgado). Isto foi muito antes da existência do *Church News* (suplemento semanal daquele, com notícias sobre a Igreja). Nós líamos o jornal sentindo certa familiaridade com ele.

Recordando meus anos de ginásio e universidade, fico assombrado de como éramos tão pouco expostos ao que hoje chamamos de pornografia e obscenidade. Talvez nossa sociedade fosse um tanto protegida, mas foi um ambiente maravilhoso para se crescer.

Infelizmente, hoje vivemos numa sociedade saturada de sexo. A pornografia nos atinge de todos os lados — no teatro, nos livros e revistas, na propaganda dos jornais, em várias formas na televisão e até no rádio.

Não há maneira de evitá-la inteiramente. Podemos, porém, procurar contrabalançar sua influência corrosiva. Podemos expor nossos filhos à boa leitura. Fazei que os filhos cresçam entre bons livros e boas revistas religiosas.

Anos atrás, li que certa vez perguntaram a Emerson (ensaísta, filósofo e poeta norte-americano) qual foi o livro, de todos que havia lido, que mais influenciou sua vida. A resposta foi que não conseguia lembrar-se de todos os livros lidos, assim como não se lembrava das refeições ingeridas, mas que ele era produto deles. Todos nós somos produto dos elementos a que estamos expostos. Nós conseguimos controlar parte desses elementos melhorando o resultado. Oro para que nos empenhemos em melhorar o ambiente em que nós e nossos filhos vivemos.

Para concluir, gostaria de dirigir algumas palavras aos jovens aqui presentes. Não sei quantos de vocês ouviram as palavras do Élder Le Grand Richards hoje. Certa vez, o Presidente Lee referiu-se ao Élder Richards como a obra maravilhosa e um assombro. Ele agora já ultrapassou os noventa e seis anos. Os pés estão-lhe dando algum trabalho, mas não há nada de errado com sua cabeça. Ele apresentou-se diante de nós sem anotações ou qualquer tipo de manuscrito. Citou escrituras, contou experiências, fez-nos rir falando de seus tempos de missionário. E fez-nos orar com vontade de sermos mais poderosos na promulgação da palavra do Senhor.

Ontem, anunciamos a redução do serviço missionário dos rapazes de vinte e quatro para dezoito meses. Isto significa que todo jovem que sair em missão terá um desconto de vinte e cinco por cento no tempo que dedicam à obra. E significa que a obra do Senhor terá de arcar com o custo desse desconto. Existem apenas duas maneiras de fazê-lo. Pri-

meiro, se cada missionário estiver mais preparado para servir com eficiência — muito mais eficiência. E segundo, que um número maior de rapazes cumpram missão.

Ao ouvir o Élder Richards falando nesta tarde, disse a mim mesmo: Seu imenso entusiasmo, seu profundo conhecimento das escrituras, sua grande capacidade de persuasão são os doces frutos de sua vida missionária.

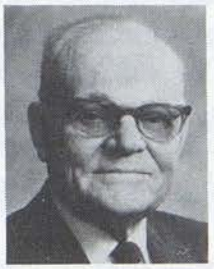
Quero dizer aos rapazes e moças que se preparem para o serviço missionário, economizando dinheiro para esse fim e empregando-o de maneira segura para que esteja disponível quando necessário. Que estudem um idioma estrangeiro se tiverem oportunidade. Talvez nunca cheguem a ser chamados para o país cuja língua conhecem, mas o estudo em si ter-lhes-á facultado um melhor conhecimento de sua própria língua ou de outra que terão de aprender.

Tirem proveito de toda e qualquer oportunidade para ampliar seu conhecimento do evangelho. Esforcem-se em participar dos programas de seminário e instituto.

O Senhor precisa do melhor que são capazes de oferecer. Agora é a hora de se prepararem para esse serviço. Mantenham-se puros como dignos representantes do Senhor perante o mundo. Isto quer dizer, nada de bebidas, fumo, drogas, imoralidade ou coisas parecidas.

Deus vos abençoe, meus irmãos do sacerdócio, com fé, testemunho e amor ao Senhor e sua grande e sagrada obra. Vós sabeis que é verdadeira, e eu sei que é, e juntos assim testificamos em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Sacerdócio



Presidente Marion G. Romney
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

"Só podemos exercer o sacerdócio dentro dos limites estabelecidos pelo Senhor, sob as condições por ele especificadas e em seu nome."

Irmãos, após estudar durante bom tempo o assunto, cheguei à conclusão de que sacerdócio é poder. Falando esta noite, desejo recordar-vos a importância de magnificar nossos chamados no sacerdócio. (Vide D&C 84:33.)

Devido à ordenação ao sacerdócio, somos os mais honrados de todos os homens, arcando ao mesmo tempo com enorme responsabilidade. Devemos procurar diligentemente, através da oração, do estudo e desempenho fiel de nossos deveres sacerdotais, aprender o máximo possível a respeito do sacerdócio. Mesmo assim, não seremos capazes, na vida mortal, de entendê-lo plenamente. Entretanto, podemos entender que sacerdócio é poder — o poder de Deus. Exercendo o sacerdócio, Deus o Pai cria e governa todas as suas criações. Diz o Presidente Brigham Young que "o sacerdócio do Filho de Deus... é a lei pela qual os mundos existem, exis-

tiram e continuarão a existir para sempre. É esse sistema que cria os mundos e os povoa, dando-lhes suas rotações, dias, semanas, meses, anos, estações e épocas, e se enrolam como pergaminho e passam para um estado mais elevado de existência". (*Discursos de Brigham Young*, 15:127, p. 130.)

Jesus deu-nos demonstração após demonstração do poder do sacerdócio. Em seu primeiro milagre registrado, ele transformou água em vinho. (João 2:1-11.)

Mateus conta que enquanto Jesus dormia no barco, desabou um forte temporal. Seus discípulos ficaram tão preocupados com as ondas enormes, que o acordaram dizendo: "Senhor, salva-nos, (do contrário) perecemos...

"Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança.

"E (os) homens se maravilharam dizendo: Que homem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?" (Mateus 8:25-27.)

Noutra ocasião, com apenas "cinco pães e dois peixes" Jesus alimentou uma multidão:

"E comeram todos e saciaram-se; e levantaram dos pedaços, que sobejaram, doze alcofas cheias.

"E os que comeram foram quase cinco mil homens, além das mulheres e crianças." (Mateus 14:17, 19-21.)

Pelo poder do sacerdócio, Jesus devolveu a visão ao cego, a audição ao surdo, forças ao coxo, curando ainda toda sorte de doenças. Levantou dos mortos o filho da viúva de Naim. (Vide Lucas 7:11-15.) E até ressuscitou a si próprio pelo poder do sacerdócio.

Ele e o Pai exercem o poder do sacerdócio diretamente a seu bel-prazer e por direito próprio. Ao reviver Lázaro, Jesus simplesmente "clamou com grande voz: Lázaro, sai para fora.

"E o defunto saiu." (João 11:43-44.)

Nós mortais, não exercemos o sacerdócio por direito próprio como Jesus. Nosso sacerdócio é um poder delegado. Podemos exercê-lo somente dentro dos limites estabelecidos pelo Senhor, sob as condições por ele especificadas e em seu nome. Podemos, contudo, fazer muitas coisas que ele fez, desde que magnifiquemos nosso chamado.

Em seu grande e último sermão proferido após a Última Ceia, pouco antes de se dirigirem ao Getsêmani, Jesus disse aos apóstolos:

"Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras." (João 14:11.)

Pois bem, segundo compreendi pelo estudo, o sacerdócio é poder. O poder usado por Deus na Criação. O poder que usou para alimentar o povo nos dias de Moisés. O poder que teremos o dom de exercer em virtude de nosso sacerdócio, se tivermos fé e aprendermos a seguir a inspiração dos céus. (O Irmão McConkie fez um belo discurso a respeito desse assunto hoje à noite.)

É o poder que temos o dom de exercer em nossos chamados na Igreja se formos humildes e dispostos a estudar, e vivermos dignos do santo sacerdócio e nos deixarmos guiar pela influência do Senhor em nossas administrações e outras tarefas que somos chamados a fazer.

Que todos magnifiquemos o sacerdócio vivendo o evangelho, a fim de podermos usar seu poder na pro-

moção da obra da Igreja e no aperfeiçoamento de nossa vida no caminho para a vida eterna, eu oro humildemente e presto testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém.

ATENÇÃO!

NOVO PREÇO

DE ASSINATURA

DE A LIAHONA

Por determinação

do Conselho de Área

o preço da assinatura

anual é de

Cr$ 400,00 a partir

de JULHO/82

Pelo preço de uma

semana de jornais

diários você tem, ainda,

uma assinatura da

melhor e mais importante

revista: A LIAHONA.

Sessão Matutina de Domingo
4 de abril de 1982

Cinco Milhões de Membros — Um Marco e Não o Ápice



Presidente Gordon B. Hinckley
Conselheiro na Primeira Presidência

"Tende sempre em mente o grande quadro, pois a causa é tão ampla quanto a humanidade e tão extensa quanto toda a eternidade."

Conforme ouvistes, nesta última semana o número de membros da Igreja chegou a cinco milhões — um marco significativo e uma boa oportunidade para tranqüila gratidão como também para séria reflexão. Aqueles que lançaram os alicerces desta obra devem sentir-se profundamente recompensados.

Seus contemporâneos, que amargamente prediziam o desaparecimento e morte da Igreja, olham com assombro e frustração as realizações de Deus. Isto se estiverem em condição de sabê-lo. Pois esta é a obra dele e foi ele quem a trouxe até seu presente estado através de seu milagroso poder. Foi ele quem deu início à pre-

sente dispensação dos tempos, utilizando como instrumento um rapaz de mente limpa e desimpedida, pronto para receber a instrução de seres divinos e a revelação proveniente do Espírito Santo.

Deus plantou no coração de homens e mulheres a fé necessária para verem um profeta eleito no jovem Joseph Smith. Foi o Espírito de Deus quem lhes abriu os olhos para o milagre do Livro de Mórmon, que veio à luz como a voz que clama do pó em testemunho de que Jesus é o Cristo. (Vide 2 Néfi 33:13.)

Foi ele quem deu forças e coragem, quando os poderes do próprio inferno se lançaram contra a Igreja infante e seus poucos membros. Graças a ele, esses dias ficaram para trás. Foi-se o terror das marchas forçadas em pleno inverno, de casas incendiadas e templos profanados, sepulturas perdidas nas pradarias e soluços de familiares enlutados.

Hoje caminhamos sob a luz da boa vontade. A Igreja é respeitada e honrada. A virtude de nosso povo e a integridade de nossos esforços estão sendo reconhecidas e apreciadas.

Sejamos gratos, mas não orgulhosos. Sejamos antes gratos e humildes, conforme convém aos beneficiários de tão ricas bênçãos do Onipotente.

Agora é tempo de nos perguntarmos se, tendo crescido em número e poder, acaso estamos mais perto da perfeição em nossa vida individual. O marco de cinco milhões de membros só é realmente significativo na medida em que, como povo, nós vivemos o evangelho e demonstramos seus frutos em nossas ações. O Senhor não deixa dúvidas de que a quem "muito for dado, muito se lhe exigirá". (D&C 82:3.)

Ao seguir nosso caminho, jamais devemos deixar-nos distrair quanto à grande e suprema responsabilidade tríplice da Igreja de, primeiro, levar o evangelho de Jesus Cristo a todos os povos da terra; segundo, de implantar esse evangelho nos membros da Igreja; e terceiro, de estender essas bênçãos, pela obra vicária, aos que já ultrapassaram o véu da morte. Nossa missão é "tão extensa como a eternidade e profunda como o amor de Deus". O apego a essa missão trouxe-nos a esse marco significativo, o qual deve ser encarado como mera etapa e não o ápice.

O Senhor deu o parâmetro dessa obra ao declarar: "E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim." (Mateus 24:14.)

Este é o nosso grande desafio e responsabilidade.

Não tenho dúvida alguma de que esta obra continuará avançando. Estou convicto de que seu progresso se intensificará, se nosso povo viver o evangelho com fidelidade e devoção. Em concordância com esta observação, gostaria de sugerir cinco imperativos que devemos cumprir.

Primeiro: Ater-nos estritamente à doutrina.

Para mim, o evangelho não tem nada de complexo. Ele é belo e simples, fonte contínua de força, um manancial de fé. O ponto-chave da doutrina é que Deus é nosso Pai Eterno e Jesus é o Cristo, nosso Redentor vivente. Nós somos filhos de Deus. Ele nos ama e espera que o amemos, demonstrando nosso amor

servindo a seus demais filhos. Seu Filho amado é nosso Salvador, o qual deu a vida na cruz do Calvário como sacrifício vicário pelos pecados da humanidade. Por seu próprio poder divino, ressuscitou da morte, tornando-se "as primícias dos que dormem" (I Cor. 15:20), assegurando assim a todos os homens a ressurreição da morte e convidando-nos a participar com ele da vida eterna de acordo com nossa obediência a suas leis e mandamentos.

Eles, isto é, o Pai e o Filho, apareceram ao adolescente Joseph Smith na mais gloriosa manifestação que deu início à dispensação da plenitude dos tempos. (Vide D&C 112:30.) Todos os elementos dos ensinos divinos concedidos anteriormente foram então reunidos pela restauração numa eterna e final dispensação.

Deus não nos deixou andando no escuro em ignorância. Sua palavra, proferida tanto em outros tempos como em nosso, está ao dispor de todos para ler, ponderar e aceitar. Temos entre nós muitos livros e pregadores, sendo que encontro virtude em todos eles. A mais segura fonte de sabedoria divina, porém, é a palavra do Senhor nas sagradas obras-padrão da Igreja. Nelas encontramos a doutrina à qual temos de nos apegar, a fim de que esta obra prossiga para seu destino divinamente designado.

Meu segundo imperativo: Temos de aplicar melhor essa doutrina em nossa vida.

O mais persuasivo tratado evangélico é a vida exemplar de um fiel santo dos últimos dias. Vivemos numa época em que as pressões mundanas tornam facílimo e muito tentador, em cumprimento às palavras de Néfi, cometer "pequenos pecados; sim, (mentir) um pouco, (aproveitar-se) das palavras de alguém, (abrir) uma cova ao... vizinho; ... (afastar) de si os justos sem causa e (injuriar) o que é bom". (2 Néfi 28:8,16.)

Durante o Sermão da Montanha, dizia o Salvador: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5:16.)

Se, como povo, formos íntegros, honestos e morais em nossas ações, vivendo de acordo com o simples, maravilhoso e fundamental princípio da regra de ouro, os outros serão induzidos a inquirir e aprender. Então nos tornaremos como a cidade edificada sobre um monte, cuja luz é impossível esconder. (Vide Mateus 5:14.) Então testemunharemos o crescente cumprimento da promessa de Isaías: "E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos em suas veredas." (Isaías 2:3.)

Meu terceiro imperativo: Precisamos empenhar-nos em cultivar o espírito de amor e caridade no lar.

Os lares de nosso povo têm sido excelentes lares nos quais reina amor, espírito de sacrifício e atitude de respeito mútuo. No futuro, haverá necessidade de maior ênfase nessas coisas. O egoísmo é o câncer que destrói o amor e a paz, a raiz da qual brotam discussões, raiva, desrespeito, infidelidade e divórcio.

Ainda neste mês, dedicaremos um novo e belo edifício no campus da

Universidade Brigham Young em memória de uma mulher, Caroline Hemenway Harman. Provavelmente poucos ouviram falar dela. Por isso gostaria de esboçar sua história.

Aos vinte e dois anos, Caroline casou-se com George Harman. O casal teve sete filhos, dos quais um faleceu ainda criança. Aos trinta e nove anos, ela enviuvou. Sua irmã, Grace, havia desposado o cunhado de Caroline, Davi. Em 1919, durante a terrível epidemia de gripe, Davi adoeceu gravemente assim como sua esposa. Caroline cuidou deles e de seus filhos, além dos seus. Em meio a essas aflições, Grace deu à luz um filho, falecendo poucas horas mais tarde. Caroline levou o bebê para casa, cuidou dele, salvando-lhe a vida. Três semanas mais tarde, sua própria filha Annie deixou esta vida.

Assim, Caroline havia perdido duas crianças, além do marido e sua irmã. Foi demais para ela e entrou em colapso físico. Ao se recuperar, ficou com um sério caso de diabete. Mas não se deu por vencida; continuou a cuidar do sobrinho, cujo pai, Davi, vinha visitá-lo diariamente. Passado algum tempo, Davi e Caroline se casaram, formando uma família com treze filhos.

Cinco anos depois, Davi sofreu um sério acidente que fez sofrer profundamente toda a família. Ao utilizar um forte inseticida para desinfetar sementes de plantas, ele se contaminou e os efeitos foram desastrosos. A pele e a musculatura se desprenderam dos ossos; perdeu a língua e os dentes. A solução cáustica corroeu-o literalmente em vida.

Caroline cuidou dele nessa terrível doença e, quando ele morreu, ficou sozinha com cinco filhos próprios, oito de seu segundo marido e uma fazenda de 113 hectares, que ela e as crianças aravam, plantavam, irrigavam e colhiam, a fim de prover suas necessidades. Nessa época era ainda presidente da Sociedade de Socorro, cargo que ocupou por dezoito anos.

Cuidando de sua numerosa família além de estender a mão caridosa aos outros, ela costumava assar oito pães por dia e lavar quarenta tanques de roupa por semana. Enlatava frutas e hortaliças às toneladas, além de cuidar de mil galinhas poedeiras que lhe davam algum dinheiro. Independência era seu lema, considerando a ociosidade como pecado. Cuidava da própria família e ainda se preocupava com os outros, não permitindo que nenhum conhecido passasse fome e frio.

Mais tarde se casou com Eugene Robison que, não muito depois, sofreu um derrame. Nos cinco anos até sua morte, ela tratou e cuidou dele com carinho.

Finalmente, exaurida, com o organismo arruinado pelos efeitos da diabete, ela faleceu aos sessenta e sete anos. Os hábitos de operosidade e trabalho duro que incutiu nos filhos tiveram sua recompensa. O pequeno sobrinho que criou carinhosamente desde a hora em que nasceu, junto com seus irmãos e irmãs, todos movidos pelo senso de amor e gratidão, doaram à universidade uma soma substancial que permitiu a construção do belo edifício que levará seu nome.

É lícito lembrarmos homens e mulheres que fizeram contribuições excepcionais nas ciências, educação,

negócios e artes. Seu exemplo é capaz de motivar-nos a um desempenho melhor. Quão apropriado, também, que no campus de uma grande universidade seja lembrada, por meio de um prédio belo e útil, uma mulher e mãe quase desconhecida e ignorada, que conseguiu criar, alimentar, educar e manter unidas duas famílias numerosas, e tudo isso em condições intensamente adversas.

Seu caso não é único, exceto em alguns particulares. É, de fato, um tanto característico entre as famílias numerosas dos primeiros tempos da Igreja, que labutavam juntas, houvesse sol ou chuva, a fim de subjugar o sertão, educar os filhos e ensinar-lhes conhecimentos práticos e culturais também.

As condições de nossa sociedade mudaram bastante. Transformamo-nos num povo essencialmente urbano. Mas isto apenas ressalta a necessidade de um maior esforço no cultivo do espírito familiar, apreço familiar e afeto familiar nos anos vindouros.

Meu quarto imperativo: Temos de continuar com mais eficácia ainda, fortalecendo e apoiando-nos mutuamente. O Senhor nos admoesta: "Portanto, em todas as tuas orações, em todas as tuas exortações e em todas as tuas ações, fortalece a teus irmãos." (D&C 108:7.)

Vivemos numa sociedade tendente ao criticismo. Descobrir defeitos é o deleite de colunistas e comentaristas, existindo demais dessa tendência também entre nosso povo. É muito fácil encontrar defeitos, e resistir a essa tendência exige muita disciplina. Contudo, se nos edificarmos e apoiarmos uns aos outros como povo, o Senhor nos abençoará com força suficiente para resistir a qualquer tormenta e suportar qualquer adversidade. O inimigo da verdade quer dividir-nos e cultivar entre nós atitudes críticas que, se permitirmos que prevaleçam, somente nos deterão na busca de nossa grande meta divina. Não nos podemos permitir tal luxo. Precisamos cerrar fileiras e marchar ombro a ombro, os fortes ajudando os fracos, os que muito possuem auxiliando os que têm pouco. Nenhum poder na terra pode obstar esta obra, se assim fizermos.

Meu quinto imperativo é decorrência do último — prosseguir com fé. Dizia o Senhor aos seus santos numa época mais difícil: "Portanto, não temais pequeno rebanho; fazei o bem; deixai que a terra e o inferno se unam contra vós, pois, se estiverdes estabelecidos sobre a minha rocha, eles não poderão prevalecer.

"Buscai-me em todo pensamento; não duvideis, não temais." (D&C 6:34,36.)

Recomendo-vos ver o quadro inteiro, deixando de preocupar-vos com pequenas falhas. Abraão Lincoln era um homem desengonçado, de rosto comprido e traços irregulares. Muitos viam somente as imperfeições em sua figura. Outros caçoavam do seu andar gingado, mantendo sempre os olhos tão baixos a ponto de não verem sua verdadeira estatura. Somente os que procuravam contemplar o ser inteiro — corpo, intelecto, espírito — captaram a grandeza do caráter desse homem à testa de uma nação dividida na mais negra das horas, unindo-a "sem maldade para com ninguém, com caridade para com todos, com firmeza

no bem conforme Deus o inspirava a ver o que era correto." (Second inaugural Address.)

É lógico, existem aberrações em nossa história. Se procurarmos, encontraremos falhas na vida de qualquer homem, incluindo nossos líderes passados e presentes. Trata-se, porém, apenas de coisas incidentais à magnitude de seus serviços e grandeza de suas contribuições.

Tende sempre em mente o grande quadro, pois a causa é tão ampla quanto a humanidade e tão extensa quanto toda a eternidade. Esta é a igreja e o reino de Deus, que requer força, fé e lealdade de todos, para prosseguir abençoando a vida dos filhos de nosso Pai em toda a terra.

Ao alcançar cinco milhões de membros, atingimos um marco, não o ápice. Um futuro muito maior nos espera. Prossigamos. Se apenas nos apegarmos à doutrina, se vivermos com integridade, se cultivarmos amor e caridade no lar, se nos edificarmos e apoiarmos um ao outro e caminharmos com fé, o Todo-Poderoso nos abençoará, bem como sua gloriosa obra. Há muito o que fazer. No passado se fizeram grandes sacrifícios, para que chegássemos a este ponto. Não foram poucas as vidas sacrificadas. Ninguém nos pede que entreguemos a vida, e na verdade muito pouco de nosso conforto. Mas espera-se que dediquemos lealdade, devoção, nosso coração, mente, poder e forças à promoção da obra do Senhor. (Vide D&C 59:5.) Que Deus nos ajude a sermos fiéis ao andarmos em busca da luz de um dia ainda mais luminoso e significativo, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Integridade, a Mãe de Muitas Virtudes



Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Integridade é a luz que refulge de uma consciência disciplinada, é a força do dever dentro de nós."

Gostaria de ressaltar, hoje, três importantes elementos da integridade — ser justo consigo mesmo, ser justo com os outros e reconhecer a lei da causa e efeito. Peço desculpas por minha franqueza. Não pretendo ofender. Desejo apenas ser entendido.

O dicionário define *integridade* como firme apego a um código de valores morais (*Webster's New Collegiate Dictionary*). Ela implica firmeza e incorruptibilidade; é a mãe de muitas virtudes e começa quando somos justos para conosco mesmos.

Walter Spät, o primeiro presidente de estaca da América do Sul, há muitos anos é dono de uma fábrica de móveis em São Paulo. As delicadas flores, arabescos e desenhos talhados a mão em madeiras maravilhosas tornam seus móveis excepcionalmente belos. Toda peça é primorosa, cada criação uma obra de arte. Um dia, minha esposa Ruth e eu es-

távamos na entrada da fábrica, quando levavam uam peça recém-terminada para a exposição. A madeira era linda e o acabamento uma perfeição. Aos olhos do Presidente Spät, contudo, os pegadores de metal não combinavam. Sem hesitar, pegou uma chave de fenda e os retirou, comentando: "Isto não é meu trabalho." Ele parece incapaz de produzir um móvel que não seja o mais perfeito possível. Sua obra reflete sua honra e integridade.

Ralph Waldo Emerson afirmou: "Todo homem cuida de não ser enganado pelo vizinho. Chega um dia, porém, em que começa a preocupar-se em não enganar seu vizinho. Então tudo vai bem. Ele transformou seu carro de mercador em triunfal carro do sol." (*Conduct of Life,* em *The Complete Writings of Ralph Waldo Emerson,* Nova York: William H. Wise and Co., 1929, p. 585.)

Integridade é o valor que damos a nós próprios, o cumprimento de uma obrigação que devemos a nós. O homem honrado compromete-se a viver de acordo com determinadas expectativas auto-impostas. Não há necessidade de qualquer controle ou supervisão externa. É honrado no íntimo.

Onde o desempenho da alma é melhor? Naquilo que demonstra externamente? Ou no íntimo, onde não pode penetrar o olho mortal e onde temos uma defesa interior contra as tragédias da vida?

Integridade é a luz que refulge de uma consciência disciplinada, é a força do dever dentro de nós. Moisés aconselhava: "Quando um homem fizer voto ao Senhor, ou fizer juramento, ligando sua alma com obrigação, não violará a sua palavra; segundo tudo o que saiu da sua boca, fará." (Números 30:2.)

A força de manter um juramento foi demonstrada por Néfi ao segurar Zoram, o apavorado servo de Labão, para que não fugisse. Diz o Dr. Hugh Nibley:

"Néfi, um rapaz vigoroso, segurou prudentemente o apavorado Zoram até lhe fazer o solene juramento 'assim como o Senhor vive e vivo eu' (1 Néfi 4:32), de que lhe não faria mal, se o escutasse. Zoram imediatamente deixou de resistir, e Néfi fez novo juramento de que ele seria um homem livre, se os acompanhasse ao deserto...

"...Assim que Zoram 'jurou que seria um dos nossos, daquele momento em diante... nossos temores cessaram a seu respeito' (1 Néfi 4:35,37.)" (*An Approach to the Book of Mormon,* 2.ª ed., Sal Lake City: Deseret Book Co., 1976, pp. 103-4.)

Ser fiel a si mesmo às vezes requer extraordinária força e coragem. Nos primórdios da Igreja, por exemplo, era muito impopular e até mesmo perigoso, apoiar Joseph Smith como um profeta de Deus. Lyman Wight foi um dos aprisionados pelos líderes do populacho em 1839.

Nessa ocasião, o General Wilson disse ao Irmão Wight: "Não queremos feri-lo nem matá-lo, "e, após um juramento, prosseguiu: "Mas temos uma coisa contra você e esta é que você é amigo demais de Joe Smith... Wight, você sabe tudo a respeito de seu caráter.

O Irmão Wight respondeu: "É verdade."

"Você jura dizer tudo o que sabe a seu respeito?"

Então o Irmão Wight disse a Wilson que "considerava... Joseph Smith o homem mais filantrópico que já conhecera, possuidor dos mais puros... princípios — um amigo da humanidade, um pacificador."

Wilson então observou: "Wight, temo que sua vida esteja em perigo, pois o preconceito contra Joe Smith não tem limites."

"Mate-me e dane-se, senhor," foi a resposta do Irmão Wight.

Voltando mais tarde, na mesma noite, Wilson disse a Lyman Wight: "Lamento informá-lo de que sua sorte está lançada, sua sina determinada; você foi condenado ao fuzilamento às oito horas de amanhã cedo, na praça pública de Far West."

Ao que o Irmão Wight retrucou: "Fuzile-me e dane-se."

A sentença de execução foi revogada na manhã seguinte. (Vide *History of the Church,* 3:446-47.)

Ser justo consigo mesmo é o fundamento para ser justo com o próximo. Durante a II Guerra Mundial, cheguei em casa de licença no mês de setembro. Estava na época de fazer conserva de pêssegos para o inverno. Minha querida sogra telefonou a George B. Andrus, um velho amigo de Holladay, no Vale do Lago Salgado. O diálogo foi breve:

— George, você tem pêssegos para vender?

O Patriarca Andrus respondeu: — Tenho alguns, mas não são grande coisa.

Ofereci-me para levar a mamãe Wright de carro até Holladay. Lá chegando, ela perguntou:

— George, onde estão os pêssegos?

O Irmão Andrus abriu a porta da garagem, e pude ver cestos cheios de grandes pêssegos dourados com uma face enrubescida pelos beijos do sol. Os cestos estavam tão cheios que, ao levantá-los para pôr no porta-malas, alguns rolaram pelo chão. O Irmão Andrus imediatamente os substituiu com outros perfeitos, não machucados.

A caminho de casa, indaguei:

— Por que ele disse que os pêssegos não eram grande coisa?

Minha sogra respondeu: — Se você conhecesse George Andrus, saberia que todas as frutas que vende são excelentes e que sempre dá mais do que deve.

Fiquei imaginando como seriam as frutas, se George dissesse que eram boas. As expectativas auto-impostas do Irmão Andrus faziam-no ir além do que se esperava dele em seus negócios.

A integridade natural, inerente, manifesta-se quase a toda hora em todos os dias de nossa vida. Aqueles que se aproveitam injustamente dos outros podem fazer fortuna, porém se privam de algo muito mais importante — sua própria integridade. Tirar vantagem do próximo é uma imitação fraudulenta do genuíno sucesso e honra.

Quem tem filhos e está fazendo alguma coisa não muito certa pode estar cometendo um mal dobrado, pois além do erro que comete, está ensinando outra geração a fazer o mesmo. Parece ser uma lei imutável que os filhos não só tendem a imitar os pais como ultrapassá-los, confirmando o velho adágio de que a galinha não apenas volta para casa, mas traz consigo pintainhos.

Cumprir o dever, independente do sacrifício envolvido, é parte de sermos justos conosco mesmos e com os

outros. Nos primeiros tempos da história deste vale, Joseph W. McMurrin foi encarregado de guardar determinados líderes da Igreja. Certa ocasião, numa reunião na Cidade do Lago Salgado, um homem alegando autoridade quis entrar no salão. Joseph W. McMurrin, fiel ao dever de guardar os servos do Senhor, impediu-o. O Presidentee Heber J. Grant conta que o invasor "finalmente conseguiu livrar a mão, sacou uma pistola e, pressionando-a contra o corpo do Irmão McMurrin, disparou dois tiros... perfurando-lhe órgãos vitais. As balas ficaram alojadas sob a pele nas costas. Ele foi socorrido pelo Dr. Joseph Benedict, que o informou de que ninguém conseguiria sobreviver a dois tiros assim, acrescentando:

"— Se quiser fazer uma última declaração, convém que a faça já.

"Acompanhei John Henry Smith à casa do Irmão McMurrin, e pude ver a carne queimada ao redor das horríveis e enormes perfurações. Vi onde as balas o haviam atravessado diretamente e ouvi John Henry Smith dizer: — Pela autoridade do sacerdócio do Deus vivente que porto e em nome do Senhor Jesus Cristo, ordenamos que sejas totalmente curado e que teu corpo não guarde nenhuma debilidade física por causa desses horríveis ferimentos que recebeste, enquanto guardavas os servos do Deus vivente."

No dia 21 de novembro de 1931, o Presidente Grant concluiu: "Joseph W. McMurrin está vivo e bem disposto, sem nunca ter sentido nenhuma fraqueza física devido àqueles horríveis ferimentos." (*Gospel Standards,* Salt Lake City: Improvement Era, 1969, pp. 310-11.)

É difícil ser justo consigo mesmo e outros sem conhecer a lei da causa e efeito. A gente sempre colhe aquilo que semeia. Há muito, os santos dos últimos dias vêm sendo ensinados a cultivar as virtudes da independência, do trabalho, frugalidade e autoconfiança. Trabalhar pelo que recebemos é um importante e imutável princípio do respeito próprio. O mundo inteiro admira o sucesso. Mas como definimos o sucesso e de que maneira o buscamos é decisivo para nossa felicidade.

É lícito investir adequadamente ns frutos da operosidade e frugalidade. Um bom e sólido investimento pode-se igualar a anos de labuta, havendo riscos em tudo o que fazemos. Contudo, investimentos altamente especulativos e promovidos com falsas e vagas promessas de lucro exorbitante devem ser encarados com muita suspeita. Os líderes da Igreja há muito vêm advertindo quanto a negócios especulativos. Dizia Brigham Young: "Se o Senhor me revelou uma coisa foi que os líderes de Israel devem abster-se de especular e devem cumprir os deveres de seu chamado." (*Journal of Discourses,* 8:179.)

Em nossa época, disse o Presidente Nathan Eldon Tanner:

"O débito de investimento deve ser totalmente seguro, a fim de não pôr em risco a segurança da família. Não invistais em empreendimentos especulativos. O espírito de especulação pode tornar-se inebriante. Já se perderam muitas fortunas pelo apetite incontrolável de ganhar mais e mais. Aprendamos com as lições do passado e evitemos escravizar nosso tempo, nossas energias e saúde ao apetite glutão das aquisições mate-

riais." (*A Liahona*, março de 1980, p. 121.)

O que é o sucesso? Dinheiro? Realização? Fama? Posição? Domínio? O Profeta Miquéias os define assim: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?" (Miquéias 6:8.)

Ezequiel também nos deu a fórmula do sucesso:

"Sendo pois o homem justo, e fazendo juízo e justiça...

"Não oprimindo a ninguém, tornando ao devedor o seu penhor, e não roubando, dando o seu pão ao faminto e cobrindo ao nu com vestido...

"Andando nos meus estatutos, e guardando os meus juízos, para obrar segundo a verdade, o tal justo certamente viverá, diz o Senhor Jeová." (Ezequiel 18:5, 7, 9.)

Aparecendo a Salomão em sonho, disse-lhe o Senhor: "Pede o que quiseres que te dê." (I Reis 3:5.) Salomão respondeu: "A teu servo, pois, dá um coração entendido para julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal." (I Reis 3:9.) O Senhor agradou-se de que Salomão não pediu sucesso segundo o conceito do mundo.

Total e constante integridade é a grande lei de conduta humana. É preciso haver certos absolutos na vida. Certas coisas jamais devem ser feitas, determinadas linhas nunca devem ser cruzadas, votos jamais violados, palavras nunca proferidas e pensamentos nunca acalentados.

Todavia, há lugar para a misericórdia, para a eqüidade e o perdão. Até mesmo a Pedro, o inabalável, perdoou-se um momento de fraqueza. Lucas conta:

"Então, prendendo-o, o levaram e o meteram em casa do sumo sacerdote. E Pedro seguia-o de longe.

"E, havendo-se acendido fogo no meio do pátio, estando todos sentados, assentou-se Pedro entre eles.

"E como certa criada, vendo-o estar assentado ao fogo, pusesse os olhos nele, disse: Este também estava com ele.

"Ele, porém, o negou, dizendo: Mulher, não o conheço.

"E, um pouco depois, vendo-o outro, disse: Tu és também deles. Mas Pedro disse: Homem, não sou.

"E passada quase uma hora, um outro afirmava, dizendo: Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu.

"E Pedro disse: Homem, não sei o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo.

E, virando-se o Senhor, olhou para Pedro, e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe havia dito: Antes que o galo cante hoje, me negarás três vezes."

"E, saindo Pedro para fora, chorou amargamente." Lucas 22:54-62.)

Creio que esse incidente fortaleceu o compromisso de Pedro. Ele jamias voltou a fraquejar. A determinação nascida do desapontamento com a própria fraqueza momentânea deu-lhe a têmpera do mais duro aço. Provou sua dedicação todos os dias de sua vida, dali em diante, até a morte. O mesmo pode acontecer a cada um de nós. Quando deixamos a desejar e caímos abaixo de nossos próprios padrões, podemos tomar nova resolução e reencontrar nossa força abandonando a fraqueza.

Deus nos ajude a sermos honestos e verdadeiros. Possamos ser sempre totalmente dignos de confiança, permanecendo firmes e honrados, quando os outros caírem, e não temendo. Possamos dizer como o tão provado Jó: "Até que eu expire, nunca apartarei de mim a minha sinceridade." (Jó 27:5.)

Deixo-vos meu testemunho de que ser justo consigo mesmo e com os outros, observando a lei de causa e efeito, faz parte da paz íntima do doce evangelho do Senhor Jesus, de cuja divindade como o Cristo ressurreto eu testifico em seu santo nome. Amém.



O Poder da Oração Familiar



Élder John H. Groberg
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Não conheço nenhuma atividade isolada com maior potencial de unir a família e proporcionar-lhe mais amor e orientação divina, que a consistente oração familiar."

Meus caros irmãos e irmãs, conto com vossa fé e preces, ao considerarmos uma chave vitalmente importante para nossa felicidade e sucesso na vida. Vou falar nesta manhã sobre a importância e o poder da oração familiar.

Nosso Pai nos céus quer que tenhamos famílias fortes, afetuosas. E para isto nos deu como grande ajuda a oração em família.

Todos nós, solteiros ou casados, fazemos eternamente parte de uma família — seja onde e como for — e grande parte de nossa satisfação na vida provém do devido reconhecimento e desenvolvimento dessas relações familiares. Vimos para esta terra com uma missão — aprender a amar e servir um ao outro. E para ajudar-nos a alcançar esse fim, Deus nos fez parte de uma família, pois

sabe que é o melhor lugar para vencermos o orgulho e egoísmo, aprender a nos sacrificarmos pelos outros e fazer da felicidade, prestimosidade, humildade e amor a própria essência do nosso caráter.

Aprendemos que amigos e vizinhos aparecem e desaparecem, mas que a família é para sempre; e aprendendo isto, descobrimos que somos o eterno guardador de nosso irmão e começamos a entender a ajuda de que necessitamos. Como devemos ser gratos a Deus pela oportunidade da oração familiar!

Atentai para a admoestação do Salvador em 3 Néfi: "Rogai no seio de vossa família ao Pai, sempre em meu nome, a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados." (3 Néfi 18:21.)

Depreendeis disso que, se não orarmos sempre no seio da família, ela possivelmente não será abençoada — ou pelo menos, não com a mesma abundância? Se realmente amarmos nossa família, oraremos constantemente em favor dela e com ela. Não conheço nenhuma atividade isolada com maior potencial de unir a família e proporcionar-lhe mais amor e orientação divina, que a consistente e fervorosa oração familiar.

Pensai no poder positivo quando reunis vossa família e agradeceis a Deus por todas as bênçãos concedidas. Pensai na significância eterna de agradecer-lhe diariamente pelos membros de vossa família, e pedir-lhe que os guie, abençoe e proteja, sem exceção. Pensai na força adquirida pela família, à medida que diariamente um ou outro de seus membros abre sua alma em afeto a Deus pelos demais familiares.

Obviamente, nossas preces devem ser mais que palavras, pois conforme expôs tão claramente o Presidente Marion G. Rommey, "a eficácia de nossas preces depende de como cuidamos um do outro". (*A Liahona*, março de 1981, p. 135.) A oração familiar, pois, é plenamente efetiva somente quando nos levantamos de nossos joelhos e, com crescente amor e compreensão, cuidamos melhor um do outro.

Todos desejamos que haja mais amor e união em nossa família. Todos necessitamos de mais ajuda para um membro eventualmente rebelde ou com necessidades especiais. Todos desejamos confiar mais na orientação e diretriz divina.

Prometo-vos que, à medida que orardes consistente e fervorosamente em família, todos os familiares se revezando e orando sinceramente pelos outros, recebereis influxos sobre o que deveis fazer, individualmente, para ajudar os outros. Dessa forma podereis, na oração familiar, receber revelações pessoais e familiares de como amar e servir uns aos outros.

Agora, Satanás fará todo o possível para nos impedir de fazer a oração familiar ou pelo menos que sejam esporádicas, mecânicas e sem sinceridade. Na época de Daniel, Satanás induziu homens malvados a promulgar leis contra a oração. Em nossos dias, seus métodos são um pouco mais sutis (embora tente também legislar agora).

Lembrai-vos, porém, de que a melhor escola na terra é o lar. No entanto, quantos lares não desistem voluntariamente da oração em família, dando prioridade a outras coisas menos importantes.

Se Satanás nos faz pensar que nossos filhos são pequenos ou grandes demais, ou se consegue que nos aborreçamos com alguém ou fiquemos preocupados com algum programa de TV ou falta de tempo ou outros problemas da tão agitada vida moderna, afastando-nos da oração familiar, ele de fato venceu, ainda que em muitos outros aspectos sejamos intrinsecamente corretos.

Satanás não se importa como nos impede de progredir, uma vez que o consiga. Perguntai a vós mesmos: Quantas vezes fizemos oração familiar na semana passada? Quem está ganhando em nosso lar? Como está o placar? Não permitais que vença o mal. Vós podeis derrotá-lo com o auxílio de Deus.

Com todo o fervor de minha alma, suplico a cada família da Igreja, a cada família neste país, a cada família do mundo — organizai vossas prioridades de modo que Deus ocupe o primeiro lugar em vossa vida, e demonstrai-o orando regularmente em família. Pode haver impedimentos ocasionais; mas como regra, devemos orar em família todas as manhãs e todas as noites.

Oh, se assim fizéssemos, se mostrássemos regularmente a nossa família e nosso Deus o quanto os amamos e apreciamos, como precisamos de sua ajuda e como confiamos em sua proteção, uma das maiores mudanças positivas possíveis se daria na Igreja, no país e no mundo. Nada deve interferir na oração consistente, fervorosa em família! Pensai no que estareis ensinando por meio da oração familiar. Depois pensai no que ensinais, não fazendo orações em família.

Testifico-vos que existe um poder real na oração familiar. Testifico que é possível unir a família e os familiares se ajudarem e se fortalecerem mutuamente pela oração familiar.

Gostaria de ilustrar este ponto com um incidente acontecido anos atrás. Quando moço, fui chamado para uma missão em Tonga. Devido a uma série de condições excepcionais, como greve nos navios etc., minha viagem da Cidade do Lago Salgado até Tonga levou três meses. E como na época eu era o único designado para Tonga, fiz grande parte da viagem sozinho.

Finalmente em Samoa, o presidente da missão colocou-me numa embarcação para Fiji, assegurando que mandaria um telegrama e que quando chegassem em Suva, encontaria dois élderes esperando por mim para me pôr no navio para Tonga.

Embora estivesse viajando havia dois meses e meio, a viagem para Suva pareceu-me particularmente cheia de ansiedade. Como eu desejava encontrar os dois missionários!

O barco atracou em Suva de manhã cedo. Fiquei olhando, mas não via nenhum élder. Passaram-se duas, três horas, e nada de élderes. O comandante mandava-me saltar, pois estavam de partida. E eu respondia que estava esperando dois moços, que não apareciam.

Finalmente era meio-dia e o comandante estava pronto para zarpar.

— Desça, ordenou, sua passagem só vale até Suva. Estou zarpando e você vai ficar aqui.

Quando desci, assustado, a prancha de desembarque, dei de frente com os funcionários da imigração.

— Mostre-nos seu visto, sua passagem para prosseguir e o dinheiro para manter-se enquanto ficar aqui, — exigiram.

Eu não tinha visto, nem passagem, nem dinheiro suficiente. Garanti-lhes, porém, que dois moços logo apareceriam com tudo o que pediam. Como orei! Mas eles não apareciam.

— Volte para o navio, insistiam eles.

— Para o meu navio não, gritava o comandante.

Recordo ainda estar de pé no meio da prancha de desembarque, olhando para os braços cruzados e olhos fuzilantes do enérgico comandante, e depois baixando o olhar para os rostos igualmente decididos e dentes cerrados dos funcionários da imigração.

Olhei para o mar debaixo da prancha. Deveria ter pensado em quanto tempo conseguiria me manter à tona, mas estava assustado demais para pensar direito.

No fim, o comandante provou-se o mais duro; e em meio a gritos, imprecações e batidas de fardos, a prancha foi recolhida e o navio zarpou, largando-me nas mãos não muito amistosas dos funcionários da imigração.

Seguiu-se uma longa discussão entre eles, quase toda num idioma estranho. Finalmente, um dos mais moços e menos hostis dirigiu-se a mim e disse-me que, por ora, deveria guardar minhas coisas no barracão da alfândega. É para onde vão as coisas proibidas de entrar no país sem que se pague determinado imposto. Garantiu-me que ele também achava que logo os dois moços mencionados estariam ali e tudo ficaria resolvido.

A tarde ia declinando. Por diversas vezes tentei entrar em contato com os missionários de todas as formas possíveis, mas sem sucesso. Sei que os missionários devem ser valentes, mas eu estava assustado, cansado e com fome.

O sol já estava baixo e quanto mais descia no firmamento, mais desanimado eu me sentia. Eu sabia que não estava realmente em perigo nem preso, mas para alguém acostumado a muita liberdade, eu me julgava como que preso.

O pungente odor de curry, copra, peixe seco e as miríades de outras visões, sons e cheiros de um cais tropical pareciam tão estranhos aos aromas frescos e limpos do meu lar em Idaho. Eu sentia saudades de casa. Queria chorar, mas sabia que não adiantaria nada.

Finalmente cessou o ruído dos guinchos, o gemido dos cadernais e cabos, o barulho das cargas e o estalar dos motores. Os doqueiros começaram a partir, depois os funcionários da imigração, até restarem apenas alguns vigias e guardas. Tudo era solêncio, agora. Jamais me senti tão só.

Tentei deitar-me no chão sujo e irregular de cimento. Orei, perguntando o que fazer. Parecia não vir resposta. Observei os últimos raios de sol trespassando as nuvens e incendiando o mar e infiltrando-se nos fundos do barracão de ferro.

Por quanto tempo ainda haverá luz? pensei. E depois: *E quando esses últimos raios sumirem e cair a noite, o que será*? (Alguma vez já desejastes poder fechar os olhos e

simplesmente sumir — ou fazer a situação mudar?) *Ora, não devo perder a esperança. As coisas têm de dar certo.*

Mais uma vez cerrei os olhos em oração, quando subitamente me senti como que transportado. Eu não via nem ouvia coisa alguma, no sentido físico; mas, de uma forma bem real eu vi uma família, no distante Idaho, ajoelhada em oração; e ouvi mamãe falando tão claramente quanto possível: "E abençoa o John em sua missão."

Quando aquela família fiel invocou os poderes do céu em favor de seu filho missionário, testifico-vos que esses poderes realmente se manifestaram, elevando-me e permitindo-me reunir-me mais uma vez, espiritualmente e por um breve momento, ao círculo familiar em oração. Eu era um com eles. Fui literalmente engolfado pelo amor e cuidado de uma família fiel, sentindo por um momento como deve ser repousar no seio de Abraão. (Vide Lucas 16:22.) Foi-me dado compreender, igualmente, que existem outros círculos de amor e cuidado ilimitados pelo tempo e espaço, aos quais todos nós pertencemos e dos quais podemos sorver forças. Deus não nos deixa inteiramente sós, jamais!

Lágrimas de alegria fluíram livremente ao sentir o calor da segurança, a luz do amor e o poder da esperança. E quando voltei a perceber o cimento duro e áspero debaixo de mim, não havia mais medo, nem tristeza, nem ansiedade; apenas profunda gratidão e segurança absoluta.

Para finalizar o caso, meia hora mais tarde vi o jovem funcionário da imigração que fizera amizade comigo, aproximando-se acompanhado por dois élderes. Parece que a caminho de casa, aconteceu encontrar-se com dois jovens americanos de camisa branca e gravata, contando-lhes que havia um igual a eles no cais. Parece que o telegrama não chegou, mas, mesmo assim, acompanharam-no até o barracão, e logo tudo estava resolvido. Poucas semanas mais tarde cheguei a Tonga, pronto para iniciar a missão.

Irmãos e irmãs, testifico-vos que existe um grande poder na fervorosa, consistente e amorosa oração familiar. Não negueis esta bênção a vossa família. Não vos priveis, nem a vossos familiares, por negligência, da força proveniente da oração em família.

Não importa que outra herança deixareis para vossa família, mas deixai-lhe a experiência de saber que sempre estareis orando por ela e ela por vós.

Reuni vossos familiares, dando alta prioridade à oração em família. Pode parecer meio esquisito a princípio, se não estiverdes acostumado a fazê-lo; e como Satanás se opõe tenazmente, ele vos dará toda sorte de desculpas e obstáculos; prosseguindo e sendo persistentes, prometo-vos grandes bênçãos.

Lembrai-vos de que tudo o que somos mandados fazer nesta vida é pautado numa vida melhor. Acaso julgais uma idéia estranha que, possivelmente, parte do poder da oração familiar resida no fato de participarmos de uma família celeste, que se interessa por nós e que, ligando-nos a ela de alguma forma,

conseguimos algo muito acima de nós?

Pensai no poder de milhares de preces de pais, avós, bisavós e assim por diante até Jacó, Isaque e Abraão e mais além, todos pedindo essencialmente a mesma coisa: "Abençoa meus filhos. Abençoa meus filhos. Abençoa meus filhos." Conseguis ouvi-las, soando e ecoando pelas eternidades afora?

Façamos todos parte desse imenso poder positivo.

Testifico-vos que tempo e espaço não são barreiras para essas influências justas, e não importa onde estamos ou em que condições, até mesmo nas profundezas do desânimo, longe de nossos entes queridos, nós podemos sentir e ser fortalecidos pelas comoventes palavras "e abençoa João ou Maria ou seja quem for em sua missão", pois, na verdade, a vida é uma missão. Todos nós estamos aqui com a missão de aprender a amar e servir um ao outro; e não conseguiremos fazê-lo tão bem como deveríamos, sem orações familiares consistentes e fervorosas.

Testifico que Deus é nosso Pai, que ele vive e nos ama, e dele provêm todas as boas coisas. Testifico que Jesus vive e nos ama, que é o Filho de Deus, o Cristo, o Salvador do mundo e cabeça desta Igreja. Testifico que, se orarmos ao Pai em seu nome, todas as coisas são possíveis.

Possamos todos reunir nossos familiares e orar habitualmente e com fervor uns pelos outros, sentindo, assim, em retidão, as necessidades alheias, e com isso cumprir grande parte de nossa missão na vida, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Subamos à Casa do Senhor



Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Deus proveu um meio de obtermos uma organização familiar eterna que perdurará além do túmulo."

A designação que recebemos para a sessão de sábado à noite das conferências de estaca no primeiro semestre de 1982 tem por tema: "Subamos ao monte do Senhor à casa do Deus de Jacó." (Isaías 2:3.) O objetivo dessas reuniões tem sido inspirar os santos a obterem suas próprias bênçãos do templo, freqüentá-lo em favor de seus entes falecidos e outros, completar o registro de quatro gerações, ampliar a procura dos dados familiares e aperfeiçoar e fortalecer as organizações familiares. A primeira instrução que Joseph Smith recebeu após a Primeira Visão, quanto à restauração do evangelho de Jesus Cristo, referia-se à unidade familiar eterna. A história registra este evento nas palavras do Profeta:

"Um mensageiro enviado da presença de Deus... se chamava Morôni; (disse) que Deus tinha um trabalho a ser feito por mim...

"Depois de dizer-me estas coisas, começou a citar as profecias do Velho Testamento...

"Eis que Eu vos revelarei o Sacerdócio pela mão do Profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor.

"...E ele plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e os corações dos filhos voltarão aos pais. Se assim não fora, toda a terra seria totalmente destruída em sua vinda."

(Joseph Smith 2:30, 33, 36, 38-39.)

A preparação para as sessões destas conferências a cada fim de semana despertou-me o interesse em meus próprios ancestrais. Fiquei impressionado com a frase: "a menos que as famílias estejam unidas e os corações dos filhos estejam voltados a seus pais, toda a terra será totalmente destruída na vinda do Salvador." (Joseph Smith 2:39.)

Esse meu interesse inspirou-nos a realizar uma noite familiar especial, a cada mês, com meus filhos. Eles são convidados a trazer a família ao nosso lar. Como parte da lição de cada uma dessas noites, conto-lhes sobre um de seus ancestrais. O mais velho do qual me lembro é meu avô, Henry Morgan Perry. Enquanto me preparava para dar a lição sobre sua vida, fiquei muito entusiasmado com suas realizações.

Meu pai certa vez escreveu o seguinte tributo a ele:

"Papai era conservador. Jamais fazia dívidas. Quando não tínhamos algo, continuávamos sem obtê-lo. Nunca hipotecou a fazenda. Era muito relutante em fazer qualquer dívida em sua propriedade. Freqüentemente o ouvi dizer que as únicas pessoas financeiramente idôneas eram aquelas que não hipotecavam suas terras. Era um homem espirituoso com todos. Lembro-me de quatro importantes posições que ocupou. A primeira foi como Juiz de Paz, a segunda como Administrador Escolar, a terceira como membro do bispado; e quarta, em seu trabalho no Canal Great Feeder. Ele foi pioneiro no desenvolvimento da irrigação do fértil Snake River Valley."

Papai descreve ainda a ternura com que vovô ensinava sua família. Meu pai desejava estudar e fervorosamente procurava obter a melhor educação com os meios dos quais dispunha. Quando vovô o observava debatendo-se no afã de fazer o melhor, costumava dar-lhe preleções paternas como "Meu filho, seja honesto nos estudos, e lembre-se de suas orações. Sim, e em orações, lembre-se de seus estudos."

Houve uma época em que se tornou levemente arrogante ao adquirir um pouco mais de conhecimento. Certo dia desafiou seu pai a um debate após as reuniões da Igreja. O assunto era: "Determinar se a ciência fez mais pelo bem-estar da família humana do que a religião." Toda a congregação permaneceu na capela para ouvir o debate. Aos dois oradores foram dados quinze minutos para fazer uso inicial da palavra e mais três minutos de réplica. Meu pai pronunciou-se primeiramente. Falou sobre o progresso feito pela ciência e como isso melhorou a vida para todas as pessoas. Em seguida expôs as muitas falhas que tivera no

passado a religião. Papai era membro da sociedade de debates na escola e abençoado com o dom da fala. Sabia como persuadir uma audiência. Ao sentar-se, pensou tê-los convencido a jogarem fora a Bíblia e substituí-la com a ciência.

Então vovô se levantou. Não tivera o privilégio de receber muita instrução, mas era um leitor ávido. Falou como as religiões, muitas delas, haviam influenciado a família humana para o bem. Explicou seus métodos, excelência e dignidade. E sentou-se.

Meu pai ergueu-se para a réplica. Passou a maior parte do tempo dizendo, "Provei. Posso provar. Provei." Mas cada afirmação repetida parecia menos poderosa à medida que pensava na sinceridade da mensagem do outro orador. Percebendo-o, sentou-se novamente.

Vovô ergueu-se. Não disse muita coisa. Apenas acrescentou: "Dou todo crédito à ciência pelo que tem feito. Ela modificou nossa maneira de viver e, de certo modo, de pensar. Ela edificou, cercou, construiu os lugares em que vivemos. Nenhum de nós deseja retroceder ao passado quando o presente nos oferece tanto, e o futuro ainda mais. Mas com todo esse crédito ao seu progresso, e toda a glória por suas realizações, seus cientistas sequer se aproximaram de algo que se compare à ternura do coração humano."

Meu avô venceu o debate. Até papai se convenceu. Levantou-se rapidamente, envolveu-o num abraço e congratulou-se com ele. Vovô disse-lhe: "Meu filho, lembre-se disso: Há mais satisfação nos humildes ensinamentos do Mestre do que em todo encantamento de um falso ideal." (*"They Came"*, Albert Z. Perry, 1955.)

Como vêem, de histórias como esta desenvolvi um amor especial por meu avô.

Comecei a verificar o que acontecera à grande família desde sua morte. Henry Morgan e Fannie Young Perry foram abençoados com 10 filhos, 48 netos, 161 bisnetos, 241 trinetos e agora 22 tetranetos, um total de 482. O número alcança 639 ao incluir os respectivos cônjuges. Bem, sua posteridade é uma ala quase pronta para ser dividida em duas!

Mas ao procurar essas informações, descobri que nem toda a família foi abençoada com o conhecimento dos ensinamentos de seu avô. Nem todos aceitaram o evangelho. Logo percebi que tinha uma grande obra a realizar. Alguns desses 639 não farão parte de uma unidade familiar eterna, porque não receberam em seu coração o testemunho do que devem fazer para que isso seja cumprido.

Descobri que, se houvesse um homem qualificado para herdar o reino celestial, certamente seria Henry Morgan Perry, meu avô. Fico feliz ao antecipar meu encontro com ele na eternidade, se me qualificar para merecê-lo. Mas ao mesmo tempo começo a ficar preocupado, querendo saber como serei recebido. E sou envolvido novamente pela realização da grande obra que é esperada de mim. Por causa dessa preocupação, busquei os nomes de todos os descendentes de Henry Morgan Perry que não tiveram o privilégio glorio-

so de se tornar parte de uma unidade familiar eterna. Enviei-lhes cartas convidando-os a me ouvirem hoje. Nos próximos minutos gostaria de enviar minhas observações a estes membros de nossa família.

O Senhor declarou: "Pois eis que esta vida é o tempo para os homens se prepararem para o encontro com Deus." (Alma 34:32.) No plano do Senhor para a salvação de seus filhos, ele tornou claro dois pontos: primeiro, Jesus Cristo é o único nome sob os céus com autoridade para a salvação do homem (ver Atos 4:11-12), e segundo, cada homem e cada mulher deve aceitar o evangelho e receber suas ordenanças pela devida autoridade, ou não serão salvos (ver João 3:5).

Os profetas têm-nos instruído sobre a eternidade e organização familiar. O Presidente Joseph F. Smith disse:

"As nossas associações (familiares) . . . não se destinam exclusivamente a esta vida, para o tempo, como nós o distinguimos da eternidade. . . Formamos associações e relações para o tempo e para a eternidade. . .

"O homem e a mulher que abraçaram o evangelho de Jesus Cristo e que começaram a vida juntos devem estar capacitados por seu poder, exemplo, e influência, a estimular os filhos a igualá-los em virtude, honra, e em integridade, tornando-os assim merecedores do reino de Deus, o que resultará em benefícios e salvação para os próprios pais. Ninguém, melhor do que eu mesmo, pode aconselhar os meus filhos com maior dedicação e solicitude para sua felicidade e salvação. . . Não ficaria satisfeito sem eles; pois são parte de mim. São meus; Deus mos deu, e eu quero que sejam humildes e submissos aos requisitos do evangelho. *(A Doutrina do Evangelho,* pp. 252-253.)

Quais são essas ordenanças das quais devemos participar para nos qualificarmos? Nossa fé ensina que os primeiros princípios e ordenanças do evangelho são: primeiro, fé no Senhor Jesus Cristo; segundo, arrependimento; terceiro, batismo por imersão para a remissão dos pecados; e quarto, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo. (Ver 4.ª Regra de Fé.) Após obediência aos quatro primeiros princípios do evangelho e tempo suficiente para dirigir nossa vida em harmonia a esses princípios, é possível entrar no templo do Senhor e receber o endowment.

O Élder James E. Talmage escreveu o seguinte sobre isso:

"As ordenanças do 'endowment' incluem certas obrigações por parte do indivíduo, tal como o convênio e promessa de observar a lei de perfeita virtude e castidade, de ser caritativo, benevolente, tolerante, e puro; de devotar tanto os talentos como os meios materiais à propagação da verdade e enaltecimento da raça; de manter devoção à causa da verdade; e de procurar, por todos os meios, contribuir para a grandiosa preparação, a fim de que a terra esteja pronta para receber seu Rei — o Senhor Jesus Cristo. Junto com cada convênio e aceitação de cada obrigação, é pronunciada uma promessa de bênção dependente da fiel obser-

vância das condições." (*A Casa do Senhor,* p. 75.)

Depois de receber vosso próprio endowment, podereis estar unidos a vosso cônjuge e selados para o tempo e eternidade. O Senhor disse: "Todos os convênios, contratos, laços, obrigações, votos, promessas, realizações, conexões, associações ou expectativas que não forem feitos e selados pelo Santo Espírito da promessa, e por meio daquele que é ungido, tanto para esta vida como para toda a eternidade... não terão eficácia, virtude, ou vigor algum na ressurreição dos mortos; nem depois dela, pois todos os contratos que não forem realizados com esse propósito têm fim quando os homens morrem." (D&C 132:7.)

Com relação a nosso relacionamento eterno no casamento do templo, o Presidente Ezra Taft Benson falou-nos:

"A família (é) a organização mais importante no tempo e em toda a eternidade... a preservação da vida familiar no tempo e na eternidade é mais importante do que quaisquer outros interesses... Por causa dessa convicção na continuação do lar e da família através das eternidades, edificamos as mais bem elaboradas e dispendiosas construções — os templos de Deus... para que homem, mulher e seus filhos possam ser unidos pelo convênio e união eterna que transcenderá todas as limitações dessa vida mortal." ("America's Strength — The Family", transcrição não publicada de um discurso proferido como parte do National Family Night Program, Seattle World's Fair Coliseum, 23 de novembro de 1976, p. 5.)

Quão gloriosos são os ensinamentos do Senhor a seus filhos! Através deles pode haver associações com avós, pais, filhos e netos, em uma organização familiar eterna.

Agora, queridos membros de minha família que ainda não completastes todos os requisitos que de vós serão exigidos pelo Senhor para vos tornardes parte desse envolvimento eterno — devo confessar-vos que muitas vezes nos concentramos muito mais no impacto mundial do programa missionário, extração dos registros genealógicos, na preparação das aulas para a Escola Dominical etc., que acabamos falhando na disponibilidade para ajudar-vos a conhecer as bênçãos que vos esperam como parte da organização familiar eterna. Quero que saibais que estou disponível. Mudei minhas prioridades. Desejo fazer tudo ao meu alcance para ter certeza de que nossa associação familiar está completa. Permiti ensinar-vos as doutrinas que são necessárias para vos unir a nós para o tempo e a eternidade.

Presto-vos testemunho de que Deus é nosso Pai eterno, que somos seus filhos, que ele preparou um meio de obtermos uma organização familiar eterna que perdurará além do túmulo. Testifico-vos que esse dom, o dom da vida eterna, é o maior dom de Deus a seus filhos. (Ver D&C 14:7.)

Que Deus nos abençoe para encontrarmos a alegria e satisfação que vem através de aprender os princípios do evangelho os quais nos conduzirão para a vida eterna, é minha humilde oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

Singrar, em Segurança, os Mares da Vida.



Élder **Thomas S. Monson**
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Guiados pelo indestrutível leme da fé, podemos seguir o rumo invariável para o nosso porto de destino — o reino celestial."

No dia 14 de fevereiro de 1939, os americanos celebravam o Dia de São Valentim (dia dos namorados). Os carteiros entregavam envelopes fechados e a criançada deixava na porta de amiguinhos especiais folhas dobradas com desenhos coloridos. Cada envelope ou papel continha uma saudação, uma mensagem de amor. Afinal, o Dia de São Valentim é um dia de amor.

Longe das Américas, na distante cidade de Hamburgo, Alemanha, também se comemorava um feriado, entretanto bem menos alegre. Em meio a discursos inflamados e os acordes do hino nacional, era lançado no Rio Elba o novo vaso de guerra *Bismarck,* diante dos aplausos da multidão. Ele não levava uma mensagem de amor, antes uma ameaça com seus inúmeros canhões.

O poderoso colosso era um espetáculo empolgante de armas e maquinaria. A construção da torre tripla para seus canhões de 406 mm controlados por radar exigiu mais de cinqüenta e sete mil desenhos. O navio continha quarenta e cinco mil quilômetros de fiação elétrica, e trinta e cinco toneladas de placas blindadas forneciam segurança máxima. De aparência majestosa, gigante em tamanho, com assombroso poder de fogo, o *Bismarck* era considerado indestrutível.

Seu dia fatal amanheceu mais de dois anos depois, quando, a 24 de maio de 1941, as duas mais poderosas naves de guerra britânicas, o *Prince of Wales* e o *Hood* travaram batalha com o *Bismark* e o cruzador alemão *Prinz Eugen.* No espaço de quatro minutos, o *Bismarck* mandou para as profundezas do Atlântico o *Hood* e toda sua tripulação de mil quatrocentos e dezenove homens, menos três. O outro vaso britânico, o *Prince of Wales,* sofrera graves danos e retirou-se. (No todo, os britânicos concentraram a força de oito couraçados, dois porta-aviões, onze cruzadores e vinte e um contratorpedeiros na busca e destruição do poderoso *Bismarck.*)

Três dias depois, 27 de maio, o *Bismarck* foi novamente atacado por quatro naves de guerra britânicas. Tiro após tiro só conseguiram infligir-lhe danos superficiais. Seria o *Bismarck* mesmo indestrutível? Foi então que um torpedo, num golpe de sorte, danificou seu leme. As tentativas de repará-lo foram vãs. Com suas armas bem fornidas de munição, a tripulação a postos, o *Bismack* só conseguia deslocar-se lenta-

mente em círculo. A poderosa aviação alemã estava um pouco adiante do ponto em que poderia ser contactada. Apesar de tão próximo de seu porto seguro, não podia valer-se de sua proteção, pois perdera a capacidade de seguir um rumo determinado. Sem leme, sem ajuda, sem porto. O fim do *Bismarck* se avizinhava. Os canhões britânicos continuavam troando, enquanto a tripulação germânica afundava deliberadamente sua antes tão orgulhosa nave. As vagas famintas do Atlântico primeiro lamberam seu costado, acabando por tragar o orgulho da marinha alemã. O *Bismarck* deixava de existir.

Assim como o *Bismarck*, cada um de nós é um milagre de engenharia. Nossa criação, entretanto, não ficou restrita ao gênio humano. O homem consegue criar maquinaria de grande complexidade, mas não pode dar-lhe vida nem conferir-lhe o poder de raciocinar e julgar. Por que? Porque são dons divinos, conferidos somente segundo o critério de Deus. Nosso Criador nos equipou com um sistema circulátorio capaz de manter todos os "canais" desobstruídos e funcionando, um trato digestivo para preservar nossas forças e vigor, e um sistema nervoso destinado a manter todas as partes orgânicas em constante comunicação e coordenação. Deus deu ao homem vida e, com ela, o poder de pensar, raciocinar, decidir e amar.

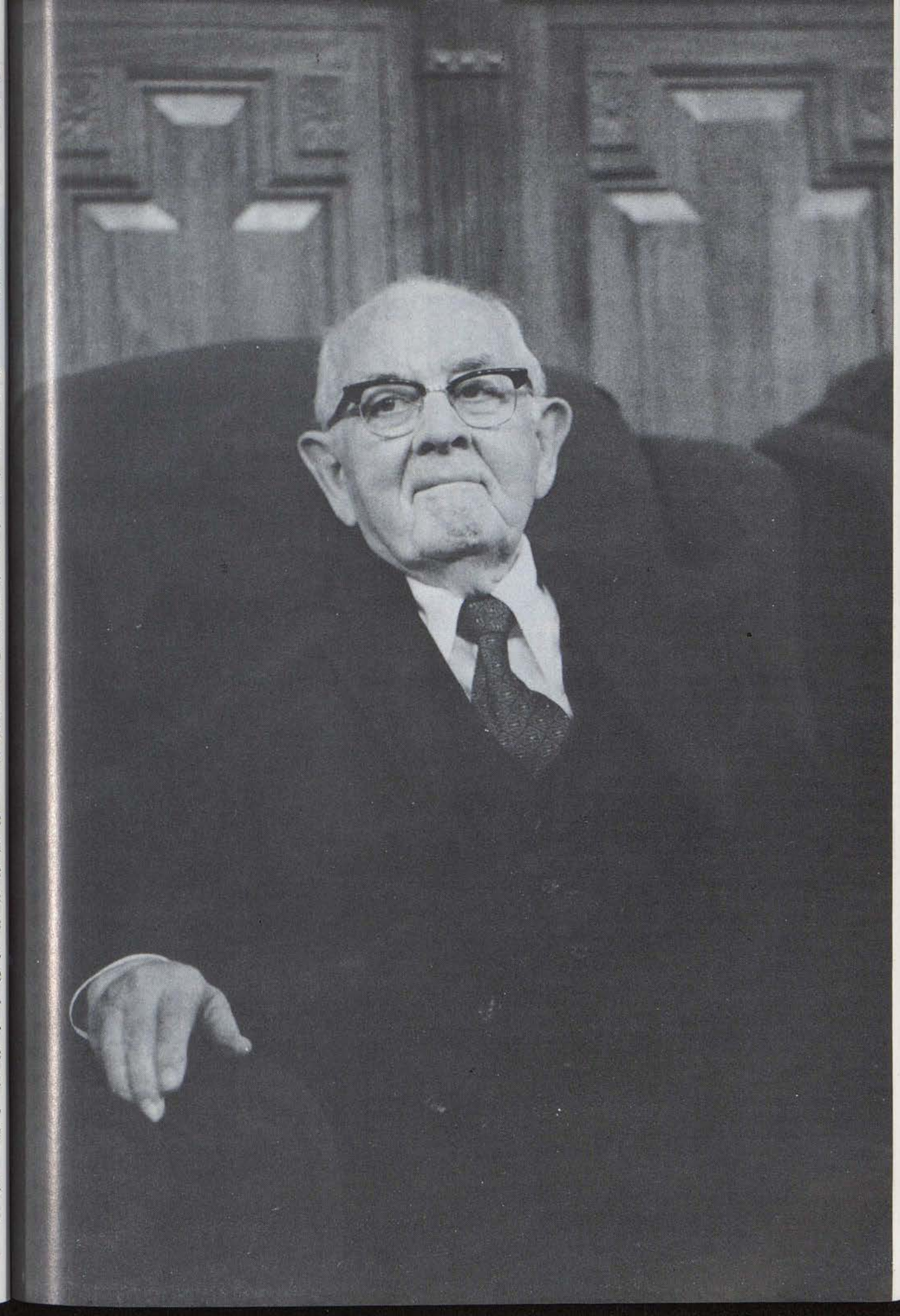
À semelhança do leme de um navio, foi-nos dado um meio de determinar o rumo que queremos seguir. O foral do Senhor nos acena a todos com sua luz ao singrarmos os mares da vida. Nosso porto de destino é o reino celestial de Deus. Nosso propósito é seguir um rumo invariável nessa direção. O homem sem propósito é como um navio sem leme, provavelmente jamais chegará ao porto. Recebemos o aviso: Traça teu rumo, iça as velas, acerta o leme e segue.

O homem se assemelha ao navio. A força das turbinas é inútil sem a capacidade de direção do leme, em geral relativamente pequeno e invisível, mas absolutamente essencial.

Nosso Pai Celeste providenciou o sol, a lua, as estrelas, galáxias celestes para guiar o marinheiro que navega pelos mares. A todos que palmilham os caminhos da vida ele adverte: Cuidado com os desvios, as armadilhas, as ciladas. Iníquos astuciosos postam-se em pontos favoráveis, acenando-nos. Não vos deixeis enganar. Parai e orai. Escutai aquela voz suave e mansa (vide D&C 85:6) que nos transmite no fundo da alma o gentil convite do Mestre: "Vem, segue-me," (Lucas 18:22.) Então nos afastamos da destruição e morte, e encontramos felicidade e vida eterna.

Sempre há, contudo, aqueles que não querem atender, não querem obedecer, que seguem outra fonte de "inspiração". Entre eles destaca-se o filho de Adão e Eva, Caim, nome bastante conhecido entre os homens. De grande potencial, mas fraco de vontade, Caim permitiu que ganância, inveja, desobediência e até mesmo assassinato travassem seu leme pessoal que poderia tê-lo guiado para a segurança e exaltação. Caim caiu, por apegar-se às coisas mundanas e não às espirituais.

Menos conhecido, porém mais típico de nossos dias, foi o caso do



Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência



President N. Eldon Tanner
First Counselor



President Spencer W. Kimball



President Marion G. Romney
Second Counselor



President Gordon B. Hinckley
Counselor

O Quorum dos Doze



Ezra Taft Benson



Mark E. Petersen



LeGrand Richards



Howard W. Hunter



Thomas S. Monson



Boyd K. Packer













A Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta





A Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta



Franklin D. Richards | J. Thomas Fyans | Carlos E. Asay | M. Russell Ballard | Dean L. Larsen | Royden G. Derrick | G. Homer Durham

Membros do Primeiro Quorum dos Setenta



Marion D. Hanks | A. Theodore Tuttle | Theodore M. Burton | Paul H. Dunn | Hartman Rector, Jr. | Loren C. Dunn | Robert L. Simpson | Rex D. Pinegar | W. Grant Bangerter | Robert D. Hales | Adney Y. Komatsu



Joseph B. Wirthlin | Gene R. Cook | Charles Didier | William R. Bradford | George P. Lee | John H. Groberg | Jacob de Jager | Vaughn J. Featherstone | Robert E. Wells | James M. Paramore | Richard G. Scott



Hugh W. Pinnock | F. Enzio Busche | Yoshihiko Kikuchi | Ronald E. Poelman | Derek A. Cuthbert | Robert L. Backman | Rex C. Reeve, Sr. | F. Burton Howard | Teddy E. Brewerton | Jack H. Goaslind, Jr. | Angel Abrea

O Bispado Presidente



H. Burke Peterson, First Counselor | Victor L. Brown, Presiding Bishop | J. Richard Clarke, Second Counselor

Autoridades Gerais Eméritas



Eldred G. Smith | Sterling W. Sill | Henry D. Taylor | Bernard P. Brockbank



James A. Cullimore | Joseph Anderson | John H. Vandenberg | O. Leslie Stone



poderc
fertil
creve
de poc
bém c
pios d
expedi
Segue-
lament
e acab
belas,

Fala
se
Qua
d
E es
d
Ona
m
Dize
q
Que
d
E sc
e
Mos
O c
c
Que
Obs
c
. . .
Por
o
Con
in
Esp
Am
Tra
q
. . .
Faz
q

poderoso Cardeal Wolsey. A pena fertil de William Shakespeare descreve a majestosa altura, o pináculo de poder a que ele chegou, mas também conta como deixou seus príncipios desgastarem-se pela vã ambição, expedientes e fome de privilégios. Segue-se a queda trágica, o doloroso lamento de alguém que tivera tudo e acabara sem nada. As palavras são belas, parecem até escritura.

Falando a Cromwell, seu fiel servidor, diz o Cardeal Wolsey:

Quando não se lembrarem mais de mim, o que acontecerá,
E estiver dormindo num mármore duro e frio,
Onde nunca será feita menção de mim,
Dize que aprendeste comigo; dize que este Wolsey
Que outrora percorreu as sendas da glória
E sondou todas as profundezas e escolhos do poder,
Mostrou-te...
O caminho da grandeza, caminho certo e seguro
Que ele, teu senhor, havia perdido.
Observa bem minha queda e a causa de minha ruína.
... Repele a ambição.
Por causa deste pecado, caíram os anjos.
Como pode, então, o homem, imagem do Criador,
Esperar vencer por este pecado?
Ama a ti mesmo em último lugar;
Trata com carinho os corações que te odeiam;
...
Faze um inventário de tudo o que possuo
Até o último ceitil; tudo pertence ao céu
São agora tudo que ouso chamar de meu.
O' Cromwell, Cromwell!
Se eu tivesse colocado a serviço de Deus,
Somente a metade do zelo que dediquei a serviço do rei,
Ele não me haveria entregue nu,
Em minha idade, aos meus inimigos.

(William Shakespeare, "Henrique VIII", ato III, cena II; *Obra Completa*, nova versão anotada de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes, Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1969, vol. III, p. 708.)

O leme celestial que poderia ter sido seu guia para a segurança ficou arruinado pela busca do poder e ânsia de renome. Como outros antes dele e muitos mais depois, o Cardeal Wolsey caiu.

Numa época bem anterior a ele, um servo de Deus foi posto à prova por um rei iníquo. Auxiliado pela inspiração dos céus, Daniel, filho de Davi, interpretou para o rei a inscrição na parede. Com respeito às recompensas oferecidas, um vestido real e corrente de ouro, Daniel disse: "Os teus dons fiquem contigo, e dá os teus presentes a outro." (Daniel 5:17.)

Dario, sucessor do Rei Belsazar, também honrou Daniel, dando-lhe um cargo de grande destaque. Isto suscitou a inveja do povo, o ciúme dos príncipes e intrigas dos ambiciosos.

Por meio de embuste e ilsonjas ao rei, conseguiram que Dario assinasse

um decreto, proclamando que qualquer que fizesse petição a algum deus ou homem, com exceção do rei, seria lançado na cova dos leões. (Vide Daniel 6:7.) O decreto foi assinado e feita a proclamação. Daniel estava ciente dele, mas não obedeceu. Sua vida não era orientada por um rei, mas sim por Deus. Pego em suas preces diárias, Daniel foi levado perante o rei. Relutante, este foi obrigado a condená-lo a ser lançado na cova dos leões. A sentença foi cumprida. Eis o relato bíblico:

"O rei dirigiu-se ao palácio e passou a noite em jejum... e fugiu dele o sono.

"E pela manhã cedo se levantou e foi com pressa à cova dos leões.

"E chegando-se à cova, chamou por Daniel com voz triste... Daniel, servo de Deus vivo! dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões?

"Então Daniel falou ao rei: Ó rei, vive para sempre!

"O meu Deus enviou o seu anjo, e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano...

"Então o rei muito se alegrou... e mandou tirar Daniel da cova; assim foi tirado Daniel da cova e nenhum dano se achou nele, porque crera no seu Deus." (Daniel 6:18-23.)

Na hora de crítica necessidade, a determinação de Daniel de seguir um rumo firme e constante garantiu-lhe a proteção divina e o proveu de um santuário seguro.

O relógio da história, assim como a areia da ampulheta, marca a passagem do tempo. Novos elencos passam a ocupar o palco da vida. Os problemas de nossa época assomam ameaçadores diante de nós. Rodeados pela sofisticação da vida moderna, buscamos no céu aquele infalível senso de direção para podermos traçar e seguir um rumo sábio e seguro. Aquele a quem chamamos de Pai Celeste não nos deixará pedir em vão.

Esta lição voltei a aprender faz alguns anos, quando me fizeram uma designação ímpar e assustadora. Folkman D. Brown, então diretor do Mormon Relationships for the Boy Scouts of America, procurou-me em meu escritório, ao saber que eu estava de partida para Nova Zelândia, onde passaria algum tempo. Contou-me que sua irmã viúva, Belva Jones, sofria de câncer incurável e não sabia como contá-lo ao único filho, em missão naquele distante país. Seu desejo, mesmo seu apelo, era que continuasse no campo missionário servindo fielmente. Ela se preocupava com a reação dele, pois o missionário, Élder Ryan Jones, perdera o pai fazia apenas um ano, vitimado pelo mesmo mal.

Aceitei a responsabilidade. Após uma reunião de missionarios no majestosamente belo Templo de Nova Zelândia, tive um encontro particular com o Élder Jones, quando lhe expus, com a máxima delicadeza possível, a situação de sua mãe. Naturalmente houve lágrimas, não só da parte dele, porém seguidas de um aperto de mãos e a promessa:

— Diga a minha mãe que continuarei servindo. Vou orar e a verei novamente.

Cheguei na Cidade do Lago Salgado justamente a tempo de estar na conferência da Estaca Lost River,

em Moore, Idaho. Sentado junto ao púlpito com o presidente, minha atenção voltou-se quase que instintivamente para a banda leste da capela, onde o sol matutino banhava a ocupante solitária do banco da frente. Indaguei do presidente:

— Quem é a irmã iluminada pela luz do sol? Sinto que devo conversar com ela.

Ele respondeu:

"É a Irmã Belva Jones, e tem um filho em missão na Nova Zelândia. Ela está muito doente e solicitou uma bênção de saúde.

Até aquele momento eu não soubera onde Belva Jones vivia. Minha designação naquele fim de semana poderia ter-me levado a qualquer uma de cinqüenta estacas. Todavia, o Senhor respondera, a sua própria maneira, à prece de fé de uma mãe preocupada. Tivemos uma conversa maravilhosa. Transmiti-lhe palavra por palavra as reações e resolução do filho. Houve a bênção, foi proferida uma oração e recebeu-se um testemunho. Belva Jones viveu até ver o filho terminar a missão, privilégio com que se regozijou. Havendo completado a missão, Ryan voltou para casa exatamente um mês antes do seu falecimento.

Ao nos aventurarmos em nossa jornada individual, que possamos singrar com segurança os mares da vida. Guiados pelo indestrutível leme da fé, nós também encontraremos o rumo seguro para o porto de destino. "*Regressa o navegante, de volta do mar.*" De volta para a família, de volta para os amigos, de volta para os céus, de volta para Deus.

Desta verdade eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sessão Vespertina de Domingo
4 de abril de 1982

Apoio dos Oficiais da Igreja



Presidente Gordon B. Hinckley
Conselheiro na Primeira Presidência

Não houve nenhuma modificação nas Autoridades Gerais desde a última conferência. É proposto, portanto, que apoiemos todas as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja, conforme presentemente constituídos.

Todos a favor, queiram manifestar-se.

Se houver alguém em contrário, manifeste-se pelo mesmo sinal.



Valentes no Testemunho de Jesus



Presidente Ezra Taft Benson
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Ter testemunho de Jesus significa aceitar a missão divina de Jesus Cristo, abraçar seu evangelho e executar suas obras."

Meus amados irmãos e irmãs, com o coração repleto de gratidão, encontro-me diante de vós, agradecido por vossa fé e orações. Hoje, na Páscoa, quero dizer algumas palavras sobre o que constitui um valente testemunho de Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor.

Uma bênção inestimável disponível a todos os membros da Igreja é o testemunho da divindade de Jesus Cristo e sua Igreja. O testemunho é uma das poucas posses que levaremos, ao deixar esta vida.

Ter testemunho de Jesus é ter conhecimento através do Espírito Santo, da missão divina de Jesus Cristo. Ter testemunho de Jesus, é saber do nascimento divino de nosso Senhor, de que ele é de fato o Ungênito na carne.

Ter testemunho de Jesus é saber que ele é o prometido Messias e que, enquanto habitou na terra entre os homens, realizou muitos grandes milagres.

Ter testemunho de Jesus é saber que as leis que prescreveu como sua doutrina são verdadeiras, e depois viver segundo essas leis e ordenanças.

Ter testemunho de Jesus é saber que ele assumiu voluntariamente os pecados de toda a humanidade no Jardim do Getsêmani, o que o fez sofrer física e espiritualmente a ponto de sangrar por todos os poros. Tudo isso para que não precisemos sofrer, desde que nos arrependamos. (Vide D&C 19:16,18.)

Ter testemunho de Jesus é saber que ele se levantou triunfante da sepultura com um corpo físico, ressurreto. E como ele vive, assim viverá toda a humanidade.

Ter um testemunho de Jesus é saber que Deus, o Pai, e Jesus Cristo realmente apareceram ao Profeta Joseph Smith, a fim de estabelecer uma nova dispensação do evangelho, para que a salvação fosse anunciada a todas as nações antes de sua vinda.

Ter testemunho de Jesus é saber que a Igreja por ele estabelecida no meridiano dos tempos e restaurada nos tempos modernos é, conforme o Senhor declarou, "a única igreja verdadeira e viva na face da terra". (D&C 1:30.)

Ter testemunho de Jesus é aceitar as palavras de seus servos, os profetas, pois, como ele disse, "seja pela minha própria voz ou pela de meus servos, não importa". (D&C 1:38.)

Ter testemunho de Jesus significa aceitar a missão divina de Jesus Cristo, abraçar o evangelho e execu-

tar suas obras; significa aceitar a missão profética de Joseph Smith e seus sucessores.

Falando dos que receberão as bênçãos do reino celestial, o Senhor disse a Joseph Smith: "Esses são os que receberam o testemunho de Jesus, e creram em seu nome e foram batizados segundo o modo de seu sepultamento, sendo sepultados na água em seu nome, e isto de acordo com o mandamento que ele deu." (D&C 76:51.) São os valentes no testemunho de Jesus que, conforme declarou o Senhor, "vencem pela fé e são selados pelo Santo Espírito da promessa, o qual o Pai derrama sobre todos os justos e fiéis." (D&C 76:53.)

"Todos os justos e fiéis!" Que expressão adequada para os valentes no testemunho de Jesus. Eles são corajosos na defesa da verdade e justiça. São os membros da Igreja que magnificam os chamados eclesiásticos (vide D&C 84:33), pagam dízimos e ofertas, levam uma vida moralmente limpa, apóiam os líderes da Igreja com palavras e atos, santificam o dia do Senhor e obedecem a todos os mandamentos de Deus.

A estes o Senhor promete que todos os tronos e domínios, principados e poderes serão revelados e dados a todos os que, pelo evangelho de Jesus Cristo, tudo suportaram *valentemente*". (D&C 121:29: grifo nosso.)

Com respeito aos que receberão o reino terrestrial, disse o Senhor que "são os que *não são valentes* no testemunho de Jesus; portanto, não obtêm a coroa do reino de nosso Deus". (D&C 76:79; grifo nosso.) Não ser valente no testemunho é uma tragédia de conseqüências eternas. Esses são os membros que sabem que esta obra dos últimos dias é verdadeira, mas não perseveram até o fim. Alguns deles têm talvez, até recomendações para o templo, mas não magnificam seus chamados na Igreja. Temerosos, não tomam uma posição *firme* em favor do reino de Deus. Alguns almejam o louvor, adulação e honra dos homens; outros procuram ocultar seus pecados; e uns poucos criticam aqueles que os presidem.

Considerando alguns desafios que a Igreja enfrenta atualmente e continuará enfrentando no futuro, ocorrem-me três pronunciamentos de antigos líderes da Igreja.

Disse o Presidente Joseph F. Smith: "Há, no mínimo, três perigos internos que ameaçam a Igreja... São a lisonja de homens preeminentes no mundo, os falsos conceitos de educação e a impureza sexual." (*Doutrina do Evangelho*, cap. XVI, p. 284.)

O segundo foi uma profecia de Heber C. Kimball, conselheiro do Presidente Brigham Young. Dirigindo-se aos membros da Igreja que haviam chegado ao Vale do Lago Salgado, ele declarou:

"A fim de enfrentar as dificuldades que estão por vir, será necessário que tenhais um conhecimento pessoal da veracidade desta obra. As dificuldades serão de tal sorte, que o homem ou mulher que não tiver esse conhecimento ou testemunho pessoal, cairá. Se não tendes o testemunho, vivei retamente e recorrei ao Senhor sem cessar até conseguilo. Do contrário, não resistireis...

"Chegará o tempo em que nenhum homem ou mulher será capaz

de perseverar com luz alheia. Todos terão de guiar-se pela luz que têm em si...

"Se não tiverdes testemunho, não perseverareis; por isso, buscai o testemunho de Jesus e apegai-vos a ele, para que, chegando os tempos de provação, não tropeceis e caiais." (Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball,* Salt Lake City: Bookcraft, 1967, p. 450.)

O terceiro pronunciamento é do Presidente Harold B. Lee, meu companheiro e amigo de infância, e décimo primeiro presidente da Igreja:

"Temos de passar por alguns apertos antes de o Senhor ter terminado com sua igreja e o mundo nesta dispensação, que é a última dispensação e preparará a vinda do Senhor. O evangelho foi restaurado, a fim de preparar o povo para recebê-lo. O poder de Satanás aumentará; vemo-lo evidenciado por toda a parte. Haverá investidas contra a Igreja... Veremos pessoas professando serem membros dela, mas secretamente conjurando e procurando induzir o povo a não seguir a liderança que o Senhor estabeleceu para presidi-la.

"A única segurança que temos como membros desta igreja é fazer exatamente o que o Senhor disse à Igreja no dia em que foi organizada. Temos de aprender a acatar as palavras e mandamentos que o Senhor dará através do seu profeta, 'conforme os receber, andando em toda santidade diante de mim;... como de minha própria boca, em toda paciência e fé. (D&C 21:4-5.) Certas coisas exigirão paciência e fé. Possivelmente não gosteis do que vem da autoridade da Igreja... Mas, se atentardes para essas coisas com paciência e fé, como se viessem da própria boca do Senhor, tendes a promessa de que 'as portas do inferno não prevalecerão contra vós; sim, e o Senhor Deus dispersará diante de vós os poderes da escuridão, e fará sacudir os céus para o vosso bem e para glória do seu nome.' (D&C 21:6.)" (Em *Conference Report,* outubro de 1970, p. 152.)

Bem, parece-me que nesses três pronunciamentos proféticos, temos o conselho de que necessitamos, o conselho necessário para continuarmos valentes no testemunho de Jesus e da obra desta igreja nestes tempos conturbados.

Aquele que alega ter um testemunho de Jesus Cristo, mas não pode aceitar a orientação e conselhos da liderança da igreja, encontra-se numa situação fundamentalmente precária e está em perigo de perder a exaltação.

Certas pessoas procuram expor as fraquezas de líderes da Igreja na tentativa de mostrar que eles, também, são sujeitos às debilidades e erros humanos como elas próprias. Permiti-me ilustrar o perigo de tão questionável filosofia.

O Presidente Brigham Young conta que certa ocasião foi tentado a criticar o Profeta Joseph Smith com respeito a certa questão financeira. Diz que foi passageiro, não durante mais que meio minuto, talvez. Esse sentimento, diz, causou-lhe grande tristeza no coração. A lição que deu aos membros da Igreja daquela época aumenta de importância hoje, pois o demônio continua muito mais ativo.

"Percebi e entendi claramente, *pelo espírito de revelação a mim manifestado,* que, se eu acolhesse

em meu coração o pensamento de que Joseph poderia estar errado em alguma coisa, começaria a perder confiança nele, e tal sentimento cresceria progressivamente, passo a passo, até ter a mesma falta de confiança (como outros tiveram) nele como porta-voz do Onipotente...

"Arrependi-me de meu ceticismo, e isto também muito rapidamente; arrependi-me tão rapidamente quanto caíra em erro. Não cabia a mim questionar se Joseph sempre e em todas as circunstâncias seguia as prescrições do Senhor...

"Eu não tinha a prerrogativa de questionar ou criticá-lo com respeito a qualquer de suas ações. Joseph era servo de Deus, não meu. Não pertencia ao povo, mas ao Senhor, e estava fazendo a obra do Senhor." (Em *Journal of Discourses* 4:297.)

Desde a juventude, acalento com gratidão o testemunho da veracidade desta gloriosa obra em que estamos engajados. Quero que saibais do meu afeto pelo Presidente Spencer W. Kimball, e de como estou grato por ele estar aqui conosco na última reunião da conferência. Sinto o mesmo com respeito a seus conselheiros, e meus irmãos dos Doze, do Quorum dos Setenta e Bispado Presidente. Sei que são homens designados pelo Senhor, sob a inspiração dos céus. Apóio suas palavras e conselhos inspirados, e testifico da união existente entre as autoridades gerais desta igreja.

Eu vos amo, membros da Igreja. Amo a todos os filhos de nosso Pai e desejo que todos alcancem as bênção da vida eterna; sei que é isto que o Senhor, nosso Salvador e Redentor, deseja para cada um de nós.

Meu apelo a todos os membros da Igreja é que sejam valentes — verdadeiros e leais, "Fiéis à fé que nossos pais prezaram, Fiés à verdade pela qual mártires morreram, Às ordens de Deus, pomos alma, coração e mãos. Fiéis e verdadeiros sempre seremos." (Tradução direta do inglês do refrão de "Deve Sião Fugir à Luta?", *Hinos* n.º 116.)

Presto testemunho de que esta é a Igreja de Jesus Cristo. Ele a preside e mantém-se próximo de seus servos. Deus nos abençoe a todos, para que sejamos valentes no testemunho dele, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.



As Primeiras e as Últimas Palavras



Élder A. Theodore Tuttle
do Primeiro Quorum dos Setenta

"As sagradas ordenanças do templo são o próprio cerne da força espiritual da Igreja."

Se quiséssemos falar do próprio cerne da força espiritual da Igreja, sem dúvida seriam obrigatoriamente as sagradas ordenanças do templo do Senhor.

É pouco sabido que praticamente as primeiras palavras do Senhor ao Profeta Joseph, a intenção de congregar e edificar a Igreja, e igualmente quase suas últimas diziam respeito à obra do templo.

Depois da miraculosa Primeira Visão do Profeta na primavera de 1820, passaram-se três anos e meio. Como segunda manifestação divina, apareceu-lhe o Anjo Morôni, que lhe falou do Livro de Mórmon.

Devido à grande importância dessa mensagem, quase ninguém percebeu que Morôni trouxe ainda outra mensagem de suma importância! Primeiro ele citou, com alguma variação, a profecia de Malaquias:

"Eis que vos revelarei o *sacerdócio* pela mão do Profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor.

"E ele plantará no coração dos filhos as *promessas* feitas aos pais, e os corações dos filhos se voltarão aos pais.

"Se assim não fosse, toda a terra seria totalmente destruída em sua vinda." (D&C 2:1-3; ver também Joseph Smith 1:36-39; grifo nosso.)

Morôni citou ainda passagens de Isaías, Atos, Joel e "muitas outras passagens da escritura." (Joseph Smith 2:41.)

A profecia de Malaquias concernente a Elias foi tratada diversamente de outras escrituras citadas por Morôni, e considerada de tamanha importância, que agora constitui a seção 2 de Doutrina & Convênios.[1]

A mensagem de Morôni anunciava ao Profeta o breve aparecimento de Elias. Os eventos preordenados referentes à obra do templo começaram a desenrolar-se qual rolo de pergaminho. Menos de um ano e meio após a organização da Igreja, o Profeta dedicava o terreno para a construção do templo no Condado de Jackson, Missouri (agosto de 1831). Mas os santos foram impedidos de edificá-lo.

Seguiu-se uma série de eventos significativos referentes à construção da Casa do Senhor. (Vide quadro no fim do discurso.)

1. Esta declaração de Morôni foi colocada como seção 1 no Livro de Mandamentos. Após o recebimento do prefácio do Livro de Mandamentos, a 1.º de novembro de 1831, passou a constituir a seção 2. Hoje é a seção 2 do Livro de Doutrina & Convênios.

O primeiro templo a ser terminado foi o de Kirtland, edificado com muita dificuldade. A dedicação desse templo foi acompanhada por visitação de anjos e sinais de fogo sobre ele. Algumas pessoas tiveram visões e experimentaram outras manifestações gloriosas.

No dia 3 de abril de 1836, uma semana após a dedicação do Templo de Kirtland, deu-se um acontecimento assombroso! O Salvador apareceu e aceitou o templo. Moisés e Elias também vieram. Então, cumpriu-se a profecia de Malaquias, pois Elias, o profeta, estava diante deles e falou:

"Eis que é chegado o tempo *exato* do qual falou Malaquias, testificando que ele (Elias) seria enviado, antes que o grande e terrível dia do Senhor viesse.

"Para converter os corações dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, para que a terra toda não seja ferida com uma maldição.

"Portanto, as chaves desta dispensação são postas em vossas mãos; e por isso podereis saber que o grande e terrível dia do Senhor está perto, mesmo às portas." (D&C 110:14-16; grifo nosso.)

Ontem fez cento e quarenta e seis anos que isto aconteceu, no dia em que os judeus estavam celebrando seu tradicional rito. Há mais de dois milênios, os judeus vêm esperando a vinda de Elias. Mesmo hoje, na época da comemoração da Páscoa judaica, eles representam a cena como têm feito há centenas de anos; arrumam um lugar à mesa, reservam uma cadeira vazia, abrem a porta, erguem as taças e se levantam como que para saudar Elias.

Elias retornou! Graças a Deus! Ele conferiu suas chaves! Agora poderia começar a obra nos templos, formando vínculos eternos entre marido e mulher, pais e filhos, pelo poder selador de Deus.

É essencial obter o poder selador do santo sacerdócio, para que tudo o que um oficiante autorizado ligar na terra seja ligado nos céus, e tudo o que ele desligar na terra seja desligado nos céus. (Vide D&C 127:7.) Pois nas sagradas ordenanças e por esse sagrado poder vêm glória e honra e vida eterna. (D&C 128:11-12.)

É por esse poder que marido e mulher são selados no eterno vínculo do matrimônio. É por esse poder que se forja o elo infinito entre pais e filhos. Este é o sagrado poder exercido no templo; o poder que valida todas as ordenanças na Igreja; a consumada autoridade no reino de Deus.

Sem a autoridade e aplicação desse poder em todas as eras do mundo, nenhum dos filhos de nosso Pai Celestial pode entrar em sua presença ou mesmo tornar-se semelhante a ele! E, se assim não fosse, todo o propósito da existência seria inútil. É por isso que o Senhor diz que "a terra seria totalmente destruída". (D&C 2:3.)

Praticamente as últimas palavras do Senhor ao Profeta, pelo que sabemos, referiam-se igualmente à obra do templo, ordenando-lhe que edificasse um templo em Nauvoo. Os santos logo puseram mãos à obra.

Antes da conclusão desse templo, o Senhor revelou suas sagradas ordenanças, "coisas que têm sido conservadas ocultas desde antes da fundação do mundo, coisas que dizem respeito à dispensação da plenitude dos tempos" (D&C 124:41.) Foi

revelada a ordem do batismo pelos mortos. O Senhor ainda exigiu que a realização das ordenanças fosse verificada por testemunhas, "para que todos os vossos registros sejam registrados nos céus." (D&C 127:7.)

Finalmente, os Doze Apóstolos foram investidos, conferindo-se-lhes o poder selador para nunca mais ser perdido. Assim poderiam levar avante a plenitude do evangelho. Estas coisas de suma importância o Senhor revelou ao Profeta Joseph apenas uns poucos meses antes de seu martírio.

Por este resumo dos acontecimentos importantes na vida do Profeta, vê-se que seu primeiro e primordial dever era edificar templos e restabelecer o poder selador para a realização das ordenanças sagradas e eternas.

Todos os profetas desde aí preocuparam-se igualmente com essa obra. Durante a presidência do Presidente Kimball, construíram-se mais templos que em qualquer outra época. Agora estamos realmente levando os templos *ao* povo.

E agora, meus irmãos e irmãs, quero testificar acerca dessa grande obra. Eu sei que ela é verdadeira. As ordenanças são divinas, eternas, concebidas antes da existência do mundo. Vós e eu somos responsáveis por levar essa obra avante. O Senhor não dispõe de ninguém mais para fazê-lo.

Certamente não se trata de um encargo pesado! É um privilégio. A recomendação para o templo é uma das maiores honras que podemos receber. Usá-lo regularmente permite-nos participar dos mais excelentes dons na Igreja. Quem vai ao templo experimenta lá dentro um espírito todo especial. Sente-se paz. Sei que o serviço lá prestado ajuda uma pessoa falecida a fazer jus à exaltação, e que essas pessoas, por sua vez, fazem jus a essas bênçãos no outro lado do véu. Sei que as bênçãos do templo vos acompanharão até o vosso lar.

Deus vive. Jesus é o Cristo. Esta é a obra suprema do reino. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Lista Parcial dos Acontecimentos Relacionados com a Obra do Templo, 1831-1843.

20 de julho de 1831 — Anúncio da construção do templo em Independence, Missouri. (D&C 57:1-3.)

1.º de agosto de 1831 — Dedicação do terreno do templo pelo Profeta no Condado de Jackson, Missouri. (*History of the Church*, 1:199.)

1831 — Revelação das doutrinas e princípios do novo e eterno convênio, mas registradas somente a 12 de julho de 1843. (D&C 132.)

22 de setembro de 1832 — Profecia a respeito da Nova Jerusalém e templo. (D&C 84:1-5.)

27 de dezembro de 1832 — Os santos recebem ordem de estabelecer uma "casa de Deus" (templo). (D&C 88:119.)

1.º de junho de 1833 — Em Missouri, os santos voltam a receber mandamento de edificar um templo, no qual serão investidos com poder. (D&C 95.)

23 de julho de 1833 — Lançamento da pedra angular do Templo

de Kirtland. (*History of the Church*, 1:400.)

2 de agosto de 1833 — Outra revelação sobre o templo no Missouri, o qual deverá ser edificado "de conformidade com o modelo". (D&C 97:10-17.)

21 de janeiro de 1836 — Revelação da doutrina de salvação para os mortos. (D&C 137.)

27 de março de 1836 — Registro da oração dedicatória do Templo de Kirtland. (D&C 109.)

3 de abril de 1836 — Vinda de Elias, restauração das chaves seladoras. (D&C 110:13-16.)

26 de abril de 1838 — Os santos recebem ordem de edificar um templo em Far West. (D&C 115:7-16.)

8 de julho de 1838 — Instrução de usar o dinheiro do dízimo para a edificação de templos.

26 de abril de 1839 — Assentamento da pedra angular do Templo de Far West. (*History of the Church*, 3:336-37.)

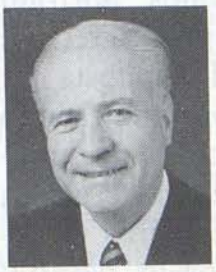
19 de janeiro de 1841 — Os santos recebem ordem de construir o Templo de Nauvoo. (D&C 125:24-45.)

1.º de setembro de 1842 — Os santos são instruídos a manter registros das ordenanças. (D&C 127:5-9.)

6 de setembro de 1842 — Instrução aos santos de que deve haver testemunhas nas ordenanças; explicação de várias doutrinas e princípios. (D&C 128.)

16 e 17 de maio de 1843 — Exposição da doutrina do selamento. (D&C 131.)

História Futura da Igreja



Élder G. Homer Durham
da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

"Todo membro e toda unidade da Igreja se defrontam com desafios e uma história ainda maior da Igreja."

Segundo o testemunho de médicos capacitados, estais-me vendo neste púlpito por um milagre. E seria muita ingratidão de minha parte, se não reconhecesse perante o Pai Celeste sua intervenção, as bênçãos do santo sacerdócio, o apoio e preces de minha querida esposa, irmãos, familiares e muitos outros aqui presente hoje.

Auxiliado pelo Espírito, gostaria de falar a respeito da futura história da Igreja, e o faço por meio de um exemplo de nossa história passada.

A conferência trimestral da Estaca Parowan Utah, em dezembro de 1879, testemunhou o chamado de quarenta e nove homens com suas famílias para uma nova missão.

O chamado provinha do Presidente John Taylor e dos Doze, feito por intermédio do Élder Erastus Snow. Posteriormente, outros irmãos de núcleos próximos se juntaram ao grupo final da "Expedição Hole-in-

the-Rock", como ficou conhecida, uma epopéia na história da Igreja. Duzentos e cinqüenta do nosso povo, com oitenta carroções e centenas de cabeças de gado e cavalos, abriram penosamente caminho pela agreste e desconhecida região do sudeste de Utah. Essa região continua sendo uma das menos conhecidas do mundo, ainda hoje. Seu destino era San Juan. Além dos desfiladeiros e penhascos do deserto, foram desafiados em sua jornada pela terrível garganta do Rio Colorado. Até 1934, não existia nenhuma ponte para atravessá-la. Nenhuma linha aérea comercial passava de Utah para o Arizona por aquelas bandas até 1959.

Em busca da rota mais curta, batedores mórmons descobriram uma estreita passagem no *Glen Canyon*. O rio corria seiscentos metros abaixo dos penhascos vermelhos. Essa "Brecha na Rocha" parecia oferecer a rota mais curta.

Simples brecha nos penhascos alcantilados, a passagem era estreita demais para os carroções, e em certos pontos até mesmo para um homem. Desníveis de até vinte e três metros a prumo eram impraticáveis até mesmo para um cabrito montês, quanto mais para os carroções carregados. Tendo deixado para trás os vales de Parowan e Cedar em abril de 1879, no mês de dezembro os santos começaram a abrir uma estrada íngreme e primitiva no penhasco, à custa de explosivos e ferramentas manuais. O Élder Platte D. Lyman, líder do grupo, verificou que, se fosse possível abrir essa estrada, ela teria uma inclinação de dois metros e meio em cada cinco na primeira terça parte do trajeto. Seguiam-se então diversos precipícios a prumo até o nível do rio. Mas o grupo estava preparado. Tendo muita fé, estavam equipados não só para explodir rochas e cavar passagens, mas também para construir uma balsa capaz de transportar os carroções e animais para a margem oposta.

A 25 de janeiro de 1880, tinham terminado a estrada e a balsa. Agora faltava descer pela "Brecha" os primeiros quarenta carroções e respectivos ocupantes, acampados na borda do penhasco. O resto do grupo, acampado em *Fifty-Mile Spring* seguiria mais tarde.

Kumen Jones deixou-nos um relato do método de descida. Vinte homens e rapazes ficavam atras do carroção, segurando-o com longas cordas. As rodas eram travadas com correntes; do contrário, rolando descontroladas, acabariam ferindo os animais de tração. Platte D. Lyman registrou em seu diário, sob a data de 26 de janeiro de 1880: "Hoje descemos todos os carroções deste acampamento pela estrada da "Brecha", e fizemos vinte e seis deles atravessar o rio. A balsa é impelida por remos e funciona muito bem."

O carroção da família de Joseph Stanford Smith e sua mulher, Arabella, foi o último a descer naquele dia. Um neto deles, Raymond Smith Jones descreveu sua experiência. Duvido de que uma moderna empresa cinematográfica, dispondo de milhões de dólares e equipamentos modernos, conseguisse filmar essa epopéia.

Stanford Smith havia prestado ajuda aos carroções precedentes durante o dia inteiro. Evidentemente tinha sido esquecido por sua turma. Muito perturbado, subiu a rampa de seiscentos metros, encontrando lá em cima Arabella sentada num acolchoado com o bebê nos braços, esperando

pacientemente. Seus apetrechos e dois outros filhos no carroção estavam ocultos por trás de uma enorme rocha.

Stanford Smith deslocou o carroção para a borda, atrelando o terceiro cavalo no eixo traseiro. Stanford e Arabella ficaram olhando para baixo, e ele disse:

— Acho que não vamos conseguir.

A mulher replicou: — Temos de conseguir.

— Se ao menos houvesse mais alguns homens para segurar o carroção atrás, talvez conseguíssemos, Belle.

Então a mulher disse: — Eu me encarrego de segurar o carro.

Estenderam um acolchoado no chão, no qual colocaram o bebê entre as pernas do pequeno Roy, de três anos.

— Segure seu irmãozinho até papai voltar, recomendou a mãe. Depois puseram Ada, a outra filha, na frente deles.

Atrás do carroção, Belle agarrou as rédeas do cavalo atrelado no eixo traseiro, e Stanford iniciou a descida. O carroção descia aos trancos. O cavalo e Belle foram derrubados. Conseguindo pôr-se de pé, Belle retesou as rédeas com todas as forças. Uma rocha pontiaguda fez-lhe um corte profundo na perna, do tornozelo até o quadril. O cavalo preso ao eixo traseiro caiu sobre as ancas e foi sendo arrastado, meio morto, a maior parte do caminho. A brava mulher, com as roupas esfarrapadas e um ferimento horrível, disse mais tarde:

— Desci corcoveando feito cavalo!

Chegando lá embaixo, Joseph e Arabella ouviram um chamado indistinto dos filhos. Joseph subiu mais uma vez para buscá-los. Eles estavam sentados onde os havia deixado. Carregando o bebê e com os outros filhos agarrados a ele, desceu o primitivo e áspero caminho. Chegando às margens do rio, viram à distância cinco homens carregando cordas e correntes. Tinham dado por falta do casal Smith e voltavam para ajudá-los. Stanford gritou:

— Esqueçam, companheiros... Minha mulher aqui é tudo de que um sujeito precisa. (Vide David E. Miller, *Hole-in-the Rock: An Epic in the Colonization of the Great American West,* Salt Lake City: University of Utah Press, 1959, pp. 101-18.)

A história da Igreja, repleta de episódios emocionantes, é a herança do mais recente converso, seja na Ásia, África ou outro canto do mundo. Pois como Paulo dizia aos gálatas: 'Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo.

"E, se sois de Cristo, então sois descendentes de Abraão, e herdeiros conforme a promessa." (Gál. 3:27, 29.)

Hoje enfrentamos sérios desafios. Os lares SUD em todo mundo estão produzindo homens e mulheres de coragem, e filhos obedientes? Nossos filhos ficarão obedientemente no lugar para não caírem nos perigosos despenhadeiros da vida? O que os santos dos últimos dias atuais estão escrevendo hoje para a história futura da Igreja?

Planícies e oceanos foram atravessados, O *Hole-in-the-Rock* (*Brecha-na-Rocha)* foi conquistado. E como estamos trabalhando hoje?

Grandes acontecimentos nos aguardam, conduzindo à segunda vinda de Cristo. Qual é o significado dos nu-

merosos novos templos que estão sendo anunciados? O que está implícito, para nós, na revelação ao Profeta Joseph Smith, em 1831: "As chaves do reino são entregues aos homens na terra . . . (e) até aos confins da terra rolará de agora em diante o evangelho." (D&C 65:2.)

É, de fato, grande a história da Igreja anterior a nós. Mas todo membro, toda unidade da Igreja tem a sua frente uma história ainda maior, história que está sendo escrita de certa maneira dia a dia na Coréia, nas Filipinas, nos Andes e em cada estaca.

A visão da Nova Jerusalém tem comovido gerações do gênero humano. Tem comovido o nosso povo. Nós aguardamos o dia em que "Cristo reinará pessoalmente sobre a terra". (10.º Regra de Fé.) Contudo, ecoando a indagação de Malaquias: "Quem suportará o dia de sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer?" (Mal. 3:2.) Preparemo-nos para suportar o dia de sua vinda, edificando Sião em nossos corações e no de nossa família, ao escrevermos páginas para a futura história da Igreja. O Presidente Kimball vem-nos advertindo repetidamente que devemos embelezar nossa vida, nosso lar, e desafiando-nos a prestar um serviço mais semelhante ao de Cristo.

Testifico-vos que o evangelho de Jesus Cristo, conforme restaurado pelo Profeta Joseph Smith, é o poder de Deus para a salvação; que ele é nosso Salvador e Redentor; que Deus, o Pai, vive e que o Presidente Spencer W. Kimball é o profeta vivo de hoje. Se corresponderdes a sua liderança profética como os pioneiros corresponderam ao chamado do Presidente Taylor, estaremos preparando o tempo em que Cristo reinará como "Rei dos reis e Senhor dos senhores". (Apoc. 19:16.)

Precisamo-nos preparar agora para "suportar o dia de sua vinda". A história futura da Igreja será marcada por passagens gloriosas nos tempos de provação e adversidade. Que cada um de nós faça sua parte, amando ao Senhor e seus semelhantes, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.



Amor é o Poder Capaz de Curar a Família



F. Enzio Busche
do Primeiro Quorum dos Setenta

"A única maneira de não sofrermos de um coração empedernido é edificar dentro de nós o poder de amar, pedindo literalmente ao Pai Celeste que nos dê o dom do amor."

Jamais houve em toda a história da humanidade uma época em que o casamento e a instituição da família estivessem tão ameaçados como nesta geração. Praticamente todas as condições que no passado tornaram a vida familiar a mais natural forma de vida mudaram e tudo isso no breve espaço dos últimos setenta anos.

Faz pouco mais de uma geração, os membros da família média eram obrigados a trabalhar longas horas por dia para garantir um vida simples, e a noite os encontrava reunidos ao redor do fogo, cantando e contando experiências pessoais, gozando do convívio familiar. Era essa a forma natural de educação e entretenimento, e quase que o ambiente perfeito para uma vida familiar harmoniosa.

As influências de hoje, provenientes de fontes literalmente ilimitadas e veiculadas pela imprensa falada e escrita, aliadas às inúmeras invenções da civilização moderna, modificaram drasticamente o cenário histórico-cultural da família. Nesta época particularmente ameaçadora para o casamento e a família, o Senhor restaurou, através de profetas modernos, a dimensão eterna desse sagrado convênio entre marido e mulher, e nos concedeu uma nova percepção do real propósito da família.

A íntegra desse convênio tornou-se o centro das verdades reveladas do evangelho nestes últimos dias, resumidas perfeitamente pelo falecido Profeta David O. McKay, que disse: "Nenhum outro sucesso compensa o fracasso no lar." (Conference Report, abril de 1964, p. 5.) No casamento de hoje, é óbvio, não nos podemos valer unicamente dos padrões passados sem desenvolver, aperfeiçoar e colocar em ação o poder que o Senhor nos deu como maior mandamento, o mandamento de amar-nos uns aos outros.

Ainda assim, passados perto de dois mil anos, o povo do mundo recusa-se a aceitar as palavras do Salvador encontradas em Mateus, capítulo 5:

"Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo.

"Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem." (Vers. 43:44.)

Esse amor ensinado por Cristo não é o amor cultivado pelo mundo. Não significa amar somente aquele que é bom, que se comporta e é res-

peitoso, poderoso e influente. Nestes últimos dias, através de seus profetas, nosso Pai Celeste nos conclama a desenvolver o amor de Deus como um poder do alto, livre das ameaças de condições exteriores. Este amor de Deus, segundo o Profeta Néfi do Livro de Mórmon, precisa ser adquirido e é 'a coisa que mais se deve desejar". (1 Néfi 11:22.)

Entretanto, conforme nos ensina o Rei Benjamim, outro grande líder do Livro de Mórmon, esse amor de Deus não estará em nós, enquanto permanecermos em nosso estado natural. "O homem natural é inimigo de Deus", explica ele. (Mosiah 3:19.) Precisamos vencer esse homem natural, esse "inimigo de Deus", nosso eu natural. Segundo ainda o Rei Benjamim, temos de aprender a atentar para os influxos do Santo Espírito e fazer literalmente convênio com Deus, aceitando a expiação do Salvador e tornando-nos qual criança, submissos, mansos, humildes, pacientes, cheio de amor e dispostos a nos submeter a tudo, assim como a criança se submete a seu pai. (Vide Mosiah 3:19.)

Que mensagem maravilhosa! Que imensa responsabilidade! Temos de aprender a nos comprometer diariamente, a centralizar nossa vida *nesse* mandamento-chave de Deus a seus filhos.

Morôni, outro profeta do Livro de Mórmon, ensina-nos como adquirir esse amor:

"Mas a caridade é o puro amor de Cristo e permanece para sempre; e todos os que forem achados em sua posse no último dia, bem lhes irá.

"Portanto, meus amados, rogai ao Pai com toda a energia de vossos corações, para que possais ser cheios com esse amor, que ele tem concedido a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho Jesus Cristo; a fim de que vos torneis filhos de Deus." (Morôni 7:47-48.)

Nosso Pai Celestial quer que nos enchamos desse amor, desse amor incondicional. Estando cheios desse ma a deenvolver o amor de Deus amor, estamos preparados para aceitar a admoestação de assumir a cruz de nossa vida cotidiana e de aprender, em humildde, a seguir seus passos, de acordo com o que diz o Salvador, no capítulo dez de Mateus:

"E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim.

"Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim acha-la-á." (Vers. 38-39.)

O casamento edificado sobre o alicerce do amor incondicional, no eterno convênio e juramento, não conhece *duas* pessoas egocêntricas vivendo em conjunto, conforme se costuma ver hoje. No casamento estabelecido sobre o fundamento do amor incondicional, que é o amor de Deus, a idéia de divórcio é inconcebível e até mesmo uma breve separação causa sofrimento insaciável. Separação e divórcio são sinal de fraqueza e, às vezes, iniqüidade.

O Senhor deu-nos instrução clara a despeito da santidade do convênio do casamento. Em Mateus, capítulo dezenove, lemos as palavras do Salvador aos fariseus:

"É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?

"Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez,

"E disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne?

"Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.

"Disseram-lhe eles: Então por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la?

"Disse-lhes ele: Moisés *por causa da dureza dos vossos corações* vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim." (Vers. 3-8; grifo nosso.)

A única maneira de não sofrermos de um coração empedernido, conforme explica Cristo, é edificar dentro de nós o poder de amar, pedindo literalmente ao Pai Celeste que nos dê o dom do amor, e tornando-nos santos pela expiação de Cristo, o Senhor, e humildes como uma criança, a fim de podermos ser cheios de amor incondicional e, neste amor, estando no Espírito e com o Espírito, sermos dirigidos em todos os desafios da vida.

Sabemos que, com nosso corpo imperfeito e em busca de perfeição, pode acontecer que membros de nossa própria família nos tratem como um inimigo. Então é o momento em que o poder do amor é necessário e posto à prova, pois a pessoa que menos merece amor é que mais dele necessita.

Concluindo, gostaria de contar-vos uma experiência pessoal. Certo dia, quando determinadas circunstâncias me fizeram estar em casa numa hora não habitual, ouvi de longe nosso garoto de onze anos xingando sua irmã menor. Aquelas palavras me ofenderam, palavras que jamais imaginei fossem empregadas por nosso filho. Meu primeiro impulso foi pegá-lo. Mas, felizmente, para isso tive de atravessar a sala e abrir uma porta para chegar a ele, e lembro-me de que, naqueles breves segundos, orei fervorosamente ao Pai Celestial que me ajudasse naquela situação. Fui tomado de paz. A raiva me abandonou.

Nosso filho, perplexo ao ver-me em casa, ficou com medo, quando me aproximei. Para minha surpresa, ouvi-me dizendo:

— Bem-vindo em casa, filho! — com a mão estendida em cumprimento. E a seguir, convidei-o formalmente a sentar-se comigo na sala para uma conversa particular. Ouvi-me externando meu afeto por ele. Falei-lhe da batalha que todos nós temos de travar diariamente dentro de nós. Ao expressar-lhe minha confiança nele, desatou a chorar e reconheceu seu erro e condenou-se excessivamente. Agora estava na hora de eu colocar sua transgressão na devida perspectiva e consolá-lo. Sobreveio-nos um espírito maravilhoso e choramos juntos, abraçando-nos com amor e finalmente com alegria. O que poderia ter sido um confronto desastroso entre pai e filho transformou-se, com auxílio dos poderes celestes, numa das mais belas experiências de nosso relacionamento e da qual ambos jamais nos esquecemos.

Irmãos e irmãs, eu sei que Deus vive, que esta é sua igreja, que estamos vivendo dias de preparação e advertência; e testifico que, quando não exercemos plenamente o poder

do amor de Deus conforme ele manda, nosso casamento não terá vigor, nossa família será fraca e nossa própria salvação corre risco. Prestovos este testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

ATENÇÃO!

NOVO PREÇO

DE ASSINATURA

DE A LIAHONA

Por determinação

do Conselho de Área

o preço da assinatura

anual é de

Cr$ 400,00 a partir

de JULHO/82

Pelo preço de uma

semana de jornais

diários você tem, ainda,

uma assinatura da

melhor e mais importante

revista: A LIAHONA.

Para Que Servem os Templos



Élder W. Grant Bangerter
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Sem as bênçoes do templo, não existe plenitude do evangelho."

Outros já falaram hoje a respeito de templo, mas quando da dedicação do Templo de Jordan River, em novembro, realizamos três serviços diários durante cinco dias, e mesmo assim ainda não dissemos tudo. Esta é uma boa hora para falarmos sobre templos e eu gostaria de explicar sua finalidade. Como povo, os santos dos últimos dias conseguiram realizar um trabalho magnífico nos templos, servindo com louvável dedicação na busca de nomes de parentes falecidos, extraindo nomes dos registros e realizando as ordenanças para a redenção tanto de si próprios como dos mortos. Mais de dezesseis mil servidores voluntários prestam serviço nos templos, aproximando-se assim do número de missionários de tempo integral que pregam o evangelho.

Este é um dia de cumprimento profético. Como dizia Isaías vinte e sete séculos atrás:

"E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do

Senhor no cume dos montes e se exalçará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações.

"E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor." (Isaías 2:2,3.)

O sentido, profundidade e poder dessa expressão só podem ser percebidos por aqueles que têm conhecimento dos templos.

Estamos vivendo um período extraordinário com referência aos templos. Mais quatro deles foram anunciados na semana passada. Os últimos dois anos viram o número de templos, incluindo os em funcionamento, planejamento e construção, passar de vinte e um para quarenta e um. Três deles já foram dedicados e passaram a funcionar nesse período. Nada igual aconteceu em toda a história da Igreja. As conferências de estaca agora sendo realizadas na Igreja toda, devem ensinar mais aos santos a respeito de nossa missão de servir na casa do Senhor.

Julgo proveitoso, entretanto, mencionar certas generalizações e conceitos errôneos que vêm sendo difundidos e demonstram um entendimento deficiente. Por exemplo, ouve-se dizer:

1. Minha genealogia está completa.
2. Os computadores e programa de extração de nomes farão o trabalho por mim.
3. A obra no templo é para os mortos.
4. A obra no templo é para gente velha.
5. Vamos ao templo para passar por um nome.
6. Freqüentar o templo é optativo.

Estudando as escrituras, vemos que a doutrina do templo requer dos santos dos últimos dias:

Primeiro, a edificação de templos.

Segundo, ir ao templo para a realização das próprias ordenanças.

Terceiro, retornar para a realização de ordenanças em favor de parentes falecidos.

Quarto, realizar as ordenanças igualmente por outros.

Quinto, freqüentá-lo amiúde em benefício espiritual próprio.

Para que servem todos esses templos?

Primeiro: *Os templos existem para os membros vivos da Igreja.* Ir ao templo não é optativo. Os templos são "um lugar de instrução para todos aqueles que forem chamados ao trabalho do ministério... para que se aperfeiçoem... em todas as coisas concernentes ao reino de Deus na terra". (D&C 97:13-14.) "Portanto, na verdade vos digo que as vossas unções e vossos lavamentos,... vossas assembléias solenes,... e os vossos oráculos nos lugares mais santos... (são) para a glória, honra e investidura (das)... municipalidades (de Sião)," (ou, em outras palavras, de seus cidadãos, (e) "são prescritos pela ordenança da minha casa santa, a qual sempre mando que meu povo construa em meu santo nome". (D&C 124:39.)

O endowment no templo é uma bênção necessária e sagrada tão essencial para os membros da Igreja

como o batismo. Segue-se então o selamento da esposa ao marido, e dos filhos a seus pais. Sem essas bênçãos, não existe plenitude do evangelho. Sem elas, diz Morôni, "toda a terra seria totalmente destruída na sua vinda". (D&C 2:3.)

Inúmeras famílias radicadas em áreas distantes, nunca tiveram esse privilégio. Mesmo nas áreas em que existem templos há muitas gerações, metade das famílias não foram seladas. *A obra do templo é para os membros vivos da Igreja.*

Segundo: *As ordenanças do templo destinam-se à redenção dos mortos.* As escrituras e a doutrina, todavia, referem-se mais especificamente a determinado grupo dos mortos. Malaquias fala de "converter", isto é, ligar os pais aos filhos e estes aos pais. (Vide Mal. 4:6.) Joseph Smith ressaltou as bênçãos do templo para nossos *parentes* falecidos, os *nossos* mortos. (Vide D&C 124:32-36, 127:5-6; 128:8, 14,15.) A ênfase está na família. A prioridade é buscarmos nossos próprios parentes falecidos.

Nossa genealogia não está completa. Meus avós realizaram "toda" a obra do templo pelos parentes falecidos cinqüenta anos atrás. Desde então, nossa família descobriu outros dezesseis mil. Nas áreas em que novos templos estão sendo construídos, esse trabalho está apenas começando. O processo de extração de nomes levado avante com grande dedicação e sucesso em muitas estacas da Igreja, não inclui as pessoas de gerações mais recentes e não salvará nossos próprios familiares. Não obstante, é de valor incomensurável para as gerações mais remotas.

E lembremo-nos sempre de que realizamos as ordenanças do templo por pessoas e não nomes. Os chamados "mortos" estão vivos no mundo espiritual e presentes no templo.

O propósito da Igreja, pois, é ter um povo preparado para receber os templos à medida que são edificados. Seria realmente lamentável construirmos templos pelo mundo afora para não serem usados. Uma forma de preparar o povo é fazer um eloqüente sermão, que possivelmente nos faça sentir culpados. Então, passadas duas semanas, o sentimento de culpa vai-se esvaindo até desaparecer. A resposta para se ter um povo preparado está na liderança do sacerdócio.

No Chile, por exemplo, onde eu servia na época do anúncio da construção de um templo em Santiago, verificou-se que, de cem mil membros, somente três mil portavam o sacerdócio. Como é preciso ser portador do sacerdócio para entrar no templo, apenas um número muito limitado estaria qualificado. Decidimos então preparar pelo menos dez mil homens para serem ordenados, a fim de que pudessem assim entrar no templo com suas fiéis companheiras.

Os santos chilenos assumiram igualmente a responsabilidade de preparar cem mil nomes de parentes falecidos para levarem ao templo, quando estiver concluído. Preparativos semelhantes estão sendo feitos também em outras áreas.

Agora, onde existem templos há muito tempo, é hora de uma preparação renovada e contínua. Isto é um trabalho dos mestres familiares, presidentes de quorum, bispos e, particularmente, dos sumos sacerdotes, bem como de todos os envolvidos no ensino do evangelho. Recor-

do-me de um presidente de quorum de élderes, cujo objetivo de liderança era ajudar todos os membros do quorum a passarem pelo templo. Seu primeiro relatório mostrava que apenas seis dos membros do quorum não se haviam qualificado. Posteriormente pôde comunicar que todos, menos três, haviam ido ao templo antes de sua desobrigação. Depois da sua desobrigação, entretanto, conseguiu-se que estes três também se qualificassem.

Tendo o privilégio de trabalhar diariamente na administração dos templos, impressiono-me constantemente com a riqueza, santidade e glória das bênçãos neles administradas. Às vezes surgem dúvidas quanto às ordenanças realizadas no templo. Devido ao seu caráter sagrado, obviamente não nos é permitido discuti-la fora do templo. Outros insistem numa orientação preparatória, para que os que entram no templo não fiquem confusos. Quero ressaltar que a *preparação para entrar no templo está no evangelho.* No templo nada se diz ou faz que não esteja fundamentado nas escrituras.

O evangelho é *fé no Senhor Jesus Cristo.* Isto implica disposição de aceitar a sua doutrina e assumir seu nome, sendo obediente aos seus mandamentos. *O evangelho é arrependimento,* é purificação de toda iniqüidade. *É o batismo* pelo qual fizemos um convênio e promessa. É o direito à *companhia do Espírito Santo,* que, se nos conduzirmos corretamente, há de nos ensinar ao passarmos pelo templo. *O evangelho é a escritura.* Para quase todas as perguntas lícitas a respeito do templo, os que procuram encontrarão a resposta nas escrituras. *O evangelho é oração, humildade, docilidade, caridade.* É *compromisso* e também *convênio* e *ordenanças.* É igualmente *bênçãos.*

Gostaria agora de dar alguns conselhos aos professores, bispos e presidentes de estaca. Ninguém, logicamente, consegue aprender tudo sobre o templo numa só ida; mas, se quiserdes preparar vosso povo para o templo, ensinai-lhe o evangelho. Não tenteis ensinar-lhes o que se passa no templo — é justamente para aprender isso que ali vamos. Se esses princípios forem devidamente estabelecidos em nossa vida, sem dúvida entenderemos perfeitamente o que acontece no templo. Se não estiverem, nada adiantará, e as pessoas nesta situação deveriam esperar.

Que Deus abençoe este povo, para que compreenda essas bênçãos e faça os serviços sagrados oferecidos nos templos, é minha sincera oração em nome de Jesus Cristo. Amém.



Jesus é o Nosso Salvador



Élder David B. Haight
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará em seu regaço."
(Isaías 40:11.)

Peço-vos que recordeis por um momento o que sentistes cantando ainda agora "Damos Graças a Ti" (*Hinos*, n.º 147), olhando para vosso profeta vivo.

Jamais eu sentira tamanha irradiação espontânea de amor como a que testemunhamos durante o canto desse belo hino. Sentimos o amor ensinado pelo Salvador.

Espero que todos vós guardeis a memória dessa experiência, lembrando-a e anotando-a por escrito. Podeis alegar que palavras não conseguem descrever o que sentistes, olhando aqui para nosso profeta. Possivelmente vos sentistes como eu, que meu coração ia estourar. Que isto se torne parte de vossa história.

No coração de todo ser humano, seja qual for sua raça ou condição na vida, vivem anseios indescritíveis por algo que ainda não tem. Tal anseio é plantado no homem por seu amoroso Criador.

Deus tenciona que esse anseio do coração humano o conduza ao único caminho capaz de satisfazê-lo. Esta plenitude se encontra somente em Jesus, o Cristo, o Filho do Pai Eterno. Paulo declara: "Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse." (Col. 1:19.)

Jesus Cristo foi eleito e ordenado o único Salvador e Redentor do mundo. Ele disse ao irmão de Jared:

"Eis que sou aquele que foi preparado desde a fundação do mundo para redimir meu povo. Eis que sou Jesus Cristo... Em mim terá vida a humanidade, eternamente, todos aqueles que crerem em meu nome." (Éter 3:14, edição de 1982.)

Ele ensinou aos seus discípulos:

"Eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou...

"Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia." (João 6:38,40.)

Grande parte do mundo celebra hoje o Domingo de Ramos — em comemoração à entrada do Senhor em Jerusalém. A multidão, segundo Mateus e João, "estendia os seus vestidos pelo caminho" (Mateus 21:8), e "tomaram ramos de palmeiras e saíram-lhe ao encontro". (João 12:13.)

Era a época da festa anual da Páscoa dos judeus. Desde algum tempo os sumos sacerdotes no Sinédrio vinham conspirando em busca de uma desculpa para prender e matar Jesus. Então acharam que esta era sua oportunidade.

No dia que antecedeu a consumação do cordeiro pascal, Jesus instruiu os discípulos a encontrarem um lugar onde pudessem reunir-se e rece-

ber instruções suas. No recinto escolhido, Jesus encontrou-se com os Doze e assentaram-se para comer. Terminada a refeição, o Mestre os instruiu e administrou. Lavou-lhes os pés e disse:

"Vós me chamais de Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou.

"Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns dos outros." (João 13:13-14.) A seguir, instruiu-os:

"Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado nele . . .

"Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco. Vós me buscareis e, como tinha dito aos judeus: para onde eu vou não podeis vós ir; . . .

"Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.

"Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros." (João 13:31, 33-35.) E prosseguiu ensinando:

"Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.

"Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar.

"E se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também.

"Mesmo vós sabeis para onde vou e conheceis o caminho." (João 14:1-4.)

Tomé perguntou: "Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho?" (João 14:5.), ao que replicou o Salvador:

"Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.

"Se vós conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto." (João 14:6-7.)

"Saí do Pai e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo, e vou para o Pai." (João 16:28.)

"Tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar." (João 16:23.)

Enquanto se encontravam no cenáculo, Jesus instituiu o sacramento. Tomou pão, partiu e abençoou-o e distribuiu-o entre os discípulos, dizendo:

"Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.

". . . Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós." (Lucas 22:19,20.)

A seguir, disse a seus discípulos: "Digo-vos . . . que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei. (João 16:7.)

O Salvador orou ao Pai em favor dos apóstolos e todos os crentes:

"Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti;

"Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste.

"E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:1-3.)

Terminada sua prece ao Pai, Jesus deixou o cenáculo e foi com os discípulos para o Jardim do Getsêmani, a fim de orar em solidão:

"Meu Pai, se é possível, passe de

mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres." (Mateus 26:39.)

O próprio Salvador disse a respeito do seu sofrimento no Getsêmani:

"Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar.

"Todavia, glória ao Pai, eu tomei a taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens." (D&C 19:18-19.)

"Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisassem sofrer." (D&C 19:16.)

Ao se aproximarem Judas e os guardas, Jesus falou:

"Eis que é chegado o que me trai." (Mateus 26:46.)

Então Judas o beijou na face e Jesus indagou: "Amigo, a que vieste?" (Mateus 26:50.) "A quem buscais?" (João 18:4.)

Um dos soldados replicou: "A Jesus Nazareno."

O Salvador disse: "Sou eu." (João 18:5.)

Então Jesus foi conduzido preso aos principais dos judeus e depois a Caifás, o sumo sacerdote. (Vide Mateus 26:57.)

"Conjuro-te pelo Deus vivo", falou este, "que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus." (Mateus 26:63.)

"Eu o sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu." (Marcos 14:62.)

Então Jesus foi levado perante Pilatos, que lhe perguntou: "Tu és o rei dos Judeus?" (João 18:33.)

Ao que Jesus replicou: "O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus." (João 18:36.)

Então Pilatos disse, falando à multidão:

"Não acho nele crime algum.

"Mas vós tendes por costume que eu vos solte alguém pela páscoa. Quereis pois que vos solte o Rei dos Judeus?" (João 18:38-39.)

A multidão gritou: "Este não, mas Barrabás." (João 18:40.)

Pilatos então mandou açoitar Jesus. E os soldados colocaram-lhe uma coroa de espinhos na cabeça e vestiram-lhe um manto de púrpura. (Vide Marcos 15:15-17.)

Pilatos afirmou: "Não acho culpa alguma neste homem." Lucas 23:4); a multidão, porém, clamava: "Crucifica-o, crucifica-o." (Lucas 23:21.

E levaram o Mestre, aquele a quem Pedro negara três vezes, e obrigaram-no a carregar a própria cruz. Ele iniciou a longa jornada pelos caminhos ladeados pela multidão, passando pelas mulheres em lágrimas, passando pelo povaréu homicida que reclamara sua crucificação, passando pelos portões da cidade até a colina chamada de Gólgota, o lugar da caveira. (Vide João 19:17.) E ali o crucificaram.

Foi ali também que Jesus disse ao ladrão arrependido, crucificado ao seu lado: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso." (Lucas 23:43.)

As derradeiras palavras de Jesus:

"Mulher, eis aí teu filho!" (João 19:26.)

E, voltando-se para João: "Eis aí tua mãe!" (João 19:27.)

E depois: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito." (Lucas 23:46.)

"Está consumado." (João 19:30.)

"E no primeiro dia da semana, muito de madrugada", as mulheres foram ao sepulcro levando especiarias "e acharam a pedra removida". (Lucas 24:1-2.)

A voz de um anjo indagou: "Por que buscais o vivente entre os mortos?"

"Não está aqui, mas ressuscitou." (Lucas 24:5-6.) Assim se proclamou o mais glorioso acontecimento desde o alvorecer da criação.

Maria ouviu uma voz perguntar: "Mulher, por que choras? Quem buscas?"

Ela respondeu: "Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei."

Então ouviu alguém dizer: "Maria!", e soube quem era ele e replicou:

"Mestre."

"Não me detenhas," disse ele, "porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus." (Vide João 20:15-17.)

Mais tarde Jesus apareceu aos apóstolos no mesmo cenáculo em que haviam comido a pascoa antes de sua morte. Eles se assustaram e então ouviram sua voz, dizendo:

"Paz seja convosco...

"Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações?

"Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho." (Lucas 24:36, 38-39.)

Mais tarde ainda, às margens do Mar da Galiléia, enquanto o Salvador e os discípulos comiam peixe juntos, Jesus indagou de Pedro: "Simão, filho de Jonas, amas-me mais que estes?"

"Sim, Senhor; tu sabes que te amo."

"Apascenta meu rebanho."

"Simão, filho de Jonas, amas-me?"

"Sim, Senhor; tu sabes que te amo."

"Apascenta minhas ovelhas."

"Simão, filho de Jonas, amas-me?"

"Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo."

E o Salvador voltou a replicar: "Apascenta minhas ovelhas." (João 21:15-17.)

Três vezes Pedro negara publicamente o Senhor. Agora, Jesus fê-lo confirmar três vezes seu amor e fidelidade.

Chegava a hora de Jesus ascender ao trono de seu Pai. Antes de morrer, ele disse ao Pai que consumara a obra que lhe havia designado. (Vide João 17:4.) Depois de ressuscitar, demorou-se ainda uns quarenta dias na terra, a fim de que seus discípulos compreendessem melhor sua natureza ressurreta e glorificada e fossem instruídos em assuntos do reino de Deus.

Agora estava pronto para partir. Os apóstolos sabiam que ele era o Salvador. Seus discípulos não mais o associariam unicamente com o se-

pulcro, como testificariam dele como um ser glorioso.

Para sua ascensão, Jesus escolheu o Monte das Oliveiras, tão conhecido seu; pois ali perto, nas encostas da Betania, encontrara descanso e afeto com Maria, Marta e Lázaro. Também era próximo do Jardim do Getsêmani, onde orara e agonizara sozinho. Escolheu o Monte das Oliveiras para subir ao Pai e é nele que seus pés pousarão quando voltar novamente, não como homem de dores, mas como rei triunfante e glorioso.

Ali, no Monte das Oliveiras, o Salvador instruiu os apóstolos e todos os que crêem:

"Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo;

"Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos." (Mateus 28:19-20.)

Testifico-vos, pelo poder do Espírito Santo, que esse mesmo Jesus é o Cristo, o Filho do Deus Vivente, crucificado pelos pecados do mundo "para purificá-lo de toda a iniqüidade;

"Para que, por intermédio dele, todos pudessem ser salvos." (D&C 76:41-42.) "Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seu regaço." (Isaías 40:11.)

Ele é o nosso Redentor, nosso Senhor, nosso Rei. Seu reino encontra-se estabelecido outra vez na terra, que é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias. Esta igreja, por injunção divina, está preparando o mundo para sua segunda vinda, pois ele voltará, eu declaro humildemente em seu sagrado nome. Amém.

Aperfeiçoemo-nos!



Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro Conselheiro
na Primeira Presidência

Precisamos "discernir claramente onde temos de melhorar para servir o Senhor".

Estou ansioso por dirigir-vos algumas palavras antes do término desta reunião. Sou muito abençoado esta tarde ao poder sentar-me aqui ao lado de nosso Presidente (Presidente Spencer W. Kimball), cuja falta sinto imensamente sempre que não está conosco. Apreciamos muitíssimo quando comparece às reuniões do Conselho dos Doze e da Primeira Presidência. Quando todas as autoridades gerais da Igreja estavam reunidas no templo na última quinta-feira, entrou o Presidente Kimball externando-nos seu amor e apreço. Nós continuamos sendo dirigidos por ele.

Antes de prosseguir, gostaria de dizer que tive o privilégio de comparecer a algumas reuniões dirigidas pelas irmãs, e dizer-lhes que é maravilhoso como executam seu trabalho. Que o Senhor as abençoe.

Bem, presentes aqui nesta conferência, tivemos a grande fortuna de ouvir todas as autoridades gerais prestarem testemunho, referirem-se a profecias e bênçãos e descreverem

o progresso alcançado pela Igreja. Gostaria de dizer a todos vós, sem exceção, que esses homens de bem têm testemunho do evangelho. Eles seriam incapazes de mentir-vos. Eles falam a verdade — num espírito que nos não permite esquecê-la. Estou certo de que quase todos vós sentistes a veracidade do que falaram e concordastes com suas palavras.

Agora, ao recordardes mentalmente suas palavras, decidi de qual de vossas fraquezas tentareis livrar-vos a fim de gozardes da presença e bênçãos de nosso Pai Celeste.

Tenho o grande privilégio de ter sido conselheiro e colaborado intimamente com quatro de nossos presidentes, cujas personalidades são inteiramente diferentes. Observar o Senhor trabalhar através deles é um imenso privilégio e a gente percebe por que eles foram escolhidos. Acatai seus ensinamentos.

Oro humildemente que todos nós, sem exceção, voltemos para casa com um só pensamento — o de nos aperfeiçoarmos e sermos dignos das bênçãos de que gozamos. No almoço de hoje, pedi a um de meus netos que abençoasse o alimento e fiquei muito contente ao ouvi-lo dizer: "E ajuda-nos a lembrar o que aprendemos nesta conferência, e ajuda-nos a viver merecedores do que aprendemos e aplicá-lo em nossa vida."

Irmãos e irmãs, permita-nos o Senhor discernir claramente onde temos de melhorar para poder servi-lo. Começai agora, como eu estou fazendo, a decidir pôr em prática algumas das coisas que nos foram ensinadas hoje.

Estou muito feliz de estar aqui nesta tarde. Estou contente de ver o desenrolar desta conferência. É uma excelente conferência e ter o Presidente Kimball conosco em duas sessões é realmente uma grande bênção. Que o Senhor nos abençoe para que consigamos fazer sua vontade e obedecer a seus mandamentos, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.



O Senhor Está ao Leme



Presidente Spencer W. Kimball

Meus amados irmãos e irmãs, esta é uma grande experiência para mim. Esperei por este dia, confiei e acreditei nele. Sinto grande amor pelo povo desta Igreja e gratidão pelo amor que me demonstraram. Assim, externo meu carinho a eles e pela memória das grandes experiências por que passei, prestando meu testemunho: Esta obra é divina, o Senhor está ao leme, a Igreja é verdadeira e tudo está bem. Deus vos abençoe, irmãos e irmãs, eu rogo em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.



Sessão de Bem-Estar, 3 de abril de 1982

O Valor do Trabalho



Bispo J. Richard Clarke
Segundo Conselheiro no Bispado Presidente

Exercer nossa capacidade intelectual, física e espiritual, é a chave para uma vida realizada.

Poucos autores de nossa geração têm produzido tantas obras de qualidade e boa aceitação como James A. Michener (Escritor norte-americano agraciado com o Prêmio Pulitzer. N. do T.). Assombra-me a variedade de seus interesses e sua dedicação à excelência. Seu sucesso não é acidental, não se deve unicamente a um talento inato. Seu sucesso resulta do hábito de trabalhar arduamente.

Ele foi criado na pobreza por sua mãe viúva. Desde os onze anos, James trabalhou seis dias por semana durante o verão, além de entregar jornais no inverno. Aos quatorze tornou-se aprendiz de encanador, trabalhando quatorze horas por dia no verão e quatro durante o inverno. Recordando aqueles tempos, diz ele: "Em lugar de me predispor contra o trabalho, conscientizei-me

de que pessoas sensatas trabalham duro para atingir metas sensatas, filosofia que ainda advogo." ("An Authentic Work Ethic: I. The Path to Achievement", *Reader's Digest*, janeiro de 1977, p. 149.)

O trabalho é uma bênção de Deus e o princípio fundamental da salvação, tanto temporal como espiritual. Ao ser expulso do Éden, Adão foi informado de que dali em diante deveria ganhar o pão com o suor do seu rosto. Notai bem estas palavras: "Maldita será a terra *por tua causa*" (Moisés 4:23; grifo nosso), isto é, para o bem ou benefício dele. Não seria fácil dominar a terra; mas era este exatamente seu desafio e bênção, assim como o nosso.

Nós somos co-criadores com Deus. Ele nos deu a capacidade de fazer o trabalho que deixou por fazer, de utilizar a energia, extrair os minérios, transformar os tesouros da terra para nosso benefício. O mais importante porém, o Senhor sabia que da dura prova do trabalho emerge a essência sólida do caráter. O trabalho tornou-se uma característica mórmon. No mundo inteiro somos conhecidos como um povo altamente motivado e trabalhador. Esse forte compromisso com a ética do trabalho é uma tradição nossa. A industriosidade mórmon deixou sua marca em todas as terras que ocupamos. Missouri, Nauvoo, o Vale do Lago Salgado e todos os vales das montanhas nos quais os santos se radicaram são famosos monumentos ao trabalho mórmon.

Falando desse período, dizia o Presidente J. Reuben Clark: "Prosseguimos somente com recursos próprios, sem subsídios, sem empréstimos, acompanhados unicamente pelas maldições dos que nos expulsaram de nossas casas e depois se apropriaram, sem nada pagar, dos bens que nos forçaram deixar para trás...

"Assim tivemos que lutar contra a miséria; labuta e privações eram nossa companhia diária...

No entanto a Igreja sobreviveu; o povo prosperou, *mantendo intato o caráter*. Cuidávamos de nossos pobres. Em tempos de escassez os vizinhos ajudavam-se mutuamente.

"Repetidamente passamos pela fornalha ardente; e toda vez saímos dela refinados, libertos de escórias pelas chamas, mais inspirados, santificados." (*Church Welfare Plan*, folheto, 1939, pp. 8-9; grifo nosso.)

Nossos profetas têm dado o exemplo nesse compromisso. Dizem que o Presidente Wilford Woodruff amava o trabalho. "Para ele era uma bênção, um privilégio... Sua labuta nos desfiladeiros, seu suor no campo de colheita... eram partes importantes da economia divina...

"Suar era um mandamento divino exatamente como orar". (Matthias F. Cowley, *Wilford Woodruff: History of His Life and Labors*, Salt Lake City: Deseret News, 1909, pp. 644-45.)

Em nossos dias, não conheço exemplo melhor de obediência à lei divina do trabalho que o Presidente Kimball. Personificando sua filosofia do "Faça", o Presidente Kimball devota-se não só à busca da felicidade como à felicidade da busca. Certa ocasião em que o Dr. Wilkinson, seu médico, se mostrou preocupado com sua saúde e os crescentes esforços que impunha ao seu organismo, o Presidente Kimball respondeu: "Sua tarefa, Irmão Wilkinson, é manter meu corpo funcionan-

do em *meu* ritmo de trabalho."

Isto me lembra o fazendeiro que se sentia um tanto indisposto e foi ao médico. Depois de examiná-lo, o médico disse-lhe que seu problema era estar trabalhando demais, ao que o paciente replicou:

— "Isto eu já sabia. O que quero do senhor é mais força."

A total dedicação ao trabalho do Presidente Kimball estabelece um alto padrão para todos nós. Temos por obrigação moral exercer nossa capacidade intelectual, física e espiritual de maneira que proporcione ao Senhor, nossa família e nossa sociedade os frutos de nossos melhores esforços. Fazer menos que isso é levar uma vida não realizada, é negar a nós próprios e a nossos dependentes oportunidades e vantagens. Trabalhamos para ganhar a vida, é verdade; ao trabalharmos, porém, lembremo-nos de que estamos edificando uma vida. Nosso trabalho determina como essa vida será.

Trabalhar é honroso, uma ótima terapia para quase todos os problemas. É o antídoto da preocupação, o compensador de deficientes dotes naturais e possibilita ao homem comum aproximar-se do gênio. O que nos falta em aptidão podemos compensar com empenho.

Conforme recomenda Korsaren: "Se és pobre, trabalha... Se estás contente, trabalha. A ociosidade dá lugar a dúvidas e temores. Se sofrer um desapontamento, continua trabalhando. Se a dor te consumir... trabalha... Quando a fé vacilar e a razão falhar, simplesmente trabalha. Trabalha quando os sonhos são destruídos e a esperança parece morta. Trabalha como se tua vida dependesse disso. Na verdade depende. Não importa o que te aflige, trabalha. Trabalha com fervor... O trabalho é o melhor remédio existente para os males físicos e mentais." (*The Forbes Scrapbook of Thoughts on the Business of Life*, Nova York: Forbes Inc., 1968, p. 427.)

Gostaria de sugerir alguns outros elementos importantes da ética do trabalho:

1. Como santos dos últimos dias temos de trabalhar com a máxima perfeição se quisermos ser fiéis a nossa religião. É uma questão de integridade. Todo trabalho que executamos é um retrato de quem o faz. Estamos preocupados com a crescente falta de qualidade do trabalho em nossa sociedade. Por todo lado vemos trabalho mal feito pelo qual esperam plena compensação, independente de o produto satisfazer ou não a padrões aceitáveis. Devemos ser motivados por um ideal maior que o simples atendimento de um padrão artificial de uma sociedade que passou a aceitar um desempenho negligente. Esta não é a ética mórmon. Em tempos de desemprego, os santos dos últimos dias praticantes dos princípios de trabalho de nossa religião devem ter grande procura.

2. Dediquemo-nos com todo empenho e honestidade ao nosso trabalho como se o negócio fosse nosso. Na verdade, cada um é seu próprio patrão, não importa quem pague o salário. Sejamos honestos com nosso empregador. Façamos que "digno (seja) o obreiro de seu salário". (D&C 84:79.) Devemos dar ao nosso empregador o melhor que temos em nós, e não apenas o

suficiente para ir levando ou preencher padrões comuns de desempenho. Cada um deve estabelecer seu próprio padrão baseado em sua capacidade. Exemplifiquemos o velho adágio dos pioneiros: "Trabalhar honestamente por um salário honesto."

3. Continuemos investindo em nosso desenvolvimento pessoal. Aprimoremo-nos continuamente no campo profissional pelo estudo. Aproveitemos com sabedoria nosso tempo livre. Se desperdiçarmos treze minutos por dia, isso equivale a duas semanas sem pagamento por ano. Olhemos nosso emprego atual como um degrau na carreira profissional. Reservemos tempo para pensar. A dimensão da maioria das ocupações é limitada apenas pela mente do trabalhador carente de criatividade. Gosto dos conselhos de certo empresário: "Se tens êxito em algo, tenta alguma coisa mais difícil!"

4. Ensinar os filhos a trabalhar é um dos principais deveres dos pais. Nossos filhos estão vivendo numa prosperidade sem precedentes conseguida por pais que trabalharam duro para dar-lhes o que eles próprios não tiveram na infância e mocidade. Se quisermos salvar nossos filhos temporal e espiritualmente, precisamos ensiná-los a trabalhar. Eles têm de aprender pelo exemplo que o trabalho não é uma carga pesada, mas uma bênção.

Feliz do rapaz ou moça que aprendeu a trabalhar. Sábio o pai que exige que os filhos aprendam a ter responsabilidade e a satisfazer determinados padrões de desempenho.

Num tributo ao Dia das Mães, uma encantadora mãe SUD, Beverly Graham, externou seu apreço pela educação recebida em casa. Dizia ela:

"O amor de mamãe incluia estrita disciplina, regras definidas e regulamentos firmemente aplicados. Usamos essas regras como apoio para nosso caráter em formação.

"Mamãe adorava ser mãe e senhora, e apreciava as prendas domésticas, que transmitiu a mim e a minha irmã. Com grande paciência nos ensinou a costurar, cozinhar, limpar a casa, passar roupa etc. Passar novamente uma das camisas brancas de papai até ficar perfeita pode ser uma bênção? Ou levantar mais cedo para lavar e passar antes da escola? Ou descascar beterrabas, debulhar ervilhas durante horas, descamisar montes de milho verde para fazer conservas, apanhar amoras ao amanhecer antes do sol esquentar — são bênçãos? Na época ninguém me convencia disso, mas agora sim. Essas tarefas me ensinaram muita coisa a respeito de economia trabalho e responsabilidade."

Ao ensinarmos esses valores aos filhos, devemos dar ênfase ao princípio da responsabilidade compartilhada. Não vos deixeis confundir por tentativas de rotular certos trabalhos como estritamente femininos ou masculinos. Falando de um modo geral, toda criança deve aprender a preparar pratos simples, lavar a louça, limpar a casa, aparar a grama, cuidar do bebê e lavar o carro. Esses conhecimentos contribuirão bastante para que sua vida de adulto seja mais feliz e produtiva.

Bem, e quanto ao nosso tempo de lazer? A forma de aproveitarmos

esse tempo é tão importante para nossa felicidade como nosso desempenho ocupacional. O uso adequado do tempo livre requer bom senso; ele nos proporciona oportunidade para renovação do espírito, mente e corpo. Deve ser um tempo dedicado à adoração, à família, à prestação de serviços, ao estudo e à diversão sadia. O tempo de lazer dá harmonia à vida.

Lazer não é ociosidade. O Senhor condena a ociosidade. Diz ele: "Não desperdiçarás o teu tempo, nem enterrarás o teu talento." (D&C 60:13.) Qualquer forma de ociosidade produz tédio, conflitos e infelicidade; cria um senso de vazio, de falta de valor, a sementeira de maldades e malícia. Ela é inimiga do progresso e da salvação.

O trabalho é um elemento essencial do plano de bem-estar do Senhor — mas um tipo especial de trabalho. Trabalho dos membros, santificado pelo amor, produz o necessário para satisfazer às necessidades temporais de nossos pobres dignos. O trabalhador é abençoado e santificado em seu serviço abnegado. O membro necessitado aceita a assistência com espírito de amor e gratidão, sabendo ser produto do trabalho e sacrifício dos membros da Igreja. Na medida de sua capacidade, o membro necessitado trabalha pelo que recebe, conforme a determinação do bispo, preservando assim sua dignidade.

O indivíduo é de primordial importância no plano do Senhor. Qualquer sistema que não requeira iniciativa, independência e necessidade de trabalhar pelo que se recebe, quando em condições de fazê-lo, não preserva sua integridade. O plano de bem-estar da Igreja tenciona abolir a esmola. Esta é uma praga em qualquer sistema assistencial, devendo ser temida como o câncer no organismo humano. Brigham Young afirma:

"Nenhum benefício existe em se dar continuamente dinheiro, alimento, vestuário ou qualquer coisa a um homem ou mulher, se eles forem fisicamente capazes e puderem trabalhar para obter seu sustento...

"Dar algo ao indolente é um gesto tão iníquo quanto qualquer outro. Jamais deis qualquer coisa a uma pessoa ociosa.

"Dai trabalho aos pobres." (*Discursos de Brigham Young*, cap. XXIV, pp. 274-75.)

E o Presidente Clark acrescenta: "Irmãos... fazei o melhor que puderdes para assegurar que aqueles que... consomem, estejam entre os que produzem. É um princípio ... que destrói o caráter (e) iniciativa, chegar-se à conclusão de que nosso sustento vem como dádiva." (Discurso proferido na reunião de Bem-Estar, abril de 1960, p. 3.)

Num sentido mais amplo, o trabalho é a maneira de conseguir felicidade, prosperidade e salvação. Quando trabalho, dever e alegria se combinam, o homem atingiu seu ponto alto. Diz Rabindranath Tagore:

Dormi e sonhei
Que a vida era alegria.
Acordei e vi.
Que a vida é dever.
Agindo, descobri
Que o dever é alegria!

(Citado por Earl Nightingale. "Our Changing World", p. 5193.)

O trabalho foi instituído desde o início como meio de os filhos de Deus cumprirem sua mordomia terrena. Ele é nossa herança divina. Ensinava o Élder Stephen Richards: "Trabalhar com fé é um ponto fundamental de nossa doutrina teológica e nossa condição futura — nosso céu, visto em termos de progresso eterno pelo labor constante." (Conference Report, outubro de 1939, pp. 65,68.)

A voz do Senhor para esta geração é:

"Eis que eu vos digo que é a minha vontade que vades e que não vos demoreis, nem sejais ociosos, mas que trabalheis com vossa força...

"E assim, se fordes fiéis, sereis carregados com muitos molhos, e coroados com honra, glória, imortalidade e vida eterna." (D & C 75:3,5.)

Disto eu testifico em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.



"Levantam-se Seus Filhos, Chamam-na Bem-Aventurada."



Barbara B. Smith
Presidente Geral da Sociedade de Socorro

"A mulher obrigada a trabalhar para satisfazer as necessidades de seus filhos deve aprender o propósito essencial da vida, vir a conhecer o Senhor e sentir seu amor e orientação."

Em Provérbios, o Rei Lemuel fala do que a mãe lhe ensinou. Ela deu-lhe uma orientação tão admirável que foi registrada com todos os pormenores, empenhando-se particularmente em mostrar-lhe as qualidades e atitudes que deveria procurar na mulher e mãe de seus filhos, para que a casa fosse tão bem administrada que no fim os filhos a chamassem de bem-aventurada. (Vide Prov. 31:28.)

Nesta época com tantos caminhos interessantes abertos à mulher, nós precisamos desse tipo de conselho. Temos de examinar de perto as ofertas como também nossas próprias necessidades familiares se quisermos que nossos filhos recebam, na mortalidade, as bênçãos eternas que uma mãe é capaz de dar.

Toda mãe terá de decidir como abençoar os filhos. Devido às muitas opções ao seu dispor, é importante que a mulher escolha com todo o cuidado. Para a mulher com filhos em casa, esta escolha torna-se não só importante como crítica. Ela necessitará da orientação de fontes infalíveis — as escrituras, os ensinamentos de líderes da Igreja e respostas pessoais a suas orações — pois os "ventos inconstantes" dos quais somos advertidos em Efésios (4:14), provavelmente em nenhum lugar se mostram mais aparentes que nos desafios e decisões enfrentados pelas mulheres de hoje.

É fácil sermos "levados em roda" (Efésios 4:14) sem a "mui firme... palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro." (II Pedro 1:19.)

Alumiada por essa luz de verdade, toda mulher poderá andar com confiança, sabendo o que é certo. Não existe *um* caminho adequado a todos os casos. Algumas mulheres precisam chegar a uma solução, outras a outra.

O ideal para a família é e sempre foi ter a mãe em casa cuidando dos filhos e ajudando-os a crescer, para coordenar e correlacionar as atividades familiares e ser um esteio contra intrusões iníquas. Entretanto, há casos em que a mãe é obrigada a trabalhar fora de casa a fim de ajudar a satisfazer as necessidades básicas da família. Conforme disse o Presidente Ezra Taft Benson: "Muitas de vós vos encontrais em condições nem sempre ideais... e que, por necessidade, precisais trabalhar e deixar os filhos com outros."

É a essas mães que dirigimos nossas palavras hoje. Insistimos também com as líderes da Sociedade de Socorro que não deixem de incluir essas mães nos chamados da organização e que as aulas e programas sejam adequados a suas necessidades. Esperamos que elas recebam do marido, dos mestres familiares e das professoras visitantes incentivo e reforço positivo em sua difícil missão, pois sabemos que a despeito de sua dupla carga de trabalho ainda precisam dar aos filhos o necessário apoio emocional. Além das necessidades físicas óbvias, existem outros aspectos na vida da criança que não podem ser negligenciados mesmo que a mãe trabalhe fora.

Os desafios enfrentados pela mãe de filhos pequenos e que trabalha fora são muitos. Primeiro, precisa encontrar alguém que cuide bem deles. Depois, precisa decidir o que fazer em casos de emergência, como acidentes e enfermidades. Ela é obrigada a confiar na colaboração de um empregador compreensivo, ou então um parente, vizinha, professora ou outra pessoa nessas horas de crise.

Verificamos que quase todas as mães que trabalham organizam seu tempo planejando e comprando com antecedência, e programando e designando tarefas domésticas a todos os familiares. Sabem da importância de refeições equilibradas e nutritivas e do calor de um jantar bem servido, em família, ainda que os estabelecimentos de refeições rápidas possam parecer-lhe uma alternativa mais fácil.

Estamos cientes, entretanto, de que os verdadeiros desafios para muitas mães que trabalham se prendem à responsabilidade de guiar os filhos nos períodos de dúvidas e to-

madas de decisões, e nas horas de problemas. Tais desafios residem em ser capaz de perceber as necessidades não expressas dos filhos e que muitas vezes os jovens, em sua imaturidade, também não percebem. A mãe talvez nem sempre esteja presente na hora mais premente das necessidades de um filho. Verificamos, porém, que muitas mães que trabalham fora aproveitam toda e qualquer oportunidade para estar com os filhos — trabalhando com eles nas tarefas domésticas; planejando, fazendo compras e brincando com eles, quando apropriado; e, às vezes, simplesmente ficando no mesmo quarto ou sala para que se sintam em companhia de alguém que os ama.

A mãe que trabalha pode sentir-se tentada a planejar sempre passeios e brincadeiras especiais com os filhos em seu tempo disponível. Muitas, porém, entendem o perigo de assim lhes apresentar um quadro distorcido da vida, empregando todo o tempo disponível em recreação. É importante que as crianças aprendam o equilíbrio entre trabalho e diversão. Precisam saber que programas especiais são mais significativos quando há uma rotina diária e os deveres designados foram cumpridos.

Certa avó ajudou os netos a compreenderem essa verdade. Quando iam visitá-la, ela cuidava de ter algum trabalho que podiam fazer juntos; depois faziam uma brincadeira. Seguia-se outra tarefa e outra brincadeira. As crianças aprenderam a relação entre trabalho e diversão e a sensação gostosa de divertir-se depois do dever cumprido.

As tarefas escolares e também o estudo de música e desenvolvimento de outros talentos podem tornar-se parte da rotina diária. A mãe empenhada em ter sucesso pode ajudar os filhos a aprenderem o *preço* do sucesso trabalhando com eles, quando necessário, para que atinjam certo grau de excelência. A mãe pode fazer toda a diferença no desempenho do filho, apoiando-o e fiscalizando a boa execução de seus deveres. Ela assim ajuda o filho a colher as recompensas do esforço persistente.

Ainda que a mãe que trabalha não consiga ser o modelo constante que poderia ser se estivesse em casa, ela pode ensinar aos filhos disciplina pessoal resultante do cumprimento de responsabilidades diárias, rotineiras e, depois, a sensação gostosa de ser elogiado por um trabalho bem feito.

A mãe precisa considerar os propósitos essenciais da vida. Leo Rosten, escritor, cientista e professor, fez uma afirmativa que merece ser ponderada:

"Onde já foi prometido que a vida na terra seria fácil para nós, livre de conflitos e incertezas, isenta de angústia, espanto e dor?...

"O propósito da vida é *ter importância*, ser produtivo, que nosso viver fez alguma diferença. Em seu sentido antigo e nobre, felicidade quer dizer auto-realização — e é concedida àqueles que aproveitam ao máximo os talentos recebidos de Deus."

E continua: "Felicidade, para mim, é explorar até o limite máximo ao nosso alcance, os recursos da mente e do coração." (*This Week Magazine*, 20 jan. 1963, p. 2.)

A mulher obrigada a trabalhar

para satisfazer as necessidades dos filhos deve aprender o propósito essencial da vida: vir a conhecer o Senhor e sentir seu amor e orientação. Certa mulher que compreendeu isso escreveu:

"Logo após meu divórcio, decidi que daria a meus filhos o *melhor* em tudo... Eu cuidaria bem deles... Substituiria o pai em todos os sentidos. Levá-los-ia a piqueniques, jogaria beisebol com eles e faria uma casinha de brinquedo. Não ia permitir que sofressem por causa de nosso divórcio.

"Eu cozinhava, costurava, corria, brincava, lutava com eles. Limpava a casa, passava a ferro, vivia ocupada sendo mãe e pai para eles.

"Uma noite, coloquei os três juntos na banheira enquanto terminava uma tarefa. Depois voltei, ensaboei o menor, enxagüei-o, tirei-o da banheira e coloquei-o de pé no tapetinho enquanto o enrolava na toalha. Depois o carreguei até o quarto para vestir-lhe o pijama e pô-lo na cama. Repeti o processo com seu irmão e depois a menina.

"Quando me inclinei para dar-lhes o beijo de boa-noite, o maior pediu:

"— Cante para nós, mamãe.

"— O que vocês querem ouvir?, — perguntei.

"— *Rudolf*! — foi a resposta imediata do menor.

"— Não, *Johnny Appleseed*, — rebateu o irmão.

"A menina pediu: — Cante *Stay Awake*.

"— Estou vendo que desse jeito vou ficar cantando uma hora, e não tenho tempo para tanto. Por isso, boa noite, — e apaguei a luz.

"— Por favor, mamãe, cante só uma. Você pode escolher.

"— E a nossa oração?

"Firme, repliquei: — Eu disse boa noite, e acabou-se.

"Chegando ao banheiro para pô-lo em ordem, pensei que certamente me seriam gratos um dia, quando tivessem idade para entender o quanto estava fazendo por eles!

"Então estaquei, ao ver ali no tapete três pares de perfeitas pegadas úmidas. Por um instante pareceu-me ver nas pegadas os espíritos daquelas preciosas crianças que eu acabara de levar para a cama. E no mesmo instante percebi como estava sendo insensata. Estava tão ocupada cuidando de suas necessidades terrenas que negligenciava seu espírito. Lembrei-me de que tinha a sagrada obrigação de cuidar de ambos. Mesmo que os vestisse com as melhores roupas existentes e lhes desse tudo que o dinheiro pode comprar, não poderia prestar contas justificadas de minha responsabilidade como mãe, se deixasse de suprir suas necessidades espirituais.

"Humilhada, voltei ao quarto. Ajoelhamo-nos juntos em oração. Depois nos acomodamos os quatro numa das camas e ficamos cantando música após música até ser eu a única acordada."

As mães SUD encontram na Sociedade de Socorro programas capazes de ajudá-las a satisfazer as muitas necessidades dos filhos, não apenas com respeito à saúde e segurança, alimentação e vestuário, necessidades sociais e emocionais, mas também referente ao seu crescimento espiritual e estabelecimento de boas relações familiares eternas.

São muitos os testemunhos a res-

peito do cuidado extraordinário prestado pela mãe só. Temos convicção de que o Senhor atenta particularmente para essas mulheres e que elas podem sair-se bem, embora seu papel seja particularmente desafiador. Mas elas também devem decidir à luz dos princípios e propósitos do Senhor, com aquela fé verdadeira nas coisas que esperamos.

Com auxílio do Senhor, as famílias terão forças para fazer o que é preciso — trabalhar juntas, aproveitar todo conhecimento para organizar-se e ser previdente a fim de alcançar as metas estabelecidas. As crianças pequenas reagem positivamente à verdadeira necessidade e são capazes de colaborar com a mãe ou o pai em favor do sucesso familiar.

Entre todas as criações de Deus, o homem e a mulher são os únicos que podem e devem tornar-se semelhantes a ele. Ele nos deu para isso um plano, um modelo e ensinamentos que nos ajudarão a adquirir seus atributos.

Podemos aprender a nos tornarmos semelhantes a ele se usarmos a sua maneira para ensinar os filhos — mantendo comunicação regular com eles; ouvindo, guiando, incentivando; mantendo vigilância contínua sobre eles; protegendo-os mas não manipulando; permitindo-lhes aprender pela experiência; corrigindo-os de maneira a que aprendam a obedecer — não para satisfazer a nossa vontade, mas por terem aprendido o que é correto e crescerem em sabedoria.

Podemos planejar nossa vida e, na medida do possível, determinar o fim desde o princípio, valendo-nos dos princípios divinos a fim de ter a segurança da verdade. Podemos nos empenhar em um modelo de retidão. As crianças aprendem o que é a vida observando e fazendo.

Quando a mãe dá um exemplo de alegria, o mundo das crianças é feliz. Quando faz escolhas sábias, ela lhes está ensinando discernimento e estabelece em seu lar aquele refinamento tão importante para um progresso proveitoso. Aprendendo do Senhor a amar como Cristo, ela consegue manifestar aquele cuidado desprendido que abençoará seu lar e ao mesmo tempo ensinará seus filhos a amar. Conforme nos dizem as escrituras: "Trabalhando com todas as forças de (nosso) corpo e com toda faculdade de (nossa) alma" teremos paz em nossa vida e poderemos ensinar nossas "crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor". (Palavras de Mórmon 1:18; D&C 68:28.)

As mães têm o especial privilégio de trazer filhos ao mundo; como também podem contribuir significativamente para seu sucesso e felicidade aqui enquanto os preparam para a vida eterna.

As condições econômicas atuais apresentam à mulher e sua família problemas com muitas implicações e efeitos de longo alcance. A mulher consegue encontrar soluções sempre que reconhece as necessidades que só ela pode preencher e a função que lhe cabe no desenvolvimento cristão dos filhos. Vivendo próxima ao Espírito, ela verá claramente esse caminho diante de si. A mulher pode ser compelida a colaborar nas finanças da família e também a esse respeito temos recebido orientação. Diz o Presidente Kimball:

"Algumas mulheres, devido a circunstâncias imperiosas, precisam trabalhar. Nós o compreendemos... Não cometais o engano, porém, de vos deixardes atrair por tarefas secundárias em prejuízo das designações eternas, como... criar os filhos espirituais de vosso Pai Celestial. Orai fervorosamente a respeito de todas as vossas decisões." ("O Papel das Mulheres Justas", *A Liahona*, março de 1980, p. 154.)

Na "Pequena Parábola para Mães", de Temple Bailey, uma jovem mãe, ao iniciar o caminho da vida, foi informada de que sua jornada não seria fácil, mas que o fim seria melhor que .o princípio. Ela ensinou aos filhos que a vida é boa; deu-lhes coragem, força e bravura. Finalmente conseguiu ensiná-los a olhar por cima das nuvens que cobrem de sombras esta vida a fim de contemplarem a glória de Deus. Sabendo como encontrar o Pai Celeste em meio às sombras e vivendo pela luz de sua glória, os filhos já podiam andar sozinhos. A jornada da mãe terminara e o fim era mesmo melhor que o princípio por causa do que pôde ensinar aos filhos. (Texto datilografado, Departamento Histórico da Igreja SUD, Cidade do Lago Salgado, Utah.)

No fim sereis vós, mães maravilhosas — vós que colocastes a família em primeiro lugar, que ajudastes cada filho a sentir vossa aceitação e carinho e o amor de nosso Pai nos céus, e a conhecer a veracidade do evangelho pelo testemunho de vossa vida — sereis vós cujos filhos se levantarão e vos chamarão de bem-aventurada. (Vide Prov. 31:28.) Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

Problemas Empregatícios na Década de 1980



Élder J. Thomas Fyans
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

O Sistema de Empregos da Igreja pode ajudar a pessoa a encontrar uma colocação lucrativa, fornecer aconselhamento e ajudar os pais a aconselharem seus familiares.

Com as manchetes dos jornais e editoriais de revistas apregoando ruína e perdição na economia, é conveniente recordarmos o conselho que vimos ouvindo há anos na Igreja. Tal conselho abrange diversas coisas, como ter uma reserva de alimentos suficiente para um ano, evitar dívidas e preparar-se profissionalmente. A obediência a esse conselho significou a salvação financeira para muitos que ficaram desempregados no ano passado.

O Senhor ordena que sejamos auto-suficientes para conservarmos nossa independência. Diz ele:

"Eis que esta é a preparação com a qual vos preparo, o alicerce e exemplo que dou, por meio dos quais podereis cumprir os mandamentos que vos são dados;

"Que pela minha providência, não obstante a tribulação que sobre vós descerá, minha igreja permaneça independente, acima de todas as outras criaturas sob o mundo celeste." (D&C 78:13-14.)

Como vamos permanecer "independentes acima de todas as outras criaturas sob o mundo celeste"? Em 1946, o Élder Albert E. Bowen teve algumas idéias a respeito dessa escritura com as quais concordei. Dizia ele:

"A única maneira de a Igreja permanecer independente é seus membros serem independentes, pois eles SÃO a Igreja. É impossível conceber-se uma Igreja independente composta de membros dependentes — membros sujeitos à inevitável obrigação da dependência. O Senhor deve querer e tencionar que seu povo esteja livre de qualquer coerção, seja ela externa ou proveniente da própria consciência. Não se admite que alguma pessoa ou povo possa viver de gratuidades, delas dependendo para sua subsistência e ao mesmo tempo permanecer livre em pensamentos, motivos e ação. A história não registra nenhum caso assim. É por isso que a Igreja se preocupa que seus membros física e mentalmente aptos, trabalhem de acordo com sua capacidade pelo auxílio recebido. É por isso que a Igreja não se satisfaz com qualquer sistema que permita a dependência permanente de pessoas capazes, insistindo, pelo contrário, que a genuína função do dar é ajudar as pessoas a se ajudarem e assim serem livres.

"A hesitação em estender os princípios básicos do bem-estar a essa anterior aplicação leviana decorre, sem dúvida, da natural relutância humana em perder um pretenso benefício aparentemente gratuíto, embora isto seja ilusão, pois ninguém dá nada por nada; o recebedor sempre tem de pagar, se não em dinheiro pelo menos renunciando a algum precioso direito ou liberdade." (Albert E. Bowen, *The Church Welfare Plan* (Manual de Doutrina do Evangelho, 1946) p. 77.)

A Igreja não pode ser mais independente que a independência coletiva de seus membros. Tememos que alguns possam interpretar mal o desígnio dos recursos do programa de bem-estar da Igreja e deixar-se tomar por um falso senso de segurança que os leve a reduzir seus esforços quanto a auto-suficiência. Não é financeiramente exequível, nem salutar por princípio, que a Igreja acumule os recursos necessários para cuidar dos membros fisicamente aptos ao trabalho. Todo esforço do programa de bem-estar é empenhado em tornar as pessoas auto-suficientes, excluídos, obviamente, os incapazes de se sustentar. O programa proporciona uma assistência breve e temporária à pessoa capaz e que não deve ser considerada permanente. O programa de bem-estar da Igreja não representa sua independência, mas apenas um meio para tornar os indivíduos independentes. Para a Igreja ser independente como organização, seria preciso basicamente duplicar a economia de seus membros, o que não é prático, possível nem prudente. Todos aprendemos que depender do governo não é bom. Tampouco a dependência da Igreja, princípio esse tão fundamental como o próprio livre arbítrio.

Para se tornarem independentes, os membros precisam ter um emprego. Atualmente, as condições econômicas não favorecem a obtenção de emprego. Eis alguns problemas que enfrentamos:

Nos Estados Unidos, o índice de desemprego beira os 9% e muitos economistas prevêem que ainda subirá antes de haver uma redução substancial. Esses 9% equivalem a nove e meio milhões de americanos desempregados.

Contudo, os problemas de desemprego não se limitam aos Estados Unidos. No Canadá o índice de desemprego chega a 8,6% e a 9% na Europa. Em outras partes, como na América do Sul, um elevado número de pessoas está sem trabalhar.

Essa época economicamente turbulenta não deve ter representado um choque para os membros da Igreja atentos. Tampouco deve arrasar aqueles que seguiram o conselho que vinham recebendo. As escrituras dizem-nos que ainda virá muito mais, enquanto ao mesmo tempo nos sussurram: "Cala-te, aquieta-te." (Marcos 4:39.) "Se estiverdes preparados, não temereis." (D&C 38:30.) e "Todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem." (D&C 122:7.)

Portanto, nessa época de dificuldades econômicas, regozijemo-nos com o fato de termos o evangelho restaurado para nos dar a devida perspectiva dos altos e baixos da vida. Façamos dos tempos conturbados um catalisador da instrospeção — seguida de crescente espiritualidade. Precisamos ser mais sensíveis às pessoas ao nosso lado que se achem mais afetadas que nós, ajudando-as nesses tempos difíceis. Como povo, devemos enfrentar o desafio e crescer com ele. Devemos prosseguir com o otimismo e não cair vítimas dos debilitantes efeitos negativos do pessimismo.

Gostaria de dedicar o resto de minhas observações a um programa que nos ajudará grandemente a enfrentar os desafios atuais. Refiro-me ao Sistema de Empregos da Igreja, um programa já antigo mas, como acontece tantas vezes, não devidamente apreciado ou compreendido até ser realmente necessário.

Os líderes do sacerdócio receberão um exemplar do *Guia do Sistema de Empregos da Igreja*, o qual pormenoriza seu funcionamento. Recebereis igualmente instruções nos diversos conselhos da Igreja. Os objetivos desse sistema são (1) ajudar as pessoas a encontrarem uma colocação lucrativa coletando e divulgando rapidamente informações recebidas de membros e da comunidade; (2) fornecer aconselhamento e oportunidades para quem precisa de emprego melhor ou reabilitação profissional; e (3) ajudar os pais, através dos quoruns do sacerdócio e Sociedade de Socorro, no aconselhamento de seus familiares a respeito de empregos e formação profissional.

A fim de coordenar esses trabalhos são chamados especialistas em nível de estaca e ala. As pessoas chamadas como tais especialistas devem ser escolhidas com muito cuidado. Vós, bispos, sabeis quanto tempo e energia estais dedicando direta ou indiretamente aos problemas relacionados com o desemprego. Deixai esse especialista ajudar-vos a solucionar alguns desses problemas. Gostaríamos de incentivar toda ala

e estaca a ter um especialista qualificado em empregos, num futuro bem próximo.

A pedido dos líderes locais do sacerdócio e mediante aprovação pelo administrador executivo e Comitê geral dos Serviços de Bem-estar, pode-se estabelecer um centro de empregos, cujos objetivos são: (1) coordenar as oportunidades de emprego; (2) colocar os candidatos que não o foram em nivel de ala; (3) treinar especialistas de estaca e ala, a convite dos líderes do sacerdócio; e (4) coordenar a solicitação de empregos na comunidade empresarial.

Queremos ressaltar que o sucesso do programa de empregos da Igreja depende dos membros individualmente. Pesquisas mostram que 80% de todas as oportunidades de emprego são preenchidas por informação verbal, em comparação com agências de empregos, anúncios em jornais e outros veículos. Se 10% de nossos membros estão desempregados temos 90% empregados. E é através dos membros da Igreja empregados que se descobrem inicialmente eventuais vagas. Insistimos com todos os que trabalham, que fiquem atentos a vagas que possam ser preenchidas por membros da própria ala. Numa época em que os empregos são escassos, a participação do sacerdócio é absolutamente vital.

Não subestimemos o poder de nossa posição. Os empresários sabem que, em geral, os membros da Igreja gozam de boa reputação como empregados. De fato, qualquer membro que esteja vivendo o que lhe ensinam é um empregado ideal. Nas épocas de desemprego generalizado, o empregador pode ser bastante exigente quanto às pessoas que emprega. Julgamos que nossos membros são excelentes candidatos para os limitados empregos disponíveis.

Incentivamos os membros dos quoruns a colaborarem com os desempregados, ajudando-os com conhecimentos necessários na procura de colocação. Muitos desempregados agora estão sem trabalho pela primeira vez. Possivelmente precisem de auxílio na redação correta do currículo profissional ou mesmo como portar-se numa entrevista. Membros qualificados do quorum podem ajudar muito os membros com técnicas adequadas na solicitação de emprego. Outro setor em que os quoruns e especialistas em emprego podem ser de grande utilidade é no subemprego. Muitos de nossos membros empregados vivem no constante temor de perder o emprego; outros não estão satisfeitos com o trabalho que fazem. Portanto, outro objetivo desse programa é a melhoria de emprego.

Recomendamos aos bispos que usem os especialistas em empregos da ala na coordenação de empregos temporários para os que estão desempregados e recebendo assistência. Podemos fazer muito mais na área de dar oportunidade de trabalhar pelo que recebem às pessoas temporariamente desempregadas.

Este é um dos programas que podem ser aplicados na maioria dos países. Obviamente, não se deve fazer nada que contrarie as leis do país em que vivemos. Achamos que à luz das condições econômicas de hoje e em vista de nosso objetivo de permanecer independentes, o programa de empregos tem muito a oferecer. Ninguém consegue ver a deteriora-

ção que se dá no espírito de um homem desempregado que nada faz para remediar a situação. É desejável não só aliviar os problemas humanos mas prevenir e eliminar suas causas. *Pode* haver progresso com a utilização generosa dos talentos, tempo e recursos de muitos indivíduos. O sistema de empregos da Igreja permite aos 90% de membros empregados ajudarem os 10% desempregados.

Que nos dediquemos e participemos dessa resposta moderna ao mandamento do Senhor: "Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei" (João 13:34), eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.



O Evangelho - Fundamento da Nossa Carreira



Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Precisamos ajudar as pessoas a se ajudarem, dando-lhes visão e incentivo."

Nas revelações referentes ao aprender, repete-se sempre um mesmo tema. E, desde o princípio, os líderes da Igreja vêm-nos recomendando a conseguirmos o máximo de instrução possível como preparação e melhoria de nossa carreira profissional. Por exemplo: "Buscai diligentemente e ensinai-vos uns aos outros palavras de sabedoria; sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo *estudo* e também pela *fé*." (D&C 88:118: grifo nosso. Vide igualmente D&C 90:15; 109:7.)

A aprendizagem deve ser acompanhada pela fé e, conforme nos ensina o Livro de Mórmon, "é bom ser instruído quando se ouve os conselhos de Deus". (2 Néfi 9:29.)

Existe um pensamento que deve preceder qualquer debate a respeito de ocupações e carreira profis-

sional, a fim de estabelecer sua importância suprema:

Jamais menosprezeis ninguém, incluindo vós mesmos, nem vos considereis a vós mesmos ou qualquer outra pessoa um insucesso por causa de vosso meio de vida modesto. Jamais desdenheis os que fazem trabalhos mal remunerados. Existe uma grande dignidade e valor em qualquer ocupação honesta. Nunca useis o termo "inferior" para qualquer ocupação que melhora o mundo ou as pessoas que nele vivem.

Não há vergonha no trabalho honroso, e o princípio da fé relacionado pelo Senhor com o aprendizado é muito mais precioso que as tecnologias humanas.

Muitos que a vida inteira ganharam pouco e lutaram para sobreviver, acabam descobrindo, por terem sido decentes, o significado desta escritura: "O maior dentre vós", "é o menor e o servo de todos". (Mateus 23:11; D&C 50:26.)

Embora *escolaridade* e *educação* geralmente andem juntas, existe uma espécie de sabedoria que não se costuma ensinar na sala de aulas.

Para ilustrar, vou começar pelo caso de Naamã, comandante do exército sírio, pelo qual o Senhor dera "livramento" ao seu país. Tendo contraído lepra, o rei da Síria temia que fosse morrer.

Uma serva israelita da esposa de Naamã falou-lhe dos profetas de Israel, que tinham poder de curar. Então o rei da Síria enviou uma mensagem ao rei de Israel, dizendo: "Eu te enviei Naamã, meu servo, para que o restaures de sua lepra." O rei de Israel, suspeitando de uma armadilha, se lamentou: "Vede que busca ocasião contra mim... Sou eu Deus para matar e para vivificar, para que este envie a mim, para eu restaurar a um homem de sua lepra?"

Eliseu, o profeta, sabendo do problema, "mandou dizer ao rei:... Deixa-o vir a mim". Eliseu ia curar Naamã para que este soubesse "que há profeta em Israel".

Aproximando-se Naamã, Eliseu enviou-lhe um mensageiro, dizendo: "Vai e lava-te sete vezes no Jordão... e ficarás purificado." Naamã ficou indignado. Por acaso não havia na Síria inúmeros rios tão bons ou melhores que o Jordão?, pensou. Ele esperava que Eliseu o submetesse a alguma cerimônia impressionante, "e se foi com indignação".

Um de seus servos, porém (parece que sempre há um servo), corajosamente o repreendeu, dizendo: "Se o profeta te dissera alguma *grande* cousa, porventura não a farias?"

Humilhado pelo servo, Naamã "desceu e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus... e ficou purificado." (II Reis 5:1-14; grifo nosso.)

A natureza humana não mudou com os anos. Ainda hoje alguns de nós esperamos poder fazer "alguma grande cousa" para recebermos as bênçãos do Senhor. Quando recebemos conselhos comuns, surge o desapontamento e como Naamã, nos afastamos.

Dar-vos-ei um exemplo moderno. O Presidente Kimball é presidente da Igreja há oito anos. Em praticamente todos os sermões de conferência ele vem incluindo pelo menos uma sentença recomendando-nos arrumar, pintar e consertar nossas propriedades. Muitos têm dado muito pouca atenção a esse conselho.

Pergunto eu: Por que um profeta nos falaria disso? Será que não tem

nenhuma grande profecia a transmitir?

Entretanto, não é uma forma de profecia? Por acaso não nos repetiu vezes sem conta: "Cuidai bem de vossos bens materiais, pois dia virá em que será difícil se não impossível substituí-los."

Acaso ela não se cumpriu? Famílias que poderiam ter adquirido uma casa quando ele falou pela primeira vez, agora não têm esperança alguma de consegui-lo.

Por alguma razão esperamos ouvir, particularmente nas sessões de bem-estar, trágicas predições de futuras calamidades. Em lugar disso, ouvimos calmos conselhos sobre coisas comuns que, se obedecidos, nos protegerão em tempos de calamidade.

Foi Alma, o profeta, quem disse: "É por meio das coisas pequenas e simples que as grandes se realizarão; e os pequenos meios muitas vezes confundem os sábios." (Alma 37:6.)

Bem, tudo isso foi para prepararvos para o fato de que o conselho que vou dar poderá parecer comum, até mesmo trivial a alguns de vós. É consistente, porém, com as doutrinas e princípios anunciados pela Primeira Presidência quando do início do programa de bem-estar:

"Nosso propósito fundamental foi estabelecer, tanto quanto possível, um sistema sob o qual a maldição da preguiça seria eliminada e os demônios da esmola abolidos, para que se estabeleça entre nosso povo independência, industriosidade, economia e respeito próprio. O propósito da Igreja é ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas. O trabalho deverá ser reintroduzido como o princípio que rege a vida dos membros de nossa Igreja. (Conference Report, outubro de 1936, p. 3; e Manual do Programa de Bem-Estar, p. 1.)

Essa ênfase na independência sugere algo sobre educação, instrução. Não podemos esperar que a Igreja assuma a responsabilidade pela instrução de todos nós. Uma das perguntas mais ouvidas pelas autoridades gerais quando viajam, geralmente começa assim: "Por que a Igreja não...?, seguindo depois a proposta de um projeto proveitoso que, implantado, daria crédito à Igreja e beneficiaria muita gente.

Por exemplo, por que a Igreja não abre escolas a fim de preparar os membros para terem segurança financeira?

Anos atrás, eu estava perto do portão da frente cortando varas para cerca, quando chegou um jovem para fazer entrega. Fazia pouco tempo que voltara dos campos de batalha além-mar. Para entrar na Marinha ele falsificara a idade depois de abandonar a escola. Quando indaguei a respeito de seus planos para o futuro, não soube responder. Estava difícil obter emprego, ainda mais que não tinha qualificações a oferecer.

Aconselhei-o a voltar aos bancos de escola e conseguir um diploma. Achou que não era possível, estava velho demais.

— Se o fizer, disse-lhe, você provavelmente encontrará dificuldades. Seus colegas o chamarão de "velho" ou "vovô". Mas você enfrentou o inimigo em combate; certamente terá coragem para enfrentar isso também.

Eis a lição. Passei apenas uns dez minutos sentado com ele num tronco junto ao portão. Não construí uma escola nem pedi à Igreja que

o fizesse. Não paguei sua anuidade nem preparei suas lições. Ele necessitava era de orientação, conselho, um pouco de incentivo e previsão. Ele de fato aceitou o conselho e voltou para a escola. Hoje tem uma família e uma ocupação.

Eu apenas lhe abri os olhos e o incentivei. Para isso a Igreja não precisa de orçamento adicional. Aconselhar os membros quanto à carreira profissional é responsabilidade de todo líder do sacerdócio. Temos de ajudar o povo a *ajudar-se a si mesmo.*

Anos atrás, determinado país emergia de um longo período de problemas políticos e econômicos, e tinha grande necessidade de operários especializados de várias espécies. Alguns de nossos líderes locais, percebendo essa necessidade, tiveram a idéia de criar escolas profissionalizantes em nossas capelas a fim de transmitir seus conhecimentos aos irmãos. Assim eles poderiam melhorar de emprego. Era uma idéia muito atraente.

Destacaram que as despesas seriam justificadas, pois esses irmãos devolveriam em dízimos muito mais que o custo do programa, e ficaram profundamente desapontados quando as autoridades gerais não aprovaram a idéia.

Havia diversas coisas que deixaram de levar em consideração. A mais importante — existiam cursos profissionalizantes para os *realmente* interessados. Cursos para treinamento de novos empregados e aprimoramento dos já experientes estavam sendo oferecidos por empresas, indústrias e pelo governo.

Nossos irmãos precisavam era de conselho e incentivo para tirarem proveito das oportunidades já existentes.

Nós próprios somos responsáveis pela procura e aproveitamento de toda e qualquer oportunidade de nos aprimorar.

Agora, há certas coisas que a Igreja já tem de fazer, por mandamento. Temos de pregar o evangelho. Temos de construir templos. Temos de aperfeiçoar os santos. Estas coisas outros não podem fazer. As inúmeras outras boas coisas (não essenciais para a missão da Igreja) devem passar para segundo lugar, pois não temos recursos para fazer tudo que *tem* valor, por mais valioso que seja.

Embora não possamos construir escolas para todos, a Igreja *pode* fazer uma contribuição muito importante para nossa carreira profissional, uma coisa que é essencial para sua missão — ensinar os valores morais e espirituais.

Existem virtudes comuns que influenciam nossa carreira profissional muito mais que treinamento técnico; entre elas cito:

Integridade.

Confiabilidade.

Cortesia.

Respeito ao Próximo.

Respeito pela Propriedade Alheia.

Permiti-me ilustrar uma ou duas.

É provável que nossos filhos e os vossos, ao menos nos primeiros anos de casados, morem num apartamento alugado. Tive certa vez uma conversa com um presidente de estaca, proprietário de muitos apartamentos que alugava a famílias da classe média, quando me falou dos abusos cometidos contra sua propriedade, não o desgaste normal pelo uso, mas abuso quase beirando o vandalismo.

Tal conduta é indigna de um santo dos últimos dias! Não se justifica. Devemos estar dispostos a substituir um prego ou apertar um parafuso de porta, se necessário.

Nossa gente deve considerar o apartamento seu lar, mantê-lo convidativo, limpo e em bom estado. Não foi o que o profeta nos recomendou? Quando o inquilino sai de um apartamento, este deve estar limpo e essencialmente pronto para receber o próximo.

Pois bem, mas o que isso tem a ver com a carreira? Sem dúvida conseguis a ligação de nossa casa com nosso trabalho.

Quando meu pai era ainda moço com filhos pequenos, procurou nervoso um banco em Brigham City, Utah, para pedir um empréstimo a fim de iniciar um negócio. Quiseram saber de suas garantias. Não tinha nenhuma além de sua vontade de trabalhar e certa aptidão para a mecânica.

Ao rejeitar seu pedido, o banqueiro perguntou casualmente a papai onde ele morava.

— Na velha casa retangular da Rua First West, — foi a resposta. Acontece que o banqueiro costumava passar por ela a caminho do serviço e observara a transformação no quintal e jardim. Tinha vontade de saber quem moraria ali, pois admirava o que estavam fazendo.

Papai conseguiu o empréstimo para instalar o negócio por causa das flores plantadas por mamãe numa modesta casa de adobe alugada.

Criamos uma família numerosa com orçamento bastante modesto, e é bem provável que nossos filhos tenham o mesmo privilégio. A fim de prepará-los, ensinamos-lhes coisas comuns e necessárias como preparação para a carreira profissional. Por exemplo temos um lugar, (às vezes um canto no porão) com uma bancada onde se pode trabalhar à vontade, onde não importa que o chão fique um pouco sujo de tinta ou serragem. A despeito de constantes limpezas, esse lugar está sempre desarrumado, mas de propósito.

Temos ainda outros costumes. Todo Natal, pelo menos um dos presentes dos garotos é uma ferramenta manual. Quando atingiram idade suficiente, acrescentou-se uma caixa de ferramentas. Ao saírem de casa, cada um tinha seu próprio conjunto de ferramentas e alguma prática no uso delas. Eles conseguem regular um carro, pregar um prego, apertar um parafuso ou substituir uma tomada ou torneira.

As meninas, por seu lado, aprenderam a cozinhar e costurar, e todas elas saíram de casa com uma máquina de costura. Tal treinamento é duplamente importante — primeiro, para fazer economia no lar, e depois como valorização profissional. Esperamos que eles fossem não apenas bons, mas úteis.

Bem, imagino que algumas almas estejam indignadas conosco por não termos dado aos rapazes uma máquina de costura e uma caixa de ferramentas às meninas. Por isso me apresso em dizer que nossos rapazes sabem cozinhar o suficiente para sobreviver na missão e sabem também pregar um botão. As garotas, por sua vez, sabem trocar uma torneira e martelar um prego; ambos sabem datilografar e até mesmo trocar um pneu.

Enquanto inúmeras ocupações se prestam igualmente bem para homens e mulheres, eu me preocupo profundamente com a crescente tendência de homens e mulheres escolherem profissões em certos aspectos contrárias a sua natureza.

Procuramos preparar nossos rapazes para trabalho masculino e nossas meninas para um trabalho adequado às oportunidades decorrentes de sua condição feminina. Como defesa, só posso dizer que nesta Igreja não estamos isentos de aplicar bom senso.

Hoje existe tão pouca gente realmente disposta a trabalhar. Precisamos acostumar nossos filhos, e a nós próprios, a trabalhar o equivalente ao salário que recebemos e talvez um pouco mais.

Tão poucos, hoje, chegam um pouquinho mais cedo a fim de organizar-se para o trabalho do dia, ou ficam um minuto além da hora para arrumar a bancada ou a mesa para o dia seguinte.

A atitude de exigir compensação e benefícios excessivos em troca do trabalho quase destruiu a economia do mundo. Agora, entretanto, muitos trabalhadores aceitam uma redução no salário apenas para conservar o emprego. Essa vontade de fazer um pouquinho a mais teria impedido o surgimento da crise já mencionada.

Responsabilidades familiares e orçamento apertado às vezes nos impedem de obter toda a instrução que desejamos. Entretanto, nós podemos aprimorar-nos. Basta pagar em termo do tempo e trabalho que nos exige, e do desejo de edificar as virtudes comuns tão procuradas, porém tão raras.

Espero não vos ter desapontado muito por não vos apresentar alguma "cousa grande" para fazer, alguma fórmula complicada com que planejar a carreira profissional, em lugar de coisas tão comuns, tão óbvias, tão conhecidas nossas que às vezes são ignoradas.

Existe uma fórmula. Diz o Senhor: "E novamente, na verdade vos digo que todo homem que for obrigado a manter sua própria família, que a mantenha, e de modo nenhum perderá sua coroa; *e que trabalhe na igreja.*" (D&C 75:28; grifo nosso.)

O evangelho de Jesus Cristo é a fórmula para o sucesso. Cada princípio do evangelho, quando vivido, exerce influência positiva sobre a escolha de uma ocupação ou no que conseguirdes. O conselho de trabalhar na Igreja tem grande valor. Viver o evangelho vos dará a perspectiva e inspiração para o sucesso, independente de quão comum possa ser vossa ocupação ou por mais medíocre que vossa vida possa parecer aos outros.

Deus vos abençoe, membros desta Igreja, para que vos sintais felizes com o que sois e onde viveis, para que vos aprimoreis. Oramos que Deus abençoe aqueles que lutam com o desemprego, com a perda de sua ocupação, com o medo dessa perda. Possa ele abençoar-nos para que edifiquemos os princípios da confiança e integridade que são parte do evangelho desde o princípio, pois o evangelho é verdadeiro. Disto presto testemunho, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Trabalho e Bem-Estar: Uma Perspectiva Histórica



Presidente Marion G. Romney
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

"Desde sua organização, a Igreja tem incentivado seus membros a trabalhar pelo que recebem."

Há uns cinqüenta anos, quando a Igreja lançou seu programa de bem-estar, o Presidente Heber J. Grant declarou, conforme já citou o orador precedente: "Nosso propósito fundamental foi estabelecer, tanto quanto possível, um sistema sob o qual a maldição da preguiça seria eliminada e os demônios da esmola abolidos, para que se estabeleça entre nosso povo independência, industriosidade, economia e respeito próprio. O propósito da Igreja é ajudar as pessoas a ajudarem a si mesmas. O trabalho deverá ser reintroduzido como o princípio que rege a vida dos membros de nossa Igreja." (*Conference Report*, outubro de 1936, p. 3; e *Manual do Programa de Bem-Estar*, p. 1.)

Todos ouvimos esta citação inúmeras vezes, mas será que entendemos plenamente seu sentido? Bispos, tendes algum ocioso entre vossos membros? Todos vossos membros são independentes, industriosos, econômicos e todos têm respeito próprio? Alguém está recebendo assistência como esmola? Estamos ajudando nossos membros a se ajudarem, ou apenas cuidamos deles? Finalmente, nossos membros entendem realmente a importância do trabalho? Se não puderdes responder com tranqüilidade, haveis de entender por que continuamos a ressaltar a declaração do Presidente Grant.

Lembro-me de que, quando meu irmão foi chamado como presidente de estaca, ele me procurou e disse:

— Fale-me a respeito desse programa de bem-estar.

Respondendo a suas perguntas, comentei:

— Você esteve em dúzias de sessões nas quais abordei todos esses pontos, não é?

— Sim, estive mas não como presidente de estaca.

Creio que nossa atenção com respeito aos princípios do evangelho flutua de acordo com nossa situação na vida. Entretanto, os princípios não mudam e são verdadeiros, vivamos ou não de acordo com eles. As conseqüências de *não* vivermos por esses princípios também são constantes.

Faz alguns anos, li uma obra exaustiva a respeito das razões da queda do Império Romano; queda devida, em grande parte, à compra de votos com benefícios graciosos, tal como divertimento, circo e pão. A atuação do governo criou no povo tal expectativa e exigências que só puderam ser controladas pelo esta-

belecimento de uma ditadura. Muitos membros nossos vivem em países em que se repetiu esse fato histórico. Nos Estados Unidos está decrescendo a consagrada ética de trabalho americana, tornando-se comum a compra de votos com benefícios gratuitos.

Quando passei a trabalhar sob a influência do Presidente Harold B. Lee no programa de bem-estar, costumava ouvir a história de um homem que não queria trabalhar, mas queria receber assistência. Ele achava que a Igreja ou o governo tinham obrigação de sustentá-lo por haver pago o dízimo e os impostos. Nada tendo para comer, recusava-se a trabalhar para o próprio sustento.

Finalmente, desgostosos e desesperados, decidiram que só restava levá-lo ao cemitério. No caminho, alguém disse:

— Não podemos fazer isso. Vou dar-lhe um pouco de milho que tenho de sobra.

Ao saber disso, o homem indagou:

— Está descascado?

— Não.

— Então, vamos em frente, — respondeu o homem.

A história não teria graça se não chegasse tão perto da verdade. Não se pode salvar um homem assim, e a nação composta de homens e mulheres com atitudes semelhantes é vulnerável aos problemas que provocaram a queda de Roma. O dia mais triste na vida de uma pessoa é aquele em que ela pára a fim de imaginar um meio de viver, dali por diante, sem fazer força. Uma das piores coisas que um governo pode fazer é ensinar ao povo que o governo tem obrigação de sustentá-lo.

A Igreja, pelo contrário, sempre encorajou seus membros a manterem-se economicamente independentes, a trabalhar pelo que recebem e a produzir o que consomem. Achei que seria proveitoso recapitular o que a Igreja tem feito desde o começo a fim de que o povo pratique os princípios tão bem enunciados pelo Presidente Grant.

Os princípios de bem-estar da Igreja sempre existiram. Embora a declaração do Presidente Grant date de 1936, convém notar que ele disse: "O trabalho deverá ser *reintroduzido* (e não *introduzido*) como o princípio que rege a vida dos membros." Se houvesse tempo, poderíamos começar pelo dia em que Adão e Eva deixaram o Éden e encontraram a terra amaldiçoada *por sua causa*, isto é, para seu bem, (vide Gên. 3:17), acompanhando esses princípios através dos tempos bíblicos e do Livro de Mórmon. Todavia, em vista da limitação do tempo, restringiremos nossos comentários a umas poucas coisas feitas nesta última dispensação.

Após um ano da organização da Igreja, o Senhor já havia revelado seu sistema econômico, que era praticado no Missouri. O primeiro "programa de bem-estar" desta dispensação foi a Ordem Unida, sob a qual a pessoa consagrava tudo que tinha à Igreja, recebendo de volta o necessário para cuidar de sua família de acordo com suas carências e necessidades. A porção dos bens conservados pela Igreja era aplicada de duas maneiras: primeiro, se a pessoa era fisicamente apta a trabalhar, ela recebia os meios para ganhar a vida; segundo, em caso de incapacidade física, suas necessidades eram atendidas.

Trabalhando em suas várias ocupa-

ções, as pessoas produziam excedentes que revertiam para a Igreja. Esses excedentes eram igualmente usados para dar mais empregos e cuidar dos necessitados. Quando os santos chegaram ao Missouri, muitos estavam na miséria. O programa davalhes oportunidade de trabalhar e ganhar a vida. Eles não recebiam uma esmola, mas a oportunidade de trabalhar.

A Ordem Unida foi suspensa, por mandamento, em 1834, embora seus princípios básicos continuassem sendo praticados em Nauvoo. Por exemplo, cerca de cinco mil conversos chegaram a Nauvoo, vindos da Grã-Bretanha organizadamente. Os membros mais favorecidos auxiliavam os mais pobres tanto com respeito ao transporte para a América como para obter um ganha-pão depois de lá chegarem. A economia de Nauvoo baseava-se primordialmente na agricultura e construção. O maior projeto de construção era o Templo de Nauvoo, que garantiu emprego a muitos membros. Consta que um viajante da época afirmou não haver pobreza em Nauvoo porque a Igreja oferecia trabalho aos necessitados. Ela também fornecia terrenos urbanos aos que não podiam adquiri-lo com os próprios meios. Numerosos residentes de Nauvoo tiravam a maior parte de seu sustento básico dessas propriedades que mediam cerca de um acre. Nelas cultivavam extensas hortas, criavam galinhas, porcos e tinham uma vaca leiteira, animais que adquiriam em troca de trabalho.

O único objetivo da assistência fornecida em Nauvoo era tornar as pessoas independentes o mais depressa possível, dando-lhes um meio de trabalhar e produzir.

Depois de chegar à Cidade do Lago Salgado com Brigham Young, a Igreja assumiu inteira responsabilidade por sua própria economia, em vista de seu isolamento de qualquer outra sociedade. Não havia lugar ali para o ocioso, pois a sobrevivência dependia literalmente do trabalho.

A filosofia de Brigham Young a respeito de trabalho e emprego transparece numa declaração sua de agosto de 1860: "A razão de não termos pobres aptos para o trabalho é porque fazemos planos para pôr toda pessoa a trabalhar numa ocupação lucrativa, e a ensinamos a sustentar-se sozinha. Se a pessoa não consegue cuidar de si, nós cuidamos dela. . ."

"Se o bispo atuar plenamente dentro de seu chamado e ofício, e o magnificar, não haverá em sua ala uma só pessoa que não esteja empregada com o melhor proveito." (*Journal of Discourses*, 8:145-46.)

À medida que mudavam as condições, mudou igualmente o programa. Por volta de 1880, o domínio econômico relativamente independente teve de ser abandonado quando Utah se tornou um estado. A Igreja vendeu grande parte de seus empreendimentos econômicos, os líderes deixaram assim de dirigir a vida econômica dos membros. Com Utah integrado na economia nacional, nasceu uma nova era na forma de a Igreja assistir a seus membros. É interessante notar que justamente quando a Igreja se tornou economicamente dependente da nação, esta caiu na depressão na década de 1890.

Nesse período, a Igreja criou agências de emprego para ajudar os membros a encontrarem trabalho. Houve também grandes esforços pa-

ra reativar a economia. As indústrias do sal, do açúcar e a mineração de carvão receberam assistência financeira.

Nos primeiros anos de 1900, a Igreja dirigiu seus esforços no sentido de arranjar trabalho para os membros. Em 1920, por exemplo, os bispos tinham o encargo de encontrar emprego para os membros necessitados da ala. Tinham instrução de designar em cada ala uma pessoa especialmente encarregada dos problemas de emprego e de discuti-los nas reuniões de quorum, um programa bastante semelhante ao que o Élder Fyans nos expôs hoje cedo.

Os incapazes de sustentar-se recebiam assistência. Entretanto, sempre dando ênfase à auto-suficiência. Durante a depressão da década de 1930, os membros da Igreja encontravam-se em situação totalmente diferente. Não havia empregos, e muita gente não encontrava trabalho. O governo dispôs-se a remediar o problema, mas alguns de seus métodos incentivavam a ociosidade, pois a assistência era gratuita. Foi nessas condições que o Presidente Grant anunciou o programa de bem-estar de então. Seis meses antes, em carta datada de 21 de abril de 1936, dirigida aos bispos e presidentes de estaca, havia sido anunciada a criação de um modelo de projetos de produção, que dizia em parte:

"Segue um modelo sugerido para... um projeto para toda ala da Igreja (situada) nos distritos açucareiros de Utah e Idaho... destinado a amparar os membros desempregados da Igreja:

"O bispado de cada ala (fica) encarregado de escolher e conseguir imediatamente cem ou mais acres de terra própria para o cultivo de beterraba sacarina...

"Depois o bispado poderá dividir o terreno... de acordo com o tamanho da família, para execução do trabalho manual; isto é, desbastar, carpir, irrigar, manter as beterrabas limpas, colher, desfolhar e carregar as beterrabas na época da safra...

"Os trabalhadores devem receber um adiantamento na época do desbaste, carpidura e irrigação, e quando o trabalho estiver terminado, para que possam manter-se durante o verão enquanto aguardam a colheita...

"Se quisermos solucionar o desemprego, terá de ser com todos trabalhando juntos e ajudando-se mutuamente a arranjar colocação. E se começarmos nesta estação, podem ser feitos maiores preparativos para a próxima temporada e expandido o projeto de forma a absorver grande percentagem dos desempregados."

Mais uma vez, o programa visava ajudar as pessoas a se ajudarem, envolvendo-as ativamente no trabalho ou na produção. Desde então, muitos programas seguiram-se, entre os quais:

Para empregar os não qualificados para o mercado de trabalho, e para fornecer roupas e utilidades domésticas a preços baixos, criaram-se as Indústrias Deseret. Fundou-se um organismo para fazer pequenos empréstimos pessoais a homens e mulheres impossibilitados de valer-se de instituições financeiras. Formou-se um comitê agrícola com a incumbência de pesquisar as possibilidades de a Igreja criar cooperativas de produção e comercialização. Tudo isso visando ajudar as pessoas a se ajudarem.

Esperamos que esta ilustração incuta na mente e no coração dos membros o fato de que o programa de bem-estar nos acompanha desde o princípio. O programa tem de ser modificado de acordo com as condições da época. Seus objetivos e princípios, entretanto, são imutáveis. Precisamos ser flexíveis e nos adaptar às circunstâncias. Às vezes nos absorvemos de tal forma num programa, que acabamos esquecendo seu objetivo. Temos de estar alertas e ser criativos na consecução do objetivo de tornar nosso povo independente e auto-suficiente.

Hoje somos uma igreja internacional e os problemas variam de acordo com o país. Isto significa que talvez sejam necessários programas diferentes em vários países. O propósito primordial, porém, enunciado pelo Presidente Grant, no início do programa de bem-estar, é universal.

O tema desta sessão de bem-estar tem sido trabalho e emprego. O sistema de empregos da Igreja, fundamentado no sacerdócio, é um programa aplicável em todos ou quase todos os países. Convidamos os membros dos quoruns que têm a bênção de estarem empregados, a participar do esforço santificador em favor daqueles que precisam de emprego.

Nos casos em que se torna necessário prestar assistência temporária a membros fisicamente aptos, voltamos a desafiar bispos e outros líderes do sacerdócio a encontrarem serviços apropriados para eles, a fim de preservar seu orgulho e respeito próprio.

Que Deus nos abençoe com profunda compreensão do fundamento em que se baseiam essas atividades. Estamos ansiosos de tornar nosso povo independente, industrioso e auto-suficiente. Queremos fazê-lo de maneira santificante para ambas as partes. Entendendo esse princípio, nossas atuais atividades de bem-estar terão mais sentido, podendo-se revelar quaisquer modificações ou programas adicionais requeridos pela sociedade atual.



Reunião Geral das Mulheres
Realizada no dia 27 de Março de 1982 no Tabernáculo

Convite ao Crescimento



Dwan J. Young
Presidente Geral da Primária

"Somente os filhos de Deus têm capacidade de conduzir seu próprio crescimento."

Todos nós viemos a este mundo separadamente, um a um. Isto não é um acidente. Creio que é a forma de o Senhor lembrar-nos do valor infinito de cada alma.

Há algo extremamente sagrado na hora do nascimento. Recordo-me bem da "chegada" de cada um de meus filhos. Meu primogênito nasceu após três anos de intensa espera; era tão pequenino, pesava apenas 2,25 kg! Senti-me muito responsável por ele. O nascimento do bebê era como um milagre e havia em meu ser uma profunda gratidão. Agora, tinha um bebê, só meu! Cada filho trouxe-me uma percepção mais clara dos desafios e possibilidades da vida. Embalando as crianças para dormir, entoava canções de ninar que vinham aos meus lábios, palavras suaves, bem individuais, levando meus sonhos para o seu futuro. Maravilhei-me com este milagre que embalamos em nossos braços: o máximo da criação, uma criança humana.

O crescimento é inevitável; é o fenômeno natural da própria vida. Logo se torna evidente que a criança passa por um processo dinâmico de crescimento físico sobre o qual se tem pouco controle. Rapidamente dobra o peso que tinha ao nascer e, antes de percebê-lo, triplica. Mais um pouco, tem quatro vezes seu peso inicial; e, subitamente transforma-se em um jovem apto a cuidar de sua própria vida.

Quando começam a aprender é como abrir um dique; não há parada nem fim à sua capacidade de crescer e assimilar. Primeiramente imitam, depois começam a descobrir e compreender por si mesmos. Sempre me admirava ao mostrar uma nova habilidade, uma nova tarefa a nossos filhos apenas uma vez, e logo se punham a realizá-las sozinhos, com seus próprios sonhos e metas.

Ao observar o processo do crescimento natural, tornamo-nos profundamente cônscios de certos princípios eternos nos quais se funda todo crescimento. Primeiramente, é um fato esperado, é um desafio divino dado a cada alma quando entra na mortalidade. Nosso Pai Celestial espera que usemos o grande dom da vida para desfrutarmos e celebrarmos esta verdade central. Por termos vida, podemos crescer, desenvolver e fazer coisas na terra que não faríamos em qualquer outro lugar.

Logo nos tornamos cônscios de outra grande verdade. Somente os filhos de Deus têm capacidade de conduzir seu próprio crescimento. Isto significa que podemos usar este tempo de vida terrena para alcançar o máximo crescimento e progresso porque temos a capacidade de efetuar escolhas. Não basta apenas crescer; mesmo as ervas daninhas e pragas o fazem. Espera-se que planejemos nosso crescimento, para não sermos como Topsy, a garotinha escrava do livro *Uncle Tom's Cabin* (por Harriett Beecher Stowe*), que cresceu rapidamente só na estatura. É esperado que tenhamos capacidade de enfrentar dificuldades e problemas e desenvolvamos nossos talentos através da autodisciplina, a fim de que essa experiência mortal nos traga um domínio cada vez maior das características que nos farão dignos de conviver com a Divindade.

A observação sábia nos diz que o crescimento se dá passo a passo. As escrituras dizem preceito sobre preceito, linha sobre linha. (Ver D&C 98:12.)

Assim como o bebê aprende a andar um passo hesitante por vez e a falar palavra por palavra, também aprendemos a cuidar, servir e amar pouco a pouco. Aprendemos a dominar todas as coisas paulatinamente.

O Senhor explicou-nos cuidadosamente essa grande verdade em 2 Néfi 28:30:

"Darei aos filhos dos homens linha por linha, preceito por preceito . . . e abençoados os que ouvem os meus preceitos e escutam os meus conselhos, porque serão instruídos na sabedoria; pois a quem recebe, darei mais; aos que disserem: Temos o suficiente, destes será tirado ainda mesmo o que tiverem."

Sentimos admiração e assombro observando o fenômeno natural do crescimento físico. Lembrai-vos das palavras da canção que diz: "Não me recordo de haver crescido", ou "Quando foi que ela (uma criança) ficou tão alta?" ("Sunrise Sunset", *Fiddler on the Roof*, do filme e peça musicais.) Temos um lugar especial em nosso lar onde as crianças marcam sua estatura na parede. Com o auxílio de um livro sobre suas cabeças, verificam se cresceram desde que foi feita a última marca, e quando há progresso, ouvem-se vivas de alegria. Quanto maior não é a alegria e satisfação, quando a mudança alcançada resultou de constantes esforços e escolhas pessoais!

Lembro-me da pequenina que disse ao pai: "Dê-me algo *difícil* de fazer." Ele pensou em muitas coisas, mas ela poderia retrucar: "Não, papai, isto não é bastante difícil. Quero algo mais duro de fazer." Como ia levando sua pasta para dentro de casa, respondeu: "Muito bem, leve isto; será bem difícil de carregar." A menina pegou a pasta; estava realmente pesada! "Acho que consigo levá-la." Fez força e cambaleou, até que finalmente cumpriu a tarefa. Todos apreciamos alcançar uma meta na qual empenhamos todas as forças.

Lembrai-vos de que o crescimento é um processo. Jamais estará concluído, é uma caminhada constante, cuidadosa e difícil pela senda íngreme e áspera montanha acima.

* N. do T.: Escritora norte-americana.

Por fim, requer esperança e fé. Temos o mesmo potencial do desenvolvimento da semente tão eloqüentemente descrita por Alma, que, quando cuidada e nutrida, floresce e frutifica. (Ver Alma 32:28-43.) Quando a preparação está completa, percebe-se o crescimento pleno somente quando exercemos a fé para intentar algum empreendimento.

Recordemo-nos das palavras de Victor Hugo:

Sede como o pássaro
Que mesmo sentindo as asas
Feridas e fracas demais
Para sustê-lo,
Ainda canta
Por saber que tem asas.

(Tradução livre, *Time for Poetry,* rev. ed. — comp. May Hill Arbuthnot, Chicago: Scott, Foresman and Co., 1961, p. 202.)

Cada nova verdade se torna nossa, somente quando, como o pássaro, não tememos seguir adiante e viver pela verdade, sabendo que também temos capacidade para voar.

Quando um bebê é muito pequeno, os pais fazem as escolhas que conduzem sua vida. Paulatinamente, porém, à medida que corpo e espírito amadurecem, essas escolhas se tornam pessoais, individuais. Alguém já observou: "Somente a ti cabe acender o archote que trouxeste." (*Words of Life,* ed. Charles L. Wallis, New York: Harper & Row, 1966, p. 91.)

No empenho diário de aceitar o convite do Senhor para ter vida e tê-la mais abundantemente (ver João 10:10), recordemo-nos desta grande verdade: como filhas de Deus, temos a capacidade de dirigir nosso próprio crescimento.

Que nosso Pai Celestial nos fortaleça e guie ao aceitarmos seu convite ao crescimento. Em nome de Jesus Cristo. Amém.



A Busca da Felicidade



Elaine Cannon
Presidente Geral das Moças

"Toda carga sobre os ombros pode transformar-se em dom maravilhoso."

Parte de nossa preciosa herança — que deve ser lembrada e renovada — é saber que, apesar das provações que encontramos no caminho essas aflições podem ser consagradas ao nosso benefício.

Muitas coisas boas nos advêm de tempos difíceis. O trauma pode alentar o coração e enriquecer a alma. Há aspectos positivos até mesmo em situações difíceis, e folhas brotarão novamente no ramo seco. "O choro pode durar uma noite", proclama o salmista, "mas a alegria vem pela manhã." (Salmos 30:5.)

Queridas irmãs, a obra diária do Senhor consegue transformar desespero em esperança — para todos nós. E devemos aprender que, em pleno inverno, temos dentro de nós um cálido verão; em um mundo cheio de tribulações podemos buscar a felicidade.

Meu coração volve-se a vós — vós que sois jovens, tão belas e atraentes; a vós, sábias e maravilhosas irmãs que tanto já sofrestes, mesmo tendo vivido tão pouco; a vós, que tendes tantos sonhos e a vós, cujos sonhos foram destruídos; a algumas de vós que capitulastes na hora da tentação e vos desabafastes conosco nestes últimos dias; a vós, acometidas de doenças, a todas aquelas cuja fé estremeceu e cujas lágrimas banharam o rosto de seus bebês ou molharam à noite o travesseiro. A todas vós expresso meu amor e compaixão e presto testemunho de que nosso Pai Celeste e o Senhor Jesus Cristo vivem e nos sustêm; e que o Espírito Santo nos testifica, mesmo agora, que podemos alcançar felicidade pessoal.

Primeiro, porém, vem a provação, o amargo, para que apreciemos o doce. Primeiro o pesar, e depois o testemunho de nossa fé. (Ver Éter 12:6.)

É de nosso conhecimento que, na vida anterior, todas ouvimos o plano apresentado pelos deuses. Tivemos direito à escolha, e todas nós, sem exceção consentimos em vir à terra para sermos provadas na vida mortal. Para mim, isto significa que dissemos algo como: "Irei e aceitarei a vida que me for dada, não importa o que aconteça. Passarei por qualquer coisa, mesmo que seja uma deficiência que me impossibilite desenvolver plenamente, ou ver meu amado casar-se com outra; tolerar um relacionamento infeliz; suportar minha vida como única SUD na escola ou em minha família, ou trabalhar intensamente todos os anos de minha vida sem sucesso aparente. Mas irei à terra, a fim de ser provada e aprender." (Ver Abraão 3:25.)

As provações nos atingem de vários modos em diferentes épocas da

vida. Sem dúvida já ouvistes falar da garota que discutia com seu irmão, adolescente, as desditas que a vida lhe impusera. Queixou-se: "Não é justo, você tem o cabelo encaracolado e o nariz retinho."

Ao que o outro retorqüiu: "Bem, você ficou com o nariz torto e o cabelo liso!" Irmãos são *tão* gentis.

Não importa o que nos ofereça a vida, ela deve ser vivida e bem aproveitada. Temos de mergulhar nela, e buscar a felicidade.

Uma das certezas da mortalidade é que nos depararemos, cada uma de nós, com alguma grande provação: isto faz parte do plano. Outra coisa em que podemos confiar é que nem nesta vida nem na vindoura teremos subitamente qualidades que não desenvolvemos ou uma forma de vida para a qual não nos preparamos. A tribulação é parte importante da preparação, pelo menos por três razões. Primeiro, Deus sabe em quem pode confiar e quem, como Jó, permanecerá firme, dedicando-lhe amor incondicional. Segundo, lutar e vencer a adversidade aumenta nossa compreensão das coisas, assim como nossa compaixão. Nosso auxílio aos outros será mais eficaz, quando já tivermos passado por algumas aflições próprias. Poderemos ser a resposta para as orações de alguém necessitado.

E terceiro, nós nos achegamos mais ao nosso Pai Celestial nas horas de real desespero. Naturalmente, orações de agradecimento e júbilo devem ser parte de nossa adoração; mas tenho absoluta certeza de que não há uma só pessoa aqui que não admita orar mais fervorosamente, quando pressionada por problemas. A atitude positiva em meio a infortúnios transforma o desesperado em esperançoso.

Afinal, é tudo uma questão de fazer do limão uma limonada.

Na adversidade, queixamo-nos amargamente: "Mas, por que eu? Por que justo agora?" e caímos em autopiedade, culpando a Deus desta maneira. Ou encontramos uma solução, questionando-nos sabiamente: "Qual princípio do Pai Celestial me ajudará agora?" Ao encontrá-lo, o passo seguinte é viver aquela lei, "irrevogavelmente decretada", sobre a qual se baseia a bênção de que necessitamos. (Ver D&C 130:21.)

O plano de Deus é de felicidade máxima para todos os seus filhos. Seus princípios bastam a qualquer situação. Cada uma de nós, porém, jovem ou velha, precisa sobrepujar as dificuldades a sua própria maneira, buscar sua própria felicidade.

Permiti-me falar-vos de algumas irmãs.

Por mais de trinta anos, a Irmã Louise Lake, hoje falecida, viveu sozinha confinada a uma cadeira de rodas. Deparava-se constantemente com uma infinidade de problemas, mas foi bem sucedida na vida de maneira muito especial e preparou-se para encontrar-se com nosso Pai Celestial. Assim procedeu ela: durante anos, todas as manhãs, praticava um "exercício da felicidade" — contava todas as suas bênçãos, fervorosamente, assim que acordava. Imaginai só! Exercitar a felicidade em tais circunstâncias! Jamais blasfemou contra o Senhor e, finalmente, morreu. (Ver Jó 2:9.)

Dava graças e vivia, apesar de seu infortúnio, influenciando muitos de nós de modo admirável pelo que aprendera sobre aflições.

A Irmã LaRue Longden, ex-conselheira na presidência geral das Moças, era presidente das Moças em sua ala, quando sua filhinha foi acometida de grave doença. Ela e o Irmão Longden estavam de joelhos aos pés da cama em fervorosa oração, quando chegou a notícia da morte da pequena; ficaram extremamente tristes. Após o funeral, porém, todas as líderes e moças levaram flores e formaram um corredor através do qual ela, sua presidente, teria de passar. Foi durante estes momentos de grande emoção, que percebeu estar sendo observada. "*Tenho* de viver o que ensino", pensou. "*Tenho* de ser exemplo nas coisas em que realmente acredito." Então ergueu o rosto e sorriu-lhes da forma costumeira.

Conheço uma jovem de quatorze anos que venceu uma luta muito séria contra o câncer. Ela sabe que jamais terá filhos. Disse-me que o lema das Moças: "O Senhor é a força da minha vida" (Salmos 27:1), ajudou-a a enfrentar esse problema, e agora está determinada a ser a melhor professora de crianças que o Pai Celestial já teve. Descobri o princípio, irmãs. Vivei-o! Buscai a felicidade.

Uma amiga muito especial foi deixada com o fardo de criar os filhos sozinha, não por sua escolha. Num dia em que estava particularmente necessitada de ajuda, conforto e orientação, sentia-se muito só: seus pais estavam fora, cumprindo missão, o bispo muito ocupado, seu mestre familiar viajara. Finalmente, exausta pelo pranto, voltou-se às escrituras e leu as palavras tão amadas: "Achegai-vos a mim e eu me achegarei a vós." (D&C 88:63.) Nelas encontrou sua resposta. Orou e foi confortada. Foi maravilhoso e funcionou!

Hoje em dia, mulheres de todas as idades podem recorrer aos poderes do céu. Procuramos forças através do sacerdócio, encontramos consolo e direção em nossa bênção patriarcal, somos guiadas pelo estudo das escrituras.

A vida nem sempre é como desejaríamos que fosse, mas não estamos sós. Atentemos para esta promessa especial registrada em Mosiah:

"Levantai vossas cabeças e reanimais-vos . . . e também aliviarei a carga de vossos ombros . . . de modo que não sentireis o seu peso, mesmo que continueis no cativeiro; e isso eu o farei para serdes minhas testemunhas no futuro, e para que tenhais plena certeza de que eu, o Senhor Deus, visito meu povo durante suas aflições." (Mosiah 24:13, 14.)

Não é mesmo linda?

Sei que nosso Pai Celestial cumpre suas promessas. Como vós, tenho sido extremamente provada de muitas maneiras. Esse tipo de crescimento, porém, nos ensina que toda carga sobre os ombros pode transformar-se em dom maravilhoso.

Creio nisto firmemente e oro com sinceridade, irmãs, que nas horas de provação, possamos permanecer firmes em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; que nos levantemos como testemunhas de Cristo e da paz no plano da vida, alcançando, assim, nossa felicidade.

Nós vos amamos. Oramos por vós. Somos encorajadas por vosso exemplo. Oro neste dia que nos ajudemos mutuamente a resistir na adversidade, e também na busca da felicidade, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Corações que se Assemelham



Barbara B. Smith
Presidente Geral da Sociedade de Socorro

"Podemos ser mulheres eleitas, dignas e santas. Mesmo havendo muitas diferenças entre nós somos mulheres de Deus."

Em um fim de semana de novembro passado, Heidi, uma jovem mãe SUD aqui em Lago Salgado, deixou seu lar numa manhã acinzentada e dirigiu-se ao Pioneer State Park. Lá chegando, entrou na casa, restaurada, de Mary Fielding Smith, viúva de Hyrum Smith.

Heidi usava um vestido à moda pioneira, certamente parecido com os que Mary vestira e durante o dia inteiro recepcionou as crianças de uma escola próxima, e ensinou-lhes como preservar e secar maçãs.

Depois que as crianças partiram, o sol apareceu por entre as nuvens, iluminando não somente o céu vespertino, mas também fazendo Heidi refletir sobre os acontecimentos do dia. Naquela noite, escreveu em seu diário: "Fui completamente dominada pela excepcional beleza que podia ver daquela casinha de barro na montanha ... Foi difícil controlar meus sentimentos, quando a luz brilhou através do vidro tortuoso da janela chegando até minha alma, trazendo-me uma sensação ao mesmo tempo cálida e radiante!"

Ela falou-nos sobre o contraste entre aquela casa escassamente mobiliada e seu próprio lar, adorável, em outra montanha não muito longe dali. Escreveu: "Espero que meu lar seja um local de força, fé e refúgio para minha família, um lugar onde a verdade seja confirmada e o testemunho fortalecido, tal como o foi o doce lar de Mary para os seus, tanto tempo atrás." E continua: "Apesar de nosso modo de viver ser tão diferente, impressionou-me a semelhança dos corações. Minha alma deseja fazer com que essas semelhanças sejam importantes para minha família como o foram para a dela."

As circunstâncias que envolveram a vida de Mary Fielding Smith foram muito diferentes das de Heidi.

Na época conturbada do êxodo dos santos de Nauvoo, a irmã Smith era viúva, com a responsabilidade de criar filhos ainda pequenos. Permanecer em Nauvoo a colocaria em posição de constante conflito com os dissidentes e o populacho. Ir poderia significar deixar sua casa por vender e, sozinha, assumir os sofrimentos e desafios desconhecidos de uma longa e cansativa viagem de carroça, conduzida por junta de bois.

Ficar significaria desistir da associação com os santos e com o evan-

gelho que amava. Isto era simplesmente impossível.

Desejava que seus filhos crescessem fortes no novo e sempiterno convênio.

Os vínculos do evangelho que induziram Mary Fielding Smith a suportar grandes aflições e viajar para o Oeste com os santos ultrapassam tempo e dificuldades e unem as irmãs de hoje com as de outrora em uma verdadeira unidade de fé.

Recebemos notícias de uma irmã na América do Sul que, desafiada pelos missionários a batizar-se, replicou: "Vocês não me querem. Eu não sou ninguém." Os rapazes persistiram, porém. Ela acabou aceitando o evangelho e isto trouxe amor e esperança à sua vida; trouxe aprendizado, crescimento e progresso. Depois de pouco tempo, ela foi chamada como presidente da Sociedade de Socorro e, através de sua devoção, deu deste mesmo amor e esperança a outros.

Ioshiko, uma de nossas queridas irmãs do Japão, escreveu:

"No fundo de meu ser eu tinha um sentimento, uma esperança que havia em algum lugar uma igreja verdadeira que testificasse da ressurreição de Jesus Cristo . . . o Senhor me respondeu . . . os missionários me visitaram e eu soube da existência de O Livro de Mórmon . . .

Nestes ensinamentos encontrei a verdade que procurava . . . Meu coração tem afinidade com o evangelho, assim como as areias do deserto com a água."

Da África, onde em 1978 foi fundada a primeira Sociedade de Socorro composta, só de mulheres negras, veio esta mensagem:

"Aprendi a encarar a vida de uma forma diferente. Como uma mãe jovem, aprendi a educar meus filhos no cristianismo e a fazer de meu lar um local agradável, onde todos crêem no evangelho e o vivem.

Muitos exemplos nos vêm de mulheres de vários lugares e das mais diversas condições de vida — sozinhas, com crianças, idosas, jovens, membros novos, aflitas, desesperadas, felizes.

Elas formam um mosaico de muitas vidas diferentes, talentos individuais e dons surpreendentemente variados. Os pormenores são tão numerosos, que começamos a reconhecer neles a grande diversidade existente entre nós e a grande força e enriquecimento decorrentes disso.

De todas essas experiências, surge uma verdade unificadora que afirma: "Sei que Deus vive e *me* ama. Seus ensinamentos me fortalecem e sustêm minha alma."

Este testemunho nos dá um coração tão semelhante, que Paulo chega a dizer:

"Assim nós, que somos muitos, somos um . . . em Cristo." (Romanos 12:5.)

Sendo muitas . . . com dons diferentes, temos, contudo, corações tão parecidos, que testificam do Senhor Jesus Cristo . . . que seus ensinamentos são verdadeiros . . . que seu estilo de vida é de verdade, amor e luz.

Um exame da vida individual daqueles que seriam seus discípulos testifica que nada no evangelho se destina a causar conflito entre "razão" e verdade, como observou Eliza R. Snow.

O evangelho corretamente compreendido, abrange tudo o que é vir-

tuoso, amável e louvável. (Ver 13.ª Regra de Fé.) É mandado dos céus por Deus. É a luz pela qual encontramos o caminho na escuridão e em tempos difíceis. A luz da verdade revela nossa natureza eterna. Se trabalharmos diligentemente e bastante, orarmos com fervor, a excelência, que é nosso potencial divino, estará ao alcance de cada uma de nós.

A singularidade de cada ser humano é própria da criação de Deus, mesmo que algumas vezes nos surpreendamos com as diferenças. Uma irmãzinha do Oriente veio aos Estados Unidos e pela primeira vez na vida, viu pessoas louras e de olhos azuis. Aqueles olhos claros eram tão raros para ela, como mais tarde revelou, que embora hoje os ache lindos, a princípio duvidava de que as pessoas pudessem enxergar com eles.

Cor, cultura, talentos, gostos; as diversidades são muitas e delas provém muito da abundância e beleza que temos na vida. À irmã oriental pareceu estranha a cor dos olhos; mas para todas nós, há diferenças que podemos aprender e apreciar melhor. Aprendendo a valorizar essa diversidade nos outros, vemos e apreciamos mais claramente nossa própria singularidade.

Ao respeitar não somente as diferenças de nossos irmãos mas também suas realizações, começamos a experimentar a felicidade que o Senhor pretende que sintamos. Há muito maior alegria quando nos regozijamos com o sucesso alheio e não apenas com o nosso.

Ficar feliz com a realização de irmãos, irmãs e amigos requer confiança em si mesma e reconhecimento do próprio potencial. O evangelho coloca essa convicção ao alcance de qualquer pessoa. Quando estamos cheios de amor ao Senhor, com todo nosso coração, alma e mente, o resultado é *podermos* sentir, compreender e estar seguras de seu amor. *Guardaremos* seus mandamentos. *Amaremos* nosso próximo como a nós mesmas. Ele planejou que assim fosse conosco: estarmos unidas em amor e fé com corações semelhantes.

Como podemos tornar-nos unas em coração?

1. Reconhecendo que somos filhas de Deus.

2. Sabendo e testificando que ele vive e que sua grande missão é possibilitar-nos não apenas a salvação mas também exaltação.

3. Trabalhando diligentemente — passo a passo — em nosso aperfeiçoamento.

4. Orando freqüentemente por orientação pessoal e um coração amoroso, compreensivo e atento às necessidades do próximo.

5. Procurando auxílio divino para viver os ensinamentos do evangelho e não julgar. Não podemos andar na trilha que pertence a outro. Não sabemos quais são seus desafios, portanto, não podemos julgá-lo.

6. Vivendo com otimismo e dando tudo o que temos à obra do Senhor. Compartilhar a verdade do evangelho com outras pessoas é um dos maiores dons que podemos dar.

7. Obtendo conhecimento e capacidade de nos engajar ativamente nas boas coisas que farão do mundo um lugar melhor por termos vivido nele.

8. Pagando o preço da excelência em tudo o que empreendermos.

9. Aceitando com disposição o conceito do altruísmo — e transformando-o em ação.

Estas são as coisas que aproximarão nossos corações à medida que assumimos a responsabilidade por nossa própria vida, sejam quais forem as circunstâncias.

Esses princípios podem ser aceitos e vividos por todas — pobres e ricas, solteiras e casadas, adolescentes e avós.

Não há exceções ou especificações de aparência física, estado civil, oportunidades ou responsabilidades.

Não há limitações arbitrárias.

O Senhor realmente se preocupa com o amor em nosso coração e em nossa alma; com a diligência com que buscamos sabedoria. Deseja que amemos e nos importemos como ele se importa. Quer que sejamos retas como ele é. Pretende que desenvolvamos em nós os atributos divinos.

Podemos ser mulheres eleitas, bondosas e santas. E mesmo havendo muitas diferenças entre nós, somos mulheres de Deus, unidas em uma irmandade de fé e testemunho. Assim como Heidi, podemos orar por força, fé e capacidade de transformar nosso lar em refúgio onde a luz dos céus, como os raios dourados daquele dia cinzento de novembro, iluminará nossa vida, não importa onde estejamos. Assim nós, que somos muitas, sejamos uma em Cristo com corações semelhantes, é minha oração em nome de Jesus Cristo, nosso Exemplo e Redentor. Amém.

"Mesmo Como eu Sou"



Élder Mark E. Petersen
Do Quorum dos Doze Apóstolos

"Cristo conhece o caminho da vitória. A fim de ajudar-nos a encontrá-lo e a nele permanecer, pede que busquemos primeiro o reino de Deus... como ele o fez."

Sim, sabemos quem ele é, o Cristo de quem falamos. E temos conhecimento de que ele vive!

Ele é a luz e a vida do mundo, por isso cantamos:

Jesus, minha luz,
Eu não temerei
(Hinos, n.º 76.)

Reunidos nesta noite como santos dos últimos dias, jubilosamente prestamos testemunho a todo o mundo de que Jesus de Nazaré é verdadeiramente o Cristo, nosso Salvador, o divino Filho de Deus.

Ele é mais do que isso, porém. É nosso Criador, pois fez todas as coisas no céu e na terra. E ainda: é também nosso Amigo.

Nós o adoramos, o Filho de Deus.

Obedecemos-lhe, ao nosso Salvador e Redentor.

Amamo-lo, nosso Amigo benevolente!

Mas ele tem um trabalho reservado para nós; não se satisfaz somente com veneração, não se contenta com mera adoração. Pede-nos *serviço* — dedicação diária em sua Igreja e reino.

Solicita que nos unamos a ele numa obra de salvação — não apenas a nossa, mas a salvação de outros também. São suas as palavras:

"O valor das almas é grande na vista de Deus... Portanto sois chamadas..." — cada uma de vós, cada um de nós, todos são chamados para unir-se a ele, proporcionando luz e felicidade eterna a nossa própria vida e também à vida de nossos irmãos. (D&C 18:10-14.)

É o próprio Senhor quem chama. E com que propósito? Tornarmo-nos como ele é.

Jesus veio à terra muitos séculos atrás como um homem mortal; pregou o evangelho na Palestina, fez amigos e conversos e organizou sua igreja com um pequeno número de membros.

Multidões, porém, seguiram-no, enquanto ensinava e operava milagres. Logo somavam quatro mil, depois cinco mil pessoas e até mesmo as criancinhas o amavam.

Homens e mulheres converteram-se a seus ensinamentos e ele os acolhia bondosamente. Freqüentemente as mulheres eram mais devotas do que os homens, e por isso ele as respeitava. Todavia, apesar de toda sua bondade, inimigos cruéis levantaram-se contra ele, acusando-o falsamente e declarando que blasfemava por dizer-se o Filho de Deus.

Mais tarde crucificaram-no, e a fim de o humilharem ainda mais, colocaram sua cruz entre dois ladrões, para marcá-lo como um criminoso comum.

Quando o seu corpo foi colocado no sepulcro por José de Arimatéia, os homens que o carregaram logo foram embora, mas um grupo de mulheres fiéis demorou-se ali perto, um pouco mais.

No terceiro dia após estes acontecimentos, o Salvador levantou da morte, restaurado e ressurreto! E quem estava lá para este importante acontecimento? Os anjos, naturalmente. Tiraram a pedra que fechava o sepulcro e despiram-no de suas vestes mortuárias. Havia mais alguém lá?

Sim. As mesmas mulheres fiéis. Vieram cedo naquela manhã. Viram os anjos que lhes disseram, antes que a qualquer pessoa, que Jesus ressuscitara.

E a quem o Senhor apareceu em primeiro lugar após sua ressurreição? A uma dessas mesmas mulheres, fervorosa, gentil e crente.

Antes de qualquer pessoa tê-lo visto, tornou conhecida sua vitória sobre a morte a essa devotada e humilde mulher cujo nome era Maria. Foi a primeira em toda a terra a ver um ser ressurreto, a primeira a encontrar o Senhor vivo, assim que se levantou do sepulcro, a primeira de toda a humanidade a vê-lo, essa amada mulher.

Todas as multidões dos céus aguardavam esse grandioso acontecimento, todos os profetas antigos falavam dele e ansiavam por ele. Mas quem teve o privilégio de vê-lo em primeiro lugar? Uma mulher — Maria, crente e fervorosa — no jardim, próximo ao sepulcro onde anjos lhe falaram.

A expiação do Salvador foi a coisa mais importante que já acontecera até então. Sua ressurreição foi o coroamento de tudo e ainda, foi mostrada particularmente a uma mulher de retidão e fé.

Então Cristo reverencia as mulheres?

Sua mãe foi uma mulher maravilhosa, que o educou e guiou na infância; procurou-o no Templo, ao pensar que se perdera e presenciou seu primeiro milagre, quando se tornou homem. (Ver Lucas 2:41-49; João 2:1-11.)

Como honrou sua mãe!

E foi a uma mulher — uma samaritana no poço de água de Jacó — a quem positivamente se identificou como o Messias ao dizer: "Eu o sou, eu que falo contigo." (João 4:26.)

Quando seu estimado amigo Lázaro morreu e o Senhor visitou a família enlutada, foi a uma mulher que proferiu uma das mais importantes declarações de todo o seu ministério:

"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá." (João 11:25.)

Uma mulher banhou-lhe os pés com suas próprias lágrimas. (Ver Lucas 7:37-38.) Uma mulher derramou ungüento sobre sua cabeça, algo tão importante a seus olhos, que disse que seu ato de adoração seria conhecido onde quer que o evangelho fosse pregado. (Ver Mateus 26:6-13.)

Uma mulher recebeu seu perdão, quando, arrependida, lhe foi dito que partisse e não mais pecasse. (Ver João 8:11.)

A uma mulher doente e sofredora, ele disse: "Tua fé te salvou." (Mateus 9:22.)

Uma mulher implorou a cura de sua filha, e em seu apelo até mesmo se comparou aos cachorrinhos que comiam as migalhas de pão sob a mesa. A aprovação divina foi-lhe concedida, ao dizer: "Ó mulher! Grande é a tua fé: seja isso feito para contigo como tu desejas." (Mateus 15:28.)

Movido de íntima compaixão pela viúva aflita, ele levantou seu filho da morte. (Ver Lucas 7:12-15.) Outra viúva foi louvada pelo Senhor, ao deitar duas moedas na arca do tesouro. (Ver Marcos 12:42-44.)

Mulheres devotas permaneceram com sua mãe ao pé da cruz, no Calvário, durante sua agonia. Ela foi sua grande preocupação em meio a todo o sofrimento, o qual, segundo ele, "me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor". (D&C 19:18.) Sua mãe foi motivo de inquietação entre tantas aflições pelas quais passou. (Ver João 19:25-27).

As mulheres que vivem retamente habitam no coração do Salvador? As meninas que crescem transformam-se em boas mulheres? Ele necessita de todas vós, mulheres, em sua Igreja, para auxiliá-lo em seu ministério.

Permite às crianças, concede às moças, desde as mais jovens até as idosas, admite as mulheres, casadas e solteiras; autoriza os homens e rapazes; aprova aqueles que estiveram perdidos, mas se arrependeram e voltaram, possibilita a *todos* que venham a ele, porque o reino dos céus é feito de almas dignas e arrependidas.

Vós, moças SUD, meninas e jovens, vós, mulheres SUD, casadas e solteiras — ele pede a cada uma e a

todas vós, que vos levanteis e sejais contadas com ele, estejais a seu lado e jamais vos passeis para a oposição.

Embora seja verdade que estabeleceu sua Igreja nos tempos antigos, quando viveu na mortalidade, homens desprovidos de inspiração modificaram-na e a destruíram. A fim de preservar seu evangelho, retirou-o desta terra iníqua e o reteve no céu durante certo tempo, aguardando dias melhores.

Como foi predito pelos profetas, na hora que julgasse conveniente traria o evangelho de volta à terra. Mandaria um anjo como seu mensageiro, voando no meio do céu (Ver Apocalipse 14:6-7.); levantaria um novo profeta para receber o anjo, e através desse profeta, restauraria a verdade. (Ver 2 Néfi 3: 7-16.) Todas estas coisas o Senhor já fez.

Quem foi o novo profeta?

Ele, também, foi criado por uma dedicada mãe em sua infância, em época de grave enfermidade e na perseguição que sofreu quando ainda menino.

Sabendo da importância da mulher no plano do evangelho, o Todo-Poderoso levantou outra grande mulher para ser esposa do profeta; e essas duas mulheres, mãe e esposa, individualmente e unidas, cuidaram dele, alimentaram-no, vestiram-no, medicaram-no após ataques violentos, e lado a lado, prantearam seu martírio.

Elas enfrentaram morte e perseguição, jamais recuando ante sofrimentos, e em tudo isso prestavam testemunho constante de que Joseph Smith era um profeta dos últimos dias, que o evangelho que recebera dos anjos era realmente verdadeiro. Elas o *sabiam*. Viveram esta verdade hora após hora, dia após dia, por anos seguidos. Sabiam-no verdadeiramente!

Homens valorosos também foram leais ao profeta, sendo fortalecidos ainda mais por mulheres que às vezes, pareciam ter um discernimento maior do propósito das coisas.

Mais tarde, como pioneiros, mudaram-se para o oeste. Mulheres e meninas, homens e rapazes fizeram a viagem às Montanhas Rochosas com carrinhos de mão e juntas de bois, a fim de estabelecerem um novo lar.

Por que o fizeram?

Deus os trouxe aqui para cumprir a profecia! Fazia parte da preparação divina para a segunda vinda de Cristo!

Dispostos a sacrificar todos os seus bens, estabeleceram a Sião do Senhor aqui no cume das montanhas, conforme predito pelo profeta Isaías. (Ver Isaías 2:2-3.)

Essas mulheres sabiam que marido e filhos tinham sido chamados a um sacerdócio real que significava ministrar em nome de Deus nestes últimos dias. Mas elas próprias eram chamadas para trabalhar na mesma causa, especialmente incumbidas de responsabilidades também dadas pelo Senhor. Assim, homens e mulheres, casados e solteiros eram chamados em igualdade de condições para preparar a fundação da obra de Deus nos últimos dias. E o fizeram!

Seguiram-se novas gerações — rapazes e moças de fé e retidão, lealdade e integridade, que eram tão leais a Cristo quanto haviam sido seus pais. A tocha lhes foi passada.

"Para a frente, irmãos! Eia! Sus!" cantavam valentes. (*Hinos*, n.º 29.)

E quando tomaram da tocha, levantaram-na alto, rejubilando-se:

Sempre fiéis nossa fé guardaremos
Sempre valentes, com ardor, luta-
[remos.

(*Hinos*, n.º *116*.)

E cumpriram cada palavra proferida; foram fiéis.

Mas agora nos passaram a tocha. O que faremos com ela?

Realizaremos uma obra tão maravilhosa quanto a deles? Sim.

Fugiremos à luta e desistiremos? Não, nunca.

Defenderemos o que é verdadeiro e correto? Sim, de todas as maneiras.

Lembrar-nos-emos dos votos feitos?

Sim! Sim!

Sempre nos lembraremos do Senhor a quem servimos e em cuja Igreja devemos trabalhar?

Ele é o mesmo Cristo de nossos pais, o Senhor que estima igualmente suas filhas e seus filhos.

É o Cristo que agora chama a cada um de nós, nesta noite, jovens e velhos, casados e solteiros, para unirem-se a sua grande obra, para aceitarem um lugar em seu reino e edificarem sua Igreja o único caminho para a salvação de toda nação, reino, língua e povo. Pede-nos que vistamos a armadura de Deus, fé, verdade e pureza, com as quais poderemos "apagar todos os dardos inflamados do maligno". (Ver D&C 27:15-18.)

Ele conhece o caminho da vitória. A fim de ajudar-nos a encontrá-lo e a nele permanecer, pede que busquemos "primeiro o reino de Deus, e a sua justiça", como ele fez. (Mateus 6:33.)

Pede-nos que respeitemos a castidade.

Que sejamos gentis.

Que resistamos ao mal.

Poderemos esquecer sua rejeição a Lúcifer, quando este o tentou com riqueza e poder e depois apelou aos seus apetites? O que respondeu Jesus?

Declarou que não vivemos só de pão, nem de desejos impuros ou de padrões mundanos de popularidade: "Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus." (Mateus 4:4.)

Reforçou o mandamento de não ter outros deuses diante dele; deuses de prazer ou autogratificação. E mais: "Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás." (Mateus 4:10.)

Pede que defendamos a virtude, como ele a defendeu.

Que sejamos verdadeiros como ele foi.

Que perdoemos.

Que sejamos justos e corretos em tudo.

Que honremos nossos pais.

Que amemos seu evangelho.

Que respeitemos o Dia do Senhor.

Que prossigamos com fé em seu caminho e, se o fizermos, cuidará de nós. Olhai os lírios dos campos e as aves do céu. Não somos nós muito mais do que eles? (Ver Mateus 6:26,28.)

Ele resistiu à tentação e devemos fazer o mesmo.

Jamais se esqueceu de orar, como também não nos devemos esquecer.

Nunca esqueceu seu Pai Celestial. Em tudo devemos imitá-lo.

Nosso grande Redentor pede que sejamos leais ao aceitar a tocha de nosso destino. Jamais o desaponte-

mos. Ainda que o mal esteja por toda a terra e a violência cresça a cada dia, ele nos guiará, se formos verdadeiros. Prometeu proteger os retos, mesmo que para isso precisasse mandar fogo dos céus. (Ver D&C 35.14.)

Se o defendermos, estará ao nosso lado!

E quem é ele?

É o nosso Salvador, nosso Deus, nosso Amigo compreensivo e benevolente. E nós, quem somos?

Somos seu povo escolhido, para viver nestes tempos modernos: santos dos últimos dias, santos para Cristo!

Cantemos todos a Jesus
Hosanas e louvor
A ele que na cruz morreu
Cantemos com fervor
Louvemos sim o Rei Jesus
Seu sangue, Oh! nos deu
A ele que amor verteu
E a verdade mostrou (*)

* (Última estrofe não vertida para o português.)
(*Hinos*, n.º 133.)
Em nome de Jesus Cristo. Amém.









QUATRO NOVOS TEMPLOS SERÃO CONSTRUÍDOS

A Primeira Presidência anunciou os planos para quatro novos templos, aumentando para 41 o número de templos em funcionamento, construção, ou planejamento em todo o mundo. Os novos templos serão situados em Guayaquil, Equador; Taipei, Tailândia; e em Boise, Idaho; e Denver, Colorado, nos Estados Unidos. Ao anunciar os templos, o Presidente Gordon B. Hinckley, conselheiro na Primeira Presidência, disse que as novas construções fazem parte do programa da Igreja de levar os templos até os santos, ao invés de os santos terem que viajar longas distâncias para chegar até eles. As divisões dos novos templos atenderão aproximadamente a 200.000 membros. O mesmo projeto básico, visto aqui, será usado para os quatro futuros templos.

QUATRO NOVOS TEMPLOS SERÃO CONSTRUÍDOS